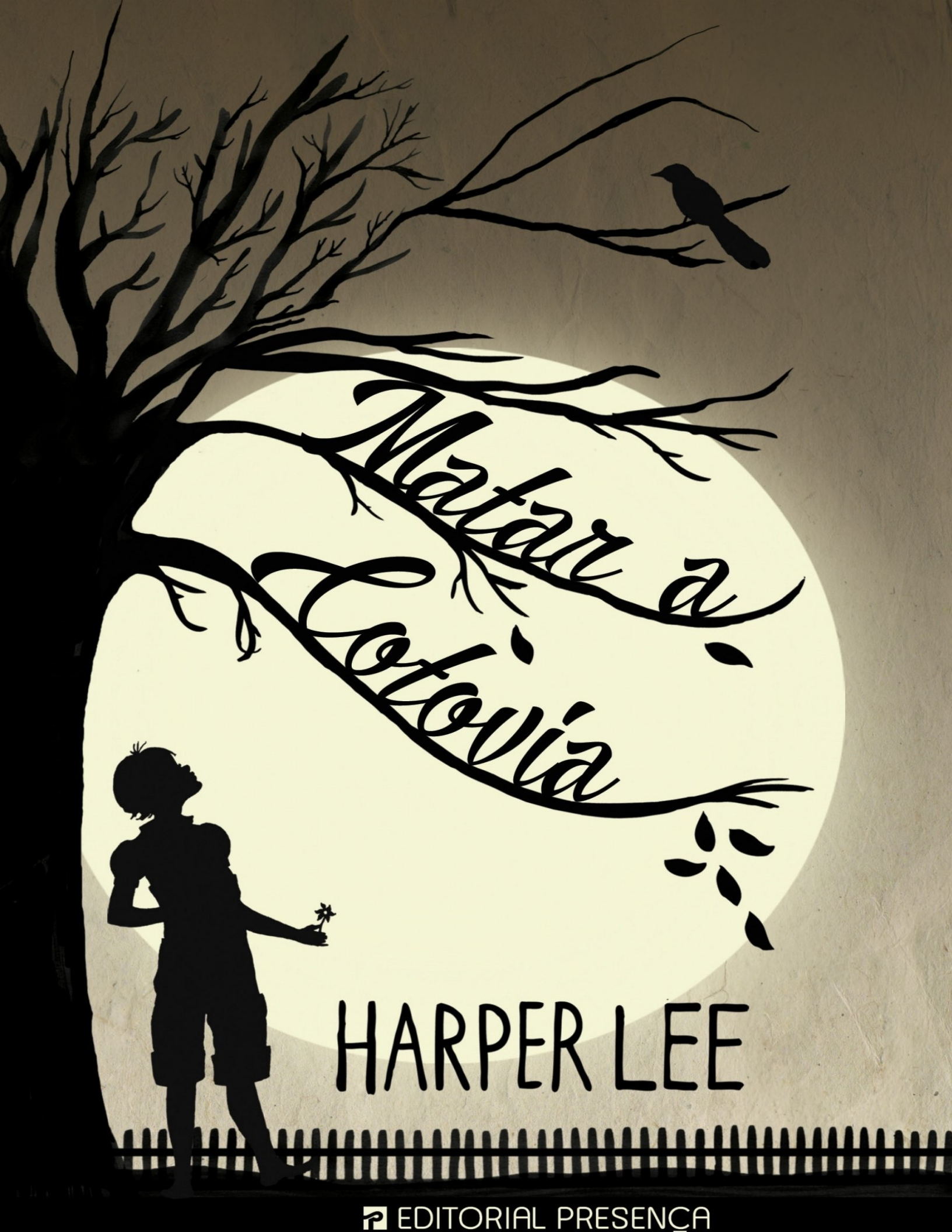
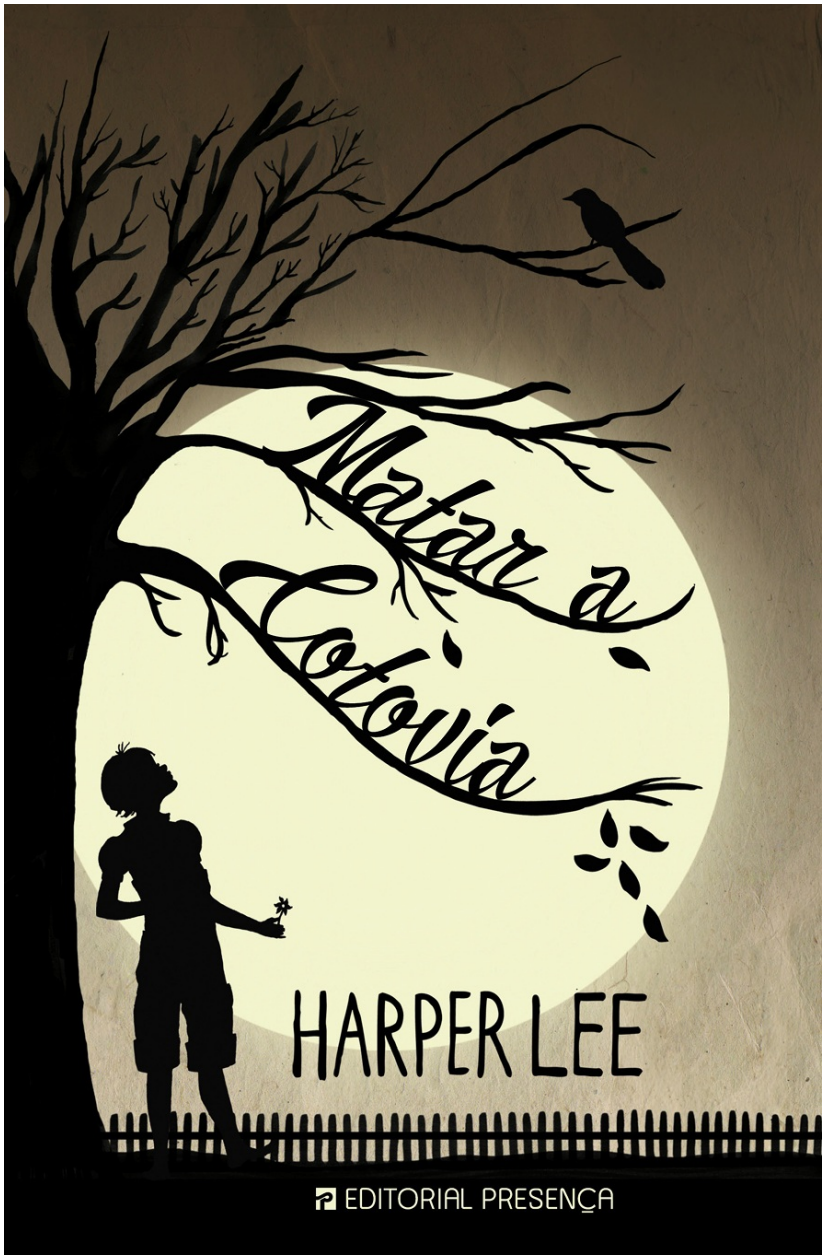

Matar a Cotovia
HARPER LEE
EDITORIAL PRESENÇA


Matar a Cotovia
HARPER LEE
EDITORIAL PRESENÇA

HARPER LEE

MATAR A COTOVIA

Tradução de
Isabel Nunes e Helena Sobral

EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *To Kill a Mockingbird*
Autora: *Harper Lee*
Copyright © Harper Lee 1960
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015
Tradução: *Isabel Nunes e Helena Sobral*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*
1.ª edição em papel, Lisboa, outubro, 2015

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 BARCARENA
info@presenca.pt
www.presenca.pt

A Mr. Lee e a Alice
com apreço pelo amor e pelo afeto

Um dia os advogados já foram crianças, suponho.

Charles Lamb

PARTE UM

1

Quase a completar os treze anos, o meu irmão Jem sofreu uma fratura grave no cotovelo. Quando sarou, e apaziguados os receios de não poder voltar a jogar futebol, raras eram as vezes em que pensava na lesão. O braço esquerdo ficou um pouco mais curto que o direito e, de pé ou ao caminhar, as costas da mão faziam um ângulo reto com o corpo, o polegar paralelo à anca. Era o que menos lhe importava desde que continuasse a poder fazer passes e a chutar a bola.

Passados anos, o tempo suficiente para nos permitir recordar os acontecimentos, às vezes discutíamos as circunstâncias que tinham levado ao incidente. Continuo a pensar que tudo tinha começado com os Ewells, mas o Jem, quatro anos mais velho que eu, dizia que tudo começara muito antes. Dizia que tivera início no verão em que o Dill tinha chegado, quando ele nos dera a ideia de fazer com que o Boo Radley saísse de casa.

Eu argumentava que, querendo ele ter uma perspetiva mais abrangente da coisa, na verdade tudo havia começado com o Andrew Jackson. Se o general Jackson não tivesse perseguido os Creeks rio acima[1], o Simon Finch nunca teria subido pelo Alabama, e que seria de nós se ele o não tivesse feito? Como já não éramos crianças para resolver a disputa com uma cena de pugilismo, decidimos consultar o Atticus. O nosso pai disse-nos que ambos tínhamos razão.

Enquanto sulistas, o facto de não termos registo de antepassados em qualquer dos lados da batalha de Hastings era motivo de vergonha para alguns membros da família. Tudo o que possuíamos era o Simon Finch, boticário e peleiro originário da Cornualha, cuja devoção só era excedida pela mesquinhez. Em Inglaterra, o Simon, irritado pela perseguição movida pelos irmãos mais liberais aos que se autodenominavam metodistas e, uma vez que ele próprio assim se apelidava, decidiu atravessar o Atlântico até Filadélfia, daí para a Jamaica e depois para Mobile, até chegar a Saint Stephens. Ciente das críticas severas de John Wesley[2] ao uso de muito palavreado nas atividades de compra e venda,

o Simon fez uma fortuna a exercer medicina, mas era infeliz nessa sua ocupação por temer ser tentado a fazer o que sabia, não para a glória de Deus, mas antes pelo ouro e o vestuário dispendioso que trajava. Foi assim que, esquecido dos ditames do seu mestre sobre a propriedade de seres humanos como bens pessoais, comprou três escravos e com eles estabeleceu domicílio nas margens do rio Alabama, umas quarenta milhas a norte de Saint Stephens. Aí regressou apenas uma vez para encontrar esposa e com ela deu início a uma linhagem fértil em raparigas. Viveu até uma idade provecta e morreu rico.

Era costume os homens da família viverem na Plantação Finch, assim se chamava a propriedade do Simon, e ganharem a vida com o algodão. Embora modesta em comparação com os impérios circundantes, a propriedade bastava-se a si própria, produzindo tudo o que era necessário para a vida de então, com exceção do gelo, da farinha de trigo e do vestuário, tudo fornecido pelos barcos que subiam o rio vindos de Mobile.

O Simon teria vivido o desconcerto entre o Norte e o Sul com uma raiva impotente, pois a refrega havia deixado os seus descendentes despojados de tudo exceto a propriedade; apesar disso, a tradição de viver da terra manteve-se intacta pelo século vinte até o meu pai, Atticus Finch, partir para Montgomery para estudar Direito e o irmão mais novo ir para Boston para seguir Medicina. Alexandra, a irmã de ambos, foi a única Finch que permaneceu na Plantação: casou-se com um homem taciturno que passava a maior parte do tempo numa cama de rede ao pé do rio, interrogando-se se os espinéis estariam cheios de peixe.

Feito o exame à ordem, o meu pai regressou a Maycomb, a sede do condado, uns trinta quilómetros a leste da Plantação Finch, e começou a exercer advocacia. O gabinete do Atticus no tribunal pouco mais tinha que um cabide para o chapéu, um escarrador, um tabuleiro de damas e um Código do Alabama sem mácula. Os seus dois primeiros clientes foram as últimas duas pessoas a ser enforcadas na cadeia do condado de Maycomb. Atticus havia-os incitado a aceitar a atitude generosa do estado que lhes permitiria declararem-se culpados de homicídio em segundo grau e escaparem com vida, mas os homens eram ambos Haverford, um nome que no condado era sinónimo de imbecil. Os Haverfords tinham despachado o principal ferreiro de Maycomb num

desentendimento originado pela alegada apreensão de uma égua, haviam sido suficientemente imprudentes para o fazerem na presença de três testemunhas e insistido que uma defesa de «o filho da mãe estava mesmo a pedi-las» bastava para qualquer um. Persistiram em alegar-se inocentes de homicídio em primeiro grau, e não houve muito que o Atticus pudesse fazer, exceto estar presente aquando da sua partida, um momento que terá provavelmente marcado o início do profundo desagrado do meu pai pelo exercício do direito criminal.

Nos primeiros cinco anos em Maycomb, o que o Atticus mais exerceu foi economia: durante os anos seguintes investiu as suas poupanças na educação do irmão. John Hale Finch, dez anos mais novo que o meu pai, decidiu estudar Medicina numa altura em que não valia a pena plantar algodão. Contudo, depois de o tio Jack estar encaminhado, o Atticus conseguiu retirar um rendimento razoável do Direito. Nascido e criado em Maycomb, gostava da terra, conhecia o povo, eles conheciam-no e, à conta da diligência do Simon Finch, tinha relações de sangue ou de afinidade com quase todas as famílias da cidade.

Maycomb era antiga, mas quando a conheci era uma cidade velha e cansada. No tempo das chuvas, as ruas transformavam-se em papa vermelha, as ervas cresciam nos passeios, e o tribunal abatia-se, bambo, no meio da praça. De uma certa maneira era então que ficava mais quente: os cães pretos sofriam nos dias de verão; as mulas escanzeladas aparelhadas às carroças Hoover[3] afugentavam as moscas à sombra sufocante dos carvalhos-americanos da praça. Pelas nove da manhã, os colarinhos engomados dos homens já murchavam. As senhoras tomavam banho ao meio-dia; depois da sesta das três e, ao anoitecer, mais pareciam pequenos bolinhos para a hora do chá, polvilhados de suor e de talco perfumado.

Era naquela estação que as pessoas se moviam com demora. Atravessavam a praça em passos vagarosos, entravam e saíam das lojas que a circundavam, arrastando os pés e levando o seu tempo para fazer o que quer que fosse. Os dias tinham vinte e quatro horas, mas pareciam mais compridos. Não havia pressas, pois não havia sítios onde ir, nada a comprar, nem dinheiro para o fazer, nada para ver fora dos limites do condado de Maycomb. Porém, para alguns, eram tempos de

um otimismo vago: fora-lhes dito, não havia muito, que a única coisa que o condado deveria recear era o próprio medo[4].

Vivíamos na principal rua residencial da cidade — eu, o Atticus e o Jem, mais a Calpurnia, a cozinheira. Eu e o Jem achávamos o pai bastante aceitável: fazia jogos connosco, lia-nos histórias e tratava-nos com um desapego cortês.

A Calpurnia era tremenda: angulosa, só ossos, míope, estrábica, as mãos enormes como as ripas de uma cama e duas vezes mais pesadas. Estava sempre a expulsar-me da cozinha, a perguntar por que razão eu não podia ser bem-comportada como o Jem, quando sabia perfeitamente que ele era mais velho, e a chamar-me para vir para casa quando ainda não me apetecia. As nossas batalhas eram épicas e desiguais. Era ela quem ganhava sempre, pois o Atticus era sempre a seu favor. Estava connosco desde o nascimento do Jem, e eu sentia a sua presença despótica desde sempre.

Como a nossa mãe tinha morrido quando eu tinha dois anos, nunca senti a sua falta. Era uma Graham de Montgomery, que o Atticus conheceu quando foi eleito para a assembleia legislativa do estado pela primeira vez. À altura já era de meia-idade, e ela era quinze anos mais nova. O Jem foi o fruto do primeiro ano de casados; quatro anos mais tarde, nasci eu e, passados dois anos, a mãe morreu com um ataque cardíaco repentino. Disseram que era uma coisa de família. Eu não lhe senti a falta, mas o Jem, acho que sim. Recordava-se dela perfeitamente e, às vezes, no meio de um jogo, dava um grande suspiro e ia-se embora brincar sozinho atrás da garagem. Quando estava assim, eu sabia que era melhor não o aborrecer.

Quando eu tinha quase seis anos e o Jem quase dez, durante o verão, as nossas fronteiras (à distância de um grito da Calpurnia) iam até à casa de Mrs. Henry Lafayette Dubose, duas portas acima da nossa, e ao Casal do Radley, três portas abaixo. Nunca nos sentimos tentados a ultrapassá-las. O Casal era habitado por uma entidade desconhecida cuja mera descrição era suficiente para nos fazer portar bem durante dias sem fim; Mrs. Dubose, por outro lado, era um verdadeiro inferno.

Foi nesse verão que apareceu o Dill.

Um dia de manhã cedo, quando dávamos início à nossa jornada de

brincadeiras no quintal das traseiras, eu e o Jem ouvimos barulho ao lado, na horta das couves de Miss Rachel Haverford. Fomos até à vedação de rede para ver se seria um cachorro — a *rat terrier* de Miss Rachel estava prenhe —, mas o que vimos foi alguém sentado a olhar para nós. Naquela posição não era muito mais alto que as couves. Ficámos a olhar até ele falar:

— Olá.

— Olá para ti também — retorquiu o Jem, cordial.

— Eu sou o Charles Baker Harris — anunciou. — E sei ler.

— E depois? — inquiri.

— Pensei que gostassem de saber que sei ler. Se precisarem de ler qualquer coisa, eu posso...

— Quantos anos tens? — quis saber o Jem. — Quatro e meio?

— A ir pròs sete.

— Olha que surpresa — exclamou o Jem, espetando o polegar na minha direção. — Aqui a Scout lê quase desde que nasceu e nem sequer começou a escola. Pareces um bocado enfezado para estar quase nos sete.

— Sou pequeno, mas já sou grande — retorquiu.

O Jem afastou o cabelo para trás, para ver melhor. — Porque não vens para aqui, Charles Baker Harris? — perguntou. — Deus do céu, que nome.

— Num é mais esquisito qu'o teu. A tia Rachel diz que te chamas Jeremy Atticus Finch.

O Jem franziu o sobrolho. — Eu sou grande o suficiente prò meu nome — afirmou. — O teu é mais comprido do que tu. Um bom bocado, aposto.

— As pessoas chamam-me Dill — explicou, enquanto tentava passar por baixo da vedação.

— É capaz de ser melhor passares por cima em vez de por baixo — aconselhei eu. — Dond'é que és?

O Dill era de Meridian, no Mississípi, vinha passar o verão com a tia, Miss Rachel, e viria passar todos os verões com ela a partir daí. A família era originária do condado de Maycomb: a mãe trabalhava para um fotógrafo de Meridian e tinha levado uma fotografia dele a um concurso de «Criança mais Bonita» e ganhado cinco dólares. Deu o dinheiro ao

Dill, que, à conta disso, foi ao cinema vinte vezes.

— Aqui não há cinema, só às vezes filmes sobre Jesus no tribunal — explicou o Jem. — Viste algum bom?

O Dill tinha visto o filme do Drácula, uma descoberta que fez o Jem olhá-lo com um prelúdio de respeito. — Conta-nos — pediu.

O Dill era curioso. Usava uns calções azuis de linho abotoados à camisa, e o cabelo louro quase branco colava-se à cabeça como penugem de pato; era um ano mais velho que eu, mas eu era muito mais alta. Enquanto nos contava a velha lenda, os olhos azuis ora clareavam ora escureciam; o riso era inesperado e prazenteiro; tinha por hábito puxar por um remoinho que ostentava no centro da testa.

Quando o Dill deu cabo do Drácula e o Jem opinou que o filme parecia melhor que o livro, perguntei-lhe onde estava o pai: — ‘Inda não disseste nada sobre ele.

— Não tenho.

— Morreu, ele?

— Não...

— Então, se não morreu, tens de ter, não é?

O Dill corou, e o Jem disse para eu estar calada, um sinal seguro de que o Dill havia sido examinado e considerado aceitável. A partir daí o verão decorreu num contentamento rotineiro: a fazer melhorias na nossa casa da árvore, que se apoiava nos dois cinamomos gigantes do quintal das traseiras, a passar em revista a nossa lista de peças de teatro baseadas nas obras de Oliver Optic, Victor Appleton e Edgar Rice Burroughs[5]. E que sorte termos o Dill, que passou a desempenhar os papéis que antes me eram atribuídos — o chimpanzé do*Tarzan*, Mr. Crabtree em *The Rover Boys* ou Mr. Damon em *Tom Swift*. Foi assim que passámos a ver o Dill como o nosso mago de bolso, sempre a engendrar os planos mais excêntricos, os desejos mais estranhos, os caprichos mais exóticos.

Nos fins de agosto, porém, o repertório estava a perder o interesse com as inúmeras repetições, e foi então que o Dill veio com a ideia de fazer o Boo Radley sair de casa.

O Casal do Radley fascinava-o. Apesar dos nossos avisos e explicações, atraía-o como a Lua atrai as águas, mas não para mais

perto que o candeeiro da esquina da rua, a uma distância segura do portão da casa. Ali se postava, interrogativo, o braço a rodear o poste grosso, a mirar.

A casa erguia-se a seguir à nossa numa curva fechada da rua. Para sul, numa das esquinas, via-se o alpendre; do outro lado, o passeio corria ao longo do terreno da propriedade. A casa era baixa e no passado fora pintada de branco, ostentando um alpendre largo e persianas verdes, mas havia muito que escurecera, confundindo-se agora com o quintal de um cinzento-ardósia que a circundava. Telhas apodrecidas pelas chuvas pendiam dos beirados do varandado, e os carvalhos dificultavam a entrada do sol. Os restos de uma cerca de madeira, quais guardas ébrios, protegiam o quintal da frente — um «pátio varrido» que nunca era varrido —, onde abundavam os sorgos e as perpétuas.

A casa era habitada por um espectro malévolo. As pessoas diziam que existia, mas nem eu nem o Jem jamais o tínhamos visto. Dizia-se que saía de noite, a Lua já desaparecida, e que espreitava pelas janelas. Sempre que as azáleas gelavam numa onda de frio, era porque ele lhes deitara o seu bafo. Quaisquer pequenos roubos furtivos cometidos em Maycomb eram da sua responsabilidade. Uma ocasião, as noites da cidade foram assombradas por uma série de acontecimentos macabros: galinhas e animais de estimação eram encontrados mutilados. Embora o culpado fosse Addie, *o Doido*, que acabou por se afogar em Barker's Eddy, as pessoas continuavam a olhar para o Casal do Radley, pouco dispostas a afastar as suas suspeitas iniciais. Os negros não passavam pelo Casal à noite, atravessavam a rua a assobiar enquanto se afastavam. As instalações da escola de Maycomb eram contíguas às traseiras do terreno do Radley; as enormes nogueiras-pecãs que se erguiam no pátio das galinhas do Radley deixavam cair os seus frutos no pátio da escola, mas as crianças não lhes tocavam: as nozes do Radley podiam matá-los. Uma bola de basebol atirada para o quintal do Radley era uma bola perdida, sem discussão.

As infelicidades daquela casa haviam começado muitos anos antes de eu ou o Jem termos nascido. Os Radleys, bem-vindos em qualquer local da cidade, eram reservados, uma opção que era imperdoável em Maycomb. Não frequentavam a igreja, a principal distração da cidade,

mas rezavam em casa; Mrs. Radley raramente atravessava a rua para um café a meio da manhã com as vizinhas, se é que alguma vez o fez, e nunca participava nos chás de caridade das senhoras. Todos os dias, pelas onze e meia da manhã, Mr. Radley ia a pé até à cidade, de onde regressava de imediato ao meio-dia, por vezes trazendo um saco de papel pardo, presumivelmente com as mercearias para a família, segundo a vizinhança. Eu nunca soube o que o velho Mr. Radley fazia na vida — o Jem dizia que «comprava algodão», uma expressão bem-educada para não fazer nada —, mas tinham ambos vivido ali com os dois filhos desde que as pessoas se lembravam.

As persianas e as portas da casa permaneciam fechadas aos domingos, mais uma estranheza de acordo com os hábitos da cidade: portas fechadas só podiam significar doença ou tempo frio. De todos os dias, o domingo era a ocasião para fazer as visitas formais: as senhoras usavam espartilho, os homens, chapéu, as crianças, sapatos. Porém, subir os degraus da frente dos Radleys e chamar «Olá» num domingo à tarde era algo que os vizinhos nunca faziam. A casa não tinha portas de rede. Uma vez perguntei ao Atticus se alguma vez tivera, e ele respondeu-me que sim, antes de eu ter nascido.

De acordo com a lenda que corria entre a vizinhança, quando o rapaz mais novo dos Radleys era adolescente, tinha conhecido alguns dos Cunninghams de Old Sarum, um clã numeroso e confuso do norte do condado, e tinham formado a coisa mais parecida com um gangue que Maycomb alguma vez conhecera. Não que fizessem muito, apenas o suficiente para serem comentados na cidade e publicamente advertidos de três púlpitos: passavam horas parados nas imediações da barbearia; aos domingos iam de autocarro a Abbottsville para ir ao cinema; frequentavam os bailes do Dew-Drop Inn & Fishing Camp, o salão de jogos à beira-rio; provavam uísque ilegal. Não havia ninguém na cidade que tivesse coragem de dizer a Mr. Radley que o filho andava com más companhias.

Uma noite, num arroubo excessivo, os rapazes deram a volta à praça em marcha-atrás num chaço emprestado, resistiram à ordem de prisão de Mr. Conner, o ancião agente da ordem de Maycomb, e fecharam-no à chave na latrina do tribunal. A cidade decidiu que tinha de fazer alguma coisa; Mr. Conner declarou que os conhecia a todos e que não só estava

legalmente obrigado como decidido a que não escapassem; portanto, foram levados a julgamento por conduta desordeira, perturbação do sossego, ofensas corporais e emprego de linguagem obscena e profana na presença e ao alcance dos ouvidos de uma mulher. O juiz perguntou a Mr. Conner por que motivo incluía a última acusação, ao que este respondeu que blasfemavam tão alto que decerto todas as senhoras de Maycomb os teriam ouvido. O juiz decidiu mandar os rapazes para o internato do estado do Alabama, para onde eram por vezes enviados os rapazes apenas para lhes ser em providenciados alimentação e um abrigo decentes: não era uma prisão, não era uma vergonha. Mr. Radley, porém, achou que sim. Se o juiz libertasse o Arthur, ele próprio assegurar-se-ia de que o filho nunca mais daria problemas. Seguro de que Mr. Radley estaria vinculado pela sua palavra, o juiz fê-lo a seu contento.

Os outros rapazes frequentaram o internato, onde se aprendia ofícios, e receberam a melhor educação secundária que o estado podia oferecer; um deles acabou por seguir Engenharia na escola de Auburn. As portas da casa dos Radleys passaram a estar fechadas não só aos domingos como aos outros dias, e o filho de Mr. Radley não foi visto durante quinze anos.

Então chegou um dia, de que o Jem mal se lembrava, em que houve notícias do Boo Radley e ele foi visto por várias pessoas. Porém, o Jem não o viu; ele disse que o Atticus nunca falava muito sobre os Radleys e que, quando lhe fazia perguntas, a única resposta era para não se meter na vida dos outros e deixar os Radleys em paz, que tinham direito a isso; contudo, nessa ocasião, o Jem contou que o Atticus abanou a cabeça, dizendo: «Hum, hum, hum.»

Portanto, o Jem sabia as novidades através de Miss Stephanie Crawford, a coscuvilheira da vizinhança, que afirmava saber tudo o que tinha acontecido. Segundo ela, o Boo estava na sala a fazer recortes do *The Maycomb Tribune* para pôr no álbum. Mr. Radley entrou e passou por ele, e o Boo enterrou-lhe a tesoura na perna, tirou-a, limpou-a às calças e prosseguiu a sua tarefa.

Mrs. Radley saiu de casa a gritar que o Arthur estava a matá-los a todos, mas, quando o xerife chegou, deparou com o Boo ainda sentado na sala a recortar o *Tribune*. Tinha trinta e três anos nesse momento.

Miss Stephanie contou também que, quando lhe sugeriram que uma temporada em Tuscaloosa poderia ser benéfica para o Boo, Mr. Radley tinha declarado que nenhum Radley ia para o manicómio. Não era maluco, apenas perdia a cabeça de vez em quando. Admitiu que podia ser internado, mas teimou que não fosse acusado: não era um criminoso. O xerife não teve coragem de o prender juntamente com os negros e encarcerou-o na cave do tribunal.

O Jem não se lembrava bem de como o Boo tinha passado da cave para sua casa. Miss Stephanie contou que alguém da câmara disse a Mr. Radley que, se não o aceitasse de volta, o Boo não sobreviveria à humidade e ao bolor da cave. Além do mais, não poderia viver para sempre às custas do condado.

Ninguém sabia ao certo de que forma Mr. Radley coagira o Boo a permanecer longe dos olhos de todos, mas o Jem achava que, a maior parte do tempo, o devia manter acorrentado à cama. O Atticus disse que não, que não era nada disso, que havia outras maneiras de transformar uma pessoa num fantasma.

Vieram-me à memória imagens de Mrs. Radley: de vez em quando abria a porta da frente, caminhava até à extremidade do alpendre e regava as canas-da-índia. Por outro lado, todos os dias víamos Mr. Radley a ir e a regressar da cidade. Tratava-se de um homem magro e calejado, os olhos tão descoloridos que nem a luz refletiam; as maçãs do rosto eram angulares, a boca larga, o lábio superior fino e o lábio inferior carnudo. Miss Stephanie Crawford dizia que a sua honradez era tal que se regia apenas pelas leis de Deus, e nós acreditávamos, pois apresentava-se sempre direito que nem um fuso.

Nunca falava connosco. Ao passar por nós, pregávamos os olhos no chão e dizíamos: «Bom dia, senhor», e ele tossicava em resposta. O filho mais velho vivia em Pensacola, vinha a casa pelo Natal e era uma das poucas pessoas que víamos entrar e sair. As pessoas diziam que a casa morrera no dia em que Mr. Radley tinha levado o Arthur de regresso.

Então, um dia, o Atticus disse que nos dava uma tareia se fizéssemos barulho no pátio e encarregou a Calpurnia de fazer o mesmo na sua ausência, se nos ouvisse dar um pio. Mr. Radley estava a morrer.

Levou o seu tempo. Barricaram a rua de cada lado do terreno dos

Radleys com cavaletes em madeira, cobriram o passeio com palha e desviaram o trânsito para a rua de trás. O doutor Reynolds estacionava o automóvel em frente à nossa casa e ia a pé o resto do caminho sempre que ia ver Mr. Radley. Eu e o Jem andámos pelo pátio dias a fio, em silêncio. Por fim, retiraram os cavaletes, e ficámos os dois no alpendre a assistir, enquanto Mr. Radley passava à frente da nossa casa na sua última viagem.

— Aí vai o homem mais mesquinho a que Deus já deu vida — murmurou a Calpurnia e cuspiu para o quintal, meditabunda. Olhámo-la com surpresa, pois era raro ela fazer comentários sobre o feitio dos brancos.

A vizinhança pensou que o Boo sairia depois da morte de Mr. Radley, mas o que aconteceu foi algo de diferente: o irmão mais velho regressou de Pensacola e tomou o lugar de Mr. Radley. A única diferença entre ambos era a idade. O Jem dizia que Mr. Nathan Radley também «comprava algodão». Contudo, Mr. Nathan respondia-nos quando o cumprimentávamos de manhã, e às vezes víamo-lo vir da cidade com uma revista na mão.

Quanto mais contávamos ao Dill sobre os Radleys, mais ele queria saber, mais tempo passava abraçado ao candeeiro da esquina da rua e mais se questionava.

— O que será que ele faz lá dentro? — murmurou. — Parece que devia pelo menos pôr a cabeça fora da porta.

O Jem assegurou: — Oh, podes crer qu'ele sai, quando está escuro como breu. Miss Stephanie Crawford contou que uma vez acordou a meio da noite e o viu a olhar para ela em frente à janela... disse que a cabeça dele parecia uma caveira a olhar pra ela. Nunc'acordaste à noite e ouviste, Dill? Ele anda assim... — O Jem arrastou os pés pela gravilha. — Porque é qu'achas que a Miss Rachel tranca tudo à noite? Eu já vi muitas vezes as marcas qu'ele deixa no chão no quintal das traseiras e uma vez, à noite, ouvi-o a arranhar o mosquiteiro, mas já tinha desaparecido quando o Atticus lá foi.

— Como é qu'ele será? — interrogou-se o Dill.

O Jem fez um retrato razoável: a julgar pelas marcas, o Boo tinha quase dois metros de altura; ao jantar, comia carne crua, esquilos ou os gatos que conseguisse apanhar, e era por isso que tinha as mãos

manchadas de sangue — se uma pessoa comia carne crua de um animal, nunca conseguia tirar o sangue. Uma longa cicatriz irregular atravessava-lhe o rosto; os dentes, a tê-los, estariam podres e amarelos, os olhos salientes e, a maioria das vezes, a baba escorria-lhe pelo queixo.

— Vamos tentar fazer com que ele saia — sugeriu o Dill. — Gostava de ver como é qu'ele é.

O Jem retorquiu que, se ele quisesse ser morto, bastava era ir lá e bater à porta.

A nossa primeira incursão apenas teve lugar porque o Dill apostou com o Jem um livro do *The Gray Ghost*[6] contra dois do *Tom Swift* em como ele não conseguia ultrapassar o portão dos Radleys. Em toda a sua vida, o Jem nunca tinha recusado um desafio.

O Jem pensou no assunto durante três dias. Acho que ligava mais à honra que à vida, pois o Dill conseguiu derrotá-lo com facilidade: — 'Tás é cheio de medo — disse no primeiro dia. — Não 'tou nada, tenho é respeito — retorquiu o Jem. No dia seguinte, o Dill insistiu: — Tens tanto medo que nem consegues pôr o dedo grande do pé dentro do quintal. — O Jem contrapôs que não lhe parecia, no fim de contas passava pelo Casal do Radley todos os dias quando ia para a escola.

— Sempr'a correr — comentei eu.

O Dill levou-o à certa no terceiro dia quando lhe disse que as pessoas de Meridian não eram tão medricas como as de Maycomb, que nunca tinha visto gente tão medrosa como em Maycomb.

Foi o suficiente para fazer o Jem ir até à esquina, onde parou e se encostou ao poste do candeeiro, a observar o portão que pendia, delirante, das dobradiças toscas feitas em casa.

— Espero que 'tejas ciente de qu'ele nos vai matar a todos, Dill Harris — afirmou o Jem, quando nos juntámos a ele. — Não me culpes quando ele t'arrancar os olhos. A culpa é toda tua, não te esqueças.

— Ainda 'tás cheio de medo — murmurou o Dill calmamente.

O Jem queria que o outro percebesse de uma vez por todas que não tinha medo de nada: — É só que não consigo pensar numa maneira d'ele vir cá fora sem nos apanhar. — Além do mais, também tinha de pensar na sua irmã mais nova.

Quando ele disse aquilo, percebi que estava apavorado. Dissera a mesma coisa daquela vez em que eu o tinha desafiado a saltar do telhado, que tinha de pensar na sua irmãzinha. — S'eu morrer o qu'é que vai ser de ti? — inquirira. Em seguida saltou e aterrou, incólume. Depois disso, o seu sentido de responsabilidade tinha-o abandonado até ser confrontado com o Casal do Radley.

— E vais-te cortar? — perguntou o Dill. — Se vais, então...

— Dill, uma pessoa tem que pensar nestas coisas — interrompeu. — Deixa-me cá pensar um bocado... é tipo, como fazer uma tartaruga sair da carapaça...

— Com'é que é? — quis saber o Dill.

— Acende-se um fósforo debaixo dela.

Eu avisei o Jem de que, se ele pusesse fogo à casa dos Radleys, fazia queixa ao Atticus.

O Dill comentou que acender um fósforo debaixo de uma tartaruga era uma coisa horrível.

— Não é nada, é só prá convencer... não é a mesma coisa qu'atirá-la para a fogueira — resmungou o Jem.

— Com'é que sabes qu'um fósforo não a magoa?

— As tartarugas não sentem, estúpido — retorquiu o Jem.

— Porquê, já foste tartaruga, hã?

— Caramba, Dill! Deixa-me pensar... cá pra mim, sempre podemos abaná-la com força…

O Jem ficou tanto tempo a matutar que o Dill condescendeu um pouco: — Eu não vou dizer que te cortaste e até troco o livro se lá fores e tocares na casa.

O Jem animou-se. — Tocar na casa, só isso?

O Dill assentiu.

— Tens a certeza? Só isso? Depois não te quero aos berros a dizer qu'era outra coisa.

— Só isso — assentiu ele. — Ele é capaz de sair atrás de ti quando te vir dentro do quintal, e depois eu e a Scout saltamos pra cima dele e agarramo-lo até lhe dizermos que não lhe vamos fazer mal.

Deixámos a esquina, atravessámos a transversal que corria ao longo da casa dos Radleys e parámos ao portão.

— Vá, anda lá — incitou o Dill. — Eu e a Scout 'tamos me'mo atrás de

ti.

— Já vai — retorquiu o Jem. — Nada de pressas.

Foi até ao canto da propriedade, depois regressou, a estudar o terreno, como se estivesse a decidir a melhor maneira de entrar, a franzir o sobrolho e a coçar a cabeça.

Nesse momento, ri-me com desprezo.

O Jem abriu o portão de rompante e apressou-se até à fachada lateral da casa, deu-lhe uma palmada com a mão e voltou, passando por nós a correr sem esperar para ver se a incursão tinha sido bem-sucedida. Eu e o Dill seguimo-lo de imediato. Já em segurança, no nosso alpendre, ofegantes, sem conseguir respirar, olhámos para trás.

A velha casa lá estava, igual, murcha e doente. Contudo, enquanto a fixávamos, pareceu-nos ver um movimento de uma portada interior. Um movimento breve. Um movimento ínfimo, quase invisível, e a casa aquietou-se.

2

O Dill deixou-nos no início de setembro e regressou a Meridian. Fomos acompanhá-lo ao autocarro das cinco horas, e fiquei muito infeliz com a falta dele até me ocorrer que ia começar a escola dentro de uma semana. Nunca ansiei tanto por uma coisa. Durante o inverno, podiam encontrar-me na casa da árvore por horas a fio, a olhar para o pátio da escola, espiando uma multidão de crianças por um telescópio de ampliação dupla que o Jem me oferecera; aprendia os seus jogos, seguia o casaco vermelho do Jem através das voltas retorcidas da cabra cega, partilhando em segredo os seus azares e pequenas vitórias. Ansiava por me juntar a eles.

O Jem acedeu a levar-me à escola no primeiro dia, uma tarefa normalmente realizada por um dos pais, mas o Atticus dissera que ele ficaria encantado em mostrar-me onde era a minha sala. Penso que algum dinheiro trocou de mãos nesta transação, pois, ao nos apressarmos a dobrar a esquina a seguir ao Casal do Radley, ouvi um tilintar pouco familiar nos seus bolsos. Quando abrandámos à beira do pátio da escola, o Jem teve o cuidado de explicar que durante as horas da escola eu não o devia incomodar: não devia ir ter com ele com

pedidos para representar um capítulo do *Tarzan e os Homens-Formiga,* envergonhá-lo com referências à sua vida privada nem arrastar-me atrás dele no intervalo ou à hora do almoço. Tinha de permanecer na companhia da primeira classe, enquanto ele ficava com a quinta. Em resumo, tinha de o deixar em paz.

— Queres dizer que já não podemos brincar? — perguntei.

— Em casa fazemos o que sempre fizemos — explicou —, mas vais ver… a escola é diferente.

E era mesmo. Antes de terminar a primeira manhã, Miss Caroline Fischer, a nossa professora, arrastou-me para a frente da sala, bateu-me na palma da mão com uma régua e depois obrigou-me a ficar de pé no canto até ao meio-dia.

Miss Caroline não tinha mais de vinte e um anos. O cabelo era de um castanho-avermelhado vivo, as faces rosadas e tinha as unhas pintadas de verniz carmesim. Também usava sapatos de salto alto e um vestido às riscas vermelhas e brancas. Parecia um rebuçado de hortelã-pimenta, incluindo no cheiro. Vivia do outro lado da rua, uma casa abaixo de nós, no quarto da frente do primeiro andar de Miss Maudie Atkinson, e quando esta nos apresentou a professora, o Jem ficou estonteado durante dias.

Miss Caroline escreveu o nome no quadro e declarou: — Diz aqui que eu sou Miss Caroline Fischer. Sou do Alabama do Norte, do condado de Winston. — A turma soltou um murmúrio apreensivo, não fosse ela vir a revelar a sua parte de peculiaridades inerentes àquela região. (Quando o Alabama se separou da União, a 11 de janeiro de 1861, o condado de Winston separou-se do Alabama, e todas as crianças do condado de Maycomb o sabiam.) O Alabama do Norte estava cheio de interesses ligados ao álcool, figurões da política, companhias metalúrgicas, republicanos, professores e outras pessoas sem história.

Miss Caroline começou o dia lendo-nos uma história sobre gatos. Estes conversavam imenso uns com os outros, usavam roupinhas bonitas e viviam numa casa quente, debaixo do fogão da cozinha. Quando a D. Gata telefonou à mercearia para encomendar ratos de chocolate, já a turma se contorcia como um balde cheio de lagartas. Miss Caroline parecia não saber que os alunos da turma da primeira classe, andrajosos nas suas camisas de ganga e saias feitas de sacas

de farinha, a maior parte dos quais fazia a monda do algodão e alimentava os porcos desde que sabia andar, era imune à literatura fantasiosa. Miss Caroline chegou ao fim da história e disse: — Meu Deus, não foi engraçado?

Depois dirigiu-se ao quadro, escreveu o alfabeto em enormes maiúsculas geométricas, virou-se para a turma e perguntou: — Alguém sabe o que isto é?

Todos sabiam, pois a maior parte da turma chumbara no ano passado.

Suponho que me escolheu porque sabia o meu nome. Enquanto eu dizia o alfabeto, uma ruga fina apareceu-lhe entre as sobrancelhas e, depois de me obrigar a ler *O Meu Primeiro Livro de Leitura* quase todo e as cotações da bolsa do *The Mobile Register* em voz alta, descobriu que eu sabia ler e mirou-me com um desagrado nada discreto. Pediu-me para dizer ao meu pai para não continuar a ensinar-me, pois isso iria interferir na minha leitura.

— Ensinar-me? — repeti, surpreendida. — Ele não me ensinou nada, Miss Caroline. O Atticus não tem tempo de me ensinar nada — acrescentei ao vê-la sorrir e abanar a cabeça. — Sabe, à noite está tão cansado que fica sentado na sala a ler.

— Se não foi ele quem te ensinou, quem foi? — perguntou Miss Caroline num tom agradável. — Alguém o fez. Não nasceste a ler o *The Mobile Register*.

— O Jem diz que sim. Ele leu num livro que eu sou um pisco e não um tentilhão[7]. O Jem diz que o meu nome verdadeiro é Jean Louise Bullfinch, que fui trocada à nascença e que sou realmente…

Parece que Miss Caroline pensou que eu estava a mentir. — Não deixemos que a nossa imaginação leve a melhor, querida — disse ela. — Diz lá ao teu pai que deixe de te ensinar. É melhor começar a ler com uma mente fresca. Diz-lhe que, a partir de agora, eu tomo conta do assunto e vou tentar corrigir os danos…

— Senhora professora?

— O teu pai não sabe ensinar. Agora podes ir sentar-te.

Balbuciei que lamentava e retirei-me a meditar no meu crime. Nunca aprendi deliberadamente a ler, mas costumava mergulhar ilicitamente nos jornais diários. Nas longas horas passadas na igreja… terá sido aí

que aprendi? Não me lembrava de não saber ler os hinos. Agora que me via forçada a pensar nisso, ler foi algo natural, como aprender a abotoar a parte de trás do meu macaco de dormir sem olhar por cima do ombro ou conseguir dar dois laços nos atacadores, normalmente emaranhados. Não me conseguia lembrar do momento em que as linhas por cima do dedo em movimento do Atticus se separaram em palavras, mas ficara a olhar para elas todas as noites de que me recordava, a ouvir as notícias do dia, os decretos que tinham de ser promulgados em lei, os diários de Lorenzo Dow — tudo o que o Atticus estivesse por acaso a ler quando eu trepava para o seu colo, à noite. Até ter medo de perder essa capacidade, nunca gostara de ler. Por regra, não temos gosto em respirar.

Sabia que tinha aborrecido Miss Caroline, por isso fiquei muito sossegada a olhar pela janela até ao recreio, quando o Jem me resgatou do bando de alunos da primeira classe no pátio. Perguntou-me como me estava a dar, e eu contei-lhe.

— Se não fosse obrigada a ficar, já me tinha ido embora, Jem. O raio daquela professora diz que o Atticus me tem ensinado a ler e quer que ele pare…

— Não te preocupes, Scout — descansou-me ele. — A nossa professora diz que Miss Caroline está a introduzir uma nova forma de ensinar que aprendeu na universidade. Em breve será aplicada a todas as classes. Com esse método, não temos de aprender muito dos livros, é como se, querendo saber coisas sobre as vacas, o melhor é mungi-las, ‘tás a ver?

— Pois, Jem, mas eu cá não quero saber das vacas, quero…

— Claro que queres. Tens d’aprender sobre as vacas, são uma grande parte da vida do condado de Maycomb.

Contentei-me em perguntar-lhe se tinha perdido o juízo.

— ‘Tou só a tentar explicar-te o novo método de ensinar a primeira classe, minha teimosa. É o Sistema Decimal Dewey.[8]

Nunca tendo questionado as declarações do Jem, não via motivo para começar agora. O Sistema Decimal Dewey consistia, em parte, em Miss Caroline a abanar cartões na nossa frente, onde estavam escritas as palavras «o», «gato», «ratazana», «homem» e «tu». Aparentemente,

não esperava qualquer comentário da nossa parte, e a turma recebia estas revelações impressionistas em silêncio. Sentia-me aborrecida e, por isso, comecei a escrever uma carta ao Dill. Miss Caroline apanhou-me a escrever e disse-me para dizer ao meu pai que parasse de me ensinar. — Além disso — prosseguiu —, na primeira classe não escrevemos assim, usamos letra de imprensa. Só se aprende a escrever como deve ser na terceira classe.

A culpa era da Calpurnia. Acho que aquilo me impedia de a deixar maluca nos dias de chuva. Dava-me um trabalho de escrita, em que ela escrevinhava o alfabeto com mão firme no cimo de uma lousa e depois copiava um capítulo da Bíblia por baixo. Se eu reproduzisse a sua caligrafia satisfatoriamente, recompensava-me com uma sanduíche de pão com manteiga e açúcar. No método de ensino da Calpurnia não havia sentimentalismos: eu raramente a satisfazia, e ela raramente me recompensava.

— Todos os que vão a casa almoçar levantem a mão — disse Miss Caroline, interrompendo o meu recente rancor contra a Calpurnia.

As crianças da cidade assim fizeram, e ela examinou-nos.

— Todos os que trazem o almoço, ponham-no sobre a carteira.

Baldes de melaço apareceram do nada, e o teto dançou com os reflexos da luz metálica. Miss Caroline percorreu as filas para cima e para baixo, espreitando e remexendo nas lancheiras. Assentia se o conteúdo lhe agradava e franzia a testa caso contrário. Parou junto da carteira do Walter Cunningham. — Onde está o teu almoço? — perguntou.

A cara dele dizia a toda a gente da turma que tinha lombrigas. A ausência de sapatos dizia-nos como as apanhara. As pessoas apanhavam lombrigas ao andarem descalças nos celeiros e nas pocilgas. Se o Walter possuísse um par de sapatos, tê-los-ia calçado no primeiro dia de escola e depois livrava-se deles até ao meio do inverno. Mas trazia uma camisa limpa e um macacão remendado com cuidado.

— Esta manhã esqueceste-te do teu almoço? — perguntou Miss Caroline.

O Walter continuou a olhar em frente, e eu vi um músculo saltar no seu queixo magrinho.

— Esqueceste-te dele esta manhã? — insistiu Miss Caroline. O

queixo do Walter voltou a tremer.

— Pois, m'nha senhora — acabou por balbuciar.

Miss Caroline foi até à secretária e abriu a mala. — Aqui tens vinte e cinco cêntimos — disse ao Walter. — Vai à cidade e come lá hoje. Podes pagar-me amanhã.

O Walter abanou a cabeça. — Nã, 'brigado, m'nha senhora — respondeu baixinho.

A voz de Miss Caroline soou impaciente. — Vem cá buscá-los, Walter.

Ele voltou a abanar a cabeça.

Quando o Walter abanou a cabeça pela terceira vez, alguém me sussurrou: — Vai lá explicar, Scout.

Virei-me e vi a maioria dos miúdos da cidade e todos os passageiros do autocarro a olhar para mim. Eu e Miss Caroline já tínhamos trocado ideias duas vezes, e eles miravam-me, acreditando, na sua inocência, que a familiaridade gera compreensão.

Levantei-me educadamente a bem do Walter: — Hã… Miss Caroline.

— Que foi, Jean Louise?

— Miss Caroline, ele é um Cunningham.

E voltei a sentar-me.

— O quê, Jean Louise?

Eu pensava que tinha deixado as coisas bem claras. Era óbvio para os restantes alunos: o Walter Cunningham estava ali sentado a mentir descaradamente. Ele não se esquecera nada do almoço, não tinha era nenhum. Não tinha hoje nem teria amanhã nem no dia seguinte. Provavelmente nunca vira três moedas de vinte e cinco cêntimos juntas na vida.

Tentei de novo: — O Walter é um dos Cunninghams, Miss Caroline.

— Desculpa, Jean Louise?

— Não faz mal, senhora professora, passado algum tempo já vai ficar a conhecer toda a gente do condado. Os Cunninghams nunca aceitaram nada que não possam pagar, nem cestos da igreja nem dinheiro do governo. Nunca aceitaram nada de ninguém, vivem com o que têm. Não têm muito, mas vão-se safando.

O meu conhecimento especial da tribo dos Cunninghams — isto é, de um dos seus ramos — provinha dos acontecimentos do inverno anterior. O pai do Walter era um dos clientes do Atticus. Uma noite, depois de

uma conversa sombria na nossa sala de estar sobre a cláusula de restrição das suas terras, e antes de se ir embora, Mr. Cunningham disse: — Mr. Finch, não sei quando é que lhe poderei pagar.

— Que essa seja a última das suas preocupações, Walter — respondeu o Atticus.

Quando perguntei ao Jem o que significava «cláusula», e ele explicou que era viver num convento, perguntei ao Atticus se Mr. Cunningham nos ia pagar algum dia.

— Em dinheiro, não — disse o Atticus —, mas antes de o ano acabar já me terá pago. Vão ver.

E assim foi. Certa manhã, eu e o Jem encontrámos uma pilha de lenha para o fogão no pátio das traseiras. Mais tarde, uma saca de nozes apareceu nos degraus da porta de trás. Com o Natal veio um caixote cheio de salsaparrilha e de azevinho. Nessa primavera, quando encontrámos uma saca cheia de nabiças, o Atticus disse que Mr. Cunningham já lhe pagara, até demais.

— Por que razão lhe paga ele assim? — quis eu saber.

— Porque é a sua única forma de me pagar. Ele não tem dinheiro.

— Nós somos pobres, Atticus?

O mau pai assentiu. — Sim, somos.

O Jem torceu o nariz. — Somos tão pobres como os Cunninghams?

— Não exatamente. Os Cunninghams são gente do campo, agricultores, e a Depressão atingiu-os com mais força que a outros.

O Atticus explicou que os profissionais liberais eram pobres porque os agricultores eram pobres. Como o condado de Maycomb era uma região de agricultores, era difícil arranjar dinheiro para os médicos, os dentistas e os advogados. A cláusula de restrição das terras era apenas uma parte das aflições de Mr. Cunningham. A área que não estava sujeita a restrição estava completamente hipotecada, e o pouco dinheiro que ele fazia ia direitinho para os juros. Se fosse muito cuidadoso, podia arranjar um emprego na WPA[9], mas, se as abandonasse, as suas terras ficavam arruinadas. Estava disposto a passar fome para manter as terras e votar como lhe apetecesse. Mr. Cunningham, disse o Atticus, vinha de uma linhagem de homens firmes.

Como os Cunninghams não tinham dinheiro para pagar a um

advogado, pagavam simplesmente com o que tinham. — Vocês sabiam — disse o Atticus — que o Dr. Reynolds trabalha da mesma forma? A alguma gente leva um alqueire de batatas pelo parto de um bebé. Miss Scout, se me prestar atenção, explico-lhe o que é a cláusula de restrição. Às vezes, as definições do Jem são quase certeiras.

Se eu pudesse ter explicado estas coisas a Miss Caroline, isso ter-me-ia poupado alguns inconvenientes, e a ela, humilhações futuras, mas explicar as coisas tão bem como o Atticus estava para além das minhas capacidades. Assim, disse: — 'Tá a envergonhá-lo, Miss Caroline. O Walter não tem vinte e cinco cêntimos em casa pra lhe trazer, e a senhora não precisa de lenha pró fogão.

Miss Caroline ficou absolutamente imóvel, depois agarrou-me pelo colarinho e arrastou-me até à sua secretária. — Jean Louise, já estou farta de ti esta manhã — declarou. — Estás mesmo a começar com o pé esquerdo, minha menina. Estende a mão.

Pensei que ela ia cuspir na palma da minha mão, a única razão pela qual alguém em Maycomb a estendia: era considerado um método antiquíssimo e honrado de selar um contrato oral. A pensar se teríamos chegado a algum acordo, virei-me para a turma em busca de resposta, mas eles devolveram-me o olhar, intrigados. Miss Caroline pegou na régua, deu-me meia dúzia de reguadas rápidas e depois mandou-me ficar de pé no canto. Quando finalmente a turma percebeu que Miss Caroline tinha acabado de me castigar, desmancharam-se todos a rir à gargalhada.

Quando a professora os ameaçou com um destino semelhante, a turma da primeira classe explodiu de novo em risadas, apenas recuperando a sobriedade quando a sombra de Miss Blount caiu sobre eles. Miss Blount, nascida e criada em Maycomb e que ainda não fora iniciada nos mistérios do Sistema Decimal, apareceu à porta com as mãos nas ancas e declarou: — Se eu ouvir outro som vindo desta sala, deito-lhe fogo e queimo todos os que aqui estão. Miss Caroline, a sexta classe não consegue concentrar-se nas pirâmides por causa desta barulheira toda.

A minha permanência no canto foi curta. Salva pela campainha, Miss Caroline ficou a ver a turma sair em fila da sala para ir almoçar. Como fui a última, vi-a afundar-se na cadeira e enterrar a cabeça nos braços. Se a

conduta dela para comigo tivesse sido mais simpática, teria tido pena dela. Era mesmo bonitinha.

3

Foi com algum prazer que apanhei o Walter Cunningham no recreio, mas, quando estava a esfregar-lhe o nariz no chão, o Jem aproximou-se e mandou-me parar. — És maior que ele — declarou.

— Ele tem quase a tua idade — retorqui — e fez-me começar com o pé esquerdo.

— Deixa-o, Scout. Porquê?

— Ele não tinha almoço — comecei, explicando-lhe como me tinha envolvido nas questões dos hábitos alimentares do Walter.

O Walter tinha-se erguido e ouvia-nos em silêncio. De punhos meio fechados, parecia esperar uma investida da nossa parte. Bati com os pés no chão para o enxotar, mas o Jem estendeu a mão e deteve-me. Observou o Walter com um ar especulativo. — O teu pai é Mr. Walter Cunningham de Old Sarum? — inquiriu, ao que o outro assentiu.

O miúdo parecia ter sido criado a comida para peixes: os olhos, tão azuis como os do Dill Harris, lacrimejavam, avermelhados. O rosto era pálido e descorado com exceção da ponta do nariz, húmida e cor-de-rosa. Nervoso, mexia nas alças das jardineiras, bulindo com os fechos de metal.

De súbito, o Jem sorriu-lhe abertamente. — Vem lá a casa comer connosco, Walter — convidou. — Gostávamos que viesses.

O rosto do rapaz alegrou-se, mas entristeceu de imediato.

O Jem insistiu: — O nosso pai é amigo do teu. E aqui a Scout, não ligues, é maluca, mas nunca mais vai brigar contigo.

— Eu cá não tinha tanta certeza disso — adverti. A forma displicente como o Jem descartava as minhas intenções aborrecia-me, mas os minutos preciosos da hora de almoço estavam a esgotar-se. — Está bem, Walter, nunca mais te bato. Não gostas de feijão-manteiga? A nossa Cal cozinha me'mo bem.

O Walter ficou onde estava a morder o lábio. Eu e o Jem desistimos e já estávamos quase a chegar ao Casal do Radley quando ele nos chamou: — Ei, eu vou com vocês!

Quando nos apanhou, o Jem, todo simpático, meteu conversa com ele: — Ali vive uma alma do outro mundo — declarou, cordial, apontando para o Casal. — Já ouviste falar, Walter?

— Não posso dizer que não — disse o outro. — Quase que morri no primeiro ano da escola quando comi das nozes; há gente que diz qu'ele lhes deitou veneno e as atirou pelo muro pró pátio da escola.

O Jem parecia ter perdido o medo do Boo Radley agora que eu e o Walter o acompanhávamos. Na verdade, até começou a gabar-se: — Uma vez até lá entrei dentro e fui até à casa — anunciou ao Walter.

— Quem já lá foi não devia continuar a pôr-se a correr de cada vez que passa por ela — disse eu a olhar para as nuvens.

— E quem é que 'tá a correr, sua sabichona?

— Tu, quando não 'tá ninguém contigo.

Ao chegarmos aos degraus da entrada, já o Walter se tinha esquecido de que era um Cunningham. O Jem correu à cozinha a dizer à Calpurnia para pôr mais um prato na mesa, que tínhamos um convidado. O Atticus saudou o Walter e começou uma conversa sobre colheitas que nem eu nem o Jem conseguíamos acompanhar.

— Se não consigo fazer a primeira classe, Mr. Finch, é porque tenho de ficar a primavera toda a ajudar o meu pai a mondar, mas agora já há outro lá em casa com tamanho d'ir prò campo.

— Vocês pagaram um alqueire de batatas por ele? — perguntei, mas o Atticus olhou-me e abanou a cabeça.

Enquanto o Walter empilhava a comida no prato, continuaram ambos a conversar como dois homens, para meu espanto e do Jem. O Atticus falava longamente sobre os problemas da agricultura quando o Walter o interrompeu para saber se tínhamos melaço. O Atticus chamou a Calpurnia, que regressou com um jarro do xarope e ali ficou à espera de que o Walter se servisse. O rapaz deitou uma porção generosa de melaço sobre os vegetais e a carne. O mais provável teria sido juntar algum ao leite, não fosse eu perguntar que diabo estava ele a fazer.

Ao pousar o jarro, o pires em prata estrepitou, e ele apressou-se a esconder as mãos no colo. Em seguida, baixou a cabeça.

Mais uma vez o Atticus abanou a cabeça na minha direção. — Mas ele afogou a comida em xarope de melaço — protestei. — Regou-o por todo o lado...

Foi nesse momento que a Calpurnia me chamou à cozinha.

Estava furiosa e, quando estava furiosa, a gramática tornava-se-lhe imprevisível. Se estava calma, usava uma gramática tão boa como qualquer outro habitante de Maycomb. O Atticus costumava dizer que a Calpurnia possuía melhor educação que a maioria das pessoas de cor.

Quando olhou para mim de soslaio, as rugas finas em redor dos olhos ficaram mais fundas. — Há gente que não come como nós — sussurrou com ferocidade —, mas a menina não tem nada de reparar quando não fazem com'a gente à mesa. O rapaz é convidado de vocês e, s'ele quiser comer a toalha da mesa, a menina deixa, 'tá a ouvir?

— Ele não é nenhum convidado, Cal, é só um Cunningham...

— Cale-me essa boca! Não interessa quem eles são, qualquer um qu'aqui vem é convidado de vocês, por isso livre-se de se pôr a fazer reparos sobre as maneiras deles, toda convencida e desaforada! Vocês podem ser melhores qu'os Cunninghams, mas isso não conta pra nada se 'tiver a envergonhá-los; se não 'tá à mesa como deve ser, bem que pode ficar aqui e comer na cozinha!

A Calpurnia mandou-me pelas portas de vaivém de volta à sala de jantar com uma bofetada fulminante. Peguei no prato e acabei o jantar[10] na cozinha, grata por ter sido poupada à humilhação de ter de os enfrentar de novo. Disse à Calpurnia que deixasse estar, que eu já lhe dizia como era: um dia qualquer, quando ela estivesse distraída, eu ia-me embora e afogava-me em Barker's Eddy e depois ela ia ficar cheia de pena. Além disso, acrescentei, ela já me tinha metido em sarilhos uma vez naquele dia: tinha-me ensinado a escrever, e a culpa era toda dela. — Acabe lá com a choradeira — retorquiu ela.

O Jem e o Walter foram para a escola antes de mim: ficar para trás para avisar o Atticus das injustiças da Calpurnia valia bem a corrida solitária ao longo do Casal do Radley. — De qualquer maneira, ela gosta mais do Jem do que de mim — concluí, sugerindo que o Atticus a pusesse a andar sem demoras.

— Já pensaste que o Jem lhe dá metade das preocupações que tu lhe dás? — O tom de voz era duro. — Não tenho qualquer intenção de me ver livre dela, nem hoje nem nunca. Não conseguíamos viver um dia sequer sem a Cal, já pensaste nisso? Trata de refletir no quanto ela faz

por ti e atenta no que te diz, ouviste?

Voltei para a escola imbuída de ódio pela Calpurnia até que um grito inesperado fez estilhaçar todos os meus ressentimentos. Levantei os olhos e dei com Miss Caroline no meio da sala de aula, tomada do mais puro horror. Parecia ter recuperado o suficiente para perseverar no exercício da sua profissão.

— Está vivo! — gritou.

Toda a população masculina da turma acorreu a prestar-lhe assistência. *Meu Deus*, pensei, *tem medo de ratos*. O Chuck *Baixote* Little, cuja paciência com todos os seres vivos era inesgotável, disse: — pra onde é qu'ele foi, Miss Caroline? Diga-nos pra onde, depressa! D.C. — continuou, dirigindo-se a um rapaz atrás dele —, D.C., fecha a porta, que o apanhamos. Depressa, s'nhora professora, pra ond'é qu'ele foi?

Miss Caroline apontou um dedo trémulo não para o chão, não para uma carteira, mas para um tipo enorme que eu não conhecia. O rosto do Chuck *Baixote* contraiu-se, e proferiu suavemente: — Quer dizer ele, professora? Sim, s'nhora, 'tá vivo. Assustou-a?

Miss Caroline explicou, desesperada: — Eu estava a passar quando aquilo lhe saiu do cabelo... lhe rastejou do cabelo...

O Chuck *Baixote* fez um sorriso largo. — Não é preciso ter medo dum piolho, m'nha senhora. Nunca tinha visto nenhum? Não tenha medo, vá pra secretária e dê-nos mais aula.

O Chuck *Baixote* Little era mais um membro da população escolar que não sabia de onde lhe chegaria a próxima refeição, mas era um cavalheiro nato. Pousou-lhe a mão debaixo do cotovelo e conduziu Miss Caroline para a frente da sala de aula. — Não s'assuste — asseverou. — Não vale a pena ter medo dos piolhos. Eu vou buscar água fresca prà s'nhora.

O hospedeiro do piolho não demonstrou o mínimo interesse na comoção que tinha causado. Catou o couro cabeludo acima da testa, detetou o hóspede e apertou-o com firmeza entre o polegar e o indicador.

Miss Caroline observou todo o procedimento num fascínio horrorizado. O Chuck *Baixote* trouxe-lhe água num copo de papel, e ela bebeu, agradecida. Por fim, conseguiu falar. — Como é que te chamas, meu filho? — quis saber em voz suave.

O rapaz piscou os olhos. — Quem? Eu? — Miss Caroline acenou com a cabeça.

— Burris Ewell.

A professora inspecionou a lista dos alunos. — Tenho aqui um Ewell, mas não tenho o nome próprio... és capaz de soletrar o teu nome?

— Nã sei. Em casa chamam-me Burris.

— Bom, Burris — continuou Miss Caroline —, o melhor será teres o resto da tarde livre. Quero que vás para casa e laves a cabeça.

Retirou um livro grosso da secretária, folheou-o e leu por alguns momentos. — Um bom remédio caseiro para... Burris, quero que vás para casa e laves o cabelo com sabão de soda. Quando acabares, aplicas querosene no couro cabeludo.

— Pra quê, professora?

— Para te livrares dos... hã… piolhos. É que, estás a ver, Burris, as outras crianças podem apanhá-los, e tu não ias querer isso, pois não?

O rapaz ergueu-se. Era o ser humano mais imundo que eu já vira alguma vez: o pescoço cinzento-escuro, as costas das mãos da cor da ferrugem, as unhas negras até ao sabugo. Mirava Miss Caroline de uma zona limpa do rosto do tamanho de um punho. Ninguém reparara nele, provavelmente porque eu e Miss Caroline tínhamos servido de diversão à turma na maior parte da manhã.

— E, Burris, fazes o favor de tomar banho antes de vir amanhã?

O rapaz deu uma gargalhada grosseira. — Nã vai mandar-me pra casa, professora. ‘Tava me’mo a sair, já cumpri o mê tempo est’ano.

Miss Caroline pareceu perplexa. — Que queres dizer com isso?

O rapaz não respondeu. Apenas soltou um breve grunhido de desdém.

Foi um dos mais velhos da turma quem lhe respondeu: — Ele é um dos Ewells, s’nhora professora. — Interroguei-me se essa explicação seria tão malsucedida como a minha própria tentativa. Contudo, Miss Caroline pareceu disposta a escutar. — A escola ‘tá toda cheia deles. Vêm todos os anos no primeiro dia e depois vão-se embora. Vêm porqu’a senhora que trata das gazetas às aulas ameaça-os com o xerife, mas depois ela desiste. Ela acha que cumpre a lei a pô-los na lista e a fazê-los vir no primeiro dia. A s’nhora tem de lhes marcar falta no resto do ano...

— Mas e os pais? — inquiriu, genuinamente preocupada.

— Ele não tem mãe — foi a resposta —, e o pai é um desordeiro, anda sempre em rixas.

O Burris Ewell pareceu lisonjeado com o relato. — Faz três anos que venho ó primeiro dia da primeira classe — explicou, comunicativo. — Acho qu'este ano, se for esperto, vou promovido pra segunda...

Miss Caroline ordenou: — Senta-te por favor, Burris. — E no instante em que o disse, eu percebi que acabara de cometer um erro terrível. A atitude complacente do rapaz transformou-se instantaneamente em ira.

— Ora tente lá obrigar-me, professora.

O Chuck *Baixote* Little levantou-se. — Deixe-o ir — disse. — Ele é mau, é me'mo ruim. É capaz de fazer qualquer coisa, e aqui há miúdos pequenos.

Ele próprio era um dos mais pequenos entre as miniaturas de homem, mas, quando o Burris Ewell se virou para ele, a mão direita do Chuck foi direita ao bolso. — Põe-te a pau, Burris — ameaçou. — pra mim é igual matar-te ou ficar a olhar pra ti. Vai-te lá embora.

O Burris parecia receoso de uma criança com metade do seu tamanho, e Miss Caroline aproveitou-se da sua hesitação. — Burris, vai para casa. Se não fores, vou chamar a diretora — afirmou. — De qualquer forma, vou ter de fazer queixa.

O rapaz bufou e, sem pressas, arrastou os pés até à porta.

Quando se sentiu a salvo, fora de alcance, virou-se e gritou: — Faz queixa e vai-te lixar! Não há nada qu'uma pega ranhosa de uma professora m'obrigue a fazer! E não me manda ir pra lado nenhum, professora! Não se esqueça, não me manda ir pra lado nenhum!

Esperou até ter a certeza de que ela estava a chorar e saiu da escola a arrastar os pés.

Juntámo-nos todos em volta da secretária, a tentar consolá-la de diversas maneiras. Ele era mesmo ruim... golpes baixos... uma pessoa não tinha d'ensinar gente daquela... aquilo não eram maneiras, não em Maycomb, Miss Caroline, não s'nhora... não se apoquente. Miss Caroline, porque não nos lê uma história? Aquela do gato hoje de manhã era mesmo boa...

Miss Caroline sorriu, assoou-se e agradeceu: «Obrigada, meus queridos.» Mandou-nos para os lugares, abriu um livro e deixou a

primeira classe desconcertada com uma longa narrativa sobre um sapo que vivia num salão[11].

Quando passei pelo Casal do Radley pela quarta vez nesse dia — duas delas a toda a brida —, o meu desalento tinha-se aprofundado, a condizer com a casa. Se o resto do ano escolar fosse carregado de tantos dramas como o primeiro dia, talvez acabasse por tornar-se moderadamente divertido, mas a ideia de passar nove meses sem ler nem escrever dava-me vontade de fugir.

Ao final da tarde, a maioria dos meus planos de fuga estava completa; quando eu e o Jem fizemos uma corrida pelo passeio ao encontro do Atticus, que regressava do trabalho, não fui grande antagonista. Costumávamos correr ao seu encontro quando o vislumbrávamos à distância, a dobrar a esquina do posto dos correios. O Atticus parecia ter esquecido a minha queda em desgraça à hora do almoço e tinha imensas perguntas sobre a escola. Respondi em monossílabos, e ele não insistiu.

A Calpurnia devia ter-se apercebido de que eu tinha tido um dia mau e deixou-me ficar a vê-la preparar a ceia. — Feche os olhos e abra a boca, que vai ter uma surpresa — anunciou.

Era raro ela fazer broa de torresmos, dizia que nunca tinha tempo, mas, nesse dia, com nós os dois na escola, o dia fora mais calmo. A Calpurnia sabia que eu adorava o petisco.

— Hoje senti a vossa falta — confessou. — A casa parecia tão vazia que às duas horas tive de acender o rádio.

— Porquê? Eu e o Jem nunca estamos em casa a não ser que ‘teja a chover.

— Eu sei — retorquiu —, mas um de vocês está sempre à distância de um grito. Quanto tempo é que passo a chamar pelos dois, pergunto-me. Bom — acrescentou, erguendo-se da cadeira da cozinha —, tempo suficiente para fazer uma forma de broa de torresmos. Agora, desampare-me a loja, deixe-me pôr a ceia na mesa.

A Calpurnia curvou-se e deu-me um beijo. Eu saí, interrogando-me sobre o que lhe teria dado. Queria fazer as pazes comigo, era o que era. Fora demasiado dura, tinha visto o erro do seu comportamento irritável, arrependera-se e era demasiado teimosa para o admitir. Pelo meu lado,

eu sentia-me desgastada com os delitos desse dia.

Depois da ceia, o Atticus sentou-se com o jornal nas mãos e chamou: — Scout, pronta para ler? — O Senhor enviou-me mais do que eu conseguia suportar, e fui para o alpendre da frente. O Atticus seguiu-me.

— Passa-se alguma coisa, Scout?

Disse-lhe que não me sentia bem e que, se ele não se importasse, nunca mais iria à escola.

Ele sentou-se na cadeira de balanço e cruzou as pernas. Os dedos erraram até ao bolso do relógio; era a única forma de conseguir pensar, costumava dizer. Aguardou num silêncio amável, e tentei reforçar a minha posição: — O pai nunca foi à escola e deu-se bem, portanto eu vou ficar em casa também. Pode ensinar-me tal como o avô o ensinou a si e ao tio Jack.

— Não, não posso — retorquiu. — Tenho de ganhar a vida. Além disso, ia para a prisão se te mantivesse em casa; hoje tomas uma dose de magnésio e, amanhã, escola.

— Eu sinto-me bem, a sério.

— Também me pareceu. Então, o que se passa?

Pouco a pouco, fui-lhe contando as desventuras do dia. — … e ela disse que o pai me ensinou tudo mal, por isso nunca mais podemos ler, nunca mais. Por favor, não me mande pra escola, por favor, pai.

O Atticus levantou-se e foi até ao fundo do alpendre. Após examinar a glicínia, veio até mim.

— Primeiro que tudo, Scout — começou ele —, se conseguires aprender um truque simples, vais dar-te bem com todos os tipos de pessoas. Não consegues compreender bem uma pessoa até veres as coisas segundo a sua perspetiva...

— Sim, pai?

— Até conseguires meter-te na sua pele e usá-la como se fosse tua.

Disse-me que eu tinha aprendido muitas coisas nesse dia e que a própria Miss Caroline também tinha aprendido outras. Por um lado, ela aprendera a não dar nada a um Cunningham, mas, se eu e o Walter nos tivéssemos posto no lugar dela, teríamos visto que tinha cometido um erro sem querer. Não podíamos esperar que aprendesse todos os usos e costumes de Maycomb num só dia e não podíamos responsabilizá-la por não os conhecer.

— Macacos me mordam — insisti eu. — Eu não sabia que não devia ler, e ela disse que a culpa era minha; escute, Atticus, eu não tenho d'ir à escola. — Ocorreu-me um pensamento repentino. — Lembra-se do Burris Ewell? Ele só vai à escola no primeiro dia. A senhora que trata das gazetas acha que pra cumprir a lei basta escrever o nome dele na lista...

— Não podes fazer isso, Scout — replicou o Atticus. — Às vezes, em casos especiais, é melhor tornear um bocadinho a lei. No teu caso, a lei é para se cumprir. Amanhã tens de ir à escola.

— Não percebo porque é qu'eu tenho d'ir e ele não.

— Então, presta atenção.

O Atticus explicou que havia três gerações que os Ewells eram a vergonha de Maycomb. Tanto quanto se lembrava, nenhum deles tinha ganho um dia de trabalho honesto. Disse que, num Natal, quando fosse deitar a árvore fora, levar-me-ia com ele para me mostrar onde e como viviam. Eram pessoas, mas viviam como animais. — Podem frequentar a escola só quando quiserem, quando mostrarem o mais pequeno indício de querer ser instruídos — acrescentou. — Existem formas de obrigar estas pessoas a irem à escola, mas é um disparate forçar gente como os Ewells a mudar de ambiente...

— Se eu não fosse à escola amanhã, obrigava-me a ir.

— Deixemos as coisas como estão — proferiu ele de forma seca. — Tu és Miss Scout Finch e pertences às pessoas comuns. Tens de obedecer à lei. — Disse-me ainda que os Ewells eram membros de uma sociedade à parte formada por Ewells. Em determinadas circunstâncias, o povo comum atribuía-lhes certos privilégios de forma judiciosa, limitando-se a fechar os olhos a algumas das suas atividades: por um lado, não tinham de ir à escola, por outro, Mr. Bob Ewell, o pai do Burris, caçava e colocava armadilhas fora da época.

— Atticus, isso não é nada bom — argumentei. No condado de Maycomb, a caça fora de época era punida pela lei, um delito grave aos olhos da população.

— É contra a lei, eu sei — retorquiu o meu pai —, e é grave, mas, quando um homem gasta o dinheiro que o governo lhe dá em uísque barato, os filhos choram de fome. E não conheço nenhum proprietário da vizinhança que negue a essas crianças a caça que o pai consegue apanhar.

— Mr. Ewell não devia fazer isso...

— Claro que não, mas ele nunca vai mudar. Vais fazer os filhos pagar pelos erros do pai?

— Não, senhor — murmurei e tomei uma posição final: — Mas se tenho de continuar a ir à escola, não podemos ler mais...

— Isso está mesmo a aborrecer-te, não é?

— Sim, senhor.

Quando olhou para mim, vi-lhe no rosto uma expressão que sempre me fazia ter esperança. — Sabes o que é um compromisso? — perguntou.

— É fugir à lei?

— Não, é um acordo alcançado por concessões mútuas. Funciona assim — disse —, se tu admitires a necessidade de ir à escola, nós continuamos a ler todas noites como sempre fizemos. Está combinado?

— Sim, senhor!

— Acordo firmado sem as formalidades habituais — apressou-se a dizer ao ver que me preparava para cuspir.

Quando abri a porta de rede, o Atticus acrescentou: — A propósito, Scout, é melhor não dizeres nada na escola sobre o nosso acordo.

— Porquê?

— Receio que as nossas atividades sejam recebidas com desaprovação considerável pelas autoridades mais eruditas.

Eu e o Jem estávamos habituados ao estilo jurídico que o nosso pai usava e tínhamos autorização para o interromper e pedir uma tradução sempre que a linguagem ultrapassava a nossa compreensão.

— Hã?

— Eu nunca fui à escola — explicou —, mas tenho a sensação de que, se disseres a Miss Caroline que lemos todas as noites, ela vai aborrecer-me, e *isso* é que eu não queria mesmo nada.

O Atticus manteve-nos ocupados nessa noite, lendo com gravidade colunas de jornal sobre um homem que se sentou num mastro de bandeira sem razão aparente, o que foi motivo suficiente para o Jem passar o sábado seguinte no alto, na casa da árvore. Ali ficou desde o pequeno-almoço ao pôr do sol e lá teria passado a noite, não fosse o Atticus ter-lhe cortado as provisões. Eu tinha passado a maior parte do dia a subir e a descer, a fazer-lhe recados, a fornecer-lhe literatura,

alimentação e água e ia levar-lhe cobertores para a noite, quando o Atticus disse que o Jem desceria se eu não lhe prestasse atenção. O nosso pai tinha razão.

4

O resto dos meus dias de escola não foi mais auspicioso do que o primeiro. Na verdade, foi um Projeto interminável que evoluiu lentamente para uma Unidade, na qual o estado do Alabama gastou quilómetros de cartolina e lápis de cera, nos seus esforços bem-intencionados mas infrutíferos de me ensinar Dinâmica de Grupo. Aquilo a que o Jem chamava o Sistema Decimal Dewey estava a ser aplicado em toda a escola no final do meu primeiro ano, por isso não tive oportunidade de o comparar com outras técnicas de ensino. Restava-me apenas olhar em meu redor: o Atticus e o meu tio, que estudaram em casa, sabiam tudo. Pelo menos, o que um desconhecia, sabia-o o outro. Além disso, não pude deixar de reparar que o meu pai, que servira anos na assembleia legislativa do estado, sempre eleito sem oposição, ignorava os ajustamentos que os meus professores consideravam essenciais para o desenvolvimento das qualidades de um bom cidadão.

O Jem, que foi educado com base num misto do Sistema Decimal e do método das Orelhas de Burro, parecia funcionar sem problemas, quer sozinho quer em grupo, mas o meu irmão não era o que se podia considerar um bom exemplo: nenhum sistema pedagógico criado pelo Homem o poderia ter impedido de chegar aos livros. Quanto à minha pessoa, nada sabia exceto o que inferia da revista *Time* e das leituras de tudo a que conseguia deitar a mão em casa. Todavia, à medida que avançava vagarosamente ao longo da monotonia do sistema escolar do condado de Maycomb, não podia deixar de ter a impressão de que me estavam a roubar alguma coisa. Apesar de tudo o que desconhecia, recusava-me, porém, a acreditar que doze anos de um tédio imutável fosse exatamente o que o Estado tinha em mente para mim.

Ao longo do ano libertavam-me da escola trinta minutos antes do Jem, que tinha de lá ficar até às três horas. Assim, passava pelo Casal do Radley a correr o mais depressa possível, sem me deter até alcançar a segurança do nosso alpendre da frente. Certa tarde, numa dessas

correrias, houve algo que me prendeu a atenção de tal forma que inspirei fundo, olhei demoradamente em redor e voltei para trás.

Na berma do terreno dos Radleys erguiam-se dois carvalhos sempre-verdes, cujas raízes se estendiam até à rua transversal, deixando-a cheia de altos e baixos. Qualquer coisa numa das árvores atraiu a minha atenção.

Um pedaço de papel de alumínio espreitava de um nó oco logo acima da minha linha de visão, parecendo piscar-me o olho sob o sol da tarde. Pus-me em bicos de pés, olhei de novo em redor apressadamente, enfiei a mão no buraco e de lá retirei duas pastilhas elásticas sem o invólucro.

O meu primeiro impulso foi enfiá-las na boca o mais depressa possível, mas lembrei-me de onde estava. Corri para casa e, ali mesmo no alpendre, examinei o meu tesouro. A pastilha parecia fresca. Cheirei-a e cheirava bem, lambi-a e esperei um pouco. Como não morri, enfiei-a logo toda na boca. Era de hortelã-pimenta.

Quando o Jem chegou a casa perguntou-me onde arranjara um chumaço daqueles, e eu disse-lhe que a encontrara.

— Não comas coisas que encontras por aí, Scout.

— Não ‘tava no chão, achei-a numa árvore.

O Jem resmungou qualquer coisa como quem não acredita.

— Bom, é que ‘tava mesmo — insisti. — ‘Tava espetada naquela árvore lá em baixo, no caminho da escola.

— Cospe-a imediatamente!

Obedeci-lhe. De qualquer modo, o sabor já estava a desaparecer. — Tenho ‘tado a mastigá-la toda a tarde e ‘inda não ‘tou morta, nem sequer doente.

O Jem bateu com o pé no chão. — Não sabes que não deves nem sequer tocar naquelas árvores? Se o fizeres, morres.

— Tu já tocaste uma vez na casa!

— Isso foi diferente! Vai fazer um gargarejo… imediatamente, ‘tás a ouvir?

— Isso é que não vou, tira-me o sabor da boca.

— Não fazes, e faço queixa à Calpurnia!

Para não arranjar sarilhos com a Calpurnia, fiz o que o Jem me mandou. Não sei bem porquê, mas o meu primeiro ano de escola causara uma grande mudança na nossa relação: a tirania, a injustiça e a

intromissão nos meus assuntos por parte dela abrandaram e transformaram-se em resmungos suaves com que exprimia a sua desaprovação geral. Pela minha parte, fazia um esforço dos diabos para não a provocar.

O verão vinha a caminho, e eu e o Jem aguardávamo-lo cheios de impaciência. Era a nossa melhor estação: significava dormirmos no alpendre de trás, que era resguardado por rede, em camas desmontáveis ou tentarmos dormir na casa da árvore. Havia coisas boas para comer aos montes, e a paisagem ressequida enchia-se de mil cores, mas, acima de tudo, o verão era o Dill.

As autoridades libertaram-nos cedo no último dia de aulas, e eu e o Jem voltámos juntos para casa. — Aposto que o Dill vai chegar amanhã — disse eu.

— Calhando, só no outro dia — diz o Jem. — No Mississípi só os deixam sair um dia mais tarde.

Ao chegarmos aos carvalhos do Casal do Radley, estendi o dedo pela centésima vez para o nó oco onde encontrei a pastilha, tentando fazer com que o Jem acreditasse que a encontrara mesmo ali. E dei comigo a apontar para outro pedaço de folha de alumínio.

— ‘Tou a ver, Scout. ‘Tou a ver…

O Jem olhou em volta, estendeu o braço e enfiou cautelosamente no bolso um pacote pequenino e brilhante. Corremos para casa e, uma vez no alpendre, ficámos a olhar para uma caixinha forrada de pedaços de folha de alumínio recolhidos de invólucros de pastilha elástica. Era o tipo de caixa onde se guardam as alianças de casamento, de veludo vermelho-escuro com um fecho minúsculo, que o Jem abriu. Lá dentro estavam duas moedas de um cêntimo, bem limpas e polidas, uma em cima da outra. O Jem estudou-as.

— Cabeças-de-índio — informou-me. — De 1906 e, olha lá, Scout, uma delas é de 1900. São mesmo velhas.

— De 1900 — repeti. — Diz…

— Cala-te um bocado, ‘tou a pensar.

— Jem, achas qu’isto é o esconderijo de alguém?

— Ná, pr’além de nós não há muita gente a passar aqui, a não ser que seja de um crescido…

— Os crescidos não têm esconderijos. Achas que devemos ficar com

elas, Jem?

— Não sei o que fazer, Scout. A quem é que as devolvíamos? Sei de certeza que ninguém passa por aqui. O Cecil vai pela rua de trás e dá a volta à cidade pra chegar a casa.

O Cecil Jacobs, que vivia na outra ponta da nossa rua, ao lado dos correios, caminhava um total de um quilómetro e meio nos dias de escola para evitar o Casal do Radley e a velha Mrs. Henry Lafayette Dubose, que vivia na nossa rua, duas casas acima. A vizinhança era unânime em como Mrs. Dubose era a pessoa mais ruim que alguma vez viveu. O Jem não passava por casa dela sem o Atticus a seu lado.

— Então, o que é qu'achas que fazemos, Jem?

Achado não é roubado. Colher uma ou outra camélia, beber um esguicho de leite morno da vaca de Miss Maudie Atkinson num dia de verão, colher umas uvas de uma pessoa qualquer fazia parte da nossa cultura ética, mas com dinheiro era diferente.

— Já sei — disse o Jem. — Ficamos com elas até começar a escola e depois perguntamos a todos se são deles. Talvez sejam pro autocarro de um miúdo qualquer, era capaz de 'tar ansioso por sair da escola hoje e esqueceu-se delas. Só sei que são de alguém. Vês como lhes puxaram o lustre? Foram bem conservadas.

— Pois, mas por que razão havia alguém de guardar pastilha elástica assim? Sabes que não dura.

— Não sei, Scout, mas estas moedas são importantes pra alguém.

— Como é que é isso, Jem?

— Bom, as Cabeças-de-índio, bom, vêm dos índios. São uma magia bem forte, trazem-te boa sorte. Não é como galinha frita quando não estás à espera, mas assim coisas como uma vida longa e boa saúde e passar nos testes do fim do período… são mesmo valiosas pra alguém. Vou guardá-las no meu baú.

Antes de ir para o quarto, o Jem olhou muito tempo para a casa do Radley e parecia estar outra vez a pensar.

Dois dias depois chegou o Dill, todo inchado: viajara de comboio sozinho desde Meridian até ao ramal de Maycomb (uma designação de cortesia, o ramal de Maycomb ficava no condado de Abbot), onde Miss Rachel o fora buscar no único táxi de Maycomb. Jantara no vagão-restaurante, vira dois gémeos ligados um ao outro sair do comboio em

Bay St. Louis e insistiu na história apesar das nossas ameaças. Largara os horríveis calções azuis abotoados às camisas e usava agora calças curtas como devia ser, com cinto. Estava um pouco mais gordo, mas não crescera muito e disse que vira o pai. O pai do Dill era mais alto que o nosso, tinha uma barba negra (pontiaguda) e era presidente da companhia de caminho de ferro L&N.

— Até ajudei o maquinista durante um bocado — informou-nos a bocejar.

— Pois ‘tá claro, e a mim cresceram-me asas, Dill. Cala-te lá — disse o Jem. — A que é que vamos brincar hoje?

— Ao Tom, ao Sam e ao Dick — propôs o Dill. — Vamos lá prá frente. — O Dill queria brincar aos Rover Boys porque havia três papéis a sério. Estava claramente farto de ser o nosso ator secundário.

— Já ‘tou cansada deles — queixei-me. Estava cansada de fazer de Tom Rover, que perdia de súbito a memória no meio de um filme e desaparecia do argumento até ao fim, quando o encontravam no Alasca.

— Inventa lá um, Jem — pedi.

— Estou cansado de inventar histórias.

Eram os nossos primeiros dias de liberdade e já estávamos cansados. Pensei no que é que o verão nos traria.

Tínhamos ido até ao jardim, onde o Dill se postou a olhar pela rua abaixo para o aspeto desolador do Casal do Radley. — Cheira-me… a… morte. A sério, cheira — insistiu ele, quando o mandei calar.

— Queres dizer que quando alguém ‘tá a morrer, consegues cheirá-lo?

— Não, quero dizer que consigo cheirar uma pessoa e dizer se vai morrer. Foi uma velhota que me ensinou. — O Dill inclinou-se para a frente e cheirou-me. — Jean Louise Finch, vais morrer daqui a três dias.

— Dill, se não te calas, levas tantas que te parto as pernas. Olha que ‘tou a falar a sério.

— Pois, cala-te — resmungou o Jem —, até parece qu’acreditas em assombrações.

— E até parece que tu não — disse eu.

— Que história é essa das assombrações? — perguntou o Dill.

— Nunca foste a andar por uma estrada deserta à noite e passaste por um lugar quente? — perguntou-lhe o Jem. — Uma assombração é

alguém que não consegue chegar ao céu, anda perdido em caminhos desertos e, se passares pelo meio dele, quando morreres também ficas assombrado e andas à noite a sugar o ar às pessoas…

— E como é que consegues não passar através duma?

— Não consegues — garantiu o Jem. — Às vezes estendem-se a toda a largura da estrada, mas se tiveres mesmo de passar por uma, dizes: Arrenego-te, volta pra trás, credo, cruz, santo nome de Jesus.

— Não acredites em nada do que ele diz, Dill — avisei eu. — A Calpurnia diz qu'isso é conversa de pretos.

O Jem mirou-me de cenho franzido, mas perguntou: — Bom, vamos brincar ou não?

— Vamos rebolar no pneu — sugeri.

O Jem suspirou. — Sabes bem que 'tou demasiado grande.

— Podes empurrar.

Corri para o pátio das traseiras, puxei um velho pneu de automóvel de debaixo da casa e rolei-o até à frente. — Eu vou primeiro — declarei.

O Dill disse que ele é que devia ir primeiro, acabara de chegar.

O Jem arbitrou, premiou-me com o primeiro empurrão mas deu mais tempo ao Dill, e eu dobrei-me dentro do pneu.

Até a coisa acontecer, eu não percebera que o Jem estava ofendido por eu o ter contradito sobre as assombrações e que estava pacientemente à espera de uma oportunidade para me retribuir. E foi isso que fez, empurrando o pneu pelo passeio abaixo com toda a força do seu corpo. O chão, o céu e as casas fundiram-se numa paleta louca, os meus ouvidos latejavam e sentia-me a sufocar. Não conseguia estender as mãos para parar, pois estavam entaladas entre o peito e os joelhos. Restava-me ter esperança de que o Jem corresse mais que o pneu comigo lá dentro ou que uma topada no passeio me fizesse parar. Ouvia-o atrás de mim, a correr e a gritar.

O pneu ressaltou no cascalho, resvalou pela rua, embateu numa barreira e cuspiu-me como uma rolha para a estrada. Tonta e agoniada, fiquei deitada no cimento a sossegar a cabeça e a bater nos ouvidos para que se calassem. Ouvi, então, a voz do Jem: — Scout, afasta-te daí, vá lá!

Ergui a cabeça e dei de caras com os degraus do Casal do Radley mesmo na minha frente. Fiquei imóvel.

— Vá lá, Scout, não fiques aí parada! — O Jem gritava. — Levanta-te, estás a ouvir?

Pus-me de pé a tremer e comecei a descontrair-me.

— Agarra o pneu! — berrava o Jem. — Trá-lo contigo! Perdeste a cabeça?

Quando me senti capaz de funcionar, corri para eles tão depressa quanto as pernas a tremer me levaram.

— Por que raio não o trouxeste? — gritou o Jem.

— Vai lá buscá-lo tu! — berrei.

O Jem ficou em silêncio.

— Vá lá, não ‘tá lá muito dentro do portão. Então, tu até tocaste na casa uma vez, lembras-te?

O Jem mirou-me, furioso, não teve como recusar, correu pelo passeio, hesitou junto ao portão, deu uma corrida e foi buscar o pneu.

— ‘Tás a ver? — Franzia o sobrolho, triunfante. — Não custou nada. Caramba, Scout, às vezes és mesmo medricas, até parece vergonha.

Ele nem fazia ideia do que estava a dizer, mas eu decidi ficar calada.

A Calpurnia apareceu à porta da frente e gritou: — Hora da limonada! Toca a sair desse escaldão qu‘inda ficam fritos! — A limonada a meio da manhã era um ritual do verão. A Calpurnia pousou um jarro e três copos no alpendre e foi à vida dela. Eu não estava lá muito preocupada por ter caído em desgraça com o Jem, a limonada ia devolver-lhe a boa disposição.

Ele bebeu o segundo copo de um trago e deu uma palmada no peito. — Já sei ao qu’é que vamos brincar — anunciou. — Uma coisa nova, uma coisa diferente.

— A quê? — perguntou o Dill.

— Ao Boo Radley.

Às vezes, a cabeça do Jem era transparente: inventara aquilo para me fazer compreender que não tinha medo nenhum do Radley, para fazer contrastar o seu próprio heroísmo destemido com a minha cobardia.

— Ao Boo Radley? Como? — quis saber o Dill.

O Jem disse: — Scout, tu podes ser Mrs. Radley…

— Eu cá é que decido. Acho que não…

— Qu’é que foi? — perguntou o Dill. — ‘Inda ‘tás com medo?

— Ele pode sair à noite quando ‘tivermos todos a dormir… — lembrei eu.

O Jem resfolegou. — Scout, como é qu’ele vai saber o que andamos a fazer? Pr’além disso, acho qu’ele já não ‘tá ali. Morreu há anos e enfiaram-no pela chaminé acima.

— Jem, eu e tu podemos brincar, e a Scout pode ficar a ver, se tiver medo — propôs o Dill.

Eu tinha quase a certeza de que o Boo Radley estava dentro daquela casa, mas não o podia provar e achei melhor ficar de boca calada ou acusavam-me de acreditar em assombrações, um fenómeno a que era imune durante o dia.

O Jem distribuiu os papéis: eu era Mrs. Radley e só tinha de sair e varrer o alpendre. O Dill era o velho Mr. Radley: andava no passeio para cima e para baixo e tossia quando o Jem falava com ele. O Jem era obviamente o Boo: metia-se debaixo dos degraus da frente e guinchava e uivava de vez em quando.

À medida que o verão avançava, o mesmo se passava com a nossa brincadeira. Refinámo-la e aperfeiçoámo-la, acrescentámos diálogos e ação até termos criado uma pequena peça, na qual introduzíamos alterações todos os dias.

O Dill era o vilão dos vilões: conseguia entrar na pele de qualquer personagem que lhe coubesse e até era capaz de parecer alto, se a altura fizesse parte da maldade em questão. Até a sua pior representação, nos papéis mais sinistros, era excelente. Eu representava de má vontade papéis variados de senhoras que entravam no argumento. Nunca os achei tão divertidos como fazer de Tarzan e, assim, nesse verão, representei com bastante ansiedade, apesar de o Jem me garantir que o Boo Radley estava morto e nada me aconteceria, com ele e a Calpurnia presentes durante o dia e o Atticus em casa à noite.

O Jem era um herói nato.

A peça era um dramazinho melodramático, tecido de pedaços de mexericos e historietas da vizinhança: Mrs. Radley fora linda até casar com Mr. Radley e perder todo o seu dinheiro. Também perdeu os dentes quase todos, o cabelo e o indicador da mão direita. (Isto foi uma contribuição do Dill. O Boo arrancou-lho à dentada certa noite em que

não conseguiu arranjar nem gatos nem esquilos para comer.) Ela ficava sentada na sala quase sempre a chorar, enquanto o Boo desfazia toda a mobília da casa.

Nós os três éramos os miúdos que estavam sempre a meter-se em sarilhos. Para variar, eu fazia de juiz testamenteiro; o Dill levava o Jem e enfiava-o debaixo dos degraus, espetando-o com o cabo da vassoura. O Jem reaparecia, conforme era necessário, na pele do xerife, de diversos habitantes da cidade e de Miss Stephanie Crawford, que sabia mais sobre os Radleys que qualquer outra pessoa de Maycomb.

Quando chegava a altura de representar a grande cena do Boo, o Jem entrava em casa às escondidas, roubava a tesoura da gaveta da máquina de costura quando a Calpurnia virava as costas, e depois sentava-se no baloiço e recortava os jornais. O Dill passava por ali, tossia para o Jem, e ele fingia atirar-se de mergulho à coxa do Dill. Da minha posição parecia muito real.

Quando Mr. Nathan Radley passava por nós na sua deslocação diária à cidade, nós ficávamos imóveis até ele desaparecer e depois interrogávamo-nos sobre o que ele pensaria se suspeitasse. As nossas atividades interrompiam-se quando aparecia um dos vizinhos e, certa vez, vi Miss Maudie Atkinson a mirar-nos do outro lado da rua, a tesoura de jardinagem imobilizada no ar.

Um dia, estávamos tão entretidos a representar o capítulo XXV do Livro II de *One Man´s Family*[12] que não vimos o Atticus parado no passeio a olhar para nós e a bater com uma revista enrolada contra o joelho. O Sol dizia que era meio-dia.

— A que é que estão a brincar? — perguntou.

— A nada — respondeu o Jem.

A evasiva dele disse-me que a nossa brincadeira era secreta, por isso fiquei calada.

— Então, o que é que estão a fazer com essa tesoura? Por que razão é que estão a rasgar jornais? Se for o de hoje, dou-vos uma coça.

— Nada.

— Nada o quê? — perguntou o Atticus.

— Nada, pai.

— Deem-me cá essa tesoura — pediu ele. — Não se deve brincar

com estas coisas. Isto terá por acaso alguma coisa a ver com os Radleys?

— Não, senhor — disse o Jem a corar.

— Espero bem que não — retorquiu o pai num tom seco e entrou em casa.

— J-em…

— Cala-te! Ele foi para a sala, lá de dentro consegue ouvir-nos aqui.

No pátio, já em segurança, o Dill perguntou ao Jem se podíamos continuar a brincar.

— Não sei. O Atticus não disse que não podíamos…

— Jem — interrompi eu —, acho que o Atticus sabe na mesma.

— Não, não sabe nada. Se soubesse, dizia.

Eu não tinha tanta certeza, mas o Jem disse-me que eu estava a ser mariquinhas, que as raparigas andavam sempre a imaginar coisas e que era por isso que as outras pessoas as odiavam tanto, e que se eu começasse a portar-me assim podia era pôr-me a andar e arranjar outros miúdos com quem brincar.

— Muito bem, então continua — disse eu. — E vais ver.

A chegada do Atticus foi a segunda razão que me fez querer parar com a brincadeira. A primeira aconteceu no dia em que rolei para dentro do pátio dos Radleys. Enquanto abanava a cabeça, controlava as náuseas e o Jem gritava, ouvi outro som, tão baixo que não o podia ter ouvido do passeio. Dentro da casa, estava alguém a rir-se.

5

Tanto atazanei o Jem que acabei por levar a melhor e, tal como antecipava e para meu alívio, pusemos um travão à nossa brincadeira por um tempo. Ele continuava a insistir que o Atticus não nos tinha realmente proibido, portanto podíamos continuar a fazê-lo; e se dissesse que não, o Jem engendrara uma maneira de rodear a questão: alterava os nomes das personagens, e assim não podíamos ser acusados de estar a representar o que quer que fosse.

O Dill concordava entusiasticamente com este plano de ação. De qualquer modo, o Dill estava a tornar-se um chato, sempre atrás do Jem. No início do verão, tinha-me pedido em casamento, mas em breve se

esqueceu de que o tinha feito. Pôs-me sob vigilância apertada, marcou-me como se fosse propriedade sua, declarou que eu era a única rapariga de quem alguma vez gostaria e depois deixou-me ao abandono. Bati-lhe duas vezes, mas não serviu de nada, pois isso apenas o fez aproximar-se mais do Jem. Passavam os dias juntos na casa da árvore a conspirar, chamando-me apenas quando precisavam de um terceiro elemento para o grupo. Contudo, mantive-me afastada dos seus esquemas mais estouvados e, sob pena de ser apelidada de medricas, passei a maioria dos crepúsculos desse verão com Miss Maudie Atkinson, sentada no seu alpendre.

Eu e o Jem sempre gozámos de entrada livre no jardim de Miss Maudie, desde que nos mantivéssemos longe das suas azáleas, mas o nosso convívio não tinha regras bem estabelecidas. Até o Jem e o Dill me excluírem dos seus planos, ela não passava de uma entre outras senhoras da vizinhança, sendo embora uma presença benévola e amigável.

Mantínhamos com ela um acordo tácito que nos permitia brincar no seu relvado, comer das suas uvas, se não saltássemos para a latada, e explorar o vasto terreno das traseiras. Achávamos os termos do acordo tão generosos que raras eram as vezes em que conversávamos com ela, tantos eram os cuidados que tínhamos em preservar o equilíbrio já em si delicado das nossas relações. O comportamento do Jem e do Dill, porém, fez-me aproximar dela.

Miss Maudie odiava a casa em que vivia: o tempo passado dentro dela era tempo perdido. Viúva, era um verdadeiro camaleão, que trabalhava nos seus canteiros numas jardineiras de homem e um velho chapéu de palha, mas que, depois do banho das cinco da tarde, fazia a sua entrada no alpendre e daí dominava a rua, qual rainha, na sua beleza majestática.

Amava tudo o que nascia na terra criada por Deus, até a erva daninha. Com uma única exceção. Se encontrasse uma folha longa e estreita de junça no pátio, desencadeava uma ofensiva equivalente à Segunda Batalha do Marne[13]: investia, munida de um alguidar de zinco, e atacava-a por baixo com uma substância venenosa que dizia ser tão potente que nos mataria a todos se não nos fôssemos embora.

— Porqu'é que não a arranca da terra? — inquiri, depois de ter presenciado uma longa campanha contra uma folha que não chegava aos sete centímetros de altura.

— Arrancá-la, filha, arrancá-la? — Pegou no rebento murcho e esfregou o polegar no caule minúsculo. De lá saíram grãos microscópicos. — Ora, um rebento de junça pode dar cabo dum quintal. Olha lá aqui. Quando chega o outono, isto seca, e o vento espalha-o pelo condado inteiro! — A sua expressão deixava transparecer que um acontecimento desses seria como as pragas narradas no Velho Testamento.

Para uma habitante de Maycomb, Miss Maudie tinha um discurso claro. Chamava-nos pelo nome completo e, quando esboçava um sorriso aberto, mostrava dois ganchos de ouro presos aos caninos. Quando os admirei, esperando um dia vir a ter algo de semelhante, ela disse: «Olha lá», e com um clique da língua, desencaixou a dentadura, um gesto de cordialidade que cimentou a nossa amizade.

A sua benevolência estendia-se ao Jem e ao Dill, sempre que faziam uma pausa nas suas atividades: começámos assim a beneficiar das vantagens de um talento que Miss Maudie nos escondera até então. Fazia os melhores bolos da vizinhança. A partir do momento em que foi aceite no nosso círculo íntimo, sempre que os cozia, fazia um bolo grande e três pequenos, e chamava-nos do outro lado da rua: «Jem Finch, Scout Finch, Charles Baker Harris, venham cá!» A nossa prontidão era sempre recompensada.

Durante o verão, os crepúsculos são sempre longos e sossegados. Eu e Miss Maudie sentávamo-nos amiúde no seu alpendre, a presenciar o céu passar de amarelo a cor-de-rosa enquanto o sol se punha, a ver as andorinhas-dos-beirais a voarem baixinho sobre as casas da vizinhança e a desaparecerem atrás dos telhados da escola.

— Miss Maudie — interpelei-a um desses finais de tarde —, acha que o Boo Radley ainda está vivo?

— O nome dele é Arthur e, sim, está vivo — retorquiu, balançando-se lentamente na grande cadeira de carvalho. — Sentes o cheiro da minha mimosa? Parece o sopro dos anjos, esta noite.

— Sim, s'nhora. Como é que sabe?

— Sei o quê, filha?

— Que o B... que Mr. Arthur ainda está vivo?

— Mas que pergunta mórbida. Mas suponho que o assunto é mórbido. Sei que está vivo, Jean Louise, porque ainda não o vi ser levado.

— Talvez ele tenha morrido e o tenham enfiado pela chaminé acima.

— De onde é que te veio essa ideia?

— Foi o qu'o Jem disse que eles devem ter feito.

— Tsss. Cada dia que passa está a ficar mais parecido com o Jack Finch.

Miss Maudie conhecia o tio Jack Finch, o irmão do Atticus, desde criança. Quase da mesma idade, haviam crescido juntos na Plantação Finch. Ela era filha do Dr. Frank Buford, que era dono de uma propriedade vizinha. Era médico de profissão, mas a sua obsessão era tudo o que viesse da terra e, assim, ficou pobre. O tio Jack Finch restringiu a sua paixão por cavar a terra às floreiras das suas janelas em Nashville e ficou rico. Todos os natais víamos o tio Jack, e, todos os natais, ele gritava para o outro lado da rua para Miss Maudie se casar com ele, ao que ela retorquia: «Fala mais alto, Jack Finch, e eles ouvem-te nos correios, que eu ainda não te ouvi!» Eu e o Jem achávamos que era uma maneira estranha de pedir a mão de uma senhora, mas, de todas as formas, o tio Jack era bastante estranho. Ele explicou que andava a tentar bulir com os nervos de Miss Maudie, que havia quarenta anos que o fazia sem qualquer sucesso, que ele seria a última pessoa do mundo com quem ela pensaria casar-se, mas a primeira em quem pensava para arreliar. Considerava que a melhor defesa era uma irreverência fogosa — tudo coisas que nós compreendemos perfeitamente.

— O Arthur Radley limita-se a permanecer em casa, é só isso — acrescentou. — Vocês não ficariam em casa se não vos apetecesse sair?

— Sim, s'nhora, mas eu havia de gostar de sair. Porqu'é que ele não gosta?

Os olhos semicerraram-se-lhe, e ela declarou: — Conheces a história tão bem como eu.

— Mas nunca soube porquê. Nunca me contaram.

Miss Maudie ajustou a dentadura. — Sabes que o velho Mr. Radley era um batista primitivo, daqueles da velha guarda, muito devoto e

rigoroso na sua crença...

— É o qu'a s'nhora é, não é?

— Não sou assim tão rígida, filha, sou apenas batista.

— Mas não praticam todos o lava-pés[14]?

— Praticamos, sim, na banheira.

— Mas nós não podemos comungar convosco...

Aparentemente, Miss Maudie decidiu que era mais fácil definir os batistas primitivos que a comunhão fechada, continuando: — Os praticantes do lava-pés acreditam que qualquer atividade que envolve prazer é pecado. Sabias que uma vez, num sábado, alguns vieram dos bosques e passaram aqui à frente de casa e disseram que eu e as minhas flores íamos para o inferno?

— As flores também?

— Sim, senhora. Ardiam no inferno juntamente comigo. Acharam que eu passava tempo a mais ao ar livre e tempo a menos dentro de casa a ler a Bíblia.

A confiança que eu depositava nos Evangelhos que me eram ensinados do púlpito apequenou-se, face à visão de Miss Maudie a arder para todo o sempre em diversos infernos protestantes. Era bem certo que era dotada de uma língua mordaz e que não andava pela vizinhança a praticar o bem, como fazia Miss Stephanie Crawford. Contudo, eu e o Jem tínhamos fé em Miss Maudie, pese embora ninguém com um pouco de juízo confiasse em Miss Stephanie. É que Miss Maudie nunca havia feito queixa de nós, nunca tinha brincado ao gato e ao rato connosco e não tinha o mínimo interesse na nossa vida privada. Era nossa amiga. Como era possível que uma criatura tão razoável corresse risco de suplício eterno era incompreensível.

— Isso não 'tá certo, Miss Maudie. É a melhor senhora que eu conheço.

Ela sorriu. — Muito obrigada, minha senhora. O problema é que estes batistas do lava-pés acham que as mulheres são, por definição, pecado. Fazem uma interpretação literal da Bíblia, estás a ver?

— É por isso que Mr. Arthur 'tá sempre em casa, pra fugir das mulheres?

— Não faço ideia.

— Não faz sentido. Parece-me que, se ele desejasse ir pro céu, devia ao menos vir até ao alpendre. O Atticus diz que as pessoas que são tementes a Deus como a senhora...

Miss Maudie parou de baloiçar, e a voz endureceu-lhe: — És demasiado nova para entender — proferiu —, mas às vezes a Bíblia nas mãos de um homem é mais perigosa que uma garrafa de uísque nas mãos de... oh, do teu pai.

Fiquei estupefacta. — O Atticus não bebe uísque — declarei. — Nunca bebeu uma gota na vida... Não, s'nhora, bebeu, sim, ele disse que uma vez experimentou e não gostou.

Miss Maudie deu uma gargalhada. — Eu não estava a falar do teu pai — explicou ela. — O que queria dizer é que, se o Atticus Finch bebesse até ficar embriagado, não seria tão duro como alguns homens são no seu melhor. É que há alguns tipos de pessoas que... que andam tão ocupados a preocupar-se com o outro mundo que nunca aprenderam a viver neste, e podes ver as consequências por aí, na rua.

— Acha que são verdade, todas as coisas que se dizem do B..., de Mr. Arthur?

— Que coisas?

Eu contei-lhe.

— Tudo isso vem das pessoas de cor, umas três partes, e uma parte da Stephanie Crawford — comentou Miss Maudie sombriamente. — Uma vez a Stephanie até me disse que acordou no meio da noite e o viu a olhar para ela pela janela. E eu disse-lhe: «E o que é que fizeste, Stephanie? Chegaste-te para o outro lado e arranjaste-lhe lugar na cama?» Isto fê-la calar-se por uns tempos.

Aposto que sim. A voz de Miss Maudie era o bastante para calar qualquer um.

— Não, filha — continuou —, aquela é uma casa triste. Lembro-me do Arthur Radley quando era miúdo. Sempre foi simpático comigo, independentemente do que as pessoas diziam que ele fazia. Era o mais simpático que sabia ser.

— Acha qu'ele é maluco?

Miss Maudie abanou a cabeça. — Se não era, agora já deve estar. Nunca sabemos bem o que acontece às pessoas. O que sucede dentro de portas, que segredos...

— O Atticus nunca faz nada a mim ou ao Jem dentro de casa que não faça no pátio — declarei, sentindo-me no dever de defender o meu progenitor.

— Minha querida, eu estava a desfiar um novelo, nem sequer estava a pensar no teu pai, mas, agora que estou, vou dizer-te o seguinte: o Atticus Finch é igual dentro da sua casa e cá fora, na rua. E que tal um bocado de bolo acabado de fazer para levares para casa?

Gostei muito do bolo.

Na manhã seguinte, quando acordei, fui dar com o Jem e o Dill no pátio das traseiras, embrenhados na conversa. Quando me juntei a eles, disseram para me ir embora como de costume.

— Não vou. O quintal é tanto meu como teu, Jem Finch. Tenho tanto direito de brincar aqui como tu.

Após uma curta conferência entre ambos, o Dill e o Jem viraram-se para mim. — Se ficas, tens de fazer aquilo qu'a gente disser — avisou o Dill.

— Olha, olha — exclamei —, como ele 'tá, todo convencido, assim de repente!

— Se não disseres que fazes o que te dissermos, não te contamos nada — continuou o Dill.

— Falas como se tivesses crescido dois palmos durante a noite! Está bem, o que é?

O Jem anunciou com placidez: — Vamos entregar uma nota escrita ao Boo Radley.

— Mas como? — perguntei, tentando dominar o terror que automaticamente me invadiu. Miss Maudie podia falar à vontade: velha e confortavelmente instalada no seu alpendre. Connosco era diferente.

O Jem ia simplesmente colocar uma nota numa cana de pesca e enfiá-la através das portadas. Se aparecesse alguém, o Dill tocava uma campainha.

O Dill ergueu a mão direita, mostrando a campainha em prata da sala de jantar, que tinha pertencido à minha mãe.

— Vou à volta pelo lado da casa — explicou o Jem. — Ontem estivemos a ver do outro lado da rua, e há uma portada que está solta. Acho que, pelo menos, consigo deixá-la no parapeito.

— Jem...

— Agora ‘tás metida nisto e não podes desistir, vais ter de ficar, minha sabichona.

— *OK*, *OK*, mas não quero ficar a ver. Jem, estava alguém...

— Vais, sim senhor, vais ficar à coca na parte de trás do terreno, e o Dill vai vigiar a frente da casa e a rua, e toca se vier alguém. Percebido?

— Vá, ‘tá bem. O qu’é que escreveste?

Foi o Dill que respondeu: — Pedimos-lhe muito delicadamente para vir cá fora de vez em quando e para dizer o que faz lá dentro; e dissemos que não lhe fazemos mal e que lhe compramos um gelado.

— Vocês ‘tão malucos, ele vai matar-nos!

O Dill continuou: — A ideia foi minha. Acho que s’ele vier cá fora e se sentar um bocado connosco, vai sentir-se melhor.

— Com’é que sabes que não se sente bem?

— Então, com’é que te sentias se ‘tivesses fechada há cem anos sem nada pra comer a não ser gatos? Aposto que tem uma barba até aqui...

— Como o teu pai?

— Ele não tem barba, ele... — Dill deteve-se, como se estivesse a tentar lembrar-se.

— Ah, ah, apanhei-te — disse eu. — Mal saíste do comboio, contaste qu’o teu pai tinha uma barba preta...

— Se queres saber, ele rapou-a no verão passado! Sim, s’nhora, e tenho uma carta pra provar; e ele tam’ém me mandou dois dólares!

— Vá, continua, se calhar até te mandou um uniforme da polícia montada! Que nunca apareceu, não foi? ‘Tás sempre a inventar, meu filho...

O Dill Harris sabia contar as maiores mentiras que eu já ouvira. Entre outras coisas, já tinha estado num avião dos correios dezassete vezes, já tinha ido à Nova Escócia, tinha visto um elefante, e o avô, que era o brigadeiro Joe Wheeler[15], tinha-lhe deixado a sua espada.

— Calem-se os dois — ordenou o Jem. Rastejou para debaixo da casa e reapareceu com uma cana de bambu amarelo. — Acham que dá para chegar lá do passeio?

— Quem tem coragem pra entrar no pátio e tocar na casa, não devia usar uma cana de pesca — argumentei. — Porqu’é que não bates à

porta?

— Isto é... diferente — retorquiu o Jem —, quantas vezes é que tenho de repetir?

O Dill tirou um papel do bolso e entregou-o ao Jem. Dirigimo-nos os três, cautelosos, à velha casa. O Dill ficou ao pé do candeeiro da rua junto à esquina da casa, e eu e o Jem fomos pelo passeio lateral. Ultrapassei o meu irmão e postei-me num local de onde conseguia ver a curva.

— Tudo bem — constatei. — Ninguém à vista.

O Jem olhou para o Dill, que acenou com a cabeça.

Então, prendeu o papel à extremidade da cana e estendeu-a através do pátio na direção da janela que tinha escolhido. A cana não era suficientemente comprida, faltavam-lhe alguns centímetros, e o Jem inclinou-se o mais que pôde. Fiquei a vê-lo a fazer tantas tentativas que abandonei o meu posto e fui ter com ele.

— Não consigo tirá-la da cana — murmurou — ou, se conseguir, não consigo que fique lá. Volta prò teu lugar, Scout.

Regressei ao meu posto e olhei pela esquina, espreitando a rua deserta. De vez em quando, observava o Jem, que pacientemente tentava colocar o papel no parapeito da janela. O pedaço de papel esvoaçava até ao chão, e ele espetava-o de novo, tantas vezes que me ocorreu que, se o Boo Radley alguma vez recebesse a nota, não seria capaz de a ler. Estava a vigiar a rua, quando a campainha soou. Encolhi-me e virei-me para enfrentar o Boo Radley e as suas presas ensanguentadas; ao invés, deparei com o Dill a tocar a campainha com toda a força na cara do Atticus.

O Jem pareceu tão consternado que não tive coragem de lhe dizer: «Eu bem te disse.» Acompanhou-nos penosamente, arrastando a cana pelo chão.

O Atticus ordenou: — Para-me essa campainha.

O Dill segurou o badalo, e, no silêncio que se seguiu, desejei que começasse a tocá-la de novo. O Atticus empurrou o chapéu para a nuca e pôs as mãos nas ancas. — Jem — inquiriu —, o que estavas tu a fazer?

— Nada, pai.

— Nem pensar. Conta-me lá.

— Eu ‘tava... ‘távamos só a tentar entregar uma coisa a Mr. Radley.

— E estavam a querer dar-lhe o quê?

— Era só uma carta.

— Deixa-me ver.

O Jem estendeu um pedaço de papel nojento. O Atticus pegou-lhe e tentou lê-lo. — Por que razão querem vocês que Mr. Radley venha cá fora?

O Dill interveio: — Nós pensámos qu’ele talvez gostasse de ‘tar connosco... — Calou-se, esquecido do que ia dizer, quando o Atticus lhe deitou um olhar.

— Filho — começou o nosso pai —, vou dizer-te uma coisa e só ta digo uma vez: deixa de atormentar esse homem. Isto aplica-se a vocês os dois também.

O que Mr. Radley fazia era da sua conta. Se quisesse vir cá fora, viria. Se quisesse ficar dentro da sua própria casa, estava no seu pleno direito, sem ser incomodado por crianças curiosas, o que era um termo muito brando para qualificar miúdos como nós. Seria que nos agradaria que o Atticus nos entrasse pelo quarto dentro sem bater à porta durante a noite? Era o que, de facto, estávamos a fazer. O comportamento de Mr. Radley podia parecer-nos peculiar, mas a ele não. Além do mais, nunca nos ocorrera que a maneira cortês de alguém comunicar com outro ser humano seria pela porta da entrada em vez de uma janela lateral? Por fim, estávamos obrigados a permanecer longe daquela casa até sermos convidados a entrar, estávamos proibidos de brincar a um jogo asinino que ele já nos vira fazer ou de troçar de quem quer que fosse naquela rua ou naquela cidade...

— Não ‘távamos a fazer troça dele, não ‘távamos a rir dele — retorquiu o Jem —, só ‘távamos a...

— Então era isso mesmo que estavam a fazer, não era?

— A fazer troça?

— Não — continuou o Atticus —, a expor a história da sua vida para edificação da vizinhança.

O Jem pareceu exaltar-se um pouco: — Eu não disse que ‘távamos a fazer isso, não disse isso!

O Atticus sorriu secamente. — Acabaste de dizer — declarou. — Parem com este disparate imediatamente, os três.

O Jem ficou a olhar para ele, de boca aberta.

— Queres ser advogado, não é? — De lábios firmes, era como se o nosso pai estivesse a tentar controlar-se.

O Jem decidiu que não valia a pena discutir por uma trivialidade daquelas e quedou-se em silêncio. Quando o Atticus entrou em casa para ir buscar uma pasta de arquivo que se esquecera de levar para o trabalho nessa manhã, o meu irmão apercebeu-se finalmente de que fora derrotado pelo truque mais velho da história da advocacia. Aguardou a uma distância considerável dos degraus da entrada, ficou a ver o Atticus a sair de casa e a encaminhar-se para a cidade. Quando o pai estava demasiado longe para poder ouvi-lo, o Jem gritou-lhe: — Eu pensava que queria ser advogado, mas agora já não tenho tanta certeza!

6

— Sim — disse o nosso pai quando o Jem lhe perguntou se podíamos ir sentar-nos ao pé do lago dos peixes de Miss Rachel com o Dill, uma vez que era a sua última noite em Maycomb. — Despede-te dele por mim e vemo-lo no próximo verão.

Saltámos por cima do muro baixo que separava o jardim de Miss Rachel da nossa entrada. O Jem soltou um assobio a imitar uma codorniz, e o Dill respondeu da escuridão.

— Nem sopra uma brisa — comentou o Jem. — Olha pr’ali.

Apontou para leste, onde uma Lua gigantesca nascia por trás das nogueiras de Miss Maudie. — Até faz com que pareça mais quente.

— Esta noite vê-se a cruz? — perguntou o Dill sem erguer o olhar. Estava a fazer um cigarro com papel de jornal e palha.

— Não, só a senhora. Não acendas essa coisa, Dill, fica a cheirar mal em todo este lado da cidade.

Em Maycomb havia uma senhora na Lua. Estava sentada junto a um toucador a pentear o cabelo.

— Vamos ter saudades tuas, pá — disse eu. — Achas que vale a pena estar com atenção a Mr. Avery?

Mr. Avery alugava um quarto do outro lado da rua, em frente da casa de Mrs. Henry Lafayette Dubose. Para além de pôr uma nota e tirar o troco da salva do peditório todos os domingos, ficava sentado no

alpendre todas as noites até às nove horas a espirrar. Certa noite tivemos o privilégio de assistir a uma exibição sua, que parece ter sido sem dúvida a última, pois nunca mais a repetiu enquanto o observámos. Eu e o Jem íamos a descer os degraus da frente de Miss Rachel uma noite, quando o Dill nos abordou: — Caramba, olhem pr'ali. — E apontou para o outro lado da rua. Ao princípio não vimos nada a não ser o alpendre da frente, coberto por uma parreira, mas uma observação mais atenta revelou um arco de água que descia das folhas e respingava no círculo amarelo da luz do candeeiro da rua, aí uns três metros entre a origem e o chão, ou assim nos pareceu. O Jem disse que Mr. Avery tinha má pontaria, o Dill comentou que ele devia beber cinco litros de água por dia, e a disputa daí resultante para determinar as distâncias relativas e a perícia de cada um só fez com que me sentisse excluída, uma vez que era ignorante nessa matéria.

O Dill espreguiçou-se, bocejou e disse num tom demasiado indiferente: — Já sei, vamos dar um passeio.

Aquilo pareceu-me esquisito. Em Maycomb, ninguém ia simplesmente dar um passeio. — Aonde, Dill?

Ele fez um gesto de cabeça na direção do sul.

— *OK* — concordou o Jem. Quando eu protestei, respondeu-me docemente: — Não precisas de nos acompanhar, anjinha.

— E tu não tens de ir. Lembra-te…

O Jem não gostava nada de pensar em derrotas passadas. Parecia que a única mensagem que recebera do Atticus fora esclarecimentos sobre a arte de contrainterrogar. — Scout, não vamos fazer nada, vamos só até ao candeeiro e voltamos.

Caminhámos em silêncio pelo passeio, escutando o ranger dos baloiços dos alpendres sob o peso dos vizinhos e os murmúrios suaves dos crescidos da nossa rua. De vez em quando ouvíamos Miss Stephanie Crawford a rir-se.

— E então? — perguntou o Dill.

— 'Tá bem — retorquiu o Jem. — Scout, podias ir para casa.

— O qu'é que vocês vão fazer?

O Dill e o Jem iam apenas e só espreitar pela janela que tinha a portada solta para ver se conseguiam avistar o Boo Radley, e se eu não queria ir com eles podia ir já para casa e calar a boquinha e pronto.

— Mas por que diabo esperaram até hoje?

Porque à noite ninguém os conseguia ver, porque o Atticus ia estar tão embrenhado num livro que nem ouviria a chegada do Apocalipse, porque, se o Boo Radley os matasse, perdiam a escola e não as férias, e porque era mais fácil ver para o interior de uma casa escura quando estava escuro e não quando havia luz do dia. Será que eu percebera?

— Jem, *por favor*…

— Scout, vou dizer-te pela última vez, cala a boca e vai pra casa. Garanto por tudo quanto é sagrado que estás cada vez mais mariquinhas!

Perante aquilo, não me restava mais nada a não ser juntar-me a eles. Pensámos que era melhor passar por baixo da vedação de arame nas traseiras do terreno dos Radleys, tínhamos mais hipóteses de não sermos vistos. A vedação cercava uma horta grande e um anexo de madeira estreito.

O Jem levantou o arame do fundo e fez sinal ao Dill para passar por baixo. Eu fui a seguir e segurei no arame para o Jem, que passou à justa. — Nem um pio — sussurrou ele. — E não pisem as couves, por amor de Deus, fazem imenso chinfrim.

A pensar nisto, eu avançava talvez um passo por minuto, mas comecei a andar mais depressa ao ver o Jem mais à frente a fazer-me sinais ao luar. Chegámos ao portão que dividia a horta do pátio das traseiras. O Jem tocou-lhe, e ele rangeu.

— Cospe-lhe — sussurrou o Dill.

— Meteste-nos num sarilho, Jem — resmunguei. — Não vai ser nada fácil sair daqui.

— Chiu. Cospe-lhe, Scout.

Cuspimos até já estarmos secos, e o Jem abriu o portão devagarinho, levantando-o e encostando-o à vedação. Estávamos no pátio de trás.

As traseiras da casa dos Radleys eram ainda menos convidativas que a parte da frente: um alpendre em ruínas corria a toda a largura da casa; havia duas portas e duas janelas às escuras entre elas. Em vez de numa coluna, um dos cantos do telhado apoiava-se numa trave de madeira de cinco por dez. A um canto do alpendre via-se um velho fogão de ferro, acima do qual pendia um cabide de chapéus com um espelho que refletia o luar e lançava um brilho assustador.

— Aggh! — soltou o Jem, erguendo o pé.

— Que foi?

— Galinhas — disse num sopro.

O facto de sermos obrigados a fintar o invisível em todas as direções foi confirmado quando o Dill, que ia à nossa frente, sussurrou «Meu Deus» muito devagar. Avançámos muito lentamente até à parte lateral da casa, chegando à janela da portada pendurada. O parapeito era um bom pedaço mais alto que o Jem.

— Eu dou-te uma mãozinha — resmungou ele para o Dill. — Mas espera lá. — O Jem agarrou no seu pulso esquerdo e no meu direito, eu agarrei no meu esquerdo e no pulso direito dele, agachámo-nos, e o Dill sentou-se na nossa cadeirinha. Erguemo-lo, e ele agarrou o parapeito.

— Despacha-te — sussurrou o Jem —, não aguentamos muito mais.

O Dill bateu-me no ombro, e baixámo-lo até ao chão.

— O que'é que viste?

— Nada. Cortinas. Mas há uma luzinha fraca ao fundo, algures.

— Vamos pirar-nos daqui — murmurou o Jem. — Damos a volta por trás outra vez. — Chiu — avisou-me ele, estava eu prestes a protestar.

— Vamos experimentar as janelas das traseiras.

— Dill, *não* — pedi eu.

O Dill parou e deixou o Jem ir à frente. Quando ele pousou o pé no primeiro degrau, este rangeu. Ele imobilizou-se e depois experimentou o peso a pouco e pouco. O degrau não fez barulho. O Jem saltou dois degraus, pousou o pé no alpendre, soergueu-se e vacilou por um longo momento. Recuperou o equilíbrio e ajoelhou-se. Rastejou até à janela, ergueu a cabeça e espreitou lá para dentro.

Foi então que eu vi a sombra. Era a sombra de um homem com um chapéu. Ao princípio pensei que era uma árvore, mas não soprava vento e os troncos das árvores não se mexiam. O luar banhava o alpendre das traseiras, e a sombra, clara como a água, avançou pelo alpendre, direita ao Jem.

O Dill viu-a logo a seguir e enfiou a cara nas mãos.

O Jem só a viu quando ela o atravessou. Pôs os braços por cima da cabeça e ficou imóvel.

A sombra deteve-se a cerca de trinta centímetros dele. Um braço ergueu-se do corpo, descaiu e ficou quieto. Depois virou-se, voltou para

trás e atravessou o Jem de novo, seguiu ao longo do alpendre e desapareceu pela esquina da casa, voltando para donde viera.

O Jem saltou do alpendre e precipitou-se para nós. Abriu o portão com toda a força, fintou-me a mim e ao Dill e empurrou-nos entre duas fileiras de couves que chiavam. A meio caminho do couval, tropecei. Nesse preciso momento, o estrondo de uma caçadeira arrasou a vizinhança.

O Dill e o Jem mergulharam ao meu lado. A respiração do Jem saía-lhe entrecortada: — A vedação junto ao pátio da escola! Despacha-te, Scout!

O Jem segurou no arame do fundo, e eu e o Dill rebolámos para o outro lado. Íamos a meio caminho do refúgio do carvalho solitário do pátio da escola quando percebemos que o Jem não estava connosco. Corremos para trás e demos com ele a debater-se junto à vedação e a despir as calças para se desprender. Correu até ao carvalho em cuecas.

Em segurança atrás da árvore, ficámos tolhidos, mas a cabeça do Jem pensava a toda a brida. — Temos de voltar pra casa, vão dar p'la nossa falta.

Corremos pelo pátio da escola, rastejámos por baixo da cerca da Pastagem dos Veados por trás da nossa casa, trepámos a nossa vedação de trás e só depois de alcançarmos os degraus é que o Jem nos deixou parar para descansar.

Normalizada a respiração, dirigimo-nos o mais descontraidamente possível para o jardim da frente. Olhámos para o fundo da rua e vimos um grupo de vizinhos junto ao portão da frente dos Radleys.

— É melhor ir até lá — disse o Jem. — Se não formos, vão achar esquisito.

Mr. Nathan Radley encontrava-se do lado de dentro do portão, uma caçadeira aberta sobre o braço. O Atticus estava ao lado de Miss Maudie e de Miss Stephanie Crawford, enquanto Miss Rachel e Mr. Avery esperavam ali perto. Nenhum deles nos viu chegar.

Aproximámo-nos devagar de Miss Maudie, que olhou para o lado. — Onde é que vocês estavam? Não ouviram a barulheira?

— Que aconteceu? — perguntou o Jem.

— Mr. Radley disparou contra um preto no couval.

— Oh! E acertou-lhe?

— Não — disse Miss Stephanie. — Atirou para o ar. Mas deixou-o branco como a cal, diz que se alguém vir por aí um preto branco, é esse. Diz que tem o outro cano carregado à espera do próximo ruído que ouvir no couval e que dessa vez não atira para o alto, seja um cão, um preto ou… Jem *Finch*!!

— Diga?

O Atticus falou então. — Onde estão as tuas calças, filho?

— As calças, pai?

— As calças.

Não valia a pena. Em cuecas ali perante Deus e toda aquela gente. Suspirei.

— Hã… Mr. Finch?

Sob o clarão da luz do candeeiro, eu via o Dill a inventar uma peta: tinha os olhos muito abertos e o rosto gordito de querubim parecia mais redondo.

— Que foi, Dill? — perguntou o Atticus.

— Hã… eu ganhei-lhas — declarou num tom vago.

— Ganhaste-lhas? Como?

O Dill levou a mão à nuca e passou-a depois pela testa. — Estávamos a jogar *strip* póquer lá ao fundo, junto ao lago dos peixes — explicou.

Eu e o Jem descontraímo-nos. Os vizinhos pareciam satisfeitos, pois ficaram todos alerta. Mas afinal o que era *strip* póquer?

Não tivemos, porém, tempo de descobrir. Miss Rachel explodiu como a sirene dos bombeiros: — Santíssimo nome de Deus, Dill Harris! A jogar junto ao meu lago dos peixes? Eu é que te deixo em pelota, meu menino!

O Atticus salvou o Dill de uma mutilação imediata. — Espere um momento, Miss Rachel — disse. — Nunca ouvi dizer que fizessem isto anteriormente. Estavam todos a jogar às cartas?

O Jem entrou na mentira do Dill de olhos fechados: — Não, senhor, só com fósforos.

Admirei o meu irmão. Os fósforos eram perigosos, mas as cartas eram fatais.

— Jem, Scout — pronunciou o Atticus. — Não quero voltar a ouvir mencionar a palavra póquer, seja lá sob que forma for. Passa pela casa do Dill e vai buscar as tuas calças, Jem. Resolvam lá isso entre vocês.

— Não te preocupes, Dill — descansou-o o Jem, enquanto caminhávamos apressadamente pelo passeio. — Ela não te vai fazer nada, ele convence-a. Isso é que foi pensar rápido, pá. Escuta… ‘tás a ouvir?

Parámos e ouvimos a voz do Atticus: — … não é sério… passam todos por isso, Miss Rachel…

O Dill ficou aliviado, mas eu e o Jem não. Havia o problema de o meu irmão exibir umas calças na manhã seguinte.

— Eu cá dava-te umas das minhas — disse o Dill ao chegarmos aos degraus de Miss Rachel. O Jem respondeu que não conseguia meter-se dentro delas, mas que agradecia na mesma. Despedimo-nos, e o Dill entrou. Foi evidente que se lembrou de que estávamos noivos, pois saiu a correr e beijou-me rapidamente na frente do Jem. — Escrevam, ‘tá bem? — gritou, enquanto nos afastávamos.

Mesmo que as calças do Jem estivessem vestidas, a salvo, não teríamos dormido muito. Na minha cama desdobrável no alpendre das traseiras, os sons noturnos que ouvia eram aumentados para o triplo; qualquer arrastar de pés na gravilha era o Boo Radley em busca de vingança; qualquer negro que passava a rir era o Boo Radley à solta, à nossa procura; os insetos que se esborrachavam contra a rede eram os dedos enlouquecidos do Boo Radley a despedaçar o arame; os cinamomos eram malignos, pairando no ar, como um ser vivo. Fui dormitando e acordando até ouvir o Jem murmurar.

— ‘Tás a dormir, Três Olhinhos?[16]

— ´Tás maluco?

— Chiu. O Atticus já apagou a luz.

Ao luar que minguava vi o Jem balançar os pés e pô-los no chão.

— Vou buscá-las — disse-me.

Sentei-me muito direita. — Não podes, não te deixo.

Ele vestia a camisa atabalhoadamente. — Tenho d’ir.

— Vais, e eu acordo o Atticus.

— Tu fazes isso, e eu mato-te.

Obriguei-o a sentar-se ao meu lado na cama e tentei trazê-lo à razão. — Mr. Nathan vai encontrá-las de manhã, Jem. Ele sabe qu’as perdeste. Quando as mostrar ao Atticus vai ser um sarilho e pronto. Volta lá prá

cama.

— Sei isso muito bem — respondeu ele. — Por isso é que as vou buscar.

Comecei a ficar agoniada. Voltar àquele sítio sozinho… Lembrei-me das palavras de Miss Stephanie: Mr. Nathan tinha o outro cano carregado à espera do próximo som que ouvisse, fosse um negro, um cão… O Jem sabia-o melhor que eu.

Estava desesperada. — Olha, Jem, não vale a pena. Uma sova dói, mas depois passa. Vais fazer com que te rebentem a cabeça, Jem. Por favor…

Ele exalou pacientemente. — Eu… é assim, Scout — balbuciou. — Que me lembre, o Atticus nunca me açoitou. Quero que continue assim.

Era uma boa ideia. Parecia que o Atticus nos ameaçava dia sim, dia não. — Queres dizer que nunca t'apanhou a fazer nada.

— Talvez, mas… quero é que as coisas continuem assim, Scout. Não devíamos ter feito aquilo hoje à noite.

Acho que foi neste momento que eu e o Jem nos começámos a afastar. Por vezes eu não o compreendia, mas os meus períodos de desorientação eram de vida curta. Isto ultrapassava-me. — Por favor — implorei —, não podes pensar nisto um bocadinho, ali sozinho naquele lugar…

— Cala-te!

— Não é qu'ele fosse deixar de falar contigo ou coisa assim… Vou acordá-lo, Jem, juro que vou…

O Jem agarrou-me pela gola do pijama e apertou-a bem. — Então, vou contigo… — declarei num sufoco.

— Não vais nada, só ias fazer barulho.

Não valia a pena. Destranquei a porta de trás e segurei-a, enquanto ele descia os degraus de mansinho. Deviam ser duas da manhã. A Lua estava a pôr-se, e as sombras das treliças esmoreciam, formando um nada indistinto. A fralda branca da camisa do Jem subia e descia qual fantasminha que se afastava aos pulos para fugir à manhã que aí vinha. Correu uma brisa leve que me arrefeceu o suor que escorria por mim abaixo.

Ele seguiu pelo caminho de trás, pela Pastagem dos Veados, atravessou o pátio da escola e deu a volta para a vedação, pensei eu;

pelo menos foi para aí que se dirigiu. Ia levar mais tempo, por isso ainda não era preciso preocupar-me. Esperei que essa altura chegasse, à escuta da caçadeira de Mr. Radley. Depois pensei ter ouvido a cerca das traseiras ranger, mas era apenas imaginação minha.

Então, ouvi o Atticus a tossir e sustive a respiração. Por vezes, quando fazíamos uma peregrinação noturna à casa de banho, dávamos com ele a ler. Explicou-nos que acordava frequentemente durante a noite, ia ver como estávamos e lia até voltar a adormecer. Esperei que acendesse a luz, esforçando-me por a ver inundar o corredor de claridade. No entanto, manteve-se apagada, e eu voltei a respirar.

As minhocas tinham-se retirado, mas os frutos maduros do cinamomo batiam no telhado quando o vento soprava ao de leve, e a escuridão era desoladora, acentuada pelo ladrar de cães distantes.

E ali vinha ele, de regresso à minha companhia. A camisa branca moveu-se por cima da vedação das traseiras e foi aumentando de tamanho. O Jem subiu os degraus, trancou a porta atrás de si e sentou-se na cama. Sem pronunciar palavra, ergueu as calças. Deitou-se e, durante um bocado, ouvi a cama a tremer. Em breve, porém, se acalmou, e não voltei a ouvi-lo mexer-se.

7

O Jem ficou mal-humorado e taciturno durante uma semana. Tal como o Atticus me tinha aconselhado, tentei meter-me na pele dele e dar uma volta com ela: se eu tivesse ido ao Casal do Radley sozinha às duas da manhã, o meu funeral teria tido lugar na tarde seguinte. Portanto, deixei o Jem em paz e tentei não o incomodar.

A escola começou. A segunda classe era igualmente má, só que pior que a primeira — continuaram a mostrar cartões e a não nos deixar ler e escrever. Os progressos de Miss Caroline na sala ao lado podiam ser medidos pela frequência das risadas; contudo, o grupo do costume tinha reprovado mais uma vez, e eles ajudavam-na a manter a ordem. A única vantagem desse ano foi ter de ficar até mais tarde tal como o Jem e regressarmos juntos a casa às três da tarde.

Uma vez em que atravessávamos o pátio da escola para ir para casa, o Jem anunciou de repente: — Há uma coisa que não te disse.

Dado que era a sua primeira frase completa em vários dias, encorajei-o: — Sobre o quê?

— Sobre aquela noite.

— Nunca me contaste nada sobre aquela noite — retorqui.

O Jem ignorou as minhas palavras com um gesto de quem afasta um mosquito importuno. Quedou-se em silêncio por uns momentos e depois começou a contar: — Quando fui buscar as calças... ‘tavam todas enredadas quando as despi, não as consegui desprender. Quando lá voltei, estavam dobradas em cima da vedação... como se ‘tivessem à minha espera.

— Em cima...

— E mais uma coisa... — O tom de voz era inexpressivo. — Mostro-te quando chegarmos a casa. Tinham sido remendadas. Não como se tivesse sido uma senhora a coser, uma coisa como se fosse feita por mim. Tudo torto. É quase como se...

— … alguém soubesse qu’as ias buscar.

O Jem estremeceu. — Como s’alguém estivesse a ler o meu pensamento... como se alguém soubesse o qu’eu ia fazer. Ninguém pode dizer o qu’eu vou fazer a não ser que me conheça, pois não, Scout?

A pergunta era um pedido de ajuda. Tranquilizei-o: — Ninguém pode dizer o que vais fazer a não ser que viva na mesma casa que tu, e, mesmo assim, eu, às vezes, não sei.

Estávamos a passar pela nossa árvore. No buraco do tronco, via-se um novelo de cordel cinzento.

— Não o tires, Jem — pedi-lhe. — Isto é o esconderijo d’alguém.

— Não me parece, Scout.

— É, sim s’nhor. Uma pessoa tipo o Walter Cunningham vem aqui todos os intervalos da escola e esconde coisas; e, a seguir, vimos nós e tiramos-lhas. Ouve, deixamo-la lá e esperamos uns dias. Se não desaparecer, levamo-la nessa altura, *OK*?

— *OK*, és capaz de ter razão — aquiesceu o Jem. — Deve ser o sítio secreto de um miúdo qualquer, esconde aqui as suas coisas dos crescidos. É só quando há escola que encontramos coisas.

— Pois é — retorqui —, mas tam’ém nunca passamos por aqui no verão.

Fomos para casa. No dia seguinte, o cordel lá continuava. Quando ainda lá estava ao terceiro dia, o Jem guardou-o no bolso. A partir desse momento, passámos a considerar propriedade nossa tudo o que encontrávamos no nó oco da árvore.

A segunda classe foi deprimente, mas o Jem asseverava que, quanto mais velhos éramos, melhor era a escola, que com ele havia sido a mesma coisa, que só no sexto ano é que se começava a aprender alguma coisa de jeito. O sexto ano pareceu agradar-lhe desde o início: passou por um breve período egípcio que me deixou perplexa, ao tentar andar de uma maneira estranha, com um braço esticado à frente e o outro para trás, enquanto punha um pé atrás do outro. Sustentava que era assim que os egípcios caminhavam; eu contrapus que, a ser verdade, não percebia como conseguiam fazer fosse o que fosse, mas o Jem garantia que eles tinham realizado mais feitos que os americanos, que tinham inventado o papel higiénico e o embalsamamento eterno, e que seria de nós hoje se não o tivessem feito? O Atticus disse-me para eu apagar os adjetivos e que assim ficaria com os factos.

No Sul do Alabama, não existem estações do ano perfeitamente definidas; o verão vai vogando, errante, até ao outono, e, por vezes, o outono nunca é seguido pelo inverno, transformando-se ao invés numa primavera de alguns dias, que se funde num novo verão. Aquele foi um longo outono, que mal dava para vestir um casaco leve. Numa tarde amena de outubro, eu e o Jem seguíamos a nossa rota habitual quando o nosso buraco na árvore nos fez parar mais uma vez. Daquela feita, havia algo branco lá dentro.

O Jem deixou-me fazer as honras da casa, e de lá retirei duas figurinhas esculpidas em sabão, uma delas a imagem de um rapaz, a outra tinha um vestido tosco.

Antes de me lembrar de que o vodu não existia, dei um grito e atirei-as para o chão.

O Jem apanhou-as. — O qu’é que se passa contigo? — gritou e limpou as imagens do pó vermelho. — São boas — comentou. — Nunca vi nenhumas tão boas.

Estendeu-mas. Eram miniaturas de duas crianças, quase perfeitas. O rapaz usava calções, e uma madeixa de cabelo em sabão caía-lhe sobre

as sobrancelhas. Observei o Jem. Uma mecha de cabelo castanho caía a direito desde a risca. Nunca tinha reparado nela antes.

O Jem olhava da boneca para mim. A figurinha usava franja, tal como eu.

— Somos nós — confirmou.

— Quem é qu'as fez? O qu'é que achas?

— Quem é qu'a gente conhece que tenha uma faca de entalhar? — inquiriu ele.

— Mr. Avery.

— Mas ele só apara madeira.

Mr. Avery afiava um pau de lenha do fogão por semana, como se fosse um palito, e mascava-o.

— Há o pretendente de Miss Stephanie Crawford — alvitrei.

— Sim, ele esculpe madeira, mas vive pró sul. Quando é qu'alguma vez ele nos prestou atenção?

— Talvez se sente no alpendre e olhe prà gente em vez de olhar prà Miss Stephanie. Era o que eu fazia, se fosse ele.

O Jem ficou a mirar-me tanto tempo que eu quis saber o que se passava, mas a resposta que me deu foi apenas: «Nada, Scout.» Ao chegarmos a casa, guardou os bonecos na sua arca.

Menos de duas semanas depois, encontrámos uma embalagem inteira de pastilhas elásticas, que ambos apreciámos, pois o Jem esquecera-se por completo de que tudo o que vinha do Casal do Radley era venenoso.

Na semana seguinte, o nó oco da árvore presenteou-nos com uma medalha baça e descolorida. O Jem mostrou-a ao Atticus, que disse tratar-se de um prémio de ortografia, que, antes de termos nascido, o condado de Maycomb tinha concursos de ortografia e dava medalhas aos vencedores. O Atticus disse que alguém a devia ter perdido e inquiriu se havíamos perguntado na vizinhança. O Jem deu-me um pontapé expedito, quando tentei explicar onde a tínhamos encontrado. O Jem quis saber se o Atticus sabia de alguém que tivesse ganho uma, e o Atticus respondeu que não.

O melhor presente apareceu quatro dias mais tarde. Era um relógio de bolso avariado preso a uma corrente com um canivete em alumínio.

— Achas qu'é ouro branco, Jem?

— Não sei. Hei de mostrar ao Atticus.

O nosso pai disse que tudo devia valer dez dólares, com o canivete e a corrente, se fosse novo. — Andaram a trocar coisas na escola? — inquiriu.

— Oh, não! — O Jem puxou do relógio do avô, que o pai o deixava usar uma vez por semana, desde que tivesse muito cuidado com ele. Nos dias em que trazia o relógio, o Jem andava a pisar ovos. — Atticus, se não se importar, eu gostava mais de andar com este. Talvez o consiga consertar.

Quando deixou de ser novidade e andar com o relógio do avô se tornou uma tarefa penosa, o Jem deixou de sentir necessidade de ver as horas a cada cinco minutos.

Fez um belo trabalho e apenas lhe sobraram uma mola e duas peças pequeninas, mas o relógio continuou a não trabalhar. — Ui — suspirou —, nunca vai trabalhar. Scout?

— Sim?

— Achas que devíamos escrever uma carta à pessoa que nos deixa estas coisas?

— Era muito simpático, Jem, podemos agradecer... o que é?

Com as mãos a tapar as orelhas, o Jem abanava a cabeça. — Não percebo, não consigo perceber, não sei porquê, Scout... — Olhou na direção da sala de estar. — Gostava de poder dizer ao Atticus, não, acho que não.

— Eu digo-lhe por ti.

— Não, não faças isso, Scout. Scout?

— O qu'é que foi?

Tinha estado à beira de me dizer qualquer coisa toda a noite; o rosto iluminava-se-lhe e debruçava-se na minha direção, mas depois mudava de opinião. Mudou de ideias mais uma vez. — Não é nada.

— Anda, vamos escrever a carta. — Enfiei-lhe um bloco e um lápis debaixo do nariz.

— *OK*. Caro cavalheiro…

— Com'é que sabes qu'é um homem? Aposto que é Miss Maudie, há muito tempo que acho que é ela.

— Ah, Miss Maudie não pode comer pastilha elástica... — O Jem abriu-se num grande sorriso. — Sabes qu'ela de vez em quando fala

bem. Uma vez, perguntei-lhe se não queria uma pastilha, e ela disse que não, obrigada, que as pastilhas aderiam ao céu da boca e a deixavam sem palavras — disse o Jem com minúcia. — Não soa mesmo bem?

— Soa, ela sabe dizer coisas bonitas às vezes. E também não deve ter um relógio com corrente.

— Caro senhor — começou o Jem —, nós agradecemos o… não, nós agradecemos tudo o que tem posto na árvore para nós. Muito atenciosamente, Jeremy Atticus Finch.

— Ele não vai saber quem tu és se assinas dessa maneira, Jem.

Apagou o seu nome e escreveu «Jem Finch». Eu assinei «Jean Louise Finch (Scout)» por baixo. O Jem enfiou a nota num sobrescrito.

Na manhã seguinte, a caminho da escola, correu à minha frente e parou ao pé da árvore. O Jem tinha o rosto virado para mim quando olhou para cima, e eu o vi empalidecer, branco como a cal.

— *Scout!*

Corri até ele.

Alguém tinha enchido o nó oco da madeira com cimento.

— Não chores, vá, Scout... não chores, não t'apoquentes — foi a murmurar durante todo o caminho para a escola.

Quando viemos a casa para o jantar, o Jem devorou a comida, correu para o alpendre e ali ficou, nos degraus. Segui-o. — Ainda não passou — anunciou.

No dia seguinte, repetiu a sua vigília e foi compensado.

— Boas, Mr. Nathan — cumprimentou o Jem.

— Bom dia, Jem, Scout — retribuiu, ao passar.

— Mr. Radley — interpelou o Jem.

Ele voltou-se.

— Mr. Radley, hã... pôs cimento naquele buraco daquela árvore ali?

— Pus, sim — disse —, tapei-o.

— E porqu'é que o senhor fez isso?

— A árvore está a morrer. Os nós ocos têm de ser tapados quando as árvores estão doentes. Devias saber isso, Jem.

O Jem não falou mais no assunto até ao final da tarde. Quando passámos pela nossa árvore, deu uma palmadinha meditativa no cimento e permaneceu mergulhado nos seus pensamentos. Parecia estar a ficar de mau humor, e eu mantive a distância.

Como de costume, ao fim da tarde, fomos ao encontro do Atticus quando veio do trabalho. Quando chegámos aos degraus da nossa casa, o Jem pediu: — Atticus, olhe para aquela árvore além, por favor.

— Qual, filho?

— Aquela ali no canto do terreno dos Radleys, quando se vem da escola.

— Sim?

— Aquela árvore 'tá a morrer?

— Claro que não, filho, não me parece. Repara nas folhas, estão todas bem verdes e abundantes, sem nenhuma área castanha...

— Nem sequer 'tá doente?

— Aquela árvore está tão saudável como tu, Jem. Porquê?

— Mr. Nathan disse que 'tava a morrer.

— Bom, talvez esteja. Mr. Radley decerto sabe mais sobre as suas próprias árvores que nós.

O Atticus deixou-nos no alpendre. O Jem encostou-se a um pilar, esfregando os ombros nele.

— Tens comichão, Jem? — inquiri o mais cortesmente que sabia. Não me respondeu. — Anda, vamos entrar, Jem — sugeri.

— Já vou.

Ali ficou até que a noite caiu, e eu esperei por ele. Quando entrámos, vi que tinha estado a chorar; tinha o rosto sujo nos locais certos, mas estranhei que não o tivesse ouvido.

8

Por razões insondáveis mesmo para os profetas mais experientes do condado de Maycomb, nesse ano o outono deu efetivamente lugar ao inverno. Segundo o Atticus, tivemos duas semanas do tempo mais frio desde 1885. Mr. Avery disse que estava escrito na Pedra de Roseta que, quando as crianças desobedeciam aos pais, fumavam cigarros e se guerreavam umas às outras, as estações mudavam. Eu e o Jem carregámos a culpa de contribuir para as aberrações da natureza, trazendo desta forma infelicidade aos nossos vizinhos e desconforto a nós próprios.

A velha Mrs. Radley morreu nesse inverno, mas a sua morte mal se fez notar, pois a vizinhança quase não a via, exceto quando regava as canas-da-índia. Eu e o Jem decidimos que o Boo Radley a tinha apanhado por fim, mas quando o Atticus voltou da casa dos Radleys disse-nos, para nosso desapontamento, que ela morrera de causas naturais.

— Pergunta-lhe — murmurou o Jem.

— Pergunta tu, és o mais velho.

— Por isso é que deves ser tu a perguntar.

— Atticus — disse eu —, viu Mr. Arthur?

O Atticus espreitou com ar severo pela margem do jornal. — Não, não vi.

O Jem impediu-me de fazer mais perguntas. Explicou-me que o nosso pai ainda estava irritado connosco por causa dos Radleys e era melhor não o pressionar. O meu irmão pensava que o Atticus acreditava que as nossas atividades naquela noite do verão passado não se tinham limitado ao *strip* póquer. Não tinha uma base sólida que sustentasse a sua ideia, disse que era simplesmente um palpite.

Na manhã seguinte, ao acordar, olhei pela janela e quase morri de medo. Os meus gritos trouxeram o Atticus da casa de banho com a

barba meio feita.

— O mundo está a acabar, Atticus! Por favor, faça alguma coisa! — Arrastei-o até à janela e apontei.

— Não está nada — respondeu ele. — Está a nevar.

O Jem perguntou-lhe se iria continuar. Ele também nunca tinha visto neve, mas sabia o que era. O Atticus respondeu-lhe que sabia tanto sobre neve como ele. — Mas acho que se for assim aguada vai transformar-se em chuva.

O telefone tocou, e o Atticus levantou-se da mesa do pequeno-almoço para ir atender. — Era a Eula May — informou-nos ao voltar. — Passo a citar: «Uma vez que não neva no condado de Maycomb desde 1885, hoje não haverá escola.»

A Eula May era a telefonista-chefe de Maycomb, encarregada de divulgar anúncios públicos, convites de casamento, de fazer tocar a sirene dos bombeiros e de dar instruções de primeiros-socorros quando o Dr. Reynolds estava ausente.

Quando o Atticus nos conseguiu, por fim, meter na ordem e nos mandou olhar para o prato em vez de para fora da janela, o Jem perguntou: — Como é que se faz um boneco de neve?

— Não faço a mínima ideia — respondeu o pai. — Não quero que fiquem desapontados, mas duvido que haja neve suficiente para fazer uma bola que seja.

A Calpurnia entrou e disse que pensava que se ia aguentar. Quando corremos para o pátio das traseiras, vimos que estava coberto de uma leve camada de neve ensopada.

— Não devíamos pisá-la — adiantou o Jem. — Olha, cada passo que dás vai estragá-la.

Olhei para as minhas pegadas moles, e o Jem disse que, se esperássemos até nevar mais, podíamos juntá-la para fazer um boneco de neve. Deitei a língua de fora e apanhei um grande floco. Queimava.

— Jem, está quente!

— Não, não ‘tá nada, ‘tá tão fria que até queima. Agora não te ponhas a comê-la, Scout, estás a desperdiçá-la. Deixa-a cair.

— Mas eu quero andar em cima dela.

— Já sei, podemos ir andar em casa de Miss Maudie. — O Jem atravessou o pátio da frente aos saltos, e eu segui-lhe as pegadas. Ao

chegarmos ao passeio em frente da casa de Miss Maudie, Mr. Avery abordou-nos. Tinha o rosto rosado e uma grande barriga por baixo do cinto.

— Estão a ver o que fizeram?! — exclamou. — Não neva em Maycomb desde Appomattox[17]. São as crianças más como vocês que fazem mudar as estações.

Interroguei-me se ele saberia como o observáramos, esperançados, no verão passado para ver se repetia a sua atuação, e concluí que, se a nossa recompensa era esta, os pecados sempre valiam alguma coisa. Não me perguntei onde é que Mr. Avery ia colher as suas estatísticas meteorológicas: vinham direitinhas da Pedra de Roseta.

— Jem Finch, ei, Jem Finch!

— Miss Maudie está a chamar-te, Jem.

— Deixem-se ficar no meio do jardim. Junto ao alpendre tenho umas armérias enterradas debaixo da neve. Não as pisem!

— Sim, senhora! — garantiu o Jem. — É lindo, não é, Miss Maudie?

— Lindo, uma ova! Se esta noite fizer geada, morrem-me as azáleas todas!

O velho chapéu de palha de Miss Maudie cintilava com cristais de neve. Estava curvada sobre uns arbustos baixos, a tapá-los com sacas de serapilheira. O Jem perguntou-lhe para que estava a fazer aquilo.

— Mantém-nos quentes — explicou ela.

— Como é que as plantas ficam quentes? Não circulam.

— Não posso responder a essa pergunta, Jem Finch. Só sei que, se esta noite houver geada, estas plantas gelam e, por isso, tapamo-las. Percebeste?

— Sim, senhora. Miss Maudie?

— O que foi, meu menino?

— Eu e a Scout podemos levar uma parte da sua neve?

— Por quem és, leva-a toda! Há um balde velho dos pêssegos por baixo da casa, acartem-na com ele. — Miss Maudie semicerrou os olhos. — Jem Finch, o que é que vais fazer com a minha neve?

— Depois vê — respondeu o Jem. Transferimos toda a neve que pudemos do jardim de Miss Maudie para o nosso, uma operação lamacenta.

— O qu’é que vamos fazer, Jem? — perguntei.

— Já vais ver — retorquiu. — Agora agarra no cesto e acarta toda a neve que conseguires do pátio de trás para a frente. Mas não te esqueças de pisar as tuas pegadas — avisou-me.

— Vamos fazer um bebé de neve, Jem?

— Não, vai ser um boneco a sério. Agora, toca a trabalhar.

O Jem correu para o pátio, foi buscar a enxada e começou a cavar com rapidez atrás da pilha da lenha, pondo de lado todas as minhocas que encontrava. Entrou em casa, voltou com o cesto da roupa suja, encheu-o de terra e levou-o para o pátio da frente.

Quando já tínhamos cinco cestos de terra e dois de neve, ele disse que estávamos prontos a começar.

— Não achas que isto é uma grande porcaria? — perguntei.

— Agora parece, mas depois fica bem — disse ele.

Pegou numa braçada de terra, amontoou-a e achatou-a e depois acrescentou outra camada e mais outra, até ter construído um busto.

— Jem, nunca ouvi falar de um boneco de neve preto — comentei.

— Não fica preto por muito tempo — resmungou.

Arranjou uns ramos finos de pessegueiro no pátio, entrançou-os e dobrou-os como se fossem braços para depois os cobrir de terra.

— Parece Miss Stephanie Crawford com as mãos nas ancas — observei. — Gorda no meio e com uns bracinhos magrinhos.

— Vou fazê-los maiores. — O Jem despejou água por cima do homem de lama e acrescentou mais terra. Mirou-o, pensativo, por um momento, e depois moldou uma grande barriga por baixo da cintura da figura. Olhou-me de relance, os olhos a brilhar: — Mr. Avery tem mais ou menos a forma de um boneco de neve, não tem?

Pegou num bocado de neve e começou a cobri-lo com ela. Só me deixou cobrir a parte de trás, guardando as partes visíveis para ele. A pouco e pouco, Mr. Avery foi ficando branco.

Usando pedacinhos de madeira para os olhos, o nariz e a boca, e botões, o Jem conseguiu dar um ar zangado a Mr. Avery. Um pau de madeira completou a figura. O meu irmão deu um passo atrás e mirou a sua obra.

— Está uma maravilha, Jem — declarei. — Só lhe falta falar.

— É, não é? — perguntou ele, tímido.

Não conseguimos esperar que o Atticus chegasse a casa para jantar e telefonámos a dizer que tínhamos uma grande surpresa para ele. Ele pareceu surpreendido ao ver grande parte do pátio de trás na frente da casa, mas disse que tínhamos feito um trabalho estupendo. — Não sabia como é que o ias fazer — disse para o Jem —, mas a partir de agora nunca mais me preocupo com o que vai ser de ti, filho, hás de ter sempre uma ideia.

As orelhas do Jem ficaram todas vermelhas com o cumprimento do Atticus, mas ergueu bruscamente o olhar ao ver o pai dar um passo atrás. O Atticus mirou o boneco de neve atentamente por um momento. Sorriu e depois riu-se. — Filho, não sei o que vais ser no futuro, se engenheiro, advogado ou pintor de retratos, mas quase provocaste um caso de difamação aqui no pátio da frente. Temos de disfarçar este tipo.

Sugeriu que o Jem mascarasse um pouco a parte dianteira da sua criação, trocasse o pau por uma vassoura e lhe pusesse um avental.

O Jem explicou que, se o fizesse, o boneco de neve ficava lamacento e deixava de ser um boneco de neve.

— Não quero saber como é que vais fazer, desde que faças alguma coisa — declarou o Atticus. — Não podes andar para aí a fazer caricaturas dos vizinhos.

— Não é uma carticatura — insistiu o Jem. — Só que é parecido com ele.

— Talvez Mr. Avery não pense assim.

— Já sei! — exclamou o Jem. Correu até ao outro lado da rua, desapareceu no pátio traseiro de Miss Maudie e voltou com ar triunfante. Enfiou o chapéu de palha na cabeça do boneco e entalou a tesoura de podar na dobra do braço. O Atticus disse que assim estava bem.

Miss Maudie abriu a porta da frente, veio até ao alpendre e olhou para nós. De súbito, sorriu. — Jem Finch — chamou. — Meu diabinho, dá-me já o meu chapéu, menino!

O Jem olhou para o Atticus, que abanou a cabeça. — Ela está só a embirrar — comentou. — Está muito impressionada com o teu… feito.

O Atticus foi até ao passeio de Miss Maudie, onde se embrenharam os dois numa conversa cheia de gestos. A única frase que apanhei foi: «… erigiu um verdadeiro morfodita naquela entrada! Atticus, nunca os hás de educar como deve ser!»

À tarde parou de nevar, a temperatura desceu e, à noitinha, as previsões mais terríveis de Mr. Avery confirmaram-se. A Calpurnia manteve todas as lareiras da casa bem acesas, mas tínhamos frio. Quando o Atticus voltou para casa nessa noite disse que a coisa ia doer e perguntou à Calpurnia se queria dormir em nossa casa. Ela mirou os tetos altos e as grandes janelas e disse que achava que ficava mais quente em sua casa. O Atticus levou-a lá de carro.

Antes de eu ir dormir, o Atticus pôs mais carvão na lareira do meu quarto. Disse que o termómetro marcava nove graus negativos, que era a noite mais fria de que se lembrava e que, lá fora, o nosso boneco de neve estava completamente gelado.

Passados uns minutos, ou assim me pareceu, fui acordada por alguém que me abanava. O sobretudo do Atticus tapava-me toda. — Já é de manhã?

— Querida, levanta-te.

O Atticus estendia-me o roupão e o casaco. — Veste primeiro o roupão — ordenou.

O Jem estava ao lado do pai, tonto e despenteado. Apertava o sobretudo junto ao pescoço e enfiara a outra mão no bolso. Parecia estranhamente obeso.

— Despacha-te, querida — pediu o Atticus. — Tens aqui os sapatos e as meias.

Estupidamente calcei-os. — É de manhã?

— Não, passa um pouco da uma. Despacha-te lá.

Acabei por perceber que havia um problema qualquer. — O que é que se passa?

Nessa altura, já não foi preciso dizer-me. Tal como os pássaros sabem para onde ir quando chove, eu também sabia quando havia algo de errado na nossa rua. Um leve roçagar e o som abafado de gente a correr de um lado para o outro encheram-me de um terror imenso.

— Onde é?

— Na casa de Miss Maudie, querida — disse o Atticus docemente.

Uma vez à porta da frente, vimos labaredas que saíam das janelas da sala. Como que a confirmar o que os nossos olhos testemunhavam, a sirene dos bombeiros da cidade subiu de tom até um registo estridente e assim se manteve, aos guinchos.

— Não se safa, pois não? — gemeu o Jem.

— Acho que não — disse o Atticus. — Agora escutem, os dois. Desçam a rua e fiquem em frente do Casal do Radley. Não atrapalhem, estão a ouvir? Estão a ver para que lado sopra o vento?

— Oh! — exclamou o Jem. — Atticus, acha que devemos começar a tirar a nossa mobília?

— Ainda não, filho. Faz o que te disse. Agora vão. Toma conta da Scout, estás a ouvir? Não a percas de vista.

Com um leve empurrão, o nosso pai fez-nos avançar para o portão da frente dos Radleys. Ficámos ali a ver a rua encher-se de homens e de carros, enquanto o fogo devorava lentamente a casa de Miss Maudie. — Por que raio não se apressam? Apressem-se… — resmungava o Jem.

Então, percebemos porquê. O velho carro dos bombeiros, cujo motor o frio congelara, estava a ser empurrado do centro da cidade por um grande grupo de homens. Quando os homens ligaram a mangueira a uma boca de incêndio, aquela rebentou e a água disparou, derramando-se depois sobre a estrada.

— Oh, meu Deus, Jem…

O Jem passou-me o braço em volta dos ombros. — Chiu, Scout — disse. — Ainda não chegou a hora de nos afligirmos. Eu digo-te quando for.

Os homens de Maycomb, uns mais vestidos que outros, levavam mobília da casa de Miss Maudie para um pátio do outro lado da rua. Vi o Atticus carregar a pesada cadeira de baloiço de carvalho e pensei que era sensato da parte dele salvar o que ela mais apreciava.

Por vezes ouvíamos gritos. Depois, o rosto de Mr. Avery apareceu a uma janela do andar de cima. Arremessou um colchão pela janela e pôs-se a atirar mobília para a rua até os homens gritarem: — Desça daí, Dick! As escadas vão ruir! Saia daí, Mr. Avery!

Ele começou a sair pela janela.

— Scout, ele está entalado… — arfava o Jem. — Oh, meu Deus…

Mr. Avery estava mesmo entalado. Enterrei a cabeça debaixo do braço do Jem e só voltei a olhar quando ele gritou: — Já se soltou, Scout! Ele está bem!

Olhei para cima e vi-o percorrer a varanda do primeiro andar. Passou as pernas pela balaustrada e estava a deslizar por um pilar quando

escorregou. Caiu, gritou e foi embater nos arbustos de Miss Maudie.

De súbito, apercebi-me de que os homens estavam a recuar, descendo a rua na nossa direção. Já não carregavam mobílias. O fogo atingira completamente o segundo andar e consumira tudo até ao telhado: os caixilhos das janelas eram uma moldura preta contra o centro da casa, de um laranja intenso.

— Jem, parece uma abóbora…

— Scout, olha!

Da nossa casa e da de Miss Rachel saía fumo em rolos, como o nevoeiro na margem de um rio, e os homens puxavam as mangueiras na sua direção. Atrás de nós, o carro dos bombeiros de Abbotsville deu a curva a tocar estridentemente e parou defronte da nossa casa.

— Aquele livro… — disse eu.

— O quê? — perguntou o Jem.

— O livro do Tom Swift, não é meu, é do Dill…

— Não te preocupes, Scout, ainda é cedo — garantiu-me o Jem e apontou. — Olha pr'ali.

No meio de um grupo de vizinhos, vi o Atticus com as mãos enfiadas nos bolsos do sobretudo. Podia muito bem estar a assistir a um jogo de futebol. Miss Maudie encontrava-se a seu lado.

— 'Tás a ver, ele ainda não está preocupado — disse o Jem.

— Porque não 'tá ele no cimo de uma das casas?

— É demasiado velho, podia partir o pescoço.

— Achas que devíamos fazê-lo tirar as nossas coisas de casa?

— Não o vamos maçar, ele sabe quando chegar a altura — insistiu o Jem.

O carro dos bombeiros de Abbotsville começou a bombear água para cima da nossa casa; no telhado, um homem apontava para os sítios onde era mais necessária. Fiquei a ver o nosso morfodita perfeito ir enegrecendo e depois desintegrar-se, com o chapéu de Miss Maudie empoleirado no cimo do montão. Não avistei a tesoura de podar. Devido ao calor que emanava da nossa casa, da de Miss Rachel e da de Miss Maudie, os homens tinham há muito despido os casacos e os roupões e trabalhavam com os casacos dos pijamas e as camisas de noite enfiados nas calças. Apercebi-me de que, ali parada, estava lentamente a ficar gelada, e o Jem tentou manter-me quente, mas o seu braço não

era suficiente. Afastei-o e abracei os ombros, dançando um pouco para sentir os pés.

Apareceu outro carro dos bombeiros que parou defronte da casa de Miss Stephanie Crawford. Como não havia boca de incêndio para mais uma mangueira, os homens tentaram ensopar a casa dela com extintores de mão.

O telhado de zinco de Miss Maudie conteve as chamas, e, com um enorme rugido, a casa desmoronou-se. O fogo jorrou para todos os lados, seguido de uma agitação de cobertores da parte dos homens no topo das casas adjacentes, que extinguiam faúlhas e pedaços de madeira a arder.

Já era de madrugada quando os homens começaram a ir-se embora, ao princípio um a um, depois em grupos. Empurraram o carro dos bombeiros de Maycomb de volta à cidade, o de Abbotsville partiu, ficando apenas o terceiro. Descobrimos no dia seguinte que viera de Clark's Ferry, a noventa quilómetros de distância.

Eu e o Jem atravessámos a rua de mansinho. Miss Maudie contemplava o buraco negro fumegante no seu terreno, e o Atticus abanou a cabeça para nos dizer que ela não queria conversas. Levou-nos para casa, segurando-nos pelos ombros para atravessarmos a rua gelada. Disse que, de momento, Miss Maudie ia ficar com Miss Stephanie.

— Alguém quer chocolate quente? — perguntou. Estremeci quando ele ateou o lume no fogão da cozinha.

Enquanto bebíamos o chocolate, reparei que o meu pai me observava, primeiro com curiosidade, depois com um ar sério. — Pensei que tinha dito que tu e o Jem ficassem ali quietos — afirmou.

— Bem, e ficámos. Ficámos…

— Então, de quem é esse cobertor?

— Cobertor?

— Sim, minha senhora, cobertor. Não é nosso.

Olhei para baixo e dei comigo a segurar um cobertor de lã castanho que trazia pelos ombros, à moda dos índios.

— Atticus, não faço ideia, pai… Eu…

Virei-me para o Jem em busca de resposta, mas ele estava ainda mais confuso que eu. Disse que não sabia como fora ali parar, fizéramos

exatamente o que o Atticus nos dissera, permanecendo junto ao portão dos Radleys, afastados de toda a gente, não nos mexemos nem um milímetro… Aí o Jem calou-se.

— Mr. Nathan estava no fogo — balbuciou —, eu vi-o, eu vi-o, estava a arrastar um colchão. Atticus, juro…

— Não faz mal, filho. — E sorriu devagar. — Parece que Maycomb inteira esteve na rua esta noite, de uma forma ou de outra. Jem, há papel de embrulho na despensa, acho eu. Vai buscá-lo, e nós…

— Atticus, não, pai!

Parecia que o Jem perdera a cabeça. Começou a despejar os nossos segredos a torto e a direito, com total desprezo pela minha segurança, já para não falar da dele, sem omitir nada, o nó oco do carvalho, as calças e tudo.

— … Mr. Nathan pôs cimento na árvore, Atticus, e fez isso para nós não podermos encontrar as coisas… é doido, acho eu, como se diz, mas, Atticus, juro por Deus que ele nunca nos magoou, podia ter-me cortado a garganta de uma orelha à outra naquela noite, mas em vez disso tentou remendar-me as calças… ele nunca nos magoou, Atticus…

O nosso pai disse: — Espera aí, filho. — Falou com tanta brandura que eu me senti muito melhor. Era óbvio que não compreendera uma palavra do que o Jem lhe contara, pois tudo o que disse foi: — Tens razão. É melhor não dizer nada e ficar com o cobertor. Talvez um dia a Scout lhe possa agradecer por a ter agasalhado.

— Agradecer a quem? — perguntei.

— Ao Boo Radley. Estavas tão entretida a olhar para o fogo que nem deste por nada quando ele te embrulhou no cobertor.

O meu estômago deu uma volta e quase vomitei, quando o Jem segurou no cobertor e avançou devagar para mim. — Ele saiu de casa às escondidas, deu a volta, aproximou-se em silêncio e fez assim!

O Atticus disse secamente: — Que isto não te inspire a mais atos heroicos, Jeremy.

O Jem ficou de sobrolho franzido. — Não lhe vou fazer nada. — Mas eu vi como a chispa de novas aventuras lhe abandonou o olhar. — Imagina só, Scout — prosseguiu —, se te tivesses virado, terias visto o Boo.

A Calpurnia acordou-nos ao meio-dia. O Atticus dissera que não era

preciso irmos à escola nesse dia, não íamos aprender nada sem termos dormido. A Calpurnia mandou-nos tentar limpar o pátio da frente.

O chapéu de palha estava envolto numa fina camada de gelo, qual mosca presa no âmbar, e tivemos de cavar por baixo da terra para encontrar a tesoura de podar. Fomos encontrar Miss Maudie no pátio das traseiras, a mirar as azáleas, congeladas e carbonizadas.

— Viemos trazer-lhe as suas coisas, Miss Maudie — disse o Jem. — Temos muita pena.

Ela olhou para nós, e uma sombra do seu velho sorriso atravessou-lhe o rosto. — Sempre quis uma casa mais pequena, Jem Finch. Fico com mais jardim. Vê só, agora vou ter mais espaço para as minhas azáleas!

— Não está desgostosa, Miss Maudie? — perguntei, surpreendida. O Atticus dissera que não possuía praticamente mais nada para além da casa.

— Desgostosa, filha? Sabes, odiava aquele velho estábulo. Pensei imensas vezes em pegar-lhe fogo, mas depois internavam-me.

— Mas…

— Não te preocupes comigo, Jean Louise Finch. Há formas de fazer as coisas que tu desconheces. Sabes, vou mandar fazer uma casa pequenina e arranjar dois inquilinos e… meu Deus, vou ter o jardim mais bonito do Alabama. Os de Bellingrath vão parecer uma insignificância assim que eu deitar as mãos ao trabalho!

Eu e o Jem entreolhámo-nos. — Com'é que começou, Miss Maudie? — perguntou ele.

— Não sei, Jem. Provavelmente na chaminé da cozinha. Ontem à noite acendi lá o lume para as plantas envasadas. Ouvi dizer que tiveste uma visita inesperada, Miss Jean Louise.

— Com'é que sabe?

— O Atticus contou-me hoje de manhã a caminho da cidade. Para te dizer a verdade, gostava de ter estado contigo. E até teria tido presença de espírito para me virar.

Miss Maudie deixava-me intrigada. Com a maior parte dos seus bens destruídos e o seu amado jardim aniquilado, continuava a mostrar um interesse sincero e afetuoso pelos nossos assuntos.

Deve ter percebido a minha perplexidade, pois disse: — A única coisa que me deixou preocupada ontem à noite foi o perigo e o alvoroço que

causou. Podia ter ardido o bairro inteiro. Mr. Avery vai ficar de cama durante uma semana, ficou bastante maltratado. É demasiado velho para fazer coisas daquelas e foi isso que eu lhe disse. Assim que tiver um tempinho e Miss Stephanie Crawford não estiver a prestar atenção, vou fazer-lhe um bolo de frutas com uísque. A Stephanie anda atrás da minha receita há trinta anos e se pensa que lha vou dar só porque estou em casa dela, é melhor pensar duas vezes.

Calculei que, se Miss Maudie se fosse abaixo e lha desse, Miss Stephanie não seria capaz de a fazer. Uma vez, deixara-me vê-la fazer o bolo e, entre outras coisas, a receita incluía uma grande chávena de açúcar.

Foi um dia parado e silencioso. O ar estava tão frio e límpido que ouvíamos o relógio do tribunal a vibrar, a tremer de esforço antes de dar as horas. O nariz de Miss Maudie tinha uma cor que eu nunca vira e perguntei-lhe porquê.

— Estou aqui fora desde as seis da manhã — explicou. — Já devia estar gelada. — Ergueu as mãos. Uma rede de linhas finas cruzava-lhe as palmas, de um tom acastanhado devido à terra e ao sangue.

— Deu cabo das suas mãos — observou o Jem. — Por que razão não arranja um homem de cor? — E, sem mostrar que fazia um sacrifício, acrescentou: — Ou então nós, eu e a Scout, podíamos ajudá-la.

Miss Maudie disse: — Obrigada, menino, mas já têm ali muito que fazer. — E apontou para o nosso jardim.

— Está a falar do morfodita? — perguntei-lhe. — Tretas, podemos alisá-lo num instante.

Miss Maudie ficou a olhar para mim, movendo os lábios em silêncio. De súbito, levou as mãos à cabeça e soltou uma exclamação de alegria. Quando a deixámos, ainda continuava a rir-se baixinho.

O Jem disse que não percebia o que se passava com ela, Miss Maudie era mesmo assim.

9

— Retira já o que disseste, miúdo!

A ordem que eu dei ao Cecil Jacobs marcou o início de tempos difíceis para mim e para o Jem. Eu já estava de punhos fechados,

preparada para atacar. O Atticus já me tinha garantido que dava cabo de mim se soubesse que eu andava à luta; já era demasiado crescida para continuar com atitudes tão infantis e, quanto mais depressa aprendesse a conter-me, melhor seria para todos. Esqueci-me rapidamente.

O Cecil Jacobs fez-me esquecer. No dia anterior, anunciara no pátio da escola que o pai da Scout Finch defendia pretos. Neguei-o, veemente, mas contei ao Jem.

— O que qu'ria ele dizer com isso? — inquiri.

— Nada — retorquiu. — Pergunta ao Atticus, ele diz-te.

— O pai defende os pretos? — perguntei-lhe nessa noite.

— Claro que sim. Mas não digas pretos, Scout. É grosseiro.

— É o que toda a gente diz na escola.

— A partir de agora serão todos menos um...

— Bom, se não quer que fale assim, porqu'é que me manda pra lá?

O meu pai olhou-me com benignidade, o divertimento a bailar-lhe nos olhos. Apesar do nosso acordo, a minha campanha para evitar a escola continuara, de uma forma ou de outra, desde a dose que tinha apanhado naquele primeiro dia: o começo do setembro passado trouxera ataques de ansiedade, tonturas e queixas gástricas moderadas. Cheguei ao ponto de pagar um níquel pelo privilégio de esfregar a cabeça na do filho da cozinheira de Miss Rachel, que sofria de um grande ataque de tinha. Não se pegou.

Mas eu tinha outras contas para ajustar. — Todos os advogados defendem p-pretos, Atticus?

— Claro que sim, Scout.

— Então porqu'é qu'o Cecil disse que o pai defendia pretos? Foi como se o pai estivesse a fazer uma coisa ilegal, tivesse um alambique, sei lá.

O Atticus suspirou. — Estou simplesmente a defender um negro. Chama-se Tom Robinson e vive naquele lugar a seguir à lixeira. Pertence à igreja da Calpurnia, e a Cal conhece bem a família. Diz que são gente honesta. Scout, ainda és muito jovem para entenderes algumas coisas, mas tem havido muito falatório na cidade no sentido de que eu não deveria defender este homem. É um caso muito peculiar, não vai a tribunal antes do verão. O John Taylor foi muito benevolente e concedeu-nos um adiamento...

— Se o pai não o devia defender, porqu'é que o está a fazer?

— Por uma série de razões — explicou o Atticus. — A mais importante das quais é que, se não o fizesse, não conseguiria viver de cabeça erguida na cidade, não poderia representar este condado na assembleia legislativa, nem sequer poderia continuar a dizer-te a ti ou ao Jem para não fazerem uma coisa.

— Quer dizer que, se não defendesse esse homem, eu e o Jem já não tínhamos de lhe obedecer?

— Mais ou menos isso.

— Porquê?

— Porque não poderia pedir-vos que me obedecessem. Scout, dada a natureza do nosso trabalho, todos os advogados apanham pelo menos um caso na sua vida que os afeta pessoalmente. Este é o meu, suponho. És capaz de ouvir coisas terríveis na escola, mas faz-me um favor: levanta a cabeça e mantém esses punhos caídos. Seja o que for que te digam, não percas a cabeça... Para variar, tenta lutar com a cabeça... É uma boa maneira, mesmo que não seja fácil de aprender.

— Atticus, vamos ganhar?

— Não, querida.

— Então porquê...

— Lá por termos começado derrotados de antemão, isso não é razão suficiente para não tentarmos ganhar — declarou o Atticus.

— O pai parece o primo Ike Finch a falar — comentei. O primo Ike Finch era o único veterano confederado que ainda sobrevivia no condado de Maycomb. Usava uma barba à maneira do general Hood, de que se orgulhava desmedidamente. Pelo menos uma vez por ano, eu, o Jem e o Atticus íamos visitá-lo, e eu tinha de lhe dar um beijo. Era horrível. Eu e o meu irmão ficávamos a ouvir o Atticus e o primo Ike a arengar sobre a guerra. «É o que te digo, Atticus», dizia o primo Ike, «foi o Compromisso do Missouri que nos arrasou, mas, se tivesse de voltar atrás, faria tudo de novo e retrocederia tal como fiz antes e, além do mais, desta feita dávamos cabo deles... agora, em 1864, quando o *Stonewall* Jackson[18] se convenceu… as minhas desculpas, meus jovens. O Velho Blue Light já estava no céu por essa altura, que Deus tenha a sua alma em descanso eterno...»

— Anda cá, Scout — disse o Atticus. Aninhei-me no colo e escondi a

cabeça debaixo do seu queixo. Ele abraçou-me e embalou-me suavemente. — Desta vez, é diferente — proferiu. — Desta vez, não estamos a lutar contra os ianques, estamos a lutar com os nossos amigos. Mas lembra-te disto, por muito más que as coisas se tornem, continuam a ser nossos amigos, e esta é a nossa casa.

Com tudo isto no meu pensamento, enfrentei o Cecil Jacobs no recreio da escola no dia seguinte: — Vais retirar o que disseste, miúdo?

— Primeiro, tens de me obrigar! — gritou ele. — Os meus pais disseram que o teu pai é uma vergonha e qu'esse preto devia ser pendurado da cisterna da água!

Preparei-me para uma briga, depois lembrei-me daquilo que o Atticus tinha dito, baixei os punhos cerrados e afastei-me a ouvi-lo vociferar: «A Scout é cobarde!» Foi a primeira vez que fugi de uma luta.

Se lutasse com o Cecil, estaria a desiludir o Atticus. Raramente nos pedia, a mim e ao Jem, para fazermos algo por ele, eu bem que podia aguentar ser chamada cobarde. Senti-me muito ilustre por me ter lembrado e assim continuei por mais três semanas. Foi então que chegou o Natal, e a catástrofe aconteceu.

Eu e o Jem encarávamos o Natal com um misto de emoções. As partes boas eram a árvore e o tio Jack Finch. Todos os anos íamos ao encontro do tio Jack no entroncamento de Maycomb, e ele passava uma semana connosco.

No reverso da medalha, tínhamos a personalidade inflexível da tia Alexandra e do Francis.

Suponho que devia incluir o tio Jimmy, o marido da tia Alexandra, mas, dado que nunca me dirigiu palavra, exceto uma vez para me dizer: «Sai de cima da cerca», nunca tive qualquer pretexto para reparar nele. A tia Alexandra também não. Muito tempo atrás, a tia e o tio Jimmy, num arroubo de amizade, produziram um filho chamado Henry, que abandonou a casa assim que lhe foi humanamente possível, se casou e teve o Francis. O Henry e a mulher depositavam o Francis em casa dos avós na época do Natal e prosseguiam com as suas diversões.

Por mais que suspirássemos, o Atticus nunca nos permitia passar o dia de Natal em casa. Se bem me lembro, fomos passar todos os dias de Natal à Plantação Finch. O facto de a tia ser boa cozinheira compensava

até certo ponto sermos obrigados a passar um feriado religioso com o Francis Hancock. Era um ano mais velho que eu, e era meu princípio evitá-lo: apreciava tudo o que eu não aprovava e desaprovava as diversões cândidas que me interessavam.

A tia Alexandra era irmã do Atticus, mas, quando o Jem me falou sobre crianças que eram em segredo substituídas por filhos de seres mágicos, decidi que havia sido trocada à nascença, que os meus avós deviam talvez ter recebido uma Crawford em vez de uma Finch. Tivesse eu alimentado as ideias místicas sobre montanhas que parecem obcecar os advogados e os juízes, e a tia Alexandra seria análoga ao Monte Evereste: durante toda a minha primeira infância, estava ali, gelada e imóvel.

Quando o tio Jack saltou do comboio na véspera do Natal, tivemos de aguardar que o bagageiro lhe entregasse dois embrulhos compridos. Eu e o meu irmão sempre achámos engraçado quando o tio Jack beijava o Atticus ao de leve na bochecha: eram os únicos homens que alguma vez víramos beijar-se. O tio Jack deu um aperto de mão ao Jem e ergueu-me no ar bem alto, mas não o suficiente: era mais baixo que o Atticus um bom bocado. Na verdade, era o benjamim da família, mais novo que a tia Alexandra. Eram ambos parecidos, ele e a tia, mas o tio Jack fazia melhor uso do seu rosto: nunca desconfiávamos do seu queixo e nariz afilados.

Era um dos poucos homens de ciência que nunca me amedrontou, provavelmente porque não se comportava como médico. Sempre que nos prestava qualquer serviço de importância menor, a mim e ao Jem, como extrair uma lasca de madeira de um pé, dizia exatamente o que ia fazer, dava-nos uma estimativa de quanto é que ia doer e explicava-nos como se usavam as pinças. Um Natal, andei a esconder-me pelos cantos, com uma farpa retorcida num pé, não autorizando quem quer que fosse a aproximar-se de mim. Quando o tio Jack me apanhou, fez-me rir com a história de um pregador que detestava tanto ir à igreja que se postava todos os dias ao portão de casa, de roupão, a fumar narguilé e a pregar sermões de cinco minutos aos transeuntes que necessitassem de conforto espiritual. Interrompi-o para que me dissesse quando iria tirar a farpa, mas ele mostrou-me uma lasca ensanguentada na ponta da pinça e explicou-me que a tinha retirado enquanto me ria e

que a isso se chamava relativismo.

— O qu'é que está nesses embrulhos? — inquiri, apontando para as embalagens longas e estreitas que o bagageiro lhe entregara.

— Não tens nada com isso — retorquiu.

O Jem interveio: — Com'é que está a *Rose Aylmer*?

A gata amarela do tio Jack era linda, e ele afirmava ser uma das poucas fêmeas com quem conseguia coabitar em permanência. Do bolso do casaco, retirou algumas fotografias. Admirámo-las.

— Está a ficar gorda — observei.

— Deve estar, deve. Come todos os dedos e as orelhas que sobram do hospital.

— Uau, que história dos diabos — exclamei.

— Desculpa?

O Atticus explicou: — Não ligues, Jack. Está a pôr-te à prova. A Cal diz que anda há uma semana a praguejar e com grande fluência.

O tio Jack ergueu as sobrancelhas e não fez comentários. Para além do fascínio inato que essas palavras exerciam sobre mim, eu agia na convicção vaga de que, se o Atticus descobrisse que o dito palavreado fora apanhado na escola, não me obrigava a continuar a ir.

À ceia, porém, quando lhe pedi para me passar o maldito presunto, o tio Jack apontou na minha direção e disse: — Depois da ceia vens falar comigo, menina.

Quando terminámos, o tio Jack foi para a sala de estar e sentou-se. Deu umas palmadas nas pernas para eu me sentar ao colo dele. Eu gostava do seu cheiro, era como um frasco de álcool com algo agradavelmente doce lá dentro. Puxou-me a franja para trás e mirou-me. — Pareces-te mais com o Atticus do que com a tua mãe — observou. — E também estás a ficar muito grande para essas calças.

— Acho que ainda me servem.

— Gostas de palavras como «maldito» e «diabo», não é?

Respondi que achava que sim, que gostava.

— Pois eu não — retorquiu. — A não ser que estejam ligadas a uma provocação extrema. Vou cá estar uma semana e não quero ouvir tais expressões enquanto aqui estiver. Scout, vais meter-te em sarilhos se continuares a usar palavras dessas por aí. Queres ser uma senhora quando fores grande, não queres?

Retorqui que nem por isso.

— Claro que queres. Agora vamos tratar da árvore.

Decorámos a árvore até à hora de ir para a cama, e, nessa noite, sonhei com dois embrulhos grandes para mim e para o Jem. Na manhã seguinte, atirámo-nos os dois a eles: eram do Atticus, que tinha escrito ao tio Jack para os comprar, e eram aquilo que havíamos pedido.

— Nada de fazer pontaria dentro de casa — avisou o Atticus, quando o Jem apontou a um quadro da parede.

— Vais ter de os ensinar a atirar — disse o tio Jack.

— Isso é contigo — contrapôs o nosso pai. — Eu apenas me curvei perante o inevitável.

Foi preciso o Atticus fazer a voz grossa de tribunal para nos afastar da árvore. Recusou deixar-nos levar as pressões de ar para a Plantação (eu já tinha começado a pensar em alvejar o Francis) e avisou-nos: um único passo em falso da nossa parte, e confiscá-las-ia para sempre.

A Plantação Finch consistia em trezentos e sessenta e seis degraus que desciam por uma ribanceira e terminavam num ancoradouro. Mais abaixo, a jusante do despenhadeiro, viam-se os vestígios de antigas construções de uma plantação, onde os negros Finch haviam carregado fardos de algodão e outros produtos e descarregado blocos de gelo, farinha e açúcar, equipamentos agrícolas e vestuário feminino. Uma estrada com dois sulcos corria desde a beira-rio, desaparecendo entre o arvoredo sombrio, e terminava numa casa branca de dois andares com alpendres em toda a volta, quer no piso térreo quer no primeiro andar. O nosso antepassado, Simon Finch, mandara-os construir, já em idade avançada, para agradar à sua insistente esposa; contudo, a semelhança do edifício com as casas normais naquela época terminava aí. A disposição interior das divisões indicava a astúcia e a confiança absoluta que Simon depositava na sua prole.

Havia seis quartos no andar de cima, quatro para as filhas, um para o Welcome Finch, o único filho varão, e um para os familiares de visita. Bastante simples, portanto. Contudo, os quartos das filhas tinham acesso por uma escada apenas, o do Welcome e o quarto de hóspedes por uma outra. A chamada Escada das Raparigas começava no quarto térreo dos pais, pelo que o Simon sabia sempre a hora das idas e vindas notívagas das filhas.

A cozinha, separada do resto da habitação, ligava-se à casa através de um passadiço de madeira. No pátio das traseiras, um sino ferrugento no topo de um poste era usado para convocar os trabalhadores dos campos ou como sinal de pedido de socorro; no telhado, via-se um mirante, que nunca fora usado por uma viúva a perscrutar, em vão, a chegada do seu marinheiro — daí, o Simon supervisionava o seu capataz, observava os barcos fluviais e espiava atentamente as vidas dos proprietários das vizinhanças.

Como era habitual, havia uma lenda que associava a casa aos ianques: uma jovem Finch, comprometida havia pouco, vestiu todo o seu enxoval para o salvar das investidas dos invasores que andavam pelas redondezas; ficou presa na porta da Escada das Raparigas e teve de ser molhada com água para poder ser empurrada e passada pela porta. Quando chegámos à Plantação, a tia Alexandra beijou o tio Jack, o Francis beijou o tio Jack, o tio Jimmy apertou a mão ao tio Jack em silêncio, e eu e o Jem demos os nossos presentes ao Francis, que nos entregou um. O Jem, sentindo-se mais velho, gravitou para junto dos adultos e deixou-me a fazer companhia ao nosso primo. O Francis tinha oito anos e usava o cabelo arrepiado para trás.

— O qu'é que recebeste pelo Natal? — inquiri com amabilidade.

— Só o que pedi — retorquiu. O Francis tinha solicitado umas calças pelo joelho, uma pasta para os livros em couro vermelho, cinco camisas e um laço daqueles que é o próprio que aperta.

— Que bom — menti. — Eu e o Jem recebemos pressões de ar, e o Jem um conjunto de química...

— Daqueles de brincar, claro.

— Não, um a sério. Vai fazer tinta invisível, e eu vou escrever ao Dill com ela.

O Francis perguntou qual era a utilidade de tal coisa.

— Não estás a ver a cara dele quando receber uma carta minha sem nada escrito? Vai passar-se dos carretos.

Conversar com o Francis dava-me a sensação de pousar devagarinho no fundo do mar. Era a criança mais aborrecida com quem já falara. Como vivia em Mobile, não podia denunciar-me às autoridades escolares, mas conseguiu contar tudo o que sabia à tia Alexandra, que, por sua vez, contou tudo ao Atticus, que, ou se esqueceu, ou então deu-

me um sermão — conforme o que mais lhe apeteceu. Contudo, a única vez que ouvi o Atticus a falar com alguém rispidamente foi quando o ouvi dizer: «Minha irmã, eu faço o melhor que sei com eles!», o que tinha algo a ver com o facto de eu andar vestida de jardineiras.

A tia Alexandra era fanática no que dizia respeito à minha indumentária. Era impossível vir a ser uma senhora se andasse de calções: quando argumentei que não conseguia fazer nada com um vestido, contrapôs que eu não devia fazer coisas em que precisasse de andar de calças. A sua visão do que devia ser a minha conduta envolvia brincar com fogões pequeninos e serviços de chá, e usar o colar que me oferecera quando nasci — um daqueles a que se vai acrescentando uma pérola a cada aniversário; para além disso, eu devia ser a alegria, o raio de sol na vida solitária do meu pai. Sugeri que também conseguia ser um raio de sol de calças, mas a tia afirmou que uma pessoa tinha de se comportar como um raio de sol, que quando nasci estava tudo bem, mas que tinha piorado a cada ano que passava. Magoou-me e conseguiu enervar-me durante todo o tempo, mas, quando fiz perguntas ao Atticus, ele respondeu-me que já havia raios de sol na família que chegassem e que continuasse a ser como era, que ele não se importava que eu fosse assim.

No jantar de Natal, fiquei sentada na mesa pequena da sala de jantar; o Jem e o Francis tomaram lugar com os adultos na mesa de jantar propriamente dita. A tia continuara a isolar-me muito depois de o Jem e o Francis terem sido promovidos para a mesa grande. Muitas vezes interrogava-me o que lhe passaria pela cabeça, que eu me levantasse e atirasse com qualquer coisa? Às vezes ocorria-me pedir-lhe que me deixasse sentar com eles à mesa grande só uma vez e provar-lhe-ia quão civilizada podia ser; no fim de contas, eu comia em casa todos os dia sem incidentes de maior. Quando pedi ao Atticus para interceder por mim, ele disse-me que não tinha qualquer influência — éramos convidados e sentávamo-nos nos lugares por ela determinados. Acrescentou ainda que a tia Alexandra não percebia muito de raparigas, nunca tinha tido nenhuma.

Os seus cozinhados, porém, compensavam tudo aquilo: três qualidades de carne, vegetais do verão da sua despensa; picles de pêssego, duas variedades de bolo e uma salada de frutas com natas

batidas constituíam um jantar de Natal modesto. Em seguida, os adultos rumaram para a sala de estar e aí se sentaram, aturdidos. O Jem deitou-se no chão, e eu fui para o quintal das traseiras. — Veste o casaco — murmurou o Atticus, ensonado, e eu não o ouvi.

O Francis sentou-se ao meu lado nos degraus do alpendre. — Este foi o melhor de todos até agora — confessei.

— A avó cozinha muito bem — concordou ele. — Ela vai ensinar-me.

— Os rapazes não cozinham. — Dei uma risadinha ao imaginar o Jem de avental.

— A avó diz que todos os homens deviam aprender a cozinhar, que os homens deviam ter cuidados com as suas mulheres e cuidar delas quando não se sentem bem — explicou o meu primo.

— Eu não quero o Dill a tratar de mim — disse eu. — Antes quero cuidar eu dele.

— O Dill?

— Sim. Não digas nada, mas nós vamos casar-nos assim que formos crescidos. Ele pediu-me no ano passado.

O Francis deu uma gargalhada.

— O qu'é que tem? — quis eu saber. — Ele não tem nada de mal.

— 'Tás a falar daquele minorca que a avó diz que passa todos os verões com Miss Rachel?

— É esse mesmo.

— Sei tudo sobre ele — adiantou o Francis.

— O qu'é que tem?

— A avó diz que não tem casa...

— Tem, sim, senhor, vive em Meridian.

— …passa a vida de um lado para o outro em casa de pessoas de família, e Miss Rachel fica com ele todos os verões.

— Francis, não é verdade!

O Francis dirigiu-me um grande sorriso. — Às vezes, és mesmo parva, Jean Louise. No fundo, não deves saber ser d'outra maneira.

— O que queres dizer com isso?

— Se o tio Atticus te deixa andar por aí com cães vadios, isso é lá com ele, como diz a avó, portanto a culpa não é tua. Também não tens culpa d'o tio Atticus gostar de pretos, mas estou aqui pra te dizer que é uma vergonha para o resto da família...

— Francis, que diabo é que queres dizer com isso?

— Só o que disse. A avó diz que já é mau ele deixar-te andar por aí, mas agora que se tornou um amigo dos pretos, nunca mais vamos poder andar pelas ruas de Maycomb. ‘Tá a dar cabo da família, é o que é.

O Francis levantou-se e apressou-se ao longo do passadiço em direção à cozinha velha. De uma distância segura, disse alto: — Não passa dum amigo dos pretos.

— Não é nada! — rugi. — Não sei do que ‘tás a falar mas é melhor que te cales já!

Saltei os degraus e corri pelo passadiço. Foi fácil agarrar o Francis pelo colarinho. Disse-lhe para retirar o que tinha dito, imediatamente.

O Francis deu um safanão, conseguiu libertar-se e entrou na cozinha a correr. — Amigo dos pretos! — gritou.

Quando se persegue uma presa, o melhor é dar tempo ao tempo. Não se diz nada e, tão certo como chamar-me Scout, ela acaba por ficar com curiosidade e aparecer. O Francis apareceu à porta da cozinha. — Ainda ‘tás zangada, Jean Louise? — perguntou, hesitante.

— Nada de especial — retorqui.

O Francis saiu para o passadiço.

— Vais retirar o que disseste, Fran... ancis? — Contudo, fui rápida demais na minha jogada. O Francis desapareceu na cozinha, e eu regressei aos degraus. Sabia esperar com paciência. Estava sentada talvez havia uns cinco minutos, quando ouvi a tia Alexandra: — Onde está o Francis?

— Está pra lá na cozinha.

— Ele sabe que não pode ir brincar para lá.

O Francis assomou à porta e gritou: — Avó, ela pôs-me aqui e não me deixa sair!

— O que se passa, Jean Louise?

Ergui o olhar para a tia Alexandra. — Eu não o pus lá, tia, não estou a impedi-lo.

— Está, sim, senhor — bradou ele —, e não me deixa sair!

— Estiveram à briga?

— A Jean Louise zangou-se comigo, avó — disse o Francis em voz alta.

— Francis, sai daí! Jean Louise, se ouvir mais uma palavra tua, digo

ao teu pai. Será que te ouvi a dizer «diabo» há bocado?

— Não, s'nhora.

— Eu acho que sim. É melhor que não o ouça outra vez.

A tia Alexandra gostava de escutar às portas. Mal ela se tinha ido embora, o Francis pôs a cabeça de fora, todo risonho. — Não te metas comigo — avisou.

Saltou para o quintal, mantendo-se à distância, aos pontapés aos tufos de erva e a rir-se para mim de vez em quando. O Jem assomou ao alpendre, olhou para nós e desapareceu. O Francis trepou pela mimosa, desceu, pôs as mãos nos bolsos e pôs-se a passear pelo quintal. — Ah, ah! — exclamou. Perguntei-lhe quem é que ele pensava que era, o tio Jack? Respondeu-me que eu tinha sido repreendida, que devia ficar ali sentada e deixá-lo em paz.

— Não t'estou a incomodar — retorqui.

Estudou-me atentamente, concluiu que eu estava mais dócil e cantarolou baixinho: — Amigo dos pretos...

Desta feita, atirei-lhe um soco aos dentes da frente que me golpeou os nós dos dedos. Com a minha esquerda fora de combate, preparei um ataque com a direita, mas não por muito tempo. O tio Jack prendeu-me os braços ao longo do corpo e proferiu: — Está quieta!

A tia Alexandra prestou assistência ao Francis, limpando-lhe as lágrimas com o seu lencinho, fazendo-lhe festas no cabelo, dando-lhe uma palmadinha na bochecha. Mal o Atticus, o Jem e o tio Jimmy chegaram ao alpendre, o Francis pôs-se aos berros.

— Quem é que começou? — quis saber o tio Jack.

Apontámos um para o outro. — Avó — bradou aos soluços —, ela chamou-me pega e atirou-se a mim!

— É verdade, Scout? — inquiriu o tio Jack.

— Acho que sim.

Quando me olhou, as feições pareceram-me iguais às da tia Alexandra. — Lembras-te do que te disse sobre usares palavras dessas? Que ias meter-te em sarilhos? Eu avisei-te, não foi?

— Sim, tio, mas...

— Bom, agora estás mesmo metida em sarilhos. Fica aí.

Interroguei-me se devia ficar quieta ou fugir e, indecisa, demorei-me por um instante a mais: virei-me para escapar, mas o tio Jack foi mais

rápido. De repente, dei por mim a olhar para uma formiga mínima a lutar com uma migalha de pão na erva.

— Nunca mais falo consigo na vida! Odeio-o e desprezo-o e espero que morra amanhã! — Mais do que outra coisa qualquer, a declaração pareceu encorajar o tio Jack. Corri para o Atticus em busca de conforto, mas ele limitou-se a proferir que eu estava a merecê-las e que estava na altura de regressar a casa. Subi para o assento de trás do automóvel sem me despedir de ninguém e, chegada a casa, corri para o meu quarto e bati com a porta. O Jem tentou ser simpático comigo, mas eu não deixei.

Quando fui investigar os danos, descobri apenas umas sete ou oito marcas avermelhadas. Estava eu a refletir sobre o relativismo das coisas quando alguém bateu à porta. Perguntei quem era, e foi o tio Jack quem respondeu.

— Vá-se embora!

Ele asseverou que, se eu falasse assim, me dava outra coça, portanto calei-me. Entrou no quarto, e eu recuei para um canto e virei-lhe as costas. — Scout — perguntou —, ainda me detestas?

— Diga, tio.

— Sabes, não pensei que ficasses ressentida comigo — afirmou. — Estou muito desiludido contigo; estavas a pedi-las e sabe-lo bem.

— Não sabia nada.

— Querida, não podes andar por aí a chamar nomes às pessoas...

— Não é justo, tio — reclamei —, não é justo.

As sobrancelhas do tio Jack arquearam-se. — Não é justo? Como assim?

— O tio é muito querido, e eu acho que gosto de si mesmo depois do que fez, mas o senhor não percebe muito de crianças.

Pôs as mãos nas ancas e fitou-me. — E por que motivo não hei de eu compreender crianças, Miss Jean Louise? O teu comportamento não requer muita compreensão. Foste teimosa, indisciplinada e agressiva...

— Vai deixar-me explicar ou não? Eu não quero ser respondona consigo, só estou a tentar explicar.

O tio Jack sentou-se na cama. Franziu as sobrancelhas e espiou-me por baixo delas. — Continua — declarou.

Inspirei profundamente. — Bem, em primeiro lugar, nunca me deu

oportunidade de lhe contar o meu lado das coisas, caiu-me em cima sem esperar. Quando eu e o Jem barafustamos, o Atticus nunca ouve só a versão do Jem, ouve também a minha, e, em segundo lugar, o tio disse-me para não usar palavras daquelas a não ser em caso de provocação extrema, e a provocação do Francis merecia que lhe dessem na cabeça...

O tio Jack coçou a cabeça. — E se me contares a tua versão, Scout?

— O Francis chamou uma coisa ao Atticus, e isso eu não podia deixar passar.

— O que é que o Francis lhe chamou?

— Amigo dos pretos. Nem sei bem o que tem de mal, mas a maneira como ele disse... Devo dizer, tio Jack, eu... eu juro que não vou ficar sentada a ouvi-lo dizer coisas sobre o Atticus.

— Ele chamou isso ao Atticus?

— Sim, senhor, chamou, e mais coisas. Disse qu'era a ruína da família e que nos deixava, a mim e ao Jem, andar à solta...

Pelo ar do tio Jack, pensei que estava metida em mais sarilhos. Contudo, quando ele disse: «Vamos ver como é», percebi que era o Francis que estava em maus lençóis. — Estou muito inclinado a ir lá ainda esta noite.

— Por favor, tio, deixe estar. Por favor.

— Não tenho qualquer intenção de deixar passar uma coisa destas — retorquiu. — A Alexandra tem de saber o que se passou. A ideia de... espera até eu deitar as mãos àquele rapaz...

— Tio Jack, prometa-me só uma coisa, por favor. Prometa-me que não diz nada ao Atticus. Ele... uma vez pediu-me pra eu não perder a cabeça com nada que ouvisse sobre ele, e antes quero que pense que estávamos a brigar por outra coisa. Por favor, prometa...

— Mas não quero que o Francis saia impune de uma coisa assim...

— Ele não se safou. Acha que podia ligar-me a mão? Ainda está a deitar um bocadinho de sangue.

— Claro que sim, querida. Não há outra ferida que gostasse mais de tratar. A menina quer ter a bondade de vir comigo?

O tio Jack inclinou-se, galante, numa vénia, e eu segui-o até à casa de banho. Enquanto limpava e me punha uma ligadura nos nós dos dedos, distraiu-me com a história de um velhote que via mal, que tinha

um gato chamado *Hodge* e que contava todas as fendas dos passeios quando ia à cidade. — Pronto, já está — disse. — Vais ficar com uma cicatriz muito pouco feminina no dedo anelar.

— Obrigada, tio. Tio?

— Minha senhora?

— O que é uma pega?

O tio Jack mergulhou numa outra longa história sobre um velho primeiro-ministro que tinha assento na Câmara dos Comuns e soprava penas para o ar e tentava mantê-las lá, enquanto, em seu redor, havia homens a perderem a cabeça. Pareceu-me que estava a tentar responder à minha pergunta, mas não fez sentido algum.

Mais tarde, quando já devia estar na cama, desci para beber água e ouvi o Atticus e o tio Jack a conversar na sala de estar:

— Nunca me vou casar.

— Porquê?

— Podia ter filhos.

O Atticus retorquiu: — Tens muito que aprender, Jack.

— Eu sei. A tua filha deu-me as primeiras aulas esta tarde. Disse-me que eu não percebia muito de crianças e explicou-me porquê. E tinha razão. Atticus, ela disse-me como eu a deveria ter tratado; oh, Deus, lamento tanto ter-lhe ralhado.

O Atticus deu uma risada. — Ela mereceu, portanto não fiques com muitos remorsos.

Em pulgas, aguardei que o tio Jack contasse ao Atticus o meu lado da história, mas não o fez. Limitou-se a murmurar: — As invetivas que utiliza não deixam muito à imaginação, mas não sabe o significado de metade do que diz... perguntou-me o que era uma pega...

— Disseste-lhe?

— Não, contei-lhe a história de Lord Melbourne.

— Jack! Quando uma criança te faz uma pergunta, responde-lhe, por amor de Deus. Mas não lhe digas nada de muito complicado. As crianças são crianças, mas conseguem detetar uma evasiva mais depressa que os adultos, e as evasivas simplesmente deixam-nas confusas. Não — continuou o meu pai, meditabundo —, esta tarde respondeste bem pelos motivos errados. Todas as crianças atravessam uma fase em que dizem palavrões que acaba por passar com o tempo,

quando descobrem que não estão a conseguir chamar à atenção. Perder a cabeça, não. A Scout vai ter de aprender a não perder a cabeça e muito em breve, com o que a espera nos próximos meses. Mas está a ir bem. O Jem está a crescer, e ela vai-lhe seguindo o exemplo. Do que precisa de vez em quando é de alguma ajuda.

— Atticus, nunca lhe puseste um dedo em cima.

— Confesso que não. Até agora tenho conseguido apenas com ameaças. Ela obedece-me, Jack, tanto quanto consegue. Metade das vezes não satisfaz os requisitos, mas vai tentando.

— Isso não chega — contrapôs o tio Jack.

— Não, mas o importante é que sabe que eu sei que está a tentar. É isso que faz a diferença. O que me preocupa é que ela e o Jem vão ter de entender algumas coisas bem feias num futuro próximo. Não estou muito preocupado com o Jem, que mantém a calma, mas a Scout ataca à primeira, se o seu orgulho está em jogo...

Fiquei à espera de que o tio Jack quebrasse a promessa, mas não o fez.

— Atticus, isso vai ser muito mau? Ainda não tiveste oportunidade de falar do assunto.

— Não podia ser pior, Jack. A única coisa de que dispomos é a palavra de um negro contra a dos Ewells. As provas resumem-se a «foste tu», «não fui eu». Não se pode esperar que o júri acredite na palavra do Tom Robinson contra a dos Ewells; sabes quem eles são, os Ewells?

O tio Jack disse que sim, que se lembrava deles. Fez a sua descrição, mas o Atticus lembrou-lhe: — Estás atrasado uma geração, mas os de hoje são iguais.

— Nesse caso, que vais fazer?

— Antes de terminar, tenciono sacudir o júri um bocado; apesar de tudo, ainda acho que podemos ter hipótese de pedir recurso. Não sei, nesta altura, não consigo prever, Jack. Sabes que sempre esperei nunca ter um caso deste tipo, mas o John Taylor apontou para mim e disse: «É você.»

— Afasta de mim este cálice[19], não é?

— Exato. Mas achas que conseguiria enfrentar os meus filhos se não

o fizesse? Sabes tão bem como eu o que vai acontecer, Jack, e espero e rezo por que consiga que o Jem e a Scout passem por isto sem amargura e, acima de tudo, sem apanharem a doença habitual de Maycomb. Por que razão pessoas razoáveis ficam doidas varridas se aparece um negro envolvido em alguma coisa é algo que nem sequer finjo perceber... só espero que os meus filhos me façam perguntas a mim, em vez de dar ouvidos ao que se diz na cidade. Espero que confiem em mim o suficiente... Jean Louise?

Tive um sobressalto e espreitei pela porta.

— Pai?

— Vai para a cama.

Corri escadas acima até ao meu quarto e enfiei-me na cama. O tio Jack era um verdadeiro príncipe e não me desiludira. Contudo, nunca descobri como é que o Atticus soubera que estava à escuta e foi só muitos anos mais tarde que me apercebi de que ele queria que eu ouvisse tudo o que tinha para dizer.

10

O Atticus estava acabado, tinha quase cinquenta anos. Quando eu e o Jem lhe perguntámos por que razão era tão velho, explicou que tinha começado tarde, o que nós achámos que se refletia nas suas capacidades e virilidade. Era muito mais velho que os pais dos nossos contemporâneos da escola, e eu e o Jem ficávamos sem palavras quando os nossos colegas diziam: «O *meu* pai…»

O Jem era doido por futebol. O Atticus nunca se sentia demasiado cansado para jogar, mas quando o Jem o queria placar, ele dizia: «Estou demasiado velho para isso, filho.»

O nosso pai não fazia nada. Trabalhava num escritório e não numa loja. Não guiava o camião do lixo do condado, não era xerife, não lavrava a terra, não trabalhava numa garagem nem fazia o que quer que fosse que pudesse suscitar a admiração de alguém.

Além disso, usava óculos. Era praticamente cego do olho esquerdo, e dizia que os olhos esquerdos eram a maldição tribal dos Finches. Sempre que queria ver bem alguma coisa, virava a cabeça e olhava com o olho direito.

Não fazia as coisas que faziam os pais dos nossos colegas: nunca ia à caça, não jogava póquer, não ia à pesca, não bebia nem fumava. Ficava sentado na sala e lia.

Porém, com estes atributos, não passava tão despercebido quanto gostaríamos: nesse ano, a escola rebentava de conversas sobre ele defender o Tom Robinson, e nenhuma era lisonjeira. Depois da minha luta com o Cecil Jacobs, quando me comprometi a uma política de cobardia, espalhou-se a notícia de que a Scout Finch deixara de lutar porque o pai não a deixava. Isto não era inteiramente correto: não lutava em público a favor do Atticus, mas a família era terreno privado. Lutaria com unhas e dentes contra quem quer que fosse, de primo em terceiro grau para cima. E o Francis Hancock sabia-o bem.

Quando nos deu as pressões de ar, o Atticus não quis ensinar-nos a disparar. O tio Jack instruiu-nos sobre os rudimentos, explicando que o irmão não se interessava por armas. Certo dia, o Atticus dissera ao Jem: «Preferia que disparasses contra latas no pátio, mas sei que vais atirar aos pássaros. Mata todos os gaios azuis que quiseres, se lhes conseguires acertar, mas lembra-te de que é pecado matar uma cotovia.

Foi a única vez que ouvi o Atticus dizer que era pecado fazer uma coisa, e perguntei a Miss Maudie porquê.

— O teu pai tem razão — respondeu ela. — As cotovias não fazem mais nada a não ser música para nos deleitarem. Não destroem os jardins das pessoas, não fazem ninhos nos espigueiros, a única coisa que fazem é cantar sem parar para nós. É por isso que é pecado matar uma cotovia.

— Miss Maudie, este bairro é velho, não é?

— Está aqui há mais tempo que a cidade.

— Não, quero dizer que as pessoas da nossa rua são todas velhas. Eu e o Jem somos as únicas crianças daqui. Mrs. Dubose deve ter quase cem anos, e Miss Rachel é velha e a senhora e o Atticus também.

— Não chamo velho a quem tem cinquenta anos — retorquiu Miss Maudie, mordaz. — Ainda não me andam a empurrar de cadeirinha de rodas, pois não? E ao teu pai também não. Mas tenho de dizer que a providência teve a gentileza de queimar aquele meu velho mausoléu, sou demasiado velha para o manter. Talvez tenhas razão, Jean Louise, este bairro é bastante sossegado. Tu nunca te dás muito com gente

nova, pois não?

— Dou, sim, na escola.

— Refiro-me a adultos ainda jovens. Tens sorte, sabes? Tu e o Jem beneficiam da idade do vosso pai. Se ele tivesse trinta anos, vocês iriam ver que a vida seria diferente.

— De certeza que sim. O Atticus não pode fazer nada…

— Ficarias surpreendida — contrapôs Miss Maudie. — Ele ainda está cheio de vida.

— O qu'é qu'ele sabe fazer?

— Bom, sabe tornar um testamento tão perfeito que ninguém o consegue contestar.

— Tretas!

— Bom, sabias que ele é o melhor jogador de damas desta cidade? Lá na Plantação, quando éramos novos, o Atticus Finch ganhava a todos em ambos os lados do rio.

— Santo Deus, Miss Maudie, eu e o Jem 'tamos sempre a ganhar-lhe.

— É uma boa altura para ficarem a saber que isso é porque ele vos deixa. Sabias que ele sabe tocar harpa de boca?

Este modesto talento só serviu para me deixar ainda com mais vergonha dele.

— *Bom…* — disse ela.

— Bom o quê, Miss Maudie?

— Bom nada. Nada… parece-me que, com tudo isso, havias de ter orgulho nele. Não é toda a gente que sabe tocar harpa de boca. E agora não atrapalhes os carpinteiros. É melhor ires para casa, vou estar a cuidar das azáleas e não posso tomar conta de ti. Pode cair-te uma tábua em cima.

Fui até ao pátio das traseiras e dei com o Jem a tentar acertar numa lata, o que me pareceu estúpido com tantos gaios azuis por ali. Voltei para a frente e atarefei-me durante duas horas a montar uma fortificação complicada na parte lateral do alpendre e que consistia de um pneu, uma caixa de laranjas, o cesto da roupa suja, as cadeiras do alpendre e uma pequena bandeira dos Estados Unidos que o Jem me dera e que viera numa caixa de pipocas.

Quando o Atticus veio jantar, deu comigo agachada, a fazer pontaria para o outro lado da rua. — Estás a disparar contra quê?

— O rabo de Miss Maudie.

Ele virou-se e viu o meu alvo generoso curvado sobre os arbustos. Empurrou o chapéu para trás e atravessou a rua. — Maudie — chamou —, achei melhor avisar-te. Corres um perigo substancial.

Miss Maudie endireitou-se, olhou na minha direção e disse: — Atticus, és um verdadeiro diabo em figura de gente.

Quando ele voltou, mandou-me levantar o acampamento. — Não deixes que te volte a apanhar a apontar essa arma a alguém — avisou-me.

Desejei que o meu pai fosse mesmo um diabo e sondei a Calpurnia sobre o assunto. — Mr. Finch? Bem, ele sabe fazer uma data de coisas.

— Como por exemplo? — perguntei.

A Calpurnia coçou a cabeça. — Bem, não sei dizer lá muito bem.

O Jem deu ainda mais força à minha ideia quando perguntou ao Atticus se ele ia participar no jogo dos metodistas, e o Atticus disse que, se fosse, ainda partia o pescoço, estava demasiado velho para esse tipo de coisas. Os metodistas estavam a tentar pagar a hipoteca da sua igreja e tinham desafiado os batistas para um jogo de futebol. Parecia que, na cidade, os pais de toda a gente iam jogar exceto o Atticus. O Jem disse que nem sequer queria ir, mas como era incapaz de resistir ao futebol por nada deste mundo, ficou muito abatido nas linhas laterais comigo e com o Atticus, a ver o pai do Cecil Jacob a marcar ensaios para os batistas.

Um sábado, eu e o Jem decidimos ir explorar com as nossas pressões de ar para ver se encontrávamos um coelho ou um esquilo. Tínhamos andado cerca de quatrocentos metros para além do Casal do Radley quando vi que o Jem mirava de olhos semicerrados algo ao fundo da rua. Virara a cabeça de lado e olhava pelo canto dos olhos.

— Qu’é que ‘tás a ver?

— Aquele cão velho lá ao fundo — respondeu.

— É o velho *Tim Johnson*, não é?

— Pois é.

O *Tim Johnson* pertencia a Mr. Harry Johnson, o condutor do autocarro de Mobile, que vivia na berma sul da cidade. Era um cão de caça aos pássaros vermelho-acastanhado, considerado o animal de estimação de Maycomb.

— Que ‘tá ele a fazer?

— Não sei, Scout. É melhor irmos pra casa.

— Oh pá, Jem, ‘tamos em fevereiro.

— Não quero saber, vou dizer à Cal.

Corremos para casa e entrámos de rompante na cozinha.

— Cal — disse o Jem —, podes vir ao passeio um minuto?

— Pra quê, Jem? Não me posso pôr a ir ao passeio sempre que o menino quer.

— Passa-se algo de estranho com um cão velho lá ao fundo.

A Calpurnia suspirou. — Agora não posso ir tratar da pata de um cão qualquer. Há gaze na casa de banho, vão buscá-la e façam isso vocês.

O Jem abanou a cabeça. — Ele está doente, Cal. Passa-se alguma coisa com ele.

— O qu’é qu’ele faz, tenta morder a cauda?

— Não, faz assim.

O Jem pôs-se a engolir como um peixinho dourado, arqueou os ombros e retorceu o corpo. — Faz assim, mas parece que é contra vontade.

— ‘Tá a pregar-me uma peta, Jem Finch? — A voz da Calpurnia soava com dureza.

— Não, Cal, juro que não.

— E corria?

— Não, vai-se arrastando tão devagar que mal se nota. Vem pra este lado.

A Calpurnia lavou as mãos e seguiu o Jem até ao pátio da frente. — Não vejo cão nenhum — observou ela.

Seguiu-nos até passarmos o Casal do Radley e olhou para onde o Jem apontava. O *Tim Johnson* não passava de um pontinho ao longe, mas estava mais perto de nós. Caminhava de forma irregular, como se os membros do lado direito fossem mais curtos que os da esquerda, e fez-me lembrar um carro enterrado na areia.

— Está desequilibrado — comentou o Jem.

A Calpurnia ficou a olhar e depois agarrou-nos pelos ombros e levou-nos a correr para casa. Fechou a porta de madeira atrás de nós, dirigiu-se ao telefone e gritou: — Dê-me o escritório de Mr. Finch!

— Mr. Finch! — berrou. — É a Cal. Juro por Deus que há um cão

raivoso ao fundo da rua… ‘tá a vir prà aqui, sim s’nhor, é o… Mr. Finch garanto que é o velho *Tim Johnson*, sim s’nhor… sim s’nhor… sim…

Desligou e abanou a cabeça quando lhe tentámos perguntar o que o Atticus dissera. Carregou várias vezes no gancho do telefone e disse: — Miss Eula May… bom, m’nha senhora, já acabei de falar com Mr. Finch, por favor não lhe volte a ligar… escute, Miss Eula May, pode telefonar a Miss Rachel e a Miss Stephanie Crawford e a quem mais tiver telefone nesta rua e dizer a eles qu’anda um cão raivoso à solta? Por favor, m’nha senhora!

Ficou à escuta. — Bem sei que ‘tamos em fevereiro, Miss Eula May, mas conheço um cão raivoso quando o vejo. Por favor, m’nha senhora, despache-se!

A Calpurnia perguntou ao Jem: — Os Radleys têm telefone?

O Jem procurou na lista e disse que não. — De qualquer modo, eles não saem de casa, Cal.

— Não quero saber, vou dizer a eles.

Correu para o alpendre da frente comigo e com o Jem colados a ela. — Vocês ficam em casa! — gritou-nos.

A mensagem dela fora recebida pela vizinhança. Todas as portas de madeira que conseguíamos avistar estavam bem fechadas, e não vimos rasto do *Tim Johnson*. Ficámos a observar a Calpurnia a correr até ao Casal do Radley, segurando a saia e o avental acima dos joelhos. Subiu os degraus da frente e bateu com força à porta. Não obteve resposta e gritou: — Mr. Nathan, Mr. Arthur, vem aí um cão raivoso! Vem aí um cão raivoso!

— Ela devia dar a volta prá parte de trás — disse eu.

O Jem abanou a cabeça. — Agora já não faz diferença — comentou.

A Calpurnia batia na porta em vão, ninguém se apercebia do seu aviso, pois parecia que ninguém o ouvira.

No momento em que ela corria para o alpendre de trás, um *Ford* preto parou na entrada e de lá saíram o Atticus e Mr. Heck Tate.

Mr. Heck Tate era o xerife do condado de Maycomb. Era tão alto como o Atticus, mas mais magro. Tinha um nariz comprido, usava botas com ilhoses de metal brilhante, calças de montar e um casaco de lenhador. Enfiadas no cinturão via-se uma fileira de balas. Transportava uma espingarda pesada. Quando chegaram ao alpendre, o Jem abriu a porta.

— Fica aí dentro, filho — disse o Atticus. — Onde é que ele está, Cal?

— Já devia ‘tar aqui — respondeu a Calpurnia, apontando para o fundo da rua.

— Não corre, pois não? — perguntou Mr. Tate.

— Nã, senhor, ‘tá na fase das contrações, Mr. Heck.

— Vamos atrás dele, Heck? — quis saber o Atticus.

— É melhor esperarmos, Mr. Finch. Normalmente andam a direito, mas nunca se sabe. Pode dar a curva… esperemos que sim, senão segue a direito para o pátio traseiro dos Radleys. Vamos esperar um minuto.

— Acho que não vai entrar no pátio dos Radleys — afirmou o Atticus. — A vedação fá-lo parar. O mais provável é que siga a rua…

Eu pensava que os cães raivosos espumavam da boca, galopavam, davam saltos e atiravam-se às gargantas das pessoas, e pensava que isso acontecia em agosto. Se o *Tim Johnson* se comportasse assim, eu teria ficado menos assustada.

Não há nada mais fatal que uma rua deserta em expectativa. As árvores mantinham-se imóveis, as cotovias em silêncio, e os carpinteiros na casa de Miss Maudie tinham desaparecido. Ouvi Mr. Tate fungar e depois assoar-se. Vi-o mudar a arma para a curva do braço. Vi o rosto de Miss Stephanie Crawford enquadrado pela vidraça da porta da frente. Miss Maudie apareceu e ficou a seu lado. Atticus apoiou o pé na trave de uma cadeira e esfregou lentamente a mão pela coxa.

— Ali está ele — disse em voz baixa.

O *Tim Johnson* apareceu por fim, avançando, confuso, pela parte interior da curva paralela ao Casal do Radley.

— Olhem pra ele — murmurou o Jem. — Mr. Heck disse que avançavam a direito, mas ele nem consegue manter-se na rua.

— Parece estar muito doente — observei.

— Se alguma coisa se atravessar no seu caminho, atira-se logo.

Mr. Tate levou a mão à testa e inclinou-se para a frente. — É mesmo raiva, Mr. Finch.

O *Tim Johnson* avançava a passo de caracol, mas não se mostrava brincalhão nem cheirava a folhagem. Parecia concentrado no seu rumo, motivado por uma força invisível que o fazia avançar lentamente na nossa direção. Víamo-lo tremer como um cavalo a espantar as moscas,

enquanto abria e fechava a boca. Continuava todo torto, mas algo o puxava a pouco e pouco para nós.

— ‘Tá à procura de um lugar para morrer — disse o Jem.

Mr. Tate virou-se. — Está muito longe de morrer, Jem, ainda nem sequer começou.

O *Tim Johnson* chegou à rua transversal que passava em frente do Casal do Radley, e o que restava da sua pobre mente fê-lo parar e aparentemente considerar qual a rua por onde devia seguir. Deu uns passos hesitantes e parou em frente do portão dos Radleys; depois tentou virar para trás, mas isso provou-se difícil.

O Atticus disse. — Já está ao nosso alcance, Heck. É melhor abatê-lo agora antes que siga pela rua transversal, só Deus sabe quem pode estar a seguir à curva. Vai para dentro, Cal.

A Calpurnia abriu a porta de rede, fechou o trinco atrás de si, depois abriu-o de novo e ficou a segurar o gancho. Tentou bloquear-me a mim e ao Jem com o corpo, mas nós espreitámos por baixo dos braços dela.

— Abata-o o senhor, Mr. Finch. — E Mr. Tate passou a espingarda ao Atticus. Eu e o Jem quase desmaiámos.

— Não perca tempo, Heck — retorquiu o nosso pai. — Vá lá.

— Mr. Finch, isto é coisa só para um tiro.

O Atticus abanou a cabeça com veemência. — Não fique aí parado, Heck. Ele não vai esperar o dia todo por si.

— Por amor de Deus, Mr. Finch, olhe onde ele está! Se eu falhar, ele entra logo na casa dos Radleys! Eu não tenho lá grande pontaria, e o senhor sabe disso!

— Há trinta anos que não dou um tiro…

Mr. Tate quase atirou a espingarda ao Atticus. — Eu cá sentia-me muito bem se o fizesse agora — respondeu.

Bastante confusos, eu e o Jem ficámos a ver o nosso pai pegar na arma e avançar para o meio da rua. Caminhou depressa, mas achei que se movia como um nadador debaixo de água: o tempo abrandara até avançar com uma lentidão nauseante.

Quando o Atticus levantou os óculos, a Calpurnia murmurou: — Meu querido Jesus, ajudai-o — e levou as mãos à cara.

O Atticus empurrou os óculos para a testa, mas eles escorregaram, e ele atirou-os para o chão. No silêncio que se fazia sentir, ouvi-os

partirem-se. O nosso pai esfregou os olhos e o queixo, e vimo-lo piscar os olhos com força.

Defronte do portão dos Radleys, o que restava da mente do *Tim Johnson* já se decidira. Conseguira por fim dar a volta e prosseguir a sua rota original pela nossa rua acima. Deu dois passos em frente e depois parou e ergueu a cabeça. Vimos o seu corpo ficar rígido.

Com movimentos tão rápidos que pareciam simultâneos, a mão do Atticus puxou uma alavanca com uma bolinha na ponta, e ele encostou a arma ao ombro.

A espingarda disparou. O *Tim Johnson* deu um salto, contorceu-se e caiu no passeio, formando um monte castanho e branco. Nem soube o que é que o atingira.

Mr. Tate saltou do alpendre e correu até ao Casal do Radley. Parou defronte do cão, agachou-se, virou-se para trás e bateu com o dedo na testa acima do olho esquerdo. — Desviou-se um pouco pra direita, Mr. Finch — anunciou.

— Foi sempre assim — respondeu o Atticus. — Se tivesse podido escolher, tinha usado uma caçadeira.

Baixou-se, pegou nos óculos, esmigalhou as lentes partidas com o calcanhar, foi ter com Mr. Tate e ficou a olhar para o *Tim Johnson*.

As portas foram-se abrindo uma a uma, e a vizinhança regressou lentamente à vida. Miss Maudie desceu os degraus na companhia de Miss Stephanie Crawford.

O Jem estava paralisado. Dei-lhe um beliscão para o fazer reagir, mas quando o Atticus nos viu aproximar, bradou: — Fiquem onde estão.

Quando Mr. Tate e o nosso pai voltaram para o pátio da frente, Mr. Tate sorria. — Vou mandar o Zeebo recolhê-lo — disse. — Não se esqueceu de como é, Mr. Finch. Dizem que nunca esquecemos.

O Atticus continuou calado.

— Atticus? — disse o Jem.

— Sim?

— Nada.

— Eu vi, ó Finch *Tiro e Queda.*

O Atticus deu meia-volta e ficou cara a cara com Miss Maudie. Entreolharam-se sem pronunciar palavra, e o nosso pai entrou no carro do xerife. — Anda cá — disse para o Jem. — Não se aproximem

daquele cão, estás a ouvir? Não se aproximem, é tão perigoso morto como vivo.

— Sim, senhor — respondeu o Jem. — Atticus…

— Que foi, filho?

— Nada.

— Que se passa contigo, rapaz, não sabes falar? — admirou-se Mr. Tate, sorrindo para o Jem. — Não sabias que o teu pai…

— Cale-se, Heck — pediu o Atticus. — Vamos lá voltar para a cidade.

Quando o carro se afastou, eu e o Jem dirigimo-nos aos degraus da frente de Miss Stephanie, onde nos sentámos à espera de que o Zeebo chegasse com o camião do lixo.

O Jem ficou sentado, confuso e entorpecido, e Miss Stephanie exclamou: — Eh, eh, eh, quem iria pensar num cão raivoso em fevereiro? Talvez não tivesse raiva, talvez fosse apenas doido. Não gostava nada de ver a cara do Harry Johnson quando voltar da carreira de Mobile e descobrir que o Atticus Finch matou o seu cão a tiro. Aposto que estava só cheio de pulgas apanhadas num lado qualquer…

Miss Maudie disse que, se o *Tim Johnson* ainda viesse a subir a rua, a cantiga de Miss Stephanie seria outra, mas que depressa iam ficar a saber, iam mandar a cabeça dele para Montgomery.

O Jem voltou a falar, agora com um pouco mais de clareza: — Viste-o, Scout? Viste o pai ali parado? E de repente ficou todo descontraído e até parecia que ele e a espingarda eram um só… e disparou tão depressa, como… eu cá tenho d’apontar durante dez minutos antes de conseguir acertar em qualquer coisa…

Miss Maudie fez um sorriso maldoso. — E agora, Miss Jean Louise — disse —, ainda pensas que o teu pai não sabe fazer nada? Ainda te envergonhas dele?

— Não — admiti humildemente.

— No outro dia esqueci-me de te dizer que, no seu tempo, para além de tocar harpa de boca, o Atticus Finch era o atirador mais certeiro do condado de Maycomb.

— Mais certeiro… — ecoou o Jem.

— Foi isso mesmo que eu disse, Jem Finch. Acho que agora vais piar de outra forma. Mas que coisa, não sabiam que, quando era rapaz, a alcunha dele era o *Velho Tiro e Queda*? Bom, lá na Plantação, quando

ainda era novo, se disparasse quinze vezes e matasse catorze pombas, queixava-se de estar a estragar munições.

— Nunca nos contou nada disso — resmungou o Jem.

— Com que então, nunca vos contou nada.

— Não, s'nhora.

— Porque será que agora nunca vai à caça? — interroguei-me.

— Talvez te possa explicar — disse Miss Maudie. — O vosso pai é um ser civilizado do fundo do seu coração. A perícia de um atirador é um dom de Deus, um talento; bom, é preciso praticar para a aperfeiçoar, mas disparar é diferente de tocar piano e coisas assim. Penso que pôs a arma de lado quando percebeu que Deus lhe dera uma vantagem desleal sobre a maior parte dos seres vivos. Acho que decidiu não voltar a disparar até ser necessário, e hoje foi isso que aconteceu.

— Era de pensar que tivesse orgulho nisso — disse eu.

— As pessoas com juízo nunca se orgulham dos seus talentos — explicou Miss Maudie.

Vimos o Zeebo a chegar. Tirou uma forquilha da caixa do camião e içou cautelosamente o *Tim Johnson*, lançando-o depois lá para dentro. Em seguida, despejou qualquer coisa de um cântaro de cinco litros sobre o sítio onde o *Tim* caíra e à volta.

— Nada de vir pr'aqui durante um bocado — bradou.

Quando fomos para casa, eu disse ao Jem que já tínhamos tema de conversa na escola na segunda-feira, mas ele virou-se para mim e disse: — Não contes nada sobre isto, Scout.

— O quê? É claro que vou contar. Não é um pai qualquer que é o melhor atirador do condado de Maycomb.

Jem comentou: — Acho que s'ele quisesse que nós soubéssemos, ter-nos-ia contado. Se tivesse orgulho nisso, teria contado.

— Talvez se tenha esquecido — sugeri.

— Ná, Scout, é uma coisa que tu não ias compreender. O Atticus é mesmo velho, mas eu cá não me ia importar s'ele não soubesse fazer nada… s'ele não soubesse fazer mesmo coisa nenhuma.

Pegou numa pedra e atirou-a, todo contente, à garagem. Correu atrás dela e bradou para mim: — O Atticus é um cavalheiro, tal como eu!

11

Quando eu e o Jem éramos pequenos, tínhamos as atividades confinadas às imediações abaixo da nossa casa, mas, quando cheguei à segunda classe e atormentar o Boo Radley se tornara definitivamente uma coisa do passado, começámos a ser atraídos pelo centro da cidade e a subir a rua e a passar pela propriedade de Mrs. Henry Lafayette Dubose. Era impossível ir à cidade sem passar por sua casa, a não ser que quiséssemos fazer um desvio de mais de um quilómetro. Os breves encontros que anteriormente tinha tido com ela não me deixavam com qualquer desejo de os repetir, mas o Jem dizia que estava na altura de crescer.

Mrs. Dubose vivia sozinha — à parte uma jovem negra que a assistia em permanência —, duas casas acima da nossa, num edifício cuja fachada ostentava degraus íngremes e era dividido a meio por uma passagem coberta. Era muito velha e passava a maior parte dos dias na cama e o restante numa cadeira de rodas. Corriam rumores de que guardava uma pistola dos Confederados escondida entre os inúmeros xailes e envoltas que a cobriam.

Eu e o Jem detestávamo-la. Se estava no alpendre quando passávamos, varria-nos com o seu olhar furibundo, sujeitava-nos a um interrogatório implacável sobre o nosso comportamento e fazia previsões deprimentes sobre ao que chegaríamos quando fôssemos grandes: simplesmente nada. Havia muito que tínhamos desistido da ideia de passar do outro lado da rua, pois isso só a fazia elevar a voz e partilhar as suas invetivas com toda a vizinhança.

Nada do que fizéssemos lhe agradava. Se a cumprimentasse no meu tom mais alegre: «Olá, Mrs. Dubose», recebia em troca: «Não me digas olá, sua rapariga feiosa! Dizes boa tarde, Mrs. Dubose!»

Era malévola. Uma vez, quando ouviu o Jem referir-se ao nosso pai como «Atticus», teve um reação verdadeiramente apoplética. Além de sermos os fedelhos mais descarados e malcriados que jamais encontrara, ainda nos disse que era lamentável que o nosso pai não se tivesse casado de novo após a morte da nossa mãe. Que nunca houvera uma senhora mais adorável que a nossa mãe e que partia o coração ver o Atticus Finch deixar os filhos dela à solta, sem rei nem roque. Eu não

me lembrava da nossa mãe, mas o Jem sim — às vezes, contava-me coisas sobre ela — e empalideceu quando Mrs. Dubose nos atirou com aquilo.

Depois de ter sobrevivido ao Boo Radley, a um cão raivoso e a outros horrores, o Jem concluíra que era uma cobardia ficarmo-nos pelos degraus da frente de Miss Rachel e decretara que tínhamos de correr até à esquina do posto dos correios todas as tardes, quando íamos ao encontro do Atticus, que vinha do trabalho. E eram inúmeras as vezes em que ele dava com o Jem furioso com algo que Mrs. Dubose dissera ao passarmos por ela.

— Calma, filho — dizia. — É uma senhora idosa e está doente. Ergue a cabeça e sê cavalheiro. Seja o que for que diga, não tens nada de a aborrecer.

O Jem contrapunha que, pela forma como gritava, não devia estar muito doente. Quando chegávamos ao pé da casa dela, o Atticus tirava o chapéu com um gesto largo, acenava com galanteria e cumprimentava: «Boas tardes, Mrs. Dubose! Hoje parece uma flor.»

Nunca ouvi o Atticus dizer que flor é que parecia. Contava-lhe as novidades do tribunal e desejava-lhe de todo o coração que passasse um dia seguinte agradável. Punha de novo o chapéu, erguia-me para os seus ombros, ali mesmo na presença dela, e dirigíamo-nos os três para casa ao lusco-fusco. Era em momentos como esses que eu pensava que o meu pai — que odiava armas e nunca tinha ido à guerra — era o homem mais corajoso que jamais existira.

No dia seguinte a ter feito doze anos, o Jem estava ansioso por gastar o dinheiro que recebera, e foi assim que rumámos à cidade ao princípio da tarde. Julgava ter dinheiro suficiente para comprar uma máquina a vapor em miniatura para si e um bastão de *majorette* para mim.

Havia muito tempo que eu andava de olho num desses bastões: estava na loja V. J. Elmore, era coberto a lantejoulas e ouropel e custava dezassete cêntimos. Nessa altura, ansiava ficar crescida e tornar-me *majorette* da Banda da Escola Secundária de Maycomb. Como já tinha desenvolvido as minhas aptidões até conseguir atirar um pau ao ar e quase apanhá-lo na sua descida, conseguira que a Calpurnia me negasse entrada em casa sempre que me via com um pau na mão. Estava convicta de que, com um bastão a sério, conseguiria ultrapassar

as minhas limitações e achava que era muito generoso da parte do Jem comprar-mo.

Mrs. Dubose estava posicionada no seu alpendre quando passámos.

— Onde é que vão os dois a esta hora do dia? — gritou-nos. — A fazer gazeta, de certeza. Vou já telefonar ao diretor e dizer-lhe! — Colocou as mãos nas rodas da cadeira e executou uma viragem de noventa graus à direita perfeita.

— Oh, Mrs. Dubose, hoje é sábado — esclareceu o Jem.

— Ser sábado não faz diferença nenhuma — afirmou, um tanto ambígua. — Será que o vosso pai sabe por onde andam?

— Mrs. Dubose, nós vamos à cidade sozinhos desde que éramos desta altura. — E o Jem colocou a mão com a palma para baixo a uns sessenta centímetros do chão.

— Não me mintas! — bradou. — Jeremy Finch, a Maudie Atkinson contou-me que lhe partiste a parreira hoje de manhã. Ela vai contar ao teu pai, e tu vais desejar nunca teres nascido! Que eu não me chame Dubose se não fores mandado para o reformatório antes da semana que vem!

O Jem, que não se aproximava da latada de Miss Maudie desde o verão anterior e que sabia que Miss Maudie não iria fazer queixa ao pai se ele o tivesse feito, emitiu um desmentido de caráter geral.

— Não me contradigas! — vociferou ela. — E *tu* — continuou, apontando um dedo artrítico na minha direção —, o que estás tu a fazer com essas jardineiras vestidas? Devias ter um vestido e um corpete, minha menina! Ainda vais servir às mesas se ninguém te muda os hábitos; uma Finch a servir às mesas do Café O.K., ah!

Fiquei petrificada. O Café O.K. era uma entidade obscura no lado norte da praça. Agarrei-me à mão do Jem, mas ele soltou-se.

— Vá lá, Scout — murmurou —, não lhe prestes atenção, ergue a cabeça e sê um cavalheiro.

Contudo, Mrs. Dubose reteve-nos, atirando: — Não só uma Finch a servir às mesas mas também um outro no tribunal a defender pretos!

O Jem ficou tenso. Fora uma tirada certeira, e Mrs. Dubose sabia-o.

— Sim, sem dúvida, ao que chegou o mundo quando um Finch vai contra os seus princípios! Eu digo-vos! — Pôs a mão sobre a boca e, quando a afastou, deixou um longo trilho de saliva acinzentada. — O

vosso pai não é melhor do que os pretos e a escória para quem trabalha!

O rosto do Jem estava escarlate. Puxei-lhe pela manga, e continuámos pelo passeio acima, perseguidos por uma diatribe sobre a degeneração moral da nossa família, cuja principal premissa assentava no facto de metade dos Finch estarem asilados no manicómio; contudo, fosse a nossa mãe viva e não teríamos chegado a um tal estado.

Eu não sabia bem o que ofendia mais o Jem, mas, por mim, fiquei ressabiada com a avaliação da saúde mental da família. Quase me acostumara a ouvir insultos dirigidos ao Atticus, mas aquela fora a primeira vez que vinham de um adulto. Com exceção das observações sobre o Atticus, o ataque de Mrs. Dubose não passava de rotineiro. Havia um prenúncio de verão no ar — fresco à sombra, quente ao sol, o que queria dizer que os bons tempos estavam a chegar: sem escola e com o Dill.

O Jem comprou a sua máquina a vapor e foi à loja Elmore comprar o meu bastão. A aquisição, porém, não lhe deu prazer: enfiou-a no bolso e marchou em silêncio ao meu lado em direção a casa. No caminho, quase choquei com Mr. Link Deas, que exclamou: «Cuidado, Scout!» quando falhei um lançamento; quando nos aproximámos de casa de Mrs. Dubose, o meu bastão já estava encardido de ter sido apanhado do chão tantas vezes.

Ela não estava no alpendre.

Anos depois, interroguei-me por vezes sobre o que teria levado o Jem a desvincular-se do conselho «Sê cavalheiro, filho» e a abandonar a etapa de retidão constrangida em que havia entrado pouco tempo antes. Devia ter aguentado tanta chacota a propósito de o Atticus defender negros como eu, mas para mim era um dado adquirido que ele não perdia a calma: havia nele uma predisposição natural para a placidez, uma qualidade inata de moderação. Naquele momento, contudo, achei que a única explicação para o que fez foi que simplesmente perdeu a cabeça por alguns minutos.

Aquilo que o Jem fez foi algo que eu própria teria feito, não estivera sob a interdição do Atticus, que, pressupus, incluía a proibição de atacar velhotas horrorosas. Mal tínhamos chegado ao portão de Mrs. Dubose quando o Jem me arrancou o bastão das mãos e subiu os degraus a correr pelo quintal da frente dentro, esquecendo tudo o que o Atticus

tinha dito, esquecendo que Mrs. Dubose trazia uma arma consigo debaixo dos xailes, esquecendo que, se ela era capaz de falhar o tiro, era provável que Jessie, a criada, o não fizesse.

Começou a acalmar-se apenas depois de destruir o topo de todas as cameleiras, o chão pejado de rebentos verdes e de folhas. Forçou o meu bastão contra o joelho, partiu-o em dois e atirou-o ao chão.

Então, já eu guinchava. O Jem deu-me um puxão ao cabelo, disse que se estava borrifando, que o fazia de novo se pudesse e que, se eu não me calasse, me arrancava o cabelo todo, um por um. Não me calei, e ele deu-me um pontapé. Desequilibrei-me e caí, de cara no chão. O Jem levantou-me à bruta, mas pareceu arrependido. Não havia nada a dizer.

Decidimos não ir ao encontro do Atticus nessa tarde. Ficámo-nos pela cozinha, meio escondidos, até a Calpurnia nos expulsar. Como por magia, ela parecia saber tudo o que sucedera. A Calpurnia era um paliativo pouco satisfatório, mas ofereceu um biscoito de manteiga acabado de fazer ao Jem, que o partiu ao meio e o partilhou comigo. Soube-me a algodão-doce.

Fomos para a sala. Peguei numa revista de futebol, encontrei uma fotografia do Dixie Howell e mostrei-a ao Jem, dizendo: — Parece-se contigo. — Era a coisa mais simpática que me lembrei de dizer, mas não serviu de nada. Ficou sentado ao pé das janelas, enrolado numa cadeira de balanço, carrancudo, à espera. A luz do dia esmorecia.

Duas eras geológicas mais tarde, ouvimos as solas dos sapatos do Atticus a arranhar os degraus da frente. A porta de rede bateu, em seguida uma pausa — o Atticus colocava o chapéu no bengaleiro da entrada —, e ouvimo-lo chamar: «Jem!» E a voz soou como o vento gelado do inverno.

O Atticus acendeu a luz do teto da sala e deu connosco, imóveis, petrificados. Numa mão tinha o meu bastão, a borla amarela imunda a arrastar pelo tapete. Estendeu a outra mão, que trazia rebentos fartos de cameleira.

— Jem — inquiriu —, és responsável por isto?

— Sim, senhor.

— Por que razão fizeste isto?

O Jem disse baixinho: — Ela disse que o pai defendia pretos e

escória.

— Fizeste isto porque ela disse isso?

Os lábios moveram-se, mas não se ouviu o seu «Sim, senhor».

— Meu filho, não tenho qualquer dúvida de que tens sido aborrecido pelos teus contemporâneos por eu estar a defender pretos, como tu dizes, mas fazer uma coisa destas a uma senhora doente não tem desculpa. Aconselho-te vivamente a ires falar com Mrs. Dubose — declarou o Atticus. — E depois disso, vem direito a casa.

O Jem não se mexeu.

— Vai lá, já disse.

Fui atrás do Jem. — Volta para aqui — ordenou-me. Regressei.

O Atticus pegou no *Mobile Press* e sentou-se na cadeira de baloiço que o Jem tinha deixado vaga. Sinceramente eu não conseguia compreender como é que o nosso pai podia ficar ali friamente, sentado a ler o jornal, quando o seu único filho varão tinha uma grande possibilidade de ser assassinado com uma relíquia do tempo do Exército Confederado. Claro que o Jem, às vezes, me hostilizava ao ponto de o querer matar, mas ao fim e ao cabo era tudo o que eu tinha. O Atticus parecia não se aperceber disso ou então não se importava.

Detestei-o nesse momento, mas uma pessoa acaba por se cansar quando tem problemas: em breve me escondi no seu colo, entre os seus braços.

— Estás muito crescida para ser embalada — proferiu.

— O pai não se importa com o que lhe pode acontecer — lamentei. — Manda-o ir para levar um tiro quando o que ele fez foi defendê-lo.

O Atticus ajeitou-me a cabeça debaixo do queixo. — Ainda não está na altura de nos preocuparmos — afirmou. — Nunca pensei que fosse o Jem a perder a cabeça, pensei que ia ter mais sarilhos contigo.

Retorqui que não via por que razão tínhamos de manter a calma, que ninguém que eu conhecesse da escola tinha de manter a cabeça fria por nada.

— Scout — continuou o Atticus —, quando chegar o verão, vais ter de manter a calma por coisas bem piores... não é justo para contigo, nem para o Jem, bem sei, mas às vezes temos de tirar o melhor partido das coisas, e a maneira como nos comportamos quando chega a hora da verdade... bom, o que posso dizer é que, quando vocês forem crescidos,

talvez recordem isto com alguma compaixão e alguma sensação de que não vos desiludi. Este caso, o caso do Tom Robinson, é algo que vai diretamente ao cerne da consciência de um homem... Scout, eu não conseguiria ir à igreja e rezar a Deus se não tentasse ajudar este homem.

— Atticus, deve estar enganado...

— De que forma?

— Bem, a maior parte da gente acha que eles têm razão e o pai não...

— Claro que eles têm direito a pensar assim e têm direito a ver as suas opiniões plenamente respeitadas — declarou o Atticus —, mas, antes de ser capaz de viver com os outros, eu tenho de ser capaz de viver comigo próprio. A única coisa que não obedece à regra da maioria é a consciência individual.

Quando o Jem voltou, eu ainda estava ao colo do Atticus. — Então, filho? — perguntou. Pôs-me no chão, e, em segredo, examinei o Jem com minúcia. Parecia incólume, mas tinha um olhar estranho no rosto. Talvez ela lhe tivesse administrado uma dose de cloreto de mercúrio.

— Limpei tudo e disse-lhe que estava arrependido, mas não estou, e que ia trabalhar nas cameleiras todos os domingos e tentar fazê-las crescer outra vez.

— Não vale a pena dizeres que estás arrependido se não estás — contrapôs o Atticus. — Jem, ela é velha e está doente. Não podes responsabilizá-la pelo que diz e faz. Claro que preferia que ela mo dissesse a mim em vez de a qualquer de vós, mas não pode ser sempre como queremos.

O Jem parecia hipnotizado por uma rosa da carpete. — Atticus — anunciou —, ela quer que eu leia para ela.

— Leres para ela?

— Sim, senhor. Quer que vá lá todas as tardes depois da escola e aos sábados e que lhe leia durante duas horas. Atticus, tenho mesmo de ir?

— Claro que sim.

— Mas ela quer que eu vá durante um mês.

— Então, é isso que vais fazer.

Delicadamente o Jem pousou o dedo grande do pé no centro da rosa e assentou-o com firmeza. Por fim, confessou: — Atticus, do passeio da rua parece tudo bem, mas lá dentro é... é tudo escuro e assustador. Há

sombras e coisas no teto...

O Atticus sorriu gravemente. — Isso deve apelar à tua imaginação. Faz de conta que estás dentro da casa dos Radleys.

Na segunda-feira a seguir, da parte da tarde, eu e o Jem subimos os degraus íngremes da casa de Mrs. Dubose e caminhámos lentamente pela passagem coberta. O Jem, armado com o *Ivanhoe*, bateu à segunda porta do lado esquerdo.

— Mrs. Dubose? — chamou.

A Jessie abriu a porta de madeira e descerrou a porta de rede.

— És tu, Jem Finch? — inquiriu. — Trouxeste a tua irmã contigo. Não sei...

— Deixa-os entrar os dois, Jessie — disse Mrs. Dubose. A Jessie deixou-nos entrar e foi para a cozinha.

Ao cruzar a ombreira da porta, chocámos com um fedor opressivo, um cheiro repugnante que encontrara muitas vezes em casas cinzentas, apodrecidas pela humidade, onde existem candeeiros a petróleo, conchas para água e lençóis encardidos. Sempre me assustou esse cheiro, sempre me deixou expectante, vigilante.

No canto do quarto, havia uma cama de latão, e na cama estava Mrs. Dubose. Interroguei-me se as atividades do Jem a teriam posto de cama e, por momentos, tive pena dela. Lá jazia, debaixo de uma pilha de mantas, quase parecendo amigável.

Ao lado da cama, via-se um lavatório com um tampo de mármore; em cima dele, havia um copo com uma colher de chá dentro, uma pera de ar vermelha para aspirar os ouvidos, uma caixa de algodão absorvente e um despertador de aço que assentava em três pezinhos.

— Então trouxeste a fedelha sebenta da tua irmã, não foi? — disse à laia de cumprimento.

— A minha irmã não é sebenta, e eu não tenho medo de si — disse em voz baixa, mas eu reparei que os joelhos lhe tremiam.

Fiquei à espera de uma tirada, mas ela disse apenas: — Podes principiar a leitura, Jeremy.

Ele sentou-se numa cadeira com o assento de palhinha e abriu o *Ivanhoe*. Eu puxei outra cadeira e sentei-me ao lado dele.

— Venham para mais perto — sugeriu Mrs. Dubose. — Venham para

a beira da cama.

Mudámos as cadeiras para a frente. Nunca havia estado tão próxima dela e o que mais queria era voltar à posição anterior.

Ela tinha uma aparência horrível. O rosto era da cor de uma fronha suja, e os cantos da boca brilhavam, húmidos, a baba a escorrer lentamente, qual glaciar, pelos sulcos profundos que lhe desenhavam o queixo. As maçãs do rosto eram salpicadas de manchas da idade, e os olhos pálidos exibiam pupilas negras bem definidas. As mãos eram nodosas, e as cutículas cresciam sobre as unhas. Não tinha a dentadura inferior posta, e o lábio superior sobressaía, proeminente; de vez em quando, levava o lábio inferior à dentadura de cima, arrastando o queixo nesse movimento, o que fazia a baba mover-se mais depressa.

Não olhei mais para ela, a não ser se necessário. O Jem abriu de novo o livro e começou a ler. Tentei acompanhá-lo, mas era demasiado veloz. Quando chegava a uma palavra que não conseguia ler, saltava-a, mas Mrs. Dubose dava por isso e fazia-o soletrá-la. Continuou a ler talvez uns vinte minutos, durante os quais eu observava a moldura da lareira manchada de fuligem, olhava pela janela, estudava o que quer que me impedisse de olhar para ela. À medida que o Jem lia, reparei que as correções diminuíam e se espaçavam cada vez mais, que o meu irmão até deixara uma frase a meio. Mrs. Dubose não estava a ouvir.

Olhei para a cama.

Algo acontecera. Jazia, de costas, as mantas puxadas até ao queixo. Apenas se viam a cabeça e os ombros. A cabeça movia-se lentamente para um lado e para o outro. De vez em quando, escancarava a boca, mostrando a língua que ondulava frouxamente. Fios de saliva juntavam-se-lhe nos lábios; sorvia-os para dentro e de novo abria a boca. Parecia que a boca tinha vida própria. Funcionava em separado do resto do corpo, a abrir e a fechar, como o buraco feito por uma amêijoa na maré baixa. De quando em quando, soltava um «glu», como se tratasse de alguma substância viscosa a chegar ao ponto de ebulição.

Puxei a manga do Jem.

Ele olhou-me e em seguida virou-se para a cama. A cabeça de Mrs. Dubose fez o seu movimento habitual na nossa direção, e o Jem inquiriu: — Mrs. Dubose, a senhora está bem? — Ela não respondeu.

O despertador começou a tocar e assustou-nos de morte. Um minuto

mais tarde, com os nervos ainda à flor da pele, eu e o Jem estávamos no passeio a caminho de casa. Não fugimos, foi a Jessie quem nos mandou embora: antes de o despertador se ter calado, já estava no quarto a empurrar-nos para fora.

— Xô, xô — dizia —, vão os dois pra casa.

À porta, o Jem hesitou.

— Está na hora do remédio — explicou a jovem. Mal a porta se fechou atrás de nós, vimos a Jessie a regressar ao quarto, apressada.

Era apenas um quarto para as quatro quando chegámos a casa, portanto ficámos no pátio das traseiras a fazer passes com a bola até ser hora de ir ao encontro do Atticus. O nosso pai trazia-me dois lápis amarelos e uma revista de futebol para o Jem, o que supus tratar-se de uma recompensa tácita pela nossa primeira sessão de leitura com Mrs. Dubose. O Jem contou-lhe o que se passara.

— Ficaste assustado? — quis saber.

— Não, senhor — retorquiu —, mas ela é tão nojenta! Tem ataques ou coisa assim. E cospe muito.

— É uma coisa que não consegue deixar de fazer. Quando as pessoas estão doentes, às vezes não são muito agradáveis à vista.

— A mim assustou-me — intervim eu.

O Atticus olhou-me por cima dos óculos. — Não tens de ir com o Jem, sabes disso.

A tarde seguinte em casa de Mrs. Dubose foi igual à primeira, assim como a que se seguiu, até que gradualmente foi emergindo um padrão: tudo começava normalmente, isto é, Mrs. Dubose atormentava o Jem com os temas que lhe eram favoritos, as suas camélias e a propensão do nosso pai para ser amigo de pretos; tornar-se-ia cada vez mais taciturna e acabaria por se distanciar de nós. O despertador tocava, a Jessie enxotava-nos, e o resto do dia pertencia-nos.

— Atticus — perguntei, uma noite —, o que é exatamente um amigo dos pretos?

O rosto assumiu uma expressão grave. — Alguém te tem andado a chamar isso?

— Não, senhor, mas Mrs. Dubose chama isso ao pai. Todas as tardes começa a sessão com isso. O Francis chamou-me isso no Natal, foi a primeira vez que ouvi.

— Foi por isso que o atacaste? — inquiriu.

— Sim, senhor...

— Então, por que razão é que me estás a perguntar o que significa?

Tentei explicar-lhe que não tinha sido tanto o que o Francis dissera que me tinha enfurecido, mas sim a maneira como o tinha dito. — Foi assim como s'ele me tivesse chamado ranhosa ou uma coisa dessas.

— Scout — começou o Atticus —, amigo dos pretos é um desses termos que não significam nada, como ranhoso. É difícil de explicar; as pessoas ignorantes e ordinárias usam-no quando pensam que alguém está a favorecer os negros em detrimento deles próprios. Acabou por tornar-se habitual com algumas pessoas como nós, quando querem um termo feio e reles para rotular alguém.

— Então o pai não é amigo dos pretos, pois não?

— Claro que sou. Esforço-me por ser amigo de toda a gente... é difícil, às vezes... querida, nunca é um insulto ser chamado o que uma outra pessoa pensa ser um nome feio. Apenas serve para mostrar quão inferior essa pessoa é, nunca te magoa. Portanto, não te deixes ir abaixo com o que diz Mrs. Dubose. Os problemas que ela própria tem já lhe chegam.

Uma tarde, um mês depois, o Jem continuava a sua peregrinação ao longo de Sir Walter Scout, como ele lhe chamava, e Mrs. Dubose corrigia-o a cada passo, quando bateram à porta. — Entre! — bradou ela.

O Atticus entrou. Dirigiu-se à cama e pegou na mão de Mrs. Dubose. — Vinha agora do escritório e não vi as crianças — disse. — Pensei que ainda aqui estivessem.

Ela sorriu-lhe. Sinceramente, não conseguia perceber como é que ela conseguia falar com ele quando parecia detestá-lo tanto. — Sabe que horas são, Atticus? — inquiriu. — Passam exatamente catorze minutos das cinco. O despertador está posto para as cinco e meia. Só para que saiba.

Apercebi-me de repente de que todos os dias tínhamos ficado mais um bocado em casa de Mrs. Dubose, que o despertador tocava uns minutos mais tarde a cada dia que passava e que ela estava a meio de um dos seus ataques quando começava a tocar. Nesse dia, ela tinha atormentado o Jem quase durante duas horas sem qualquer intenção de

ter um dos seus ataques, e senti-me irremediavelmente encurralada. O despertador era o sinal de que estávamos livres; se, um dia, não tocasse, o que faríamos?

— Tenho a sensação de que as leituras do Jem têm os dias contados — declarou o Atticus.

— Só mais uma semana, parece-me — contrapôs —, só para ter a certeza de que...

O Jem ergueu-se. — Mas...

O Atticus estendeu a mão, e o meu irmão calou-se. No caminho para casa, o Jem disse que só tinha de fazer aquilo durante um mês e que o mês estava a terminar e que não era justo.

— Só mais uma semana, filho — contrapôs o Atticus.

— Não — objetou.

— Sim — insistiu o nosso pai.

Na semana seguinte, voltámos uma vez mais a casa de Mrs. Dubose. O despertador deixara de tocar, mas mandava-nos embora com um «Já chega» tão tardio que o Atticus já estava em casa a ler o jornal quando chegávamos. Apesar de já não ter ataques, continuava a ser a mesma em tudo o resto: quando Sir Walter Scott se envolvia em longas descrições de fossos e castelos, aborrecia-se e começava a implicar connosco:

— Jeremy Finch, eu disse-te que te ias arrepender de me teres estragado as cameleiras. Agora estás arrependido, não estás?

O Jem respondia «claro que sim».

— Pensavas que ias dar cabo da minha camélia-da-montanha, não era? Bom, a Jessie diz que está outra vez a crescer. Da próxima, já sabes como hás de fazer, não é? Vais arrancá-la pelas raízes, não vais?

O Jem respondia «claro que sim».

— Não te ponhas a resmungar comigo, menino! Ergue a cabeça e diz «sim, senhora». Não me parece que te apeteça levantar a cabeça, sendo o teu pai quem é.

O Jem levantava o queixo e olhava-a com uma expressão desprovida de ressentimento. Durante aquelas semanas, desenvolvera uma expressão de interesse distante e cortês, que lhe apresentava em resposta às suas invenções mais horripilantes.

Finalmente chegou o dia. Uma tarde, quando Mrs. Dubose disse «Já

chega», acrescentou: — E terminou. Bons dias aos dois.

Tinha acabado. Apressámo-nos pelo passeio numa folia de puro alívio, aos pulos e aos gritos.

Essa foi uma boa primavera: os dias cresciam e dava-nos mais tempo para brincar. O Jem estava ocupado sobretudo com os dados estatísticos dos jogadores universitários de futebol americano de toda a nação. Todas as noites, o Atticus lia-nos as páginas de desporto do jornal. Era provável que, naquele ano, o Alabama voltasse a estar presente no Rose Bowl, a taça de futebol americano universitário, a julgar pelas perspetivas, mas nós nem sequer conseguíamos pronunciar os nomes dos jogadores. Uma noite, o Atticus estava a meio da coluna desportiva do Windy Seaton, quando o telefone tocou.

Ele atendeu e foi diretamente ao bengaleiro da entrada. — Vou ali a casa de Mrs. Dubose um bocado — anunciou. — Não me demoro.

Porém, não regressou senão muito depois da minha hora de ir para a cama. Ao voltar, trazia uma caixa de chocolates na mão. Sentou-se na sala e pousou a caixa no chão a seu lado.

— O que é qu'ela queria? — quis saber o Jem.

Não víamos Mrs. Dubose havia mais de um mês. Quando passávamos por lá, nunca estava no alpendre.

— Morreu, meu filho — disse o Atticus. — Morreu há poucos minutos.

— Oh — exclamou o Jem —, está bem.

— É isso — retorquiu. — Já não está a sofrer. Esteve doente muito tempo. Filho, sabias o que eram os ataques que ela tinha?

O Jem abanou a cabeça.

— Mrs. Dubose era viciada em morfina — explicou. — Tomava-a como analgésico há anos. Foi o médico que lhe receitou. Podia ter passado o resto da vida a tomá-la e morrido sem muito sofrimento, mas era contra...

— Sim?

O Atticus continuou: — Mesmo antes da tua escapadela, chamou-me para fazer o testamento. O doutor Reynolds disse-lhe que tinha apenas alguns meses de vida. Tinha os negócios todos em ordem, mas disse-me: «Há ainda uma coisa que não está tratada.»

— O que era? — inquiriu o Jem, perplexo.

— Disse que ia deixar este mundo sem estar dependente de nada

nem de ninguém. Jem, quando se está doente como ela estava, não faz mal tomar seja o que for para ser mais fácil, mas ela não queria isso. Disse que queria libertar-se antes de morrer e foi isso que fez.

O Jem perguntou: — Era por isso que tinha os ataques?

— Era. A maior parte do tempo em que estavas a ler, duvido que tenha ouvido uma única palavra. A mente e o corpo estavam concentrados naquele despertador. Mesmo que não tivesses caído nas suas mãos, eu ter-te-ia mandado ler de qualquer forma. Pode ser que a tivesse distraído. Havia uma outra razão...

— E morreu livre? — quis saber o Jem.

— Como um passarinho — respondeu o Atticus. — Esteve consciente até ao final, quase. Consciente — sorriu — e intratável. Continuava a desaprovar as minhas ações vivamente e disse que provavelmente eu ia passar o resto da vida a tirar-te da prisão. Mandou a Jessie arranjar-te esta caixa...

O Atticus baixou-se, pegou na caixa e entregou-a ao Jem.

Ele abriu a caixa. Lá dentro, aninhada em maços de algodão húmido, estava uma camélia branca, da cor da cera, perfeita. Era uma camélia-da-montanha.

Os olhos dele esbugalharam-se. — Velha do diabo, velha do diabo — gritou, arremessando a caixa ao chão —, porqu'é que não me deixa em paz?

Num salto, o Atticus estava de pé junto a ele, e o Jem escondeu o rosto na camisa do pai. — Sh-sh — acalmou-o —, acho que foi a sua maneira de te dizer que... que agora está tudo bem, Jem, está tudo bem. Era uma grande senhora, sabes?

— Uma senhora? — O Jem levantou a cabeça, o rosto escarlate. — Depois de todas as coisas que ela disse sobre si, uma senhora?

— Era, sim. Podia ter as suas opiniões sobre as coisas, muito diferentes das minhas, talvez... filho, já te disse que, mesmo se não tivesses perdido a cabeça, ter-te-ia mandado ler para ela. Queria que visses nela alguma coisa... queria que visses o que é coragem a sério, em vez de ficares com a ideia de que coragem é um homem de arma na mão. É quando sabes que estás derrotado à partida, mas começas da mesma forma e acabas o que tens a fazer, aconteça o que acontecer. Raramente se ganha, mas às vezes acontece. Mrs. Dubose ganhou,

com os seus quarenta e poucos quilos. Como pensava, morreu sem dívidas para com nada nem ninguém. Era a pessoa mais corajosa que já conheci.

O Jem apanhou a caixa de chocolates e atirou-a para a lareira. Pegou na camélia e, quando fui para a cama, vi-o acariciar as pétalas largas. O Atticus estava a ler o jornal.

Referência à Guerra de 1812 no Alabama, em que o general Jackson derrotou a tribo dos Muskogee Creeks. (*NT*)

Clérigo inglês, precursor do movimento metodista (1703-1791). (*NT*)

Durante a Grande Depressão, na presidência de Herbert Hoover, muitos dos que possuíam carros, e não tendo dinheiro para a gasolina, transformavam-nos em carroças e puxavam-nos com um cavalo. (*NT*)

Referência ao discurso de tomada de posse do presidente americano F. D. Roosevelt em 1933. (*NT*)

Nomes norte-americanos responsáveis pela autoria ou publicação de romances infantojuvenis como, por exemplo, a série de *Tom Swift* ou *Tarzan*. (*NT*)

Livro de aventuras infantil de uma série muito popular nos EUA. (*NT*)

Trocadilho com as palavras «Finch» (tentilhão) e «Bullfinch» (pisco), ambos nomes de aves. (*NT*)

Confusão entre Melvil Dewey, autor do método decimal de catalogação de livros, e John Dewey, pedagogo progressista. (*NT*)

Iniciais de Works Progress Administration, programa de reinserção profissional para combater o desemprego que fazia parte do New Deal, lançado em 1935. (*NT*)

[0] Era costume chamar-se jantar à refeição principal, que era habitualmente tomada ao meio-dia; a ceia, a última refeição do dia, era tomada ao final da tarde. (*NT*)

[1] Referência à personagem do clássico da literatura infantil *O Vento nos Salgueiros*, de Kenneth Grahame. (*NT*)

[2] Novela radiofónica americana que foi transmitida de 1932 a 1959. (*NT*)

[3] Batalha ocorrida durante a Primeira Guerra Mundial, em França, 1918. (*NT*)

[4] Algumas denominações batistas (por exemplo, os primitivos ou da velha guarda) observam o lava-pés, ritual a que dão especial significado, pois demonstra a fé daquele que o pratica (tal como o batismo e a comunhão). (*NT*)

[5] Joseph Wheeler, político e militar americano, que se destacou como líder do exército confederado durante a Guerra da Secessão (1861-1865). (*NT*)

[6] Referência a um conto de fadas dos irmãos Grimm. (*NT*)

[7] Cidade da Virgínia onde o general Lee se rendeu ao general Grant em 1865, terminando a Guerra Civil Americana. (*NT*)

[8] Thomas Jackson, famoso general das Forças Armadas Confederadas, alcunhado Stonewall, também conhecido por Ol' Blue Light. (*NT*)

[9] Referência ao Evangelho segundo São Mateus 26:39. (*NT*)

PARTE DOIS

12

O Jem tinha agora doze anos. Estava a ser difícil viver com ele, pois mostrava-se imprevisível e temperamental. O seu apetite era medonho, e disse-me tantas vezes para deixar de o importunar que consultei o Atticus.

— Acha que ele tem a bicha solitária? — O Atticus disse que não, que o Jem estava a crescer. Eu devia ser paciente para com ele e incomodá-lo o menos possível.

Esta mudança do Jem ocorreu numa questão de semanas. Mrs. Dubose ainda não tinha arrefecido no túmulo, e o meu irmão parecera-me bastante grato pela minha companhia quando ia ler para ela. Da noite para o dia, ou assim me pareceu, adquiriu um estranho conjunto de valores e tentava impô-los à minha pessoa; várias vezes chegou mesmo ao ponto de me dizer o que eu devia fazer. Após uma altercação em que o Jem berrou: «Já é altura de começares a ser uma rapariga e portares-te bem!», rebentei em lágrimas e corri para a Calpurnia.

— Não se apoquente tanto por causa de Mister Jem… — começou ela.

— Mis-ter Jem?

— Sim, agora o seu irmão já tem idade para ser Mister Jem.

— Ele não é assim tão velho — comentei. — Precisa é de alguém que lhe dê uma boa tareia, e eu cá não tenho tamanho que chegue.

— Querida — disse a Calpurnia —, não tenho culpa que Mister Jem esteja a crescer. Agora vai qu'rer sair sozinho muitas vezes e fazer lá o qu'os rapazes fazem, por isso, quando se sentir sozinha, vem aqui prá cozinha, e arranjamos muita coisa pra fazer as duas.

O início desse verão foi de bom agoiro: o Jem que fizesse o que lhe aprouvesse, que a Calpurnia servia muito bem até vir o Dill. Ela parecia contente por me ver quando eu aparecia na cozinha e, ao observá-la, comecei a pensar que ser rapariga devia ter os seus segredos.

O verão, porém, chegou, e o Dill não apareceu. Recebi uma carta e uma foto instantânea dele. A carta dizia que tinha um pai novo, cuja

fotografia fora incluída, e teria de ficar em Meridian porque estavam a planear construir um barco de pesca. O pai era advogado como o Atticus, só que muito mais novo. O novo pai do Dill tinha uma cara simpática, o que me deixou contente por ele o ter fisgado, mas fiquei arrasada. O Dill terminava dizendo que me ia amar para sempre e que não me preocupasse, viria buscar-me e casava comigo assim que tivesse juntado dinheiro suficiente e portanto que lhe escrevesse.

O facto de ter um noivo permanente não compensava em nada a sua ausência. Nunca pensara nisso, mas o verão era o Dill junto ao lago dos peixes a fumar cigarros de palha, os olhos a cintilar com planos complicados para fazer com que o Boo Radley aparecesse; o verão era a rapidez com que ele se esticava e me beijava quando o Jem não estava a olhar, os sentimentos que por vezes partilhávamos. Com ele, a vida era rotineira, sem ele era insuportável. Fiquei infelicíssima durante dois dias.

Como se isso não bastasse, a assembleia legislativa do estado foi convocada para uma sessão de emergência, e o Atticus deixou-nos durante duas semanas. O governador mostrava-se ansioso por expurgar a máquina do estado de algumas lapas; havia greves com ocupação em Birmingham; nas cidades, as filas para o pão cresciam e, no campo, o povo ia ficando cada vez mais pobre. Estes acontecimentos, porém, não faziam parte do meu mundo e do mundo do meu irmão.

Certa manhã, ficámos surpreendidos ao ver um desenho humorístico no *Montgomery Adviser* com a seguinte legenda: «O Finch de Maycomb». Mostrava o Atticus descalço e de calções, acorrentado a uma secretária, a escrever diligentemente numa lousa, enquanto algumas raparigas de aspeto frívolo lhe gritavam «Cucu!»

— É um cumprimento — explicou o Jem. — Ele passa o tempo a fazer coisas que nunca seriam feitas se não fosse ele.

— Quê?

Como complemento das novas características que o Jem adquirira, apresentava agora um ar de sabedoria muito irritante.

— Oh, Scout, é como reorganizar o sistema de impostos dos condados e coisas assim. Esse tipo de atividade é muito pouco interessante para a maioria dos homens.

— Com’é que sabes?

— Anda lá, deixa-me em paz. Estou a ler o jornal.

Fiz-lhe a vontade e desandei para a cozinha.

Enquanto descascava ervilhas, a Calpurnia disse de súbito: — Qu'é que eu vou fazer sobre vocês os dois este domingo na igreja?

— Nada, acho eu. O Atticus deixou-nos o dinheiro pró peditório.

A Calpurnia semicerrou os olhos, e eu percebi o que lhe estava a passar pela cabeça. — Cal — disse eu —, sabes que nos vamos portar bem. Há anos que não fazemos asneiras na igreja.

Era evidente que a Calpurnia se lembrava de um domingo de chuva em que não tínhamos nem a presença de um pai nem a de um professor. Deixada à solta, a turma amarrou a Eunice Ann Simpson a uma cadeira e pô-la na casa da caldeira. Esquecemo-nos dela, corremos escada acima para a missa e estávamos a ouvir o sermão muito bem-comportados quando, vindas dos canos do radiador, se ouviram umas pancadas horríveis, que não se calaram até alguém ter ido investigar e trazer a Eunice Ann, que dizia que não queria representar mais o papel de Hananias[20]. O Jem Finch garantira-lhe que não se queimava se tivesse muita fé, mas lá em baixo estava um calor desgraçado.

— Além disso, Cal, esta não é a primeira vez que o Atticus nos deixa sozinhos — protestei.

— Pois, mas quer sempre saber s'a professora vai lá 'tar. Desta vez não o ouvi falar disso, acho que se esqueceu. — A Calpurnia coçou a cabeça, mas de súbito sorriu. — A menina e Mister Jem gostavam de vir comigo à igreja amanhã?

— A sério?

— Que tal? — insistiu ela ainda a sorrir.

Se a Calpurnia já me tinha esfregado até doer alguma vez, não foi nada comparado com a supervisão que levou a cabo nesse sábado à noitinha. Obrigou-me a ensaboar-me toda duas vezes, deitou água limpa na banheira de cada uma das vezes, enfiou-me a cabeça na bacia e lavou-a com sabão de soda e sabão de azeite. Havia anos que confiava no Jem, mas nessa noite invadiu a sua privacidade e causou uma explosão: «Já não se pode tomar banho nesta casa sem ter a família toda a espreitar?»

Na manhã seguinte, começou a cirandar ainda mais cedo que o

habitual para «dar uma vista d'olhos à nossa roupa». Quando ficava em nossa casa de noite, a Calpurnia dormia numa cama desmontável na cozinha, que, nessa manhã, se apresentava coberta com a nossa roupa de ver a Deus. Pusera tanta goma no meu vestido que, quando me sentava, ficava armado como uma tenda. Obrigou-me a vestir um saiote e atou-me uma fita cor-de-rosa à cintura com toda a força. Depois, puxou o lustro aos meus sapatos de verniz com um pãozinho frio[21] até os deixar como um espelho.

— Até parece que vamos ao Mardi Gras — comentou o Jem. — pra que é isto tudo, Cal?

— Não quero ninguém a dizer que não trato bem dos meus meninos — resmungou ela. — Mister Jem, não pode de maneira nenhuma usar essa gravata com esse fato. É verde.

— Que mal tem isso?

— O fato é azul. Não percebe?

— Hi, hi — ri-me eu. — O Jem é daltónico.

O meu irmão corou violentamente, mas a Calpurnia avisou-nos: — Deixem-se lá dessas coisas. Quero-vos na Igreja Livre com um sorriso na cara.

A Igreja Metodista Africana Livre ficava nos Casebres, para além do limite sul da cidade, do outro lado das linhas da velha serração. Era uma construção antiga em madeira com a tinta a pelar e gabava-se de ser a única igreja de Maycomb com campanário e sino. Adquirira aquele nome por ter sido paga com os primeiros rendimentos ganhos pelos escravos libertados. Os negros rezavam lá ao domingo e, durante a semana, era aí que os brancos iam jogar às cartas.

O adro da igreja era de barro duro como tijolo, tal como o cemitério contíguo. Se alguém morresse durante um período de seca, o corpo era coberto com pedaços de gelo até a chuva ter amolecido a terra. Algumas campas do cemitério estavam assinaladas com lápides a cair aos bocados, e as mais recentes eram delimitadas com cacos de vidro de cores vivas e garrafas de *Coca-Cola* partidas. Os para-raios que pareciam guardar alguns dos túmulos indicavam que ali os mortos não descansavam em paz, e cotos de velas ardidas eram colocados no topo dos túmulos das crianças. Era um cemitério feliz.

Ao entrarmos no adro da igreja, fomos acolhidos pelo cheiro morno e agridoce de negros limpos, composto por um misto de loção capilar *Hearts of Love,* assa-fétida, rapé, água-de-colónia *Hoyt*, tabaco de mascar *Brown's Mule,* hortelã-pimenta e pó de talco perfumado.

Quando viram a Calpurnia connosco, os homens recuaram e descobriram a cabeça e as mulheres cruzaram os braços junto à cintura, gestos habituais de respeito e consideração. Abriram caminho para nós até à porta da igreja. A Calpurnia avançou, ladeada por mim e pelo Jem, respondendo aos cumprimentos dos seus vizinhos, que trajavam roupas coloridas.

— Qual é a tua ideia, Miss Cal? — bradou uma voz atrás de nós.

A Calpurnia pousou as mãos nos nossos ombros, parámos e olhámos em volta: parada no caminho via-se uma mulher negra e alta, que apoiava o peso numa das pernas, enquanto encostava o cotovelo esquerdo à curva da anca e apontava para nós com a palma da mão virada para cima. A cabeça era oval, os olhos estranhamente amendoados, o nariz direito, e a boca fazia lembrar um arco de flechas índio. Parecia ter quase dois metros de altura.

Senti a mão da Calpurnia enterrar-se no meu ombro. — Qu'é que queres, Lula? — perguntou num tom que nunca a ouvira utilizar. Falou com calma, a mostrar o seu desprezo.

— Quero é saber com'é que tu traz meninos branco prá igreja dos preto?

— 'Tão a fazer companhia a mim — retorquiu a Calpurnia. Voltei a achar a voz dela estranha, falava como os outros negros.

— Pois, acho é que fazem companhia a tu na casa dos Finch durante a semana.

A multidão foi percorrida por um murmúrio. — Não se aflija — sussurrou-me ela, mas as rosas do seu chapéu tremiam de indignação.

Quando a Lula avançou pelo caminho na nossa direção, a Calpurnia disse: — Toca a parar aí me'mo, ó preta.

A Lula parou, mas disse: — Não tinhas nada de trazer menino branco pr'aqui. Eles tem a igreja deles, nós temos a nossa. Esta é a nossa igreja, né, Miss Cal?

A Calpurnia respondeu: — Mas o Deus é o me'mo, né?

O Jem interrompeu: — Vamos pra casa, Cal, eles não nos querem

aqui…

Eu concordei, não nos queriam ali. Senti mais do que vi que avançavam para nós. Parecia que se aproximavam, mas quando ergui o olhar para a Calpurnia, havia um certo divertimento nos seus olhos. Quando voltei a olhar para o caminho, a Lula fora-se embora, substituída por uma massa de gente de cor.

Um deles destacou-se da multidão. Era o Zeebo, o homem do lixo. — Mister Jem — declarou —, ‘tamos todos contente por ter vossemecês aqui. Não liguem à Lula, anda irritada porque o reverendo Sykes ameaçou castigar ela. Desde sempre que gosta d’arranjar sarilhos e agora tem umas ideias esquisita e ‘tá toda emproada. ‘Tamos muito contente por ter vossemecês aqui.

Dito isto, a Calpurnia levou-nos até à porta da igreja, onde o reverendo Sykes nos cumprimentou e nos acompanhou ao banco da frente.

Por dentro, a igreja não tinha teto e não estava pintada. Ao longo das paredes, de suportes de latão, pendiam candeeiros de querosene apagados, e os bancos eram de pinho. Por trás de um púlpito de carvalho grosseiro, um estandarte de um rosa desbotado anunciava «Deus é amor», a única decoração da igreja, se excetuássemos uma rotogravura do quadro de Hunt *A Luz do Mundo*. Não se viam sinais de piano, órgão, livros de hinos ou programas dos serviços religiosos, os familiares artefactos eclesiásticos que víamos todos os domingos. O interior estava pouco iluminado, e sentia-se uma frialdade húmida que foi sendo lentamente dissipada pela congregação que se ia reunindo. Em cada lugar via-se um leque de cartão barato com uma imagem garrida do Jardim de Getsémani[22], cortesia de Tyndal’s Hardware Co. (Aqui há tudo como na farmácia.)

A Calpurnia fez-nos sinal que avançássemos até à ponta do banco e sentou-se entre nós. Procurou na mala, tirou o lenço e desatou o nó de uma das pontas, onde guardava um monte de moedas. Deu-me dez cêntimos a mim e outros dez cêntimos ao Jem. — Nós temos o nosso dinheiro — sussurrou ele. — Fique com este — disse ela. — Vocês são meus convidados. — O rosto do Jem revelou uma breve indecisão quanto à correção de guardar as suas moedas, mas ganhou a sua

cortesia inata, e guardou-as no bolso. Eu fiz o mesmo sem problemas de consciência.

— Cal — perguntei baixinho —, onde estão os livros de hinos?

— Não temos — foi a resposta dela.

— Bem, então…

— Chiu — avisou-me. O reverendo Sykes encontrava-se por trás do púlpito a olhar a congregação com ar sério até todos se calarem. Era um homem baixo e atarracado, de fato preto, gravata preta, camisa branca; uma corrente de relógio em ouro cintilava à luz que entrava pelos vidros foscos.

Começou: — Irmãos e irmãs, sentimo-nos especialmente contentes pelos convidados que estão connosco esta manhã, Mister e Miss Finch. Todos conhecem o pai deles. Antes de começar, vou ler alguns avisos.

O reverendo folheou uns papéis, escolheu um e pegou-lhe com o braço estendido: — A Sociedade Missionária reúne-se em casa da irmã Annette Reeves na próxima quinta-feira. Levai a vossa costura.

De outro papel, anunciou: — Todos conhecem o problema do irmão Tom Robinson. Tem sido um membro fiel da nossa igreja desde rapaz. O peditório recolhido hoje e nos próximos três domingos será entregue à Helen, a mulher dele, para a ajudar em casa.

Dei uma cotovelada ao Jem. — É o mesmo Tom que o Atticus ‘tá…

— Chiu!

Virei-me para a Calpurnia mas fui silenciada ainda antes de abrir a boca. Fixei docilmente a minha atenção no reverendo Sykes, que parecia estar à espera que eu me acalmasse. — O diretor musical pode, por favor, conduzir-nos no primeiro hino.

O Zeebo ergueu-se do seu lugar e percorreu a nave central, parando na nossa frente, virado para a congregação. Na mão trazia um livro de hinos muito gasto. Abriu-o e anunciou: — Vamos cantar o hino número duzentos e setenta e três.

Aquilo foi demais para mim. — Como é que vamos cantar se não há livros de hinos?

A Calpurnia sorriu. — Cale-se, querida — sussurrou —, já vai ver.

O Zeebo clareou a garganta e leu numa voz que fazia lembrar o ruído surdo de artilharia distante:

— Há uma terra para além do rio.

Milagrosamente afinadas, uma centena de vozes entoou as suas palavras. À última sílaba, mantida num tom enrouquecido, seguiu-se outro verso do Zeebo:

— A que chamamos a doce eternidade.

De novo a música se espalhou à nossa volta. A última nota perdurou, e Zeebo completou-a com o verso seguinte: — E só alcançaremos as suas margens pelo poder da fé.

A congregação hesitou, e lentamente o Zeebo repetiu o verso, que foi então cantado. Quando o coro se calou, o Zeebo fechou o livro, o sinal para que os fiéis prosseguissem sem a sua ajuda.

Nas notas finais do *Jubileu*, o Zeebo disse: — Nessa doce e distante eternidade para sempre, para além do rio cintilante.

Verso a verso, as vozes seguiam-no numa harmonia simples até que o hino terminou num murmúrio melancólico.

Olhei para o Jem, que observava o Zeebo pelo canto do olho. Eu também não acreditava, mas ambos tínhamos ouvido.

O reverendo Sykes pediu então ao Senhor que abençoasse os doentes e os que sofriam, um procedimento não muito diferente do seguido na nossa igreja, não fosse o facto de ter dirigido a atenção da divindade para certos casos específicos.

O sermão foi uma denúncia direta do pecado, uma declaração austera do lema inscrito na parede atrás de si: avisou o seu rebanho do mal causado por bebidas intoxicantes, jogo e mulheres desconhecidas. Os contrabandistas de álcool causavam inúmeros problemas nos Casebres, mas era pior com as mulheres. De novo, e como já me sucedera na minha própria igreja, fui confrontada com a doutrina da Impureza das Mulheres, que parecia afligir todos os clérigos.

Eu e o Jem tínhamos ouvido o mesmo sermão domingo após domingo, com uma única exceção. O reverendo Sykes usava o púlpito de forma mais livre para exprimir a sua opinião sobre lapsos individuais em relação ao estado de graça: o Jim Hardy estava ausente da igreja havia cinco domingos e não se encontrava doente; a Constance Jackson fazia bem em corrigir o seu comportamento, pois corria grave perigo por discutir com os vizinhos; erguera a única vedação para aborrecer um vizinho na história dos Casebres.

O reverendo Sykes terminou o sermão e postou-se ao lado de uma

mesa em frente do púlpito, pedindo a coleta da manhã, um procedimento que nos era estranho. Um a um, os membros da congregação avançaram e depositaram moedas de cinco e de dez cêntimos numa lata de café de esmalte preto. Eu e o Jem fizemos o mesmo e recebemos um suave «Obrigado, muito obrigado» quando as nossas moedas tilintaram.

Para nosso espanto, o reverendo despejou a lata sobre a mesa e puxou as moedas para a palma da mão. Endireitou-se e disse: — Isto não é suficiente, temos de fazer dez dólares.

A congregação mexeu-se, nervosa. — Todos sabem a que se destina. A Helen não pode deixar as crianças para ir trabalhar, enquanto o Tom está na prisão. Se todos derem mais dez cêntimos, perfazemos essa quantia… — Fez um gesto com a mão e chamou alguém ao fundo da igreja. — Alec, fecha as portas. Ninguém sai daqui até termos dez dólares.

A Calpurnia procurou na mala e tirou de lá um porta-moedas de pele já coçada. — Não, Cal — murmurou o Jem, quando ela lhe entregou uma moeda de vinte e cinco cêntimos reluzente —, podemos dar as nossas. Dá-me a tua, Scout.

A igreja estava a ficar abafada, e ocorreu-me que o reverendo Sykes tencionava conseguir a soma desejada com o suor do seu rebanho. Os leques estalavam, os pés remexiam-se, e os viciados em tabaco de mascar sofriam.

O reverendo deixou-me espantada ao dizer, severo: — Carlow Richardson, ainda não te vi percorrer esta nave.

Um homem magro com calças de cáqui caminhou pela nave e depositou uma moeda, ao que a congregação murmurou a sua aprovação.

O reverendo disse então: — Quero que todos os que não têm filhos façam o sacrifício e deem mais dez cêntimos cada um. Nessa altura já chega.

Lenta e dolorosamente reuniram-se os dez dólares. As portas foram abertas, e uma brisa de ar quente reanimou-nos. O Zeebo entoou os versos de *Nas Margens Tempestuosas do Jordão*, e o serviço religioso terminou.

Eu tinha vontade de ficar ali a explorar, mas a Calpurnia empurrou-me pela nave à frente dela. À porta parou para falar com o Zeebo e a família

dele, e eu e o Jem conversámos um pouco com o reverendo Sykes. Eu estava a rebentar de perguntas, mas decidi esperar e deixar que a Calpurnia lhes respondesse.

— Ficámos particularmente contentes por vos ter aqui — disse o reverendo. — O vosso pai é o melhor amigo desta igreja.

Não consegui conter a minha curiosidade. — Por que razão todos contribuíram para o peditório para a mulher do Tom Robinson?

— A menina não ouviu a explicação? — inquiriu o reverendo. — A Helen tem três pequenitos e não pode sair para trabalhar…

— Por que motivo não os leva com ela? — quis eu saber. Era costume os negros que trabalhavam no campo e que tinham crianças pequenas depositarem-nas num lugar qualquer à sombra, enquanto os pais trabalhavam; normalmente os bebés sentavam-se à sombra entre duas fileiras de algodão. Os que não conseguiam ainda sentar-se eram atados às costas das mães ao estilo dos índios ou eram instalados sobre sacas de algodão que sobravam.

O reverendo Sykes hesitou. — Para lhe dizer a verdade, Miss Jean Louise, a Helen está a ter dificuldades em arranjar trabalho. Quando chegar a altura da apanha do algodão, acho que Mr. Link Deas a vai aceitar.

— E não arranja porquê, reverendo?

Antes de ele poder responder, senti a mão da Calpurnia no ombro, e, perante a pressão, terminei logo: — Agradecemos-lhe por nos deixar vir. — O Jem repetiu as minhas palavras e dirigimo-nos a casa.

— Cal, eu sei que o Tom Robinson ‘tá na cadeia e que fez uma coisa horrível qualquer, mas por que razão é que as pessoas não dão trabalho à Helen? — perguntei.

A Calpurnia, com o seu vestido de tule azul-ultramarino e o enorme chapéu, caminhava entre nós. — É por causa daquilo que a gente anda a dizer qu’o Tom fez — explicou. — Não têm vontade nenhuma de… de ter nada a ver com ninguém da família dele.

— E o qu’é qu’ele fez exatamente, Cal?

Ela suspirou. — O velho Mr. Bob Ewell acusou-o de violar a filha e fez com que o prendessem e enfiassem na cadeia…

— Mr. Ewell? — Algo despertou na minha memória. — Ele tem alguma coisa a ver com aqueles Ewells que vêm à escola no primeiro dia

d’aulas e depois vão pra casa? Bom, o Atticus disse que eles eram do piorio. Nunca ouvi o Atticus a falar de pessoas da forma como falou dos Ewells. Disse…

— Pois, são esses mesmo.

— Bom, se toda a gente em Maycomb sabe com’é qu’eles são, até ficavam contentes por dar trabalho à Helen. O que é violar, Cal?

— É uma coisa que tem de perguntar a Mr. Finch — afirmou ela. — Ele sabe explicar melhor que eu. ‘Tão com fome? Esta manhã o reverendo levou muito tempo a desbobinar, normalmente não é assim tão lento.

— É tal e qual como o nosso pastor — disse o Jem. — Mas por que razão é que vocês cantam os hinos assim?

— Ao verso? — perguntou ela.

— É assim que se chama?

— Pois, chama-se «ao verso». Faz-se assim desde que me lembro.

O Jem sugeriu que podiam poupar o dinheiro do peditório durante um ano e comprar livros de hinos.

A Calpurnia riu-se. — Não servia de nada — comentou. — Eles não sabem ler.

— Não sabem ler? — admirei-me eu. — Aquela gente toda?

— Exatamente — assentiu ela. — Só há pra’í quatro pessoas na nossa igreja que sabem ler… eu sou uma delas.

— Onde é que foste à escola, Cal? — perguntou o Jem.

— Em lado nenhum. Vamos lá a ver, quem é que m’ensinou as letras? Foi a tia de Miss Maudie Atkinson, a velha Miss Buford…

— És assim tão velha?

— Até sou mais velha que Mr. Finch. — A Calpurnia sorriu. — Mas não sei bem quantos anos. Uma vez, pusemo-nos a lembrar, a tentar calcular a minha idade. Eu lembro-me de coisas um pouco mais antigas qu’ele, por isso não sou muito mais velha, mesmo não contando com o facto de os homens não terem uma memória tão boa como as mulheres.

— Em que dia fazes anos, Cal?

— Faço no Natal, assim é mais fácil de lembrar. Não tenho um aniversário mesmo a sério.

— Mas, Cal — protestou o Jem —, tu não pareces nada tão velha como o Atticus.

— Na gente de cor a idade não se nota tanto — explicou ela.

— Talvez porque não sabem ler. Cal, foste tu qu'ensinaste o Zeebo?

— Fui, Mister Jem. Não havia escola quando ele era criança, mas eu fiz com qu'ele aprendesse.

O Zeebo era o filho mais velho da Calpurnia. Se eu tivesse pensado nisso, teria percebido que a Calpurnia já ia avançada nos anos. Afinal, o Zeebo tinha filhos quase adultos, mas nunca tinha pensado nisso.

— Ensinaste-o por uma cartilha, como nós?

— Não, obriguei-o a pegar numa página da Bíblia todos os dias, e havia um livro por onde Miss Buford me ensinou. Aposto que não sabem onde o arranjei — desafiou ela.

De facto, não fazíamos ideia.

A Calpurnia disse: — Foi o vosso avô Finch que mo deu.

— Tu vieste da Plantação? — perguntou o Jem. — Nunca nos contaste isso.

— Claro que vim, Mister Jem. Cresci lá, entre as terras dos Bufords e a Plantação. Passei toda a vida a trabalhar para os Finches e para os Bufords e mudei-me para Maycomb quando o vosso pai e a vossa mãe se casaram.

— Com'é que se chamava o livro, Cal? — perguntei eu.

— Os *Comentários* de Blackstone.[23]

O Jem ficou pasmado. — Queres dizer qu'ensinaste o Zeebo com esse livro?

— Pois foi, Mister Jem. — A Calpurnia levou as mãos timidamente à boca. — Eram os únicos livros qu'eu tinha. O vosso avô dizia que Mr. Blackstone escrevia um belo inglês…

— É por isso que tu não falas como o resto d'eles — observou o Jem.

— Qual resto?

— O resto das gentes de cor, Cal, mas na igreja falaste como eles.

Nunca me ocorrera que a Calpurnia levava uma vida dupla de caráter recatado. A ideia de que gozava de uma existência diferente fora da nossa casa era-me totalmente nova, já para não falar no facto de dominar duas línguas.

— Cal — perguntei —, por que razão falas como os pretos com… com a tua gente quando sabes que não 'tá correto?

— Bem, em primeiro lugar sou preta…

— Isso não quer dizer que tenhas de falar assim quando sabes que não ‘tá bem — observou o Jem.

A Calpurnia inclinou o chapéu e coçou a cabeça. Depois enterrou-o cuidadosamente até às orelhas. — É bem difícil explicar — afirmou. — Imaginem que o menino e a Scout falavam à moda dos pretos em casa, não ficava nada bem, pois não? Então, s’eu falasse à moda dos brancos na igreja e com os meus vizinhos? Haviam de pensar que me ’tava a dar ares e qu’ria ser mais do que sou.

— Mas, Cal, tu sabes falar bem — insisti.

— E não é preciso falar de tudo o que sabemos, não fica bem. Em segundo lugar, as pessoas não gostam dos que sabem mais qu’eles. É uma provocação. Não vamos mudar nenhum deles com boas falas, têm de ser eles mesmos a qu’rer aprender e, quando não querem, não há nada qu’a gente possa fazer senão ficar de boca calada ou falar como eles.

— Cal, posso ir ver-te algumas vezes?

Ela baixou o olhar para mim. — Ver-me, querida? A menina vê-me todos os dias.

— Lá na tua casa — esclareci. — Às vezes, depois do trabalho? O Atticus pode levar-me.

— Sempre que quiser — respondeu ela. — Ficamos muito contentes com a sua visita.

Chegáramos ao passeio junto ao Casal do Radley.

— Olhem lá para o alpendre — disse o Jem.

Olhei para a casa, à espera de ver o seu habitante-fantasma a apanhar sol no baloiço, mas este estava vazio.

— Refiro-me ao nosso alpendre — esclareceu o Jem.

Olhei ao longo da rua. Extasiada e sentada muito direita com o seu ar intransigente, a tia Alexandra estava instalada na cadeira de baloiço, tal como se a tivesse ocupado durante toda a sua vida.

13

— Põe a minha mala no quarto da frente, Calpurnia. — Foi a primeira coisa que a tia Alexandra disse. — Jean Louise, para de coçar a cabeça.

— Foi a segunda coisa que disse.

A Calpurnia pegou na mala pesada da tia e abriu a porta. — Eu levo-a — disse o Jem, carregando-a. Ouvi o baque pesado da mala no soalho do quarto. Houve algo de permanente naquele som surdo.

— Veio visitar-nos, tia? — inquiri. Era raro a tia Alexandra vir visitar-nos da Plantação, e costumava viajar em estilo. Possuía um *Buick* quadrado de um verde-vivo e um motorista negro, ambos mantidos num aprumo de limpeza nada saudável, mas naquele dia não se via nem um nem o outro.

— O vosso pai não vos disse? — admirou-se.

Eu e o Jem abanámos a cabeça.

— Provavelmente esqueceu-se. Ainda não chegou a casa, pois não?

— Não, senhora, normalmente só chega ao final da tarde — informou o Jem.

— Bom, eu e o vosso pai decidimos que estava na altura de eu passar um tempo convosco.

Em Maycomb, «um tempo» tanto podia querer dizer três dias como trinta anos. Entreolhámo-nos.

— Agora o Jem está a crescer e tu também — disse-me ela. — Decidimos que seria melhor que tivesses alguma influência feminina. Não faltam muitos anos, Jean Louise, para começares a ter interesse por vestidos e por rapazes...

Eu podia ter arranjado diversas respostas: a Cal é mulher, faltavam muitos anos para eu me interessar por rapazes, nunca me interessaria por vestidos... mas fiquei calada.

— E o tio Jimmy? — quis o Jem saber. — Também vem?

— Oh, não, ele fica na Plantação. Tem de tomar conta das coisas.

No preciso instante em que me saiu: «E a tia não vai ter saudades dele?», percebi que não era pergunta que se fizesse. Não fazia grande diferença o tio Jimmy estar presente ou ausente, nunca dizia nada. A tia Alexandra ignorou a minha interrogação.

Não consegui pensar em mais nada para lhe dizer. De facto, nunca tinha nada para lhe dizer e fiquei sentada a recordar as conversas penosas que havíamos tido no passado: Como vais, Jean Louise? Bem, muito obrigada, tia, como vai a senhora? Muito bem, muito obrigada; o que tens andado a fazer? Nada. Não fazes nada? Não, s'nhora.

Certamente, hás de ter amigos? Sim, s'nhora. Então, o que fazem vocês? Nada.

Era óbvio que a tia Alexandra me achava extremamente aborrecida, pois uma vez ouvi-a dizer ao Atticus que eu era apática.

Havia uma história por trás de tudo aquilo, mas eu não tinha qualquer desejo de lha arrancar: era domingo, e a tia Alexandra ficava indiscutivelmente irritável no Dia do Senhor. Eu achava que devia ser por causa do corpete que usava aos domingos. Não era gorda, mas sim maciça, e escolhia peças de vestuário que lhe elevavam o peito a alturas vertiginosas, lhe espremiam a cintura, lhe alargavam o traseiro e conseguiam sugerir que no passado a tia Alexandra havia possuído uma figura curvilínea. Era impressionante de todos os ângulos.

O resto da tarde passou-se naquele estado de melancolia discreta que se abate quando aparecem pessoas de família, que se dissipou quando ouvimos um automóvel entrar no acesso à casa. Era o Atticus, de regresso de Montgomery. O Jem, esquecido da sua dignidade, acompanhou-me a correr ao seu encontro. Pegou na pasta e na mala, eu saltei-lhe para os braços, senti o beijo seco e vago que me deu e perguntei: — Trouxe-me um livro? Sabe qu'a tia Alexandra 'tá cá?

O Atticus respondeu afirmativamente a ambas as perguntas. — Gostavas que ela viesse viver connosco?

Eu disse que gostava muito, o que era mentira, mas, às vezes, temos de mentir em certas circunstâncias e sempre que nada podemos fazer.

— Achámos que estava na altura de vocês precisarem... bom, é assim, Scout — explicou o Atticus —, a tia está a fazer-me um favor a mim e a vocês também. Eu não posso ficar aqui o dia todo convosco, e o verão vai ser quente.

— Sim, senhor — concordei, sem ter percebido uma palavra do que ele dizia. Tinha a ideia, contudo, de que a entrada em cena da tia Alexandra não tinha tanto a ver com o Atticus como com a própria. A tia tinha o costume de decretar o que era o melhor para a família, e pressupus que a sua vinda para viver connosco se enquadrava nessa categoria.

Maycomb deu-lhe as boas-vindas. Miss Maudie fez um bolo às camadas com tanto álcool que fiquei com os copos; Miss Stephanie Crawford fez longas visitas à tia Alexandra, durante a maioria das quais

se limitava a abanar a cabeça e a exclamar: «Uh, uh, uh.» Miss Rachel, da casa ao lado, recebia a tia para tomar café à tarde, e Mr. Nathan Radley chegou ao ponto de entrar no pátio da frente para lhe dizer o gosto que tinha em vê-la.

Quando ela se instalou e a vida retomou o ritmo normal do dia a dia, parecia que a tia Alexandra vivera sempre connosco. Os seus chás para o grupo de caridade das senhoras granjearam-lhe a reputação de ser boa anfitriã (a tia não permitia que fosse a Calpurnia a fazer as iguarias necessárias ao sustento do grupo durante os longos relatórios sobre os falsos cristãos-novos); passou a pertencer ao grupo, além de assumir as funções de Secretária do Clube Amanuense de Maycomb. Para os diversos grupos que participavam ativamente na vida do condado, a tia Alexandra era uma das últimas representantes da sua linhagem: tinha o comportamento esperado de quem frequentara o colégio interno; defendia qualquer questão moral que se levantasse; tinha nascido com a qualidade de «eu quero, posso e mando»; e era uma coscuvilheira sem remédio. Quando a tia Alexandra andou na escola, a falta de autoconfiança não constava de nenhum manual escolar, portanto desconhecia o significado da expressão. Nunca se entediava e, sendo-lhe dada a mais pequena hipótese, exercia os seus privilégios régios: punha e dispunha, recomendava, advertia, desaconselhava.

Nunca perdia a oportunidade de apontar as limitações dos outros grupos tribais para assim enaltecer a glória do nosso, um hábito que divertia o Jem em vez de o aborrecer: — É melhor a tia ter cuidado com o que diz, diz mal da maior parte das pessoas de Maycomb, e elas são da família.

Para sublinhar a moralidade do suicídio do jovem Sam Merriweather, a tia afirmava que a sua causa estava numa doença de família. Se uma rapariga de dezasseis soltasse um risinho no coro da igreja, comentava: «Só para vos mostrar como todas as mulheres Penfield são levianas.» Aparentemente, toda a gente de Maycomb sofria de uma doença qualquer de família: a da bebida, a do jogo, a da ruindade, a da bizarria.

Uma vez, quando a tia nos assegurava que a tendência de Miss Stephanie Crawford se meter nos assuntos alheios era hereditária, o Atticus interveio: — Minha irmã, quando pensas no assunto, a nossa geração é praticamente a primeira da família Finch que não se casou

com primos. Dirias que os Finches sofrem da maleita do incesto?

A tia respondeu que não, que era daí que tínhamos herdado as mãos e os pés pequenos.

Nunca consegui compreender a sua obsessão pela hereditariedade. Eu tinha adquirido algures a impressão de que as pessoas de bem eram pessoas que faziam o melhor que podiam com o bom senso que tinham, mas a tia Alexandra era da opinião — expressa de uma forma bastante indireta — que quanto mais tempo uma família ocupasse um pedaço de terra melhor ela seria.

— Isso faz dos Ewells pessoas de bem — concluiu o Jem. Havia três gerações que a tribo formada pelo Burris Ewell e os seus irmãos vivia no mesmo terreno atrás da lixeira de Maycomb e medrava à custa do dinheiro da segurança social do condado.

Contudo, havia algo por trás da teoria da tia Alexandra. Maycomb era antiga. Ficava a mais de sessenta quilómetros para leste da Plantação Finch, uma localização estranhamente interior para uma povoação tão antiga. Contudo, a cidade teria sido mais perto do rio não fora a astúcia de um Sinkfield, que, no princípio dos tempos, começou uma hospedaria numa encruzilhada de dois trilhos, a única taberna do território. O Sinkfield, que não era patriota, servia e fornecia munições tanto aos índios como aos colonizadores; desde que o negócio lhe corresse bem, não sabia nem lhe importava se fazia parte do Território do Alabama ou da Nação Creek. O negócio corria-lhe às mil maravilhas quando o governador William Wyatt Bibb, o primeiro governador do Alabama, tendo em vista promover a tranquilidade doméstica do recém-criado condado, mandou uma equipa de agrimensores para determinar a localização exata do seu centro e aí estabelecer a sua sede de governo. Os homens, hóspedes do Sinkfield, disseram-lhe que ele se encontrava nos limites territoriais do Condado de Maycomb e mostraram-lhe o local exato em que seria construída a sede do governo. Não fora o passo audacioso dado pelo hospedeiro para preservar a sua propriedade, e Maycomb teria sido erigida no meio do pântano de Winston, um sítio completamente desprovido de interesse. Ao invés, a cidade cresceu e desenvolveu-se a partir do seu núcleo, a taberna do Sinkfield, pois uma noite o hospedeiro reduziu os seus hóspedes a um estado de embriaguez míope, convenceu-os a abrir os seus mapas e cartas, cortou

um pedaço aqui, acrescentou outro ali e assim ajustou o centro do condado segundo as suas conveniências. Mandou-os embora no dia seguinte com os seus mapas e cinco litros de álcool ilegal nos alforges — dois para cada um e o outro para o governador.

Dado que a sua primeira razão de existência fora ser a sede de governo, Maycomb fora poupada à sordidez que habitualmente distinguia a maioria das cidades da sua dimensão no Alabama. Ao início, os edifícios eram sólidos, o tribunal imponente, as ruas largas e graciosas. A percentagem de habitantes com profissões qualificadas era elevada: ia-se a Maycomb tirar um dente, arranjar a carroça, auscultar o coração, depositar o dinheiro, salvar a alma, levar as mulas ao veterinário. Porém, a perspicácia final da artimanha do estalajadeiro Sinkfield podia ser posta em causa: colocara a povoação demasiado longe do único meio de transporte público desses dias — o barco fluvial —, e assim um habitante do norte do condado levava dois dias de viagem para ir fazer compras à loja. Em consequência, a cidade manteve-se da mesma dimensão durante cem anos, uma ilha num mar de retalhos de campos de algodão e de florestas para madeireiros.

Embora Maycomb fosse ignorada durante a guerra entre os estados, a era da reconstrução e a ruína económica forçaram a cidade a crescer. Cresceu para dentro. Era raro instalarem-se pessoas novas na cidade, e as famílias casavam-se entre si até os membros da comunidade se parecerem vagamente uns com os outros. De quando em quando, alguém regressava de Montgomery ou de Mobile com um forasteiro, mas o resultado não passava de uma pequena agitação na calmaria das parecenças familiares. As coisas continuaram mais ou menos assim durante os primeiros anos da minha infância.

Na verdade, em Maycomb, reinava um sistema de castas, que na minha opinião funcionava da seguinte maneira: os cidadãos mais velhos, a geração que tinha vivido lado a lado durante anos a fio, eram completamente previsíveis aos olhos uns dos outros; tinham como certas as atitudes, as *nuances* de caráter, até os gestos de cada um, pois haviam-se repetido em cada geração e refinado ao longo dos tempos. Assim, as máximas — do tipo, não existe um Crawford que não se meta na vida dos outros, um em cada três Merriweathers é mórbido, a verdade não está nos Delafields, todos os Bufords caminham daquela maneira —

não passavam de guias que norteavam a vida quotidiana; nunca aceites um cheque de um Delafield sem fazer um telefonema discreto para o banco; Miss Maudie Atkinson tem os ombros curvados porque é uma Buford; não é estranho Mrs. Grace Merriweather bebericar gim dos frascos do composto vegetal *Lydia E. Pinkham*, já a mãe dela fazia o mesmo.

A tia Alexandra assentava no mundo de Maycomb como uma luva, mas nunca assentou no nosso, no meu e do Jem. Interrogava-me tantas vezes como podia ela ser irmã do Atticus e do tio Jack que ressuscitei histórias meio esquecidas sobre trocas de crianças e sobre raízes de mandrágora que o Jem tinha urdido muito tempo antes.

Durante o primeiro mês da sua estadia estas eram especulações abstratas, pois ela tinha pouco para nos dizer a ambos, e só a encontrávamos às horas das refeições e à noite, antes de irmos para a cama. Era verão, e passávamos os dias no exterior. Claro que, em algumas tardes, quando entrava a correr para ir beber água, deparava com a sala invadida de senhoras de Maycomb, a bebericar, entre sussurros e abanos de leques, e era chamada: — Jean Louise, vem cá falar a estas senhoras.

Quando eu assomava à porta, a tia parecia arrependida de me ter mandado chamar; habitualmente, estava salpicada de lama e coberta de areia.

— Fala com a prima Lily — sugeriu uma tarde, assim que me apanhou na entrada de casa.

— Quem? — inquiri.

— A tua prima Lily Brooke — informou a tia.

— Ela é nossa prima? Não sabia.

A tia Alexandra conseguiu encerrar num sorriso um suave pedido de desculpas à prima Lily e uma censura firme a mim própria. Quando a prima saiu, eu sabia que bem podia esperar um ralhete.

Era triste que o meu pai não se tivesse dado ao trabalho de me contar a história da família Finch ou sequer instilado um sentimento de orgulho familiar nos filhos. Chamou o Jem, que se sentou a meu lado no sofá, indiferente. A tia deixou a sala, regressando com um livro encadernado a púrpura, no qual, gravado a ouro, se podia ler: *Meditações de Joshua S. St. Clair*.

— Foi o vosso primo quem o escreveu — anunciou. — Era um excelente homem.

O Jem examinou o pequeno volume. — Este é o primo Joshua que esteve preso na cadeia muito tempo?

A tia quis saber: — Como é que sabes isso?

— Oh, o Atticus disse que ele endoideceu na universidade. Disse que tentou dar um tiro no presidente. Também contou que o primo Joshua disse que era apenas um fiscal dos esgotos e que tentou dar-lhe um tiro com uma velha pistola de pederneira, só que lhe rebentou na mão. O Atticus disse que custou quinhentos dólares à família para o livrar...

A tia Alexandra estava de pé, hirta. — Já chega — interrompeu. — Ainda havemos de voltar a falar disto.

Antes de ir para a cama, estava eu no quarto do Jem a tentar que me emprestasse um livro, quando o Atticus bateu à porta e entrou. Sentou-se de lado na cama do Jem, olhou-nos com solenidade e depois abriu-se num sorriso largo.

— Hã... — começou por dizer, num preâmbulo como o que fazia sobre certas coisas, em que nos falava num tom de voz gutural, e pensei que finalmente estava a ficar velho, mas pareceu-me igual. — Não sei exatamente como é que hei de pôr isto — confessou.

O nosso pai estava mesmo nervoso. — Não, só quero explicar-vos que... a tia Alexandra me pediu... filho, sabes que és um Finch, não sabes?

— Foi o que me disseram. — O Jem mirou-o de soslaio, e a voz subiu-lhe, descontrolada: — Atticus, o que é?

O nosso pai cruzou as pernas e os braços. — Estou a tentar falar-vos dos factos da vida.

O Jem pareceu enojado. — Eu sei isso tudo — afirmou.

O Atticus ficou sério de repente e, no seu tom de advogado, sem sombra de inflexão, proferiu: — A vossa tia pediu-me que tentasse inculcar em ti e na Jean Louise a ideia de que vocês não vêm de uma família vulgar, que são o produto de uma boa linhagem de diversas gerações... — O Atticus fez uma pausa, observando-me enquanto eu tentava apanhar um bichinho do algodão que me corria pela perna.

— Uma boa linhagem — continuou, quando localizei o inseto e me cocei — e que devem tentar fazer jus ao vosso nome... — O Atticus

insistiu apesar do nosso desinteresse: — Ela pediu-me para vos dizer que têm de tentar comportar-se como a menina e o pequeno cavalheiro que são de facto. Quer falar-vos sobre a nossa família e sobre o papel que ela assumiu ao longo dos tempos no condado de Maycomb, para que saibam quem são e assim possam ser persuadidos a comportar-vos em conformidade — concluiu a toda a brida.

Petrificados, eu e o Jem entreolhámo-nos, e em seguida mirámos o Atticus, que parecia incomodado com o colarinho. Ficámos ambos em silêncio.

Então eu peguei num pente do toucador do Jem e comecei a passar os dentes ao longo da borda do móvel.

— Para com esse barulho — interrompeu o nosso pai.

A sua brusquidão magoou-me. O pente ia a meio caminho, e atirei-o com violência sobre o toucador. Sem nenhuma razão, senti-me prestes a chorar e não consegui parar. Aquele não era o meu pai. O meu pai nunca tinha pensamentos daqueles. O meu pai nunca falava assim. Era a tia Alexandra que o tinha instigado. Através das lágrimas, vi o Jem, em pé, também ele na sua própria ilha de solidão, a cabeça inclinada para o lado.

Não tinha para onde ir, mas virei-me para sair e esbarrei com o colete do Atticus. Encostei-me a ele e escutei os ruídos surdos que vinham do interior do tecido azul-claro: o tiquetaque do relógio, o estalar quase inaudível da camisa engomada, o som suave da respiração.

— O seu estômago está a fazer barulhos — disse.

— Eu sei — retorquiu.

— É melhor ir tomar um bocadinho de bicarbonato de sódio.

— Já vou — assentiu.

— Atticus, vai ser tudo diferente, com o comportamento e essas coisas? Quer dizer o pai...?

Senti a mão pousada na minha nuca. — Não te preocupes — afirmou. — Não tens de te preocupar agora.

No instante em que ouvi aquilo, soube que estava connosco de novo. O sangue começou outra vez a correr, e ergui a cabeça. — O pai quer realmente que a gente faça tudo aquilo? Eu não me lembro de todas as coisas que os Finches têm de fazer...

— Não quero que te lembres de nada. Esquece.

Dirigiu-se à porta e saiu, fechando-a atrás de si. Quase batia com a porta, mas refreou-se no último instante e fechou-a com suavidade. Eu e o Jem ainda a olhávamos fixamente, quando se abriu de novo e o Atticus espreitou, as sobrancelhas arqueadas, os óculos descaídos. — Estou a ficar cada vez mais parecido com o primo Joshua, não é? Acham que vou acabar por custar quinhentos dólares à família?

Agora sei o que estava a tentar fazer, mas o Atticus era apenas um homem, e é preciso ser mulher para desempenhar aquelas funções.

14

Embora nada mais ouvíssemos sobre a família Finch da parte da tia Alexandra, escutámos muita coisa vinda da cidade. Aos sábados, armados com as nossas moedas de cinco cêntimos e quando o Jem me permitia que o acompanhasse (mostrava-se agora positivamente alérgico à minha presença em público), abríamos caminho, envergonhados, por entre as multidões transpiradas que enchiam os passeios e ouvíamos por vezes «Ali vão os filhos dele» e «Olha acolá uns Finches». Virávamo-nos para enfrentar quem nos acusava e deparávamo-nos apenas com uns quantos lavradores a estudar os sacos de clisteres na montra do Mayco Drugstore ou duas mulheres do campo gorduchas com chapéus de palha, sentadas numa carroça Hoover.

«Podem andar por aí à solta a violar mulheres à vontade por esses campos fora que os que mandam neste país não ligam nenhuma» foi uma das observações obscuras com que nos deparámos da parte de um senhor magrinho que passou por nós. E isso recordou-me que tinha uma pergunta para fazer ao Atticus.

— O que é «violar»? — perguntei-lhe nessa noite.

O meu pai, sentado à janela na sua cadeira, espreitou por detrás do jornal. À medida que íamos crescendo, eu e o Jem achámos que era generoso conceder-lhe trinta minutos para si próprio depois do jantar.

Ele suspirou e explicou que «violar» era ter conhecimento carnal de uma mulher pela força e sem o seu consentimento.

— Bom, se é só isso, por que motivo é qu’a Calpurnia me mandou calar quando lhe perguntei o que era?

O Atticus ficou com uma expressão pensativa. — Como é que foi?

— Bom, naquele dia em que vínhamos da igreja, perguntei à Calpurnia o qu'é que era e ela disse pra lhe perguntar a si, mas esqueci-me e 'tou a perguntar-lhe agora.

O jornal descera-lhe para o colo. — De novo, por favor — pediu.

Contei-lhe com todos os pormenores da nossa ida à igreja com a Calpurnia. O Atticus pareceu gostar, mas a tia Alexandra, sentada calmamente a um canto a costurar, pousou o bordado e mirou-nos.

— E vinham todos da igreja da Calpurnia nesse domingo?

— Sim, s'nhora, ela levou-nos — disse o Jem.

Lembrei-me, então, de uma coisa. — Sim, s'nhora, e ela prometeu-me que eu podia ir a casa dela uma destas tardes. Atticus, vou no próximo domingo, se não se importa, posso? A Cal disse que me vinha buscar se o pai for sair de carro.

— Não, *não podes*.

Foi a tia Alexandra quem respondeu. Dei meia-volta, espantada, e voltei a encarar o Atticus a tempo de apanhar o olhar rápido que ele lhe lançou, mas foi demasiado tarde. Ripostei: — Não lhe perguntei a si!

Para um homem alto, o Atticus conseguia levantar-se e sentar-se numa cadeira mais depressa que qualquer outra pessoa que já conheci. Estava de pé a dizer: — Pede desculpa à tua tia.

— Não lhe pedi a ela, pedi-lhe a si…

O Atticus virou a cabeça, deitou-me um olhar de morte com o olho bom e disse num tom terrível: — Primeiro, pede desculpa à tua tia.

— Desculpe, tia — balbuciei.

— E agora — prosseguiu ele —, vamos esclarecer uma coisa. Tu fazes o que a Calpurnia te manda, fazes o que eu te mando e, enquanto a tua tia estiver nesta casa, fazes o que ela te mandar. Entendido?

Entendi, refleti um pouco e concluí que a única forma de me retirar com uma réstia de dignidade era ir à casa de banho, onde fiquei o tempo suficiente para que pensassem que tinha mesmo vontade. Ao voltar, demorei-me na entrada para ouvir uma acesa discussão que decorria na sala. Através da porta, via o Jem no sofá com uma revista de futebol na frente da cara. Ia virando a cabeça como se as páginas transmitissem um jogo de ténis ao vivo.

— … tens de fazer alguma coisa quanto a ela — dizia a tia. —

Deixaste as coisas arrastarem-se demasiado tempo, Atticus, demasiado tempo.

— Não vejo mal nenhum em deixá-la lá ir. A Cal tomava conta dela tão bem como aqui.

Quem seria a «ela» de quem estavam a falar? O coração caiu-me aos pés: era eu. Senti as paredes engomadas de uma prisão de algodão cor-de-rosa a fecharem-se sobre mim e, pela segunda vez na minha vida, pensei em fugir de casa. Imediatamente.

— Atticus, não faz mal ser sensível, és um homem tolerante, mas tens de pensar na tua filha. Uma filha que está a crescer.

— É nela mesmo que estou a pensar.

— E não tentes dar a volta ao assunto. Tens de o enfrentar mais cedo ou mais tarde e mais vale ser já hoje à noite. Agora não precisamos dela.

O Atticus falou num tom neutro: — Alexandra, a Calpurnia só deixa esta casa quando ela quiser. Talvez tu penses de outra maneira, mas eu nunca teria sobrevivido estes anos todos sem ela. É um membro fiel desta família, e tu tens simplesmente de aceitar as coisas como são. Além disso, minha irmã, não quero que te mates a trabalhar para nós, não há razão para isso. Continuamos a precisar da Cal como sempre precisámos.

— Mas, Atticus…

— Além disso, acho que as crianças não sofreram absolutamente nada por ela as ter criado. Pelo contrário, ela tem sido mais dura com elas em certas coisas do que uma mãe teria sido… nunca as deixa escapar impunes, nunca as estragou com mimos como fazem certas amas de cor. Tentou educá-las de acordo com os seus valores, e os valores da Cal são bastante bons… e mais outra coisa, as crianças adoram-na.

Deixei de suster a respiração. Não era de mim, estavam só a falar da Calpurnia. Reanimada, entrei na sala. O Atticus escondera-se de novo atrás do jornal, e a tia Alexandra descarregava no seu bordado. Ploc, ploc, ploc fazia a agulha a furar o círculo retesado do bastidor. Parou e repuxou mais o tecido: ploc, ploc, ploc. Estava furiosa.

O Jem levantou-se e arrastou os pés pelo tapete, fazendo-me sinal que o seguisse. Levou-me ao seu quarto e fechou a porta. A cara dele

tinha uma expressão séria.

— ‘Tiveram a discutir, Scout.

Naquela época, eu e o Jem discutíamos muito, mas eu nunca ouvira falar nem vira alguém a discutir com o Atticus. Não era uma visão agradável.

— Scout, tenta não contrariar a tia, ‘tás a ouvir?

Ainda estava irritada com os reparos do Atticus, o que me fez não dar ouvidos ao pedido do Jem. Fiquei logo toda eriçada. — ‘Tás a tentar dizer-me o que devo fazer?

— Não, é que… ele agora tem muito com que se preocupar sem nós a dar-lhe problemas.

— Como o quê? — Não me parecera que o Atticus estivesse preocupado com alguma coisa em especial.

— É este caso do Tom Robinson que o ‘tá a atormentar.

Eu respondi que o Atticus não estava atormentado com nada. Além disso, o caso nunca nos incomodava exceto cerca de uma vez por semana e não era por muito tempo.

— Isso é porque tu só consegues ficar com uma coisa na cabeça por um bocadinho — explicou o Jem. — Com os crescidos é diferente, nós…

Nesta época, a sua superioridade exasperante era insuportável. Não queria fazer nada a não ser ler e sair sozinho. No entanto, passava-me tudo o que lia, mas com uma diferença. Antigamente era porque achava que eu ia gostar, agora era a bem da minha edificação e instrução.

— Uma ova é que é, Jem! Quem é que tu pensas que és?

— ‘Tou a falar a sério, Scout. Se embirrares com a tia eu… eu dou-te uma sova.

Perante aquilo, fui aos arames. — Meu morfodita dum raio, vou dar cabo de ti! — Ele estava sentado na cama e foi fácil agarrá-lo pelos cabelos e dar-lhe um soco na boca. Ele esbofeteou-me, e eu tentei outra esquerda, mas um murro no estômago atirou-me ao chão. Quase fiquei sem fôlego, mas isso não interessava porque percebi que ele estava a lutar, a lutar comigo. Continuávamos iguais.

— Agora já não ‘tás tão altivo e valentão, pois não? — gritei-lhe, atirando-me a ele outra vez. Ele continuava sentado na cama, e eu não consegui uma boa posição, por isso atirei-me a ele com toda a força, esmurrando, dando puxões e beliscões, esgatanhando-o. O que

começara com uma troca de socos transformara-se numa autêntica briga. Estávamos ainda à luta quando o Atticus nos separou.

— Chega! — disse ele. — Vão já os dois para a cama.

— Toma! — atirei ao meu irmão. Mandavam-no para a cama à hora de eu me deitar.

— Quem é que começou? — perguntou o Atticus, resignado.

— Foi o Jem. ‘Tava a tentar dar-me ordens. Agora não preciso de lhe obedecer, pois não?

O Atticus sorriu. — Fiquemos assim: obedeces ao Jem sempre que ele te conseguir obrigar. Achas justo?

A tia Alexandra estava presente mas manteve-se em silêncio, e quando atravessaram ambos o corredor, ouvimo-la dizer: «… eis exatamente uma das coisas de que te tenho falado», uma frase que nos uniu de novo.

Os nossos quartos eram contíguos e, quando fechei a porta de comunicação, o Jem disse: — B’noite, Scout.

— B’noite — murmurei, atravessando o quarto devagar para ir acender a luz. Ao passar pela cama, pisei qualquer coisa morna, elástica e macia. Não era bem como um pedaço de borracha, e tive a sensação de que estava viva. Também a ouvi mexer-se.

Acendi a luz e olhei para o chão junto à cama. O que quer que fosse que eu pisara desaparecera. Bati à porta do Jem.

— Que foi? — perguntou ele.

— A que é que sente uma cobra?

— É a modos que áspera. Fria. Suja. Porquê?

— Acho que ‘tá uma debaixo da minha cama. Podes vir ver?

— Estás a gozar comigo? — O Jem abriu a porta. Vestia só as calças do pijama, e reparei com certa satisfação que a marca dos nós dos meus dedos ainda se via na boca. Quando percebeu que eu estava a falar a sério, afirmou: — Se achas que vou encostar a cara no chão ao pé de uma cobra, é melhor pensares duas vezes. Espera aí.

Foi à cozinha buscar a vassoura. — É melhor subires pra cima da cama.

— Achas qu’é me’mo uma? — perguntei. Era uma situação extraordinária. As nossas casas não tinham cave; eram construídas sobre blocos de pedra a uns quantos centímetros acima do chão e a

entrada de répteis, embora não fosse inédita, não era vulgar. A desculpa de Miss Rachel Haverford para o seu copinho de uísque puro todas as manhãs era nunca ter recuperado do susto de encontrar uma cascavel enrolada no roupeiro do quarto, em cima da roupa, quando fora pendurar o *négligé.*

O Jem passou a vassoura com cautela por baixo da cama, enquanto eu espreitava aos pés para ver se saía de lá alguma cobra. Nada. O Jem enfiou a vassoura mais fundo.

— As cobras grunhem?

— Não é uma cobra — declarou ele. — É uma pessoa.

De súbito, uma trouxa castanha e nojenta saiu disparada de debaixo da cama. O Jem ergueu a vassoura e falhou por pouco a cabeça do Dill quando esta apareceu.

— Santíssimo Deus! — exclamou o meu irmão num tom reverente.

Ficámos a ver o Dill emergir a pouco e pouco do aperto em que se encontrava. Levantou-se, descontraiu os ombros e girou os tornozelos nas articulações, enquanto massajava a nuca. Com a circulação reestabelecida, cumprimentou-nos: — Olá.

O Jem invocou de novo Deus nosso Senhor. Eu perdera a fala.

— Estou prestes a morrer — declarou. — Têm alguma coisa que se coma?

Como que num sonho, fui até à cozinha e trouxe-lhe leite e meia frigideira de papas de milho que tinham sobrado do jantar. O Dill devorou-as, mastigando com os dentes da frente, como era seu hábito.

Recuperei por fim a voz. — Com'é que chegaste aqui?

Por um caminho complicado. Reavivado pela comida, o Dill narrou-nos a sua história: depois de ter sido acorrentado e deixado à sua sorte na cave (havia caves em Meridian), pelo seu novo pai, que não gostava dele, e de ter sido mantido vivo em segredo a comer ervilhas cruas por um lavrador que passava na rua e que ouvira os seus gritos de socorro (o bom homem enfiara um alqueire, vagem a vagem, pelo ventilador), o Dill conseguira libertar-se, arrancando as correntes da parede. Ainda com grilhetas nos pulsos, percorreu uma distância de três quilómetros até fora de Meridian, quando descobriu um pequeno circo de animais, tendo sido imediatamente contratado para lavar o camelo. Viajou com o circo por todo o Mississíppi até o seu infalível sentido de orientação lhe

dizer que se encontrava no condado de Abbott, no Alabama, mesmo do outro lado do rio, em frente de Maycomb. Caminhou o resto do trajeto.

— Com'é que chegaste aqui? — insistiu o Jem.

Tinha tirado treze dólares da carteira da mãe, apanhara o comboio das nove horas de Meridian e saíra no ramal de Maycomb. Percorrera a pé quinze ou dezasseis dos vinte e um quilómetros até à cidade, evitando a estrada e seguindo pelo meio da vegetação, não fossem as autoridades andar à procura dele. O resto do caminho fora feito agarrado à traseira de uma carroça de algodão. Calculava que estava debaixo da cama há duas horas; ouvira-nos na sala de jantar, e o tilintar dos garfos nos pratos quase o enlouquecera. Pensou que eu e o Jem nunca mais íamos para a cama e até pensara em aparecer e ajudar-me a bater no Jem, uma vez que ele estava muito mais alto, mas sabia que Mr. Finch viria pôr fim à luta em breve, por isso achou melhor ficar onde estava. Estava esgotado, inacreditavelmente sujo mas em casa.

— Não devem saber que estás aqui — disse o Jem. — Nós havíamos de saber se andassem à tua procura…

— Acho que ainda andam a revistar todos os cinemas de Meridian. — E sorriu.

— Devias dizer à tua mãe que 'tás aqui — disse o Jem. — Devias mesmo dizer-lhe…

O Dill mirou o Jem com um brilho nos olhos, e o meu irmão olhou para o chão. Depois levantou-se e quebrou o que ainda restava do código da nossa infância. Saiu do quarto e seguiu pelo corredor. — Atticus — ouvimos a sua voz ao longe —, pode aqui vir um minuto, pai?

Debaixo da sujidade e do suor que lhe cobriam o rosto, o Dill empalideceu. Eu senti-me agoniada. O Atticus apareceu à porta.

Avançou até ao meio do quarto e postou-se ali de mãos nos bolsos a olhar para o Dill.

Recuperei por fim a voz. — Não faz mal, Dill. Quando ele quer que fiquemos a saber uma coisa, diz-nos diretamente.

Ele olhou para mim. — Não faz me'mo mal — repeti. — Sabes qu'ele não te ia arreliar, sabes que não é preciso ter medo do Atticus.

— Não 'tou com medo — murmurou o Dill.

— Estás só com fome, aposto. — A voz do Atticus soava como habitualmente, seca mas afável. — Scout, arranja-se melhor que uma

frigideira de papas de milho frias, não é verdade? Enche lá a barriga a este tipo e quando eu voltar, logo se vê.

— Mr. Finch, não conte à tia Rachel, não me obrigue a voltar, *por favor*! Eu fujo outra vez…

— Calma, filho — respondeu o Atticus. — Ninguém te vai mandar para lado nenhum a não ser para a cama e sem tardar. Vou só ali ao lado dizer a Miss Rachel que estás aqui e perguntar-lhe se podes passar a noite connosco. Gostavas, não é? E, por amor de Deus, devolve essa terra toda ao nosso condado, a erosão do solo já é suficientemente má.

O Dill ficou a olhar para a figura do meu pai, que saía do quarto.

— 'Tá a tentar ser engraçado — expliquei. — Quer é dizer para tomares banho. 'Tás a ver, eu disse-te qu'ele não t'ia apoquentar.

O Jem estava de pé no canto do quarto com o ar do traidor que era. — Dill, eu tinha de lhe dizer — justificou-se. — Não podes fugir pra quinhentos quilómetros de casa sem a tua mãe saber.

Deixámo-lo sem lhe dirigirmos a palavra.

O Dill comeu até abarrotar. Não comia desde a noite anterior. Usara todo o dinheiro que tinha para comprar o bilhete, embarcara como fizera tantas vezes, conversara calmamente com o revisor, para quem era uma figura familiar, mas não tivera lata para invocar o estatuto das crianças que viajam sozinhas: se tiverem perdido o dinheiro, o revisor empresta-lhes o suficiente para o jantar e o pai devolve-o no fim da linha.

O Dill devorou todos os restos e estendia já a mão para uma lata de carne de porco com feijão guardada na despensa, quando se ouviu na entrada o guincho «Santíssimo» de Miss Rachel. Ficou a tremer que nem varas verdes.

Aguentou valentemente a tirada «Espera só até chegares a casa, os teus pais estão mortos de preocupação», mostrou-se calmo com o «Isso é mesmo próprio dos Harris», sorriu ao ouvir «Acho que podes ficar uma noite» e devolveu o abraço que lhe foi por fim oferecido.

O Atticus empurrou os óculos para a testa e massajou a cara.

— O vosso pai está cansado — disse a tia Alexandra, que falou pela primeira vez em horas, ou assim me pareceu. Estivera sempre presente, mas calculo que ficara muda de espanto durante grande parte do tempo. — Vá, meninos, agora vão-se deitar.

Deixámo-los na casa de jantar, o Atticus ainda a massajar a cara. —

Passamos de violações a motins e acabamos com fugitivos — ouvimo-lo dizer a rir em surdina. — O que será que vai acontecer a seguir?

Uma vez que parecia que as coisas se tinham resolvido bastante bem, eu e o Dill decidimos ser civilizados com o Jem. Além disso, como o Dill ia ter de dormir com ele, mais valia dirigir-lhe a palavra.

Vesti o pijama, li um bocado e, de súbito, dei comigo incapaz de manter os olhos abertos. O Dill e o Jem estavam calados; quando desliguei o candeeiro, não se via nenhuma luz debaixo da porta do quarto dele.

Devo ter dormido bastante, pois, quando me acordaram com um encontrão, uma réstia de luar iluminava o quarto.

— Chega-te pra lá, Scout.

— Ele achou qu'era o seu dever — balbuciei. — Não fiques zangado com ele.

O Dill enfiou-se na minha cama. — Não fico — afirmou. — Só queria era dormir contigo. Estás acordada?

Nesta altura já estava, mas um tanto estonteada. — Por que razão fizeste aquilo?

Nada de resposta. — Fugiste de casa porquê? Ele era mesmo horrível, como disseste?

— Não…

— Então, não construíram o tal barco como disseste qu'iam fazer quando me escreveste?

— Ele só disse que íamos fazê-lo, mas nunca aconteceu.

Apoiei-me num cotovelo, a olhar para o perfil do Dill. — Isso não é razão pra fugires de casa. Eles não fazem o que prometem mais de metade das vezes…

— Não foi isso, ele… eles não 'tavam nada interessados em mim.

Nunca ouvira uma razão tão esquisita para fugir. — Com'é qu'é isso?

— Bem, estavam quase sempre fora e, quando ficavam em casa, enfiavam-se numa sala sozinhos.

— O qu'é que faziam lá?

— Nada, ficavam sentados a ler, mas não qu'riam a minha companhia.

Empurrei a almofada para a cabeceira da cama e sentei-me. — Sabes uma coisa? Eu 'tava a arranjar as coisas pra fugir esta noite, porque eles

‘tavam sempre ali. Não os qu’remos sempre em cima de nós, Dill.

A respiração dele era vagarosa e paciente, quase um suspiro.

— …b’noite, o Atticus está fora todo o santo dia e às vezes metade da noite e vai pra assembleia e sei lá que mais. Não os qu’remos sempre em cima de nós. Dill, se fosse assim, não podíamos fazer nada.

— Não é isso.

Enquanto o Dill me explicava, dei comigo a pensar como seria a vida se o Jem fosse diferente, mesmo muito mais do que era agora, o que eu faria se o Atticus não precisasse da minha presença, da minha ajuda e dos meus conselhos. Bem, ele não conseguia passar um dia sem mim. Até a Calpurnia não funcionava a não ser que eu cá estivesse. Precisavam de mim.

— Dill, não ‘tás a contar bem as coisas… os teus pais não podiam passar sem ti, devem é ser mesmo maus. Já te digo o que tens de fazer…

A voz do Dill continuou a falar na escuridão: — É assim, o que te ‘tou a tentar dizer é qu’eles passam muito melhor sem mim, não lhes sirvo pra nada. Não são maus. Compram-me tudo o qu’eu quero, mas depois dizem: «Agora que já tens isso vai brincar. Tens um quarto atafulhado de coisas. Comprei-te aquele livro, agora vai lê-lo.» — Tentou fazer uma voz grave. — «Não és um rapaz. Os rapazes vão para a rua e jogam basebol com os outros rapazes, não ficam por casa a apoquentar os pais.»

Voltou a falar na sua voz normal. — Oh, não são maus. Dão-me beijos e abraços de boas-noites e de bom-dia e quando saem e dizem-me que me adoram… Scout, vamos arranjar um bebé.

— Onde?

Havia um homem de que o Dill ouvira falar que tinha um barco e remava até uma ilha encoberta pelo nevoeiro, onde estavam todos os bebés. Podíamos encomendar um…

— Isso é mentira. A tia diz que Deus os manda pela chaminé abaixo. Pelo menos, acho que foi isso qu’ela disse. — Para variar, a dicção da tia não fora muito clara.

— Bem, não é nada disso. Fazemos os bebés uns aos outros. Mas há também o tal homem que tem os bebés todos à espera de acordar, é ele que lhes sopra e lhes dá vida….

O Dill voltara a desatinar. Na sua cabeça sonhadora flutuavam coisas

lindas. Lia dois livros enquanto eu só lia um, mas preferia a magia das suas próprias invenções. Sabia somar e subtrair mais rápido que um relâmpago, mas preferia o seu mundo de sombras, um mundo onde os bebés dormiam, à espera de serem colhidos como os lírios ao amanhecer. Ia falando baixinho para adormecer, e eu deixava-me levar pela sua voz, mas na calma da sua ilha brumosa ergueu-se a imagem indistinta de uma casa cinzenta com tristes portas castanhas.

— Dill?

— Hum?

— Por que razão achas que o Boo Radley nunca fugiu?

Ele soltou um longo suspiro e virou-se para o outro lado.

— Talvez não tenha pra onde fugir…

15

Depois de muitos telefonemas, de muitas súplicas em favor do réu e de uma longa carta benévola da mãe, foi decidido que o Dill podia ficar. Tivemos uma semana de paz todos juntos. Em seguida, essa paz esfumou-se, pois esperava-nos um pesadelo.

Tudo começou uma noite depois da ceia. O Dill estava connosco; a tia Alexandra sentava-se na sua cadeira de canto, e o Atticus na dele; eu e o Jem estávamos no chão a ler. Fora uma semana calma: eu tinha obedecido à tia; o Jem, que já não se importava com a casa da árvore, tinha-me ajudado e ao Dill a construir uma nova escada de corda; o Dill tinha engendrado um plano infalível para fazer o Boo Radley sair, que não nos trouxesse dissabores (dispor um trilho de rebuçados de limão desde a porta das traseiras até à da frente, que ele seguiria, qual formiga). Ouvimos bater à porta, o Jem foi abrir e disse que era Mr. Heck Tate.

— Então, manda-o entrar — disse o Atticus.

— Já mandei. Há mais homens no pátio, querem que o pai vá lá falar com eles.

Em Maycomb, só havia duas razões para homens adultos ficarem no exterior do pátio da frente: morte e política. Perguntei a mim mesma quem teria morrido. Eu e o Jem fomos à porta, mas o Atticus ordenou: — Voltem para dentro.

O Jem apagou as luzes da sala e encostou o nariz à rede da janela. A tia Alexandra protestou. — Só um bocadinho, tia, deixe-nos ver quem são — pediu.

Eu e o Dill ficámos noutra janela. Um magote de homens rodeava o Atticus. Pareciam falar todos ao mesmo tempo.

— …transferi-lo para a cadeia do condado amanhã — dizia Mr. Tate. — Eu não quero sarilhos, mas não posso garantir que não haja...

— Não seja tolo, Heck — retorquiu o Atticus. — É de Maycomb que estamos a falar.

— …disse apenas que estou preocupado.

— Heck, conseguimos o adiamento deste caso exatamente para não haver nada que nos dê preocupações. Hoje é sábado — continuou o Atticus —, o julgamento será na segunda provavelmente. Pode ficar com ele uma noite, não pode? Acho que ninguém em Maycomb me inveja um cliente, com os tempos difíceis que atravessamos.

Ouviu-se um murmúrio de regozijo rapidamente abafado quando Mr. Link Deas interveio: — Aqui ninguém quer sarilhos, é com aqueles tipos de Old Sarum que estou preocupado... não pode fazer uma... como é que é, Heck?

— Mudança de local — respondeu Mr. Tate. — Não valerá a pena agora, pois não?

O Atticus proferiu algo inaudível. Virei-me para o Jem, que me mandou calar com um gesto.

— ...além do mais — dizia o nosso pai —, você não tem medo dessa gente, pois não?

— …sabe como eles são quando se embebedam.

— Não costumam beber ao domingo, estão na igreja a maior parte do tempo... — retorquiu o Atticus.

— No entanto, esta é uma ocasião especial... — argumentou alguém.

Os homens continuaram entre murmúrios e sussurros até a tia dizer que, se o Jem não acendesse as luzes da sala, seria uma vergonha para a família. O Jem não a ouviu.

— ...só não percebo por que razão é que ficou com este caso — declarava Mr. Link Deas. — Tem tudo a perder com isto, Atticus, mesmo tudo.

— Acha mesmo que sim?

Esta era a pergunta mais perigosa que o Atticus costumava fazer. «Achas mesmo que queres ir para aí?» Tac, tac, tac e o tabuleiro ficava limpo das minhas pedras. «Achas mesmo isso, filho? Então, lê isto», e o Jem ficava o resto da noite a debater-se com os discursos de Henry W. Grady.

— Link, pode ser que o rapaz vá para a cadeira elétrica, mas não vai até que a verdade seja dita. — O tom de voz era tranquilo. — E você sabe qual é a verdade.

Ouviu-se um murmúrio entre o grupo de homens, que se tornou mais agourento quando o Atticus recuou até ao primeiro degrau do alpendre e os homens se aproximaram dele.

De súbito, o Jem gritou: — Atticus, o telefone está a tocar!

Os homens sobressaltaram-se e dispersaram; eram pessoas que víamos todos os dias: comerciantes, agricultores da cidade; o Dr. Reynolds também lá estava; e Mr. Avery também.

— Então, atende, filho — retorquiu o Atticus.

Separaram-se entre gargalhadas. Quando o nosso pai acendeu a luz do teto da sala, deu com o Jem à janela, pálido com exceção de uma marca viva feita pela rede no nariz.

— Por que raio estão todos sentados às escuras?

O Jem ficou a vê-lo dirigir-se à cadeira do costume e pegar no jornal. Às vezes, penso que o Atticus procedia a uma análise tranquila das crises da sua vida por trás do *Mobile Register*, do *Birmingham News* e do *Montgomery Advertiser*.

— Eles andavam atrás de si, não andavam? — O Jem aproximou-se dele. — Queriam apanhá-lo, não queriam?

O Atticus baixou o jornal e fixou o olhar no filho. — O que é que tens andado a ler? — inquiriu, após o que acrescentou com suavidade: — Não, filho, aqueles são nossos amigos.

— Não era um... um gangue? — O Jem olhava de soslaio.

O nosso pai tentou abafar um sorriso, mas não foi bem-sucedido. — Não, nós, aqui em Maycomb, não temos quadrilhas nem grupos desses. Nunca ouvi falar em gangues em Maycomb.

— Uma vez o Ku Klux andou atrás dalguns católicos.

— Também nunca ouvi falar de católicos em Maycomb — contrapôs o Atticus —, deves estar a fazer confusão com outra coisa qualquer. Há

muito tempo, em 1920, houve um Klan, mas era principalmente uma organização política. Além do mais, não conseguiram encontrar ninguém para assustar. Uma noite, desfilaram em frente à casa de Mr. Sam Levy, mas o Sam limitou-se a dizer-lhes ao que as coisas tinham chegado, tinha sido ele a vender-lhes os lençóis que traziam vestidos. Envergonhou-os de tal maneira que se foram embora.

A família Levy cumpria todos os critérios para pertencer às pessoas de bem: faziam o melhor que podiam com o bom senso de que dispunham e viviam em Maycomb, na mesma parcela de terra, havia cinco gerações.

— O Ku Klux desapareceu — afirmou o Atticus — para nunca mais voltar.

Fui acompanhar o Dill até casa e voltei a tempo de ouvir o Atticus a dizer à tia: «...a favor da condição feminina no Sul tal como qualquer um, mas não a favor de preservar uma fantasia socialmente correta às custas de uma vida humana», uma declaração que me fez suspeitar de que tinham estado a discutir outra vez.

Fui à procura do Jem e encontrei-o no quarto, deitado na cama, em profunda meditação. — Estiveram os dois outra vez naquilo? — inquiri.

— Mais ou menos. Ela não o larga por causa do Tom Robinson. Quase disse que o Atticus ia ser a desonra da família. Scout... estou com medo.

— Com medo de quê?

— Por causa do Atticus. Podem fazer-lhe mal. — O Jem preferiu manter-se misterioso, limitando-se a responder às minhas perguntas com um «vai-te embora e deixa-me em paz».

No dia seguinte era domingo e, no intervalo entre a catequese e o serviço religioso, quando a congregação aproveitava para esticar as pernas, vi o Atticus no adro, rodeado de outro magote de homens. Mr. Heck Tate estava no grupo, e interroguei-me se se teria convertido, pois nunca ia à igreja. Até lá estava Mr. Underwood, que não gostava de nenhuma organização exceto do *Maycomb Tribune*, de que era o único proprietário, redator e impressor. Passava os dias com o linótipo, refrescando-se com o gole ocasional do sempre presente garrafão de três litros e meio de vinho de cereja. Era raro andar à procura de notícias, as pessoas levavam-lhas. Dizia-se que criava cada edição do

jornal de cabeça e a compunha diretamente no linótipo, o que era verosímil. Qualquer coisa se devia passar para arrastar Mr. Underwood para ali.

Apanhei o Atticus à entrada, e ele disse que tinham levado o Tom Robinson para a cadeia de Maycomb. Acrescentou, mais para si próprio que para mim, que, se o tivessem posto lá logo desde o início, não teria havido qualquer confusão. Observei-o enquanto tomava o lugar habitual na terceira fila a contar de frente e ouvi-o entoar o hino *Mais Perto, Meu Deus, de Ti*, em voz grave e ressoante, algumas notas depois dos restantes. Nunca se sentava comigo, com o Jem e a tia. Gostava de estar sozinho na igreja.

A paz fictícia que reinava aos domingos era ainda mais irritante pela presença da tia Alexandra. Logo a seguir ao jantar, o Atticus escapulia-se para o escritório, onde o encontrávamos, recostado na sua cadeira giratória, a ler, se decidíssemos ir fazer-lhe uma visitinha. A tia Alexandra preparava-se para uma sesta de duas horas e avisava-nos de que não nos atrevêssemos a fazer barulho no pátio, que toda a vizinhança estava a descansar. O Jem, com a sua idade provecta, tinha começado a ir para o quarto com uma pilha de revistas de futebol. Portanto, eu e o Dill passávamos os domingos a arrastarmo-nos pela Pastagem dos Veados.

Como era proibido disparar aos domingos, eu e o Dill andámos um bocado aos chutos com a bola do Jem, o que não era especialmente divertido. O Dill perguntou-me se não queria ir pregar um susto ao Boo Radley. Respondi que não me parecia simpático incomodá-lo e passei o resto da tarde a contar-lhe as novidades do inverno passado. O Dill ficou bastante impressionado.

Separámo-nos à hora da ceia, e, depois de comer, eu e o Jem preparávamo-nos para a nossa rotina noturna, quando o Atticus fez algo de diferente que nos chamou a atenção: entrou na sala com uma enorme extensão elétrica com uma lâmpada na extremidade.

— Vou sair um bocado — anunciou. — Vocês já devem estar na cama quando voltar, portanto despeço-me já.

Pôs o chapéu e saiu pela porta das traseiras. — Vai levar o automóvel — disse o Jem.

O nosso pai tinha algumas peculiaridades: uma era nunca comer sobremesa, outra era gostar de andar a pé. Lembrava-me desde sempre

da existência de um *Chevrolet* em ótimas condições, na garagem, e o Atticus fazia muito quilómetros em viagens de trabalho, mas, em Maycomb, ia e vinha a pé do escritório quatro vezes ao dia, perfazendo mais de três quilómetros. Costumava dizer que andar a pé era o único exercício que fazia. Em Maycomb, se alguém fosse andar a pé sem um objetivo predefinido, as pessoas pensavam que era incapaz de definir um objetivo.

Mais tarde, despedi-me do meu irmão e da tia e estava embrenhada a ler, quando ouvi o Jem de um lado para o outro no quarto. Os ruídos que fazia a preparar-se para ir para a cama eram tão familiares que bati à porta: — Porqu'é que não vais para a cama?

— Vou à cidade um bocado. — Estava a mudar de calças.

— Porquê? São quase dez, Jem.

Ele sabia as horas, mas ia de qualquer forma.

— Então, vou contigo. Se disseres que não, eu vou na me'ma, 'tás a ouvir? — Percebeu que teria de andar à bulha comigo para eu ficar em casa, e, segundo me pareceu, achou que uma rixa iria irritar a tia, portanto cedeu a contragosto.

Vesti-me rapidamente. Esperámos até a luz da tia se ter apagado e descemos os degraus das traseiras em silêncio. Não se via a Lua.

— O Dill há de qu'rer vir connosco — murmurei.

— Ele também vem, então — proferiu, sombrio.

Galgámos o muro do acesso à garagem, cortámos um atalho pelo pátio lateral de Miss Rachel e fomos até à janela do Dill. O Jem imitou o canto de uma codorniz. O rosto do Dill apareceu na rede, desapareceu e, cinco minutos mais tarde, desenganchou o fecho da rede e saiu pela janela. Com a experiência de um veterano, não disse palavra até chegarmos ao passeio. — O que foi?

— O Jem está com vontade de arejar. — Segundo a Calpurnia, era uma doença que dava a todos os rapazes daquela idade.

— Estou com este pressentimento — confessou o Jem —, é só um pressentimento.

Passámos pela casa de Mrs. Dubose, vazia, as persianas corridas, e as cameleiras submersas por ervas daninhas e por sorgo-de-alepo. Faltavam ainda mais oito casas até à esquina do posto dos correios.

O lado sul da praça estava deserto. Arbustos gigantes de araucária

erguiam-se, eriçados, nos quatro cantos; entre eles, debaixo da luz dos candeeiros, reluzia o varão de ferro para amarrar os cavalos. A fachada lateral do tribunal estava escura, com exceção de uma lâmpada que brilhava na latrina. O tribunal era rodeado a toda a volta por uma fiada de lojas, que formavam, também elas, um quadrado; do interior das lojas, viam-se luzes ténues acesas.

O Atticus tivera o seu escritório no edifício do tribunal, quando começou a exercer advocacia, mas, passados alguns anos, mudou para o edifício do Banco de Maycomb, para umas instalações mais sossegadas. Quando dobrámos a esquina da praça, vimos o seu automóvel estacionado frente ao banco. — Está lá dentro — disse o Jem.

Mas não estava. Chegava-se ao escritório por um longo corredor. Ao olhar pelo corredor, devíamos ter visto *Atticus Finch, Advogado*, em pequenas letras sóbrias, contra a luz vinda de trás da porta. Estava na escuridão.

O Jem espreitou pela porta do banco para ter a certeza. Rodou a maçaneta. A porta estava trancada. — Vamos subir a rua, talvez tenha ido visitar Mr. Underwood.

Mr. Underwood não só geria o escritório do jornal *Maycomb Tribune*, vivia lá. Quer dizer, por cima. Cobria as notícias do tribunal e da cadeia apenas com um olhar da janela de cima. O edifício do escritório era na esquina noroeste da praça e, para lá chegar, tínhamos de passar pela prisão.

A cadeia de Maycomb era o edifício mais venerável e hediondo entre as construções do condado. O Atticus costumava dizer que parecia algo que poderia ter sido desenhado pelo primo Joshua St. Clair. Era decerto o sonho de alguém. Completamente deslocada numa cidade de lojas de fachada quadrada e de casas de telhados inclinados, a cadeia era uma construção gótica ridícula com a largura de uma cela e a altura de duas, completa com ameias minúsculas e arcobotantes. A fantasia era acentuada pela fachada de tijolo vermelho e pelas grossas grades de ferro nas janelas eclesiásticas. Não se erguia numa colina isolada, mas sim entalada entre a Loja de Ferragens Tyndal e o escritório do *Maycomb Tribune*. A cadeia era o único tema de conversa da cidade: os seus detratores diziam que parecia uma latrina vitoriana; os seus

defensores argumentavam que dava à cidade um ar respeitável, sólido e crível e que nenhum forasteiro suspeitava sequer de que estava a abarrotar de pretos.

Ao subirmos pelo passeio, vimos uma luz solitária à distância. — Esquisito — comentou o Jem —, a prisão não tem luz no lado de fora.

— Parece que é por cima da porta — disse o Dill.

Uma longa extensão elétrica corria entre as grades da janela do andar de cima e descia pelo lado do edifício. À luz da lâmpada, via-se o Atticus sentado, encostado à porta da frente. Instalado numa das cadeiras do seu escritório, lia, ignorando os insetos que lhe dançavam sobre a cabeça.

Fiz menção de correr para ele, mas o Jem impediu-me. — Não vás — advertiu. — Pode ser que não goste. Ele está bem, vamos embora para casa. Só queria saber onde ele estava.

Íamos atalhar pelo meio da praça, quando apareceram quatro carros poeirentos em fila lenta, vindos da estrada de Meridian. Contornaram a praça, passaram pelo banco e pararam em frente à cadeia.

Ninguém saiu dos automóveis. Vimos o Atticus levantar o olhar do jornal. Fechou-o, dobrou-o pausadamente, deixou-o cair no colo e puxou o chapéu para a nuca. Parecia estar à espera deles.

— Vamos — murmurou o Jem. Escapulimo-nos ao longo da praça e atravessámos a rua até encontrarmos abrigo na pala da mercearia Jitney Jungle. O Jem espreitou e alvitrou: — Podemos ficar mais perto. — Corremos até à porta da Loja de Ferragens Tyndal, que era suficientemente próxima, mas ainda assim um local discreto.

Um a um ou dois a dois, os homens saíram dos carros. As sombras materializaram-se à medida que a luz deixava ver os contornos maciços que se moviam em direção à porta da cadeia. O Atticus permaneceu no mesmo sítio. Os homens ocultavam-no da nossa vista.

— Ele ‘tá aí dentro, Mr. Finch?

— Está — ouvimos o Atticus responder — e está a dormir. Não o acordem.

Em obediência ao meu pai, seguiu-se o que mais tarde me apercebi ser o aspeto sinistramente cómico de uma situação que não tinha graça alguma: os homens passaram a falar quase em murmúrios.

— Sabe o qu’a gente quer — interveio outro homem. — Saia da frente

da porta, Mr. Finch.

— Pode é virar as costas e voltar para casa, Walter — proferiu o Atticus em tom cordial. — O Heck Tate anda por aí.

— O tanas é que anda — declarou um outro homem. — O Heck e o grupo dele ‘tão tão enfiados no meio do mato que não saem de lá antes de amanhã.

— Ah, sim? Então e porquê?

— Foram chamados prà caçar gambozinos — retorquiu numa resposta lacónica. — Não pensou nisso, Mr. Finch?

— Pensei, mas não acreditei que acontecesse. Bom, nesse caso — a voz do meu pai mantinha-se inalterada —, as coisas mudam de figura, não é?

— É me’mo — assentiu uma outra voz grave, vinda de uma sombra.

— Acha mesmo que sim?

Era a segunda vez em dois dias que ouvia o Atticus fazer aquela pergunta; significava que o capanga de alguém ia ser atacado. Era bom demais para eu perder a cena. Libertei-me do Jem e corri o mais veloz que pude para o Atticus.

O Jem deu um grito e tentou apanhar-me, mas eu levava um bom avanço ao meu irmão e ao Dill. Abri caminho através dos corpos escuros e malcheirosos e irrompi no círculo de luz.

— Hei, Atticus?

Pensei que fosse uma surpresa boa, mas a expressão no seu rosto foi um verdadeiro balde de água fria. Do seu olhar desvanecia-se já o lampejo de medo, mas regressou assim que o Dill e o Jem se introduziram a custo no círculo de luz.

Cheirava a uísque nauseabundo e a pocilga, e, quando olhei em volta, descobri que aqueles homens eram desconhecidos. Não eram os mesmos que tinha visto na noite anterior. Corei de vergonha até à raiz dos cabelos: havia saltado triunfalmente para um círculo de pessoas que nunca vira antes.

O Atticus levantou-se da cadeira, mas movia-se lentamente como um velho. Pousou o jornal com muito cuidado, alisando demoradamente os vincos com os dedos, que tremiam ligeiramente.

— Vai para casa, Jem — disse —, e leva a Scout e o Dill contigo.

Mesmo que a nossa concordância com as instruções do Atticus não

fosse sempre a mais jovial, estávamos acostumados a cumpri-las de imediato, mas, pela postura do Jem, não lhe passava pela cabeça sair dali.

— Vai para casa, já disse.

O Jem abanou a cabeça. O Atticus levou as mãos às ancas, e o Jem fez o mesmo; enquanto se encaravam, frente a frente, vi poucas semelhanças entre ambos: o cabelo e os olhos de um castanho suave, o rosto oval e as orelhas coladas à cabeça do Jem eram da nossa mãe e contrastavam estranhamente com o cabelo preto a embranquecer e as feições largas do Atticus; porém, tinham algo de semelhante: o desafio mútuo tornava-os parecidos.

— Filho, eu disse-te para ires para casa.

O Jem abanou a cabeça.

— Eu mando-o para casa — anunciou um homem corpulento e agarrou o Jem pelo colarinho com violência, fazendo-o desequilibrar-se e quase cair.

— Não lhe toque! — exclamei e atirei-lhe um pontapé expedito. Como estava descalça, fiquei surpreendida ao ver o homem cair para trás, cheio de dores. A minha intenção fora atingi-lo na canela, mas acertei-lhe mais acima.

— Já chega, Scout. — O Atticus pousou-me a mão no ombro. — Não se dá pontapés às pessoas. Não... — insistiu, enquanto tentava justificar-me.

— Ninguém faz assim ao Jem — protestei.

— Bem, Mr. Finch, mande-os embora daqui — alguém resmungou. — Tem quinze segundos pròs mandar embora.

No meio daquela estranha assembleia, o Atticus continuava a tentar convencer o Jem. — Eu não vou — repetia constantemente em resposta às ameaças, às súplicas e ao pedido final de «Por favor, Jem, leva-os para casa».

Estava a ficar um bocado cansada daquilo, mas sentia que o Jem tinha as suas razões para fazer o que estava a fazer, tendo em conta as perspetivas do que o esperava quando o Atticus chegasse a casa. Olhei a multidão em redor. Era uma noite de verão, mas a maior parte dos homens trazia jardineiras e camisas de ganga abotoadas até ao colarinho. Achei que deviam ser friorentos, pois tinham as mangas

descidas e os punhos abotoados. Alguns usavam chapéus firmemente enterrados sobre as orelhas. Eram homens taciturnos, com o olhar ensonado de quem não parecia habituado àquelas horas tardias. Mais uma vez procurei por um rosto conhecido e, no centro do semicírculo, encontrei um.

— Hei, Mr. Cunningham.

O homem pareceu não me ter ouvido.

— Hei, Mr. Cunningham. Com'é que vai isso da sua cláusula?

Os assuntos jurídicos de Mr. Walter Cunningham eram-me familiares; uma vez, o Atticus tinha explicado a situação com todo o pormenor. O homem corpulento piscou os olhos e enfiou os polegares nas alças das jardineiras. Parecia desconfortável; pigarreou e desviou o olhar. A minha entrada amável falhara por completo.

Mr. Cunningham não trazia chapéu, e a metade superior da testa pálida contrastava com o rosto tisnado pelo sol, o que me levava a crer que o usava na maior parte do tempo. Começou a remexer os pés, calçados nos pesados sapatos de trabalho.

— Não se lembra de mim, Mr. Cunningham? Sou a Jean Louise Finch. Uma vez trouxe-nos nozes, lembra-se? — Comecei a perceber quão insignificante uma pessoa se sente quando é ignorada por um conhecido fortuito.

— Ando na escola com o Walter — recomecei. — É seu filho, não é? Não é, Mr. Cunningham?

O homem foi levado a assentir vagamente. Afinal sempre me conhecia.

— Está na mesma classe que eu — continuei — e vai muito bem. É bom rapaz — acrescentei —, um rapaz muito simpático. Uma vez foi jantar connosco lá a casa. Diga-lhe olá por mim, 'tá bem?

O Atticus dizia que era bem-educado conversar com as pessoas sobre o que as interessava e não sobre aquilo que nos interessava. Como Mr. Cunningham não demonstrou qualquer interesse no filho, voltei ao tema da cláusula numa última tentativa de o fazer sentir-se à vontade.

— As cláusulas são ruins — avisei-o e, lentamente, despertei para o facto de estar a dirigir-me a todo o grupo. Todos os homens olhavam para mim, alguns de boca semiaberta. O Atticus parara de picar o Jem:

estavam ambos ao lado do Dill, com uma atenção que mais parecia fascínio. Até o Atticus tinha a boca semiaberta, um procedimento que ele próprio havia descrito como grosseiro. Entreolhámo-nos, e ele fechou a boca.

— Oh, Atticus, eu só estava a dizer a Mr. Cunningham que as cláusulas são difíceis, mas que o pai disse que não era motivo para se preocupar, às vezes, demora muito tempo... e que vocês juntos vão aguentar... — Lentamente comecei a esquecer-me do que queria dizer, a interrogar-me sobre a palermice que teria feito. As cláusulas pareciam-me ser um bom motivo de conversa de salão.

Comecei a sentir o suor a juntar-se no couro cabeludo; conseguia suportar tudo exceto um magote de gente a olhar para mim, todos eles bastante imóveis e silenciosos.

— O que foi? — inquiri.

O Atticus não respondeu. Olhei em volta e fixei o olhar em Mr. Cunningham, de rosto igualmente inexpressivo. De seguida, ele fez um gesto muito peculiar. Agachou-se e agarrou-me pelos ombros.

— Eu digo-lhe que a menina disse olá — declarou.

Então, endireitou-se e fez um aceno com uma pata enorme. — Toca a mexer — incitou. — Vamo-nos pôr a andar, rapazes.

Tal como tinham chegado, um a um ou dois a dois, os homens regressaram lentamente aos carros decrépitos. As portas bateram, os motores roncaram com esforço, e partiram.

Virei-me para o Atticus, mas ele fora até à cadeia, onde se apoiara, de rosto virado para a parede. Fui até ele e puxei-lhe pela manga. — Já podemos ir pra casa? — Acenou com a cabeça, tirou o lenço, limpou o rosto e assoou-se ruidosamente.

— Mr. Finch?

A voz suave e rouca chegou-nos do cimo, da escuridão: — Já se foram?

O Atticus recuou e olhou para cima. — Já foram — disse. — Dorme, Tom. Já não te vão aborrecer mais.

Uma outra voz, vinda de outra direção, cortou a noite com energia: — O diabo é que não. Estive sempre aqui à coca, a protegê-lo, Atticus.

Mr. Underwood e uma caçadeira de dois canos espreitavam da janela por cima do escritório do *Maycomb Tribune*.

Já passava muito da hora de ir para a cama, e eu começava a ficar cansada; parecia que o Atticus e Mr. Underwood tencionavam ficar à conversa durante o resto da noite, um à janela, o outro na rua. Por fim, o meu pai voltou, desligou a lâmpada por cima da porta da cadeia e pegou na cadeira.

— Posso levar-lhe a cadeira, Mr. Finch? — perguntou o Dill, que não havia proferido palavra durante todo o tempo.

— Ah, sim, obrigado, filho.

A caminho do escritório, eu e o Dill ficámos um pouco atrás do Atticus e do Jem. A cadeira pesava-lhe, e abrandou o ritmo. O Atticus e o Jem iam bem à nossa frente, e pressupus que o pai lhe estava a dar um mau bocado por não ter ido para casa, mas estava enganada. Quando passaram pela luz de um candeeiro, o Atticus estendeu a mão e fez-lhe uma festa no cabelo, o único gesto de afeto que lhe conhecíamos.

16

O Jem ouviu-me. Enfiou a cabeça pela porta de comunicação, mas ao chegar à minha cama, a luz do quarto do Atticus acendeu-se. Ficámos onde estávamos até se apagar. Ouvimo-lo revirar-se na cama e esperámos até ele se aquietar.

Levou-me para o quarto dele e deitou-me a seu lado. — Tenta dormir — disse-me. — Depois de amanhã já se acaba tudo, talvez.

Tínhamos entrado em silêncio para não acordar a tia. O Atticus desligou o motor no acesso à casa e fez deslizar o carro até à garagem. Entrámos pela porta de trás e seguimos para os nossos quartos sem uma palavra. Eu estava muito cansada e caía já no sono quando a recordação do Atticus a dobrar calmamente o jornal e a empurrar o chapéu para trás se transformou na imagem dele, de pé numa rua deserta e expectante, a empurrar os óculos para cima. Percebi, de súbito, todo o significado dos acontecimentos daquela noite e comecei a chorar. O Jem foi muito decente; excecionalmente, não me recordou que gente com quase nove anos não se comportava daquela maneira.

De manhã, ninguém mostrou muito apetite, à exceção do Jem, que devorou três ovos, enquanto o Atticus o observava, francamente admirado. A tia Alexandra bebericava o seu café e irradiava ondas de

desagrado. Crianças que se escapuliam de casa à noite eram uma vergonha para a família. O Atticus contrapôs, dizendo que ficara muito contente por as suas desgraças terem aparecido, mas a tia disse: — Disparate, Mr. Underwood esteve sempre presente.

— Sabem, o Braxton tem uma coisa esquisita — adiantou o meu pai —, detesta negros, não tolera a presença de nenhum perto dele.

A opinião local considerava Mr. Underwood um homenzinho emotivo e irreverente, cujo pai, num ataque de humor visionário, o batizou com o nome de Braxton Bragg, um nome que Mr. Underwood se esforçou por fazer cair no esquecimento. O Atticus afirmou que dar o nome de generais da Confederação às pessoas acabava por criar bêbedos inveterados.

A Calpurnia servia mais café à tia Alexandra e abanou a cabeça perante o que eu achava ser um olhar implorativo e persuasivo. — Ainda é muito pequena — declarou. — Eu digo quando deixar de o ser. — Eu insisti que podia ser bom para o estômago. — Muito bem — cedeu ela e foi buscar uma chávena ao aparador. Deitou uma colher de sopa de café no fundo e encheu-a até à borda com leite. Agradeci-lhe deitando a língua de fora para a chávena, mas quando olhei para cima apanhei a tia a franzir o sobrolho num aviso, que, afinal, se destinava ao Atticus.

Esperou até a Calpurnia se ter retirado para a cozinha e depois disse: — Não fales assim na frente deles.

— Assim como e na frente de quem? — perguntou o meu pai.

— Assim em frente da Calpurnia. Disseste: «O Braxton Underwood detesta negros», mesmo na frente dela.

— Bem, tenho a certeza de que a Calpurnia sabe disso, toda a gente em Maycomb sabe.

Eu começara a reparar numa alteração subtil no meu pai que se notava quando falava com a tia Alexandra. Era um fincar de pé que nunca chegava a transformar-se abertamente em irritação. Notei uma certa formalidade na voz dele quando respondeu: — Tudo o que é dito à mesa pode ser dito em frente da Calpurnia. Ela sabe o que significa para esta família.

— Não creio que seja um bom hábito, Atticus. Encoraja-os. Sabes como falam entre eles. Tudo o que acontece nesta cidade fica a saber-se nos Casebres antes do pôr do sol.

O meu pai pousou a faca. — Não conheço nenhuma lei que diga que eles não podem falar. Talvez se não lhes déssemos tanto motivo para isso, ficassem calados. Por que razão não bebes o café, Scout?

Eu estava a brincar com a colher dentro da chávena. — Pensava que Mr. Cunningham era nosso amigo. O senhor disse-me há muito tempo que era.

— E continua a ser.

— Mas ontem à noite queria fazer-lhe mal.

O Atticus pousou o garfo ao lado da faca e afastou o prato. — Mr. Cunningham é essencialmente um bom homem, mas tem os seus pontos fracos, tal como todos nós.

Foi a vez de o Jem falar. — Não chame àquilo um ponto fraco. Ontem à noite, quando lá chegou, ‘tava capaz de o matar.

— Talvez me tivesse feito mal — concedeu o Atticus —, mas, filho, vais compreender as pessoas um pouco melhor quando fores mais velho. Um grupo de amotinados é constituído por pessoas, diga-se lá o que se disser. Ontem à noite, Mr. Cunningham fazia parte de um grupo assim, mas continuava a ser um homem. Todos os grupos de amotinados em todas as cidadezinhas sulistas são sempre constituídos por pessoas que conhecemos, o que não abona muito em defesa delas, pois não?

— Diria que não — concordou o Jem.

— Portanto, foi preciso uma criança de oito anos para lhes fazer ver a razão, não foi? — prosseguiu o Atticus. — O que prova alguma coisa. Prova que uma chusma de animais selvagens pode ser parada, simplesmente porque continuam a ser humanos. Hum, talvez precisemos de uma força policial constituída por crianças… Ontem à noite, vocês fizeram com que o Walter Cunningham se pusesse no meu lugar. E foi o que bastou.

Bem, fiquei com a esperança de que o Jem viesse a compreender as pessoas um pouco melhor quando crescesse, porque isso não iria acontecer comigo. — O primeiro dia que o Walter voltar à escola vai ser o último — declarei.

— Nem sequer lhe tocas — avisou o Atticus num tom neutro. — Não quero que nenhum de vós guarde ressentimento sobre isto, aconteça lá o que acontecer.

— Estão certamente a ver — disse a tia Alexandra — o que resulta de coisas assim. Não digam que não vos avisei.

O Atticus afirmou que nunca diria tal coisa, empurrou a cadeira para trás e levantou-se. — Tenho um longo dia à minha frente, portanto desculpem-me. Jem, hoje não te quero a ti nem à Scout na cidade, por favor.

Ia o Atticus a sair quando o Dill irrompeu na sala de jantar vindo do corredor. — A cidade inteira não fala de outra coisa — anunciou —, a não ser de como nós repelimos uma centena de tipos só com as nossas mãos…

A tia Alexandra fê-lo calar-se com um olhar. — Não era uma centena — afirmou —, e ninguém repeliu ninguém. Era apenas um punhado de Cunninghams, bêbedos e desordeiros.

— A tia sabe, é só a maneira de falar do Dill — explicou o Jem, fazendo-nos sinal para o seguirmos.

— Hoje não saem do pátio — lembrou-nos ela, íamos nós a sair para o alpendre da frente.

Parecia sábado. Gente da zona sul do condado passava pela nossa casa numa torrente calma mas constante.

Mr. Dolphus Raymond desfilou às guinadas no seu cavalo puro-sangue. — Não percebo com'é que se aguenta na sela — murmurou o Jem. — Com'é qu'é possível estar-se bêbedo antes das oito da manhã?

Uma carroça a abarrotar de senhoras passou por nós a chocalhar. Usavam toucas de algodão e vestidos de manga comprida. Um homem barbudo com um chapéu de lã guiava a carroça. — Olh'acolá os menonitas — disse o Jem ao Dill. — Não usam botões. — Viviam embrenhados na floresta, comerciavam principalmente com o outro lado do rio e era raro virem a Maycomb. O Dill ficou todo interessado. — Têm todos olhos azuis — explicou o Jem —, e os homens não podem fazer a barba depois de se casarem. As mulheres gostam qu'eles lhes façam cócegas com a barba.

Mr. X Billups passou numa mula e disse-nos adeus. — É um homem esquisito. O «X» é me'mo o nome dele, não é a inicial. Uma vez 'teve no tribunal e perguntaram-lhe o nome, ao que ele respondeu X Billups. O escrivão pediu-lhe qu'o soletrasse, e ele disse X. O homem voltou a perguntar-lhe, e ele disse X. Continuaram naquilo, até ele escrever um

«X» numa folha de papel e a erguer para todos verem. Perguntaram-lhe onde arranjara aquele nome, e ele explicou que fora assim qu'os pais o registaram quando nasceu.

Enquanto a população do condado passava por nós, o Jem foi contando ao Dill o historial e as particularidades gerais das figuras mais proeminentes: Mr. Tensaw Jones votara a favor da Lei Seca; Miss Emily Davis cheirava rapé em privado; Mr. Byron Waller sabia tocar violino; Mr. Jake Slade já ia na terceira dentadura postiça.

Apareceu uma carroça cheia de cidadãos de catadura mais severa que o habitual. Quando apontaram para o jardim de Miss Maudie, repleto de flores estivais, a própria Miss Maudie veio até ao alpendre. Ela tinha uma característica estranha: no alpendre, estava demasiado distante para que lhe víssemos bem as feições, mas sabíamos sempre a sua disposição pela postura que adotava. Naquele momento, tinha as mãos nas ancas, os ombros um pouco descaídos e a cabeça inclinada de lado; os óculos cintilavam à luz do sol. Sabíamos que exibia um sorriso de pura malvadez.

O condutor da carroça abrandou as mulas, e uma mulher de voz estridente bradou: — «Ele que nasce em vaidade, parte na escuridão!»[24]

Miss Maudie respondeu: — «A alegria do coração transparece no rosto.»[25]

Calculei que os lava-pés estavam a pensar que o Diabo citava as Escrituras para os seus próprios propósitos, pois o condutor espevitou as mulas. O facto de levantarem tantas objeções ao jardim de Miss Maudie era um mistério, agravado na minha cabeça porque, para alguém que passava todas as horas do dia fora de casa, o domínio das Escrituras por parte de Miss Maudie era impressionante.

— Vai ao tribunal esta manhã? — perguntou o Jem. Tínhamos ido até junto dela.

— Não vou — respondeu ela. — Não há lá nada que me diga respeito.

— Não vai assistir? — quis saber o Dill.

— Não vou. É mórbido ver um pobre diabo a ser julgado com risco da própria vida. Olhem para esta gente toda, parece um circo romano.

— Têm d'o julgar em público, Miss Maudie — disse eu. — Se não

fosse assim, não ‘tava certo.

— Sei disso muito bem — respondeu ela. — Só porque é público não sou obrigada a ir, pois não?

Miss Stephanie Crawford acercou-se de nós. Vinha de chapéu e luvas. — Hum, hum, hum — disse. — Olhem para esta gente toda. Até parece que vai haver um discurso do William Jennings Bryan.[26]

— E aonde vais tu, Stephanie? — inquiriu Miss Maudie.

— Ao Jitney Jungle.

Miss Maudie comentou que nunca na sua vida vira Miss Stephanie ir ao Jitney Jungle de chapéu.

— Bom — respondeu a outra —, pensei que podia dar uma espreitadela ao tribunal para ver o que é que o Atticus vai fazer.

— É melhor teres cuidado, não vá ele entregar-te uma convocatória.

Pedimos a Miss Maudie para nos esclarecer, e ela explicou que Miss Stephanie parecia saber tanto sobre o caso que mais valia que fosse chamada a depor.

Aguentámos até ao meio-dia, quando o Atticus veio a casa jantar e disse que tinham passado a manhã a escolher o júri. Depois da refeição, fomos buscar o Dill e dirigimo-nos à cidade.

Era uma ocasião de gala. Não havia espaço para mais nenhum animal nos lugares de amarração, e as carroças e as mulas estavam estacionadas debaixo de todas as árvores livres. A praça do tribunal enchera-se de grupos a fazerem piqueniques, as pessoas sentadas em cima de jornais a empurrar os biscoitos e o melaço com leite morno guardado em frascos de compota. Alguns mordiscavam galinha fria e costeletas de porco fritas. Os mais abastados acompanhavam a comida com *Coca-Cola* por copos bojudos. Crianças com a cara gordurenta brincavam à carreirinha por entre a multidão, e os bebés mamavam no seio das mães.

Num canto afastado da praça, os negros sentavam-se calmamente ao sol, comendo sardinhas, bolachas e apreciando o sabor intenso da *Nehi Cola*. Mr. Dolphus Raymond encontrava-se sentado junto deles.

— Jem — disse o Dill —, ele está a beber de dentro de um saco.

Parecia, de facto, que Mr. Raymond assim fazia: duas palhinhas amarelas iam da sua boca até às profundezas de um saco de papel

castanho.

— Nunca vi ninguém fazer aquilo — murmurou o Dill. — Como é qu'ele consegue manter lá dentro o que lá está?

O Jem riu-se. — Tem uma garrafa de *Coca-Cola* cheia de uísque no saco. É para não irritar as senhoras. Vais vê-lo aos golinhos toda a tarde e depois sai dali e vai enchê-la outra vez.

— Por que razão está sentado junto da gente de cor?

— É sempre assim. Gosta mais deles que de nós, acho eu. Vive sozinho lá longe, perto da fronteira do condado. Tem uma mulher de cor e uma data de filhos mestiços. Eu mostro-te alguns, se os virmos.

— Não parece ter ar de escumalha — observou o Dill.

— E não tem, é dono de uma grande parte da margem do rio e vem de uma família mesmo antiga e fina.

— Então, por que razão faz aquilo?

— É assim qu'ele é — respondeu o Jem. — Dizem que nunca recuperou do noivado. Era para casar com uma das… das meninas Spencer, acho eu. Iam ter uma festa de casamento de arromba, mas não tiveram. Depois do ensaio, a noiva subiu as escadas e rebentou com a cabeça. Com uma caçadeira. Puxou o gatilho com os dedos dos pés.

— E souberam porquê?

— Não — disse o Jem —, ninguém soube bem o motivo, à parte Mr. Dolphus. Disseram que foi porque ela descobriu qu'ele tinha uma mulher de cor, ele achava que podia continuar com ela e casar-se também. Desde então que anda sempre mais ou menos bêbedo. Mas sabes, é muito bom para os filhos…

— Jem — perguntei —, o que é um mestiço?

— É meio branco e meio de cor. Tu já os viste, Scout. Conheces aquele ruivo esquisito que faz as entregas da mercearia? É meio branco. É uma tristeza.

— Tristeza como?

— Não pertencem a lado nenhum. A gente de cor não os quer porque são meio brancos, e os brancos não os querem porque são de cor, por isso ficam ali no meio, não pertencem a ninguém. Mas dizem pr'aí que Mr. Dolphus mandou dois dos seus filhos lá prò norte. Lá em cima não se importam. Olhem, acolá 'tá um deles.

Um rapazinho agarrado à mão de uma mulher de cor caminhava na

nossa direção. A mim parecia-me bem negro: era cor de chocolate, com as narinas largas e uns belos dentes. Por vezes dava uns saltinhos contentes, e a negra puxava-lhe a mão para que parasse.

O Jem esperou até passarem por nós. — É um dos filhos dele — informou-nos.

— Com'é que sabes? — perguntou o Dill. — A mim pareceu-me preto.

— Por vezes é difícil, a não ser qu'a gente os conheça. Mas aquele é me'mo metade Raymond.

— Mas como é que sabes? — insisti eu.

— Já te disse, Scout, temos de saber quem são.

— Bom, com'é que sabes que nós não somos negros?

— O tio Jack Finch diz que, na verdade, não sabemos. Diz qu'até onde consegue seguir a família dos Finches para trás, não somos, mas, tanto quanto sabe, podemos ter vindo direitinhos da Etiópia durante o Velho Testamento.

— Bom, se chegámos aqui durante o Antigo Testamento, foi há tanto tempo que já não int'ressa.

— Eu pensei isso mesmo — disse o Jem —, mas nestas paragens, se tivermos uma gota de sangue negro somos logo todos pretos. Ei, olha…

Um sinal invisível fizera com que as pessoas da praça se levantassem e espalhassem em seu redor bocados de jornal, celofane e papel de embrulho. As crianças foram ter com as mães, e os bebés eram escarranchados nas ancas, enquanto os homens, com os chapéus manchados de suor, juntavam as famílias e as levavam através das portas do tribunal. Ao fundo da praça, os negros e Mr. Dolphus Raymond levantaram-se e limparam o pó às calças. Viam-se poucas mulheres e crianças entre eles, o que parecia dissipar a atmosfera de festa. Esperaram pacientemente à porta, atrás das famílias dos brancos.

— Vamos entrar — propôs o Dill.

— Não, é melhor esperarmos até eles entrarem. O Atticus pode não gostar, se nos vir.

O tribunal do condado de Maycomb lembrava vagamente Arlington numa coisa: os pilares de cimento onde o telhado da parte sul se apoiava eram demasiado volumosos para o peso que suportavam. Era tudo o que restava de pé, quando o edifício original ardeu por completo em 1865, e um novo tribunal foi construído em redor deles. Ou melhor,

apesar deles. À exceção do pórtico sul, o tribunal do condado de Maycomb pertencia aos primórdios da arquitetura vitoriana, apresentando uma perspetiva inofensiva ao ser visto do norte. Do outro lado, porém, as colunas ao estilo grego não combinavam com a grande torre do relógio do século dezanove que alojava um instrumento ferrugento e pouco digno de confiança, uma visão que falava de um povo determinado em preservar todos os resquícios do seu passado.

Para chegar à sala de audiências, no primeiro andar, passava-se por diversos cubículos onde não chegava a luz do sol: o avaliador da coleta, o cobrador de impostos, o escrivão, o advogado do condado, o escrivão da comarca e o juiz de sucessões trabalhavam em cubículos frios e mal iluminados que cheiravam a livros de registos a apodrecer, de mistura com o odor a cimento húmido e a urina estagnada. Era necessário acender as luzes durante o dia, e havia sempre uma camada de pó nas tábuas grosseiras do soalho. Os utilizadores destes gabinetes eram criaturas acostumadas ao seu ambiente: homenzinhos de rosto acinzentado que pareciam nunca ter sentido o vento ou a luz do sol.

Sabíamos que havia um grande número de pessoas, mas não contáramos com a multidão que enchia a entrada do rés do chão. Fui separada do Jem e do Dill, mas abri caminho para a parede ao lado da escada, sabendo que o Jem acabaria por vir à minha procura. Dei comigo no meio do Clube dos Ociosos e procurei dar o menos possível nas vistas. Tratava-se de um grupo de velhotes de camisa branca e calças de cáqui com suspensórios, que haviam passado a vida sem fazer nada e ocupavam agora os anos da velhice a fazer o mesmo, sentados em bancos de pinho debaixo dos carvalhos da praça. Eram críticos atentos dos assuntos do tribunal, e o Atticus dizia que sabiam tanto de leis como o juiz do Supremo Tribunal, dado os seus longos anos de observação. Normalmente eram os únicos espectadores das audiências e naquele dia pareciam levar a mal a interrupção da sua confortável rotina. Quando falavam, as suas vozes pareciam de certo modo importantes. A conversa versava o meu pai.

— …pensa que sabe o que está a fazer — disse um deles.

— Alto aí, eu não diria tanto — respondeu outro. — O Atticus Finch é um grande estudioso, um verdadeiro estudioso.

— É verdade que lê muito, não faz mais nada. — Os membros do

clube soltaram risos abafados.

— Deixa-me que te diga uma coisa, Billy — interveio um terceiro —, sabes que o tribunal o designou para defender este preto.

— Sei, mas o Atticus tenciona mesmo defendê-lo. É disso que eu não gosto nada.

Aquilo era uma novidade que trazia uma nova luz às coisas: o Atticus tinha de o fazer, quer quisesse quer não. Achei estranho não nos ter dito nada quanto a isso, podíamos tê-lo usado muitas vezes em defesa dele e nossa. O facto de ser obrigado a fazê-lo, razão pela qual o fazia, significava menos lutas e menos confusões. Mas explicaria isso a atitude da cidade? O tribunal designara o Atticus para a defesa do negro, e ele tencionava, de facto, defendê-lo. Era disso que não gostavam. Era muito confuso.

Depois de esperarem que os brancos subissem as escadas, os negros começaram a entrar. — Ei, esperem aí — disse um dos membros do clube, brandindo a bengala. — Não comecem já a subir.

Os membros do clube iniciaram a penosa subida e deram de caras com o Jem e o Dill, que desciam à minha procura. Esgueiraram-se por entre os velhotes, e o Jem bradou: — Scout, anda daí, não há nenhum assento livre. Vamos ter de ficar de pé.

— Olhem lá — disse, irritado, enquanto os negros subiam apressadamente as escadas. Os velhos da frente iriam ocupar grande parte dos lugares em pé. Estávamos com azar, e a culpa era toda minha, informou-me o Jem. Ficámos encostados à parede, muito desconsolados.

— Não conseguem entrar?

O reverendo Sykes olhava para nós com o chapéu preto nas mãos.

— Olá, reverendo — cumprimentou o Jem. — Pois não. Aqui a Scout atrapalhou tudo.

— Bom, vamos lá a ver o que se pode fazer.

O reverendo foi abrindo caminho escada acima e, passados uns minutos, já estava de novo junto de nós. — Cá em baixo não há nem um lugar. Acham que não faz mal se vierem todos para a galeria comigo?

— Ótimo — exclamou o Jem. Corremos escada acima até à sala de audiências. Uma vez aí, subimos uma escada coberta e esperámos à porta. O reverendo Sykes alcançou-nos já sem fôlego e conduziu-nos

calmamente por entre os negros que enchiam a galeria. Quatro negros levantaram-se e deram-nos os seus lugares na primeira fila.

A galeria das pessoas de cor ocupava três paredes da sala de audiências, como se fosse uma varanda de segundo andar de onde podíamos ver tudo.

O júri sentava-se à esquerda, sob uma correnteza de janelas. Tisnados, altos e magros, pareciam ser todos lavradores, o que era natural: era raro os habitantes da cidade pertencerem a um júri, ou eram desclassificados ou dispensados. Um ou dois dos membros do júri pareceram-me vagamente Cunninghams bem-vestidos. Nesta altura, sentavam-se direitos e atentos.

O advogado da comarca e um outro homem, o Atticus e o Tom Robinson sentavam-se a mesas, de costas voltadas para nós. Sobre a mesa do advogado via-se um livro castanho e alguns blocos de apontamentos amarelos. A do Atticus estava vazia.

Mesmo junto à balaustrada que separava os espectadores do tribunal, sentavam-se as testemunhas em cadeiras com assento em pele de vaca. Voltavam-nos igualmente as costas.

O juiz Taylor ocupava o seu lugar, parecendo um velho tubarão sonolento, o seu peixe-piloto a escrever rapidamente mais abaixo, na sua frente. Era parecido com a maioria dos juízes que conheci: amável, de cabelos brancos, o rosto levemente corado, era um homem que dirigia o tribunal com uma informalidade assustadora. Por vezes apoiava os pés em cima da secretária e era frequente pôr-se a limpar as unhas com o canivete. Em audiências muito prolongadas, em especial depois do almoço, dava a impressão de estar a dormitar, impressão essa afastada para sempre quando, uma vez, um advogado empurrou deliberadamente uma pilha de livros para o chão no seu esforço desesperado por o acordar. Sem abrir os olhos, o juiz Taylor murmurou: «Mr. Whitley, faça isso outra vez e custar-lhe-á cem dólares.»

Era um profundo conhecedor da lei e, embora parecesse desempenhar o seu cargo com uma certa indiferença, na verdade controlava com mão de ferro todos os processos que lhe eram apresentados. Dizia-se que apenas uma vez fora visto a debater-se com um impasse tremendo em plena audiência, causado pelos Cunninghams. Old Sarum, de onde eram originários, era habitado por

duas famílias distintas e separadas no início, mas que, infelizmente, ostentavam o mesmo nome. Os Cunninghams foram casando com os Coninghams até que a grafia dos seus nomes passou a ser uma questão académica — isto é, até um Cunningham ter discutido com um Coningham por causa da posse de umas terras e ter recorrido à justiça. Durante esta controvérsia, Jeems Cunningham declarou que a sua mãe sempre tinha escrito Cunningham em documentos e coisas afins, mas que na realidade era uma Coningham. Não sabia escrever lá muito bem, lia muito pouco e tinha o hábito de ficar a olhar ao longe, quando se sentava na varanda, à tardinha. Após nove horas a escutar as excentricidades dos habitantes de Old Sarum, o juiz Taylor declarou que o tribunal não tinha competência para julgar aquele caso. Quando lhe perguntaram quais os motivos, disse: «Conivência dolosa» e afirmou que esperava sinceramente que os litigantes estivessem satisfeitos por terem tido oportunidade de dizerem em público a sua versão. E estavam. Afinal, nunca tinham desejado outra coisa.

O juiz Taylor tinha um hábito interessante. Permitia que se fumasse na sua sala de audiências, embora ele próprio não o fizesse: por vezes, se se tivesse sorte, tinha-se o privilégio de o ver enfiar na boca um longo charuto apagado, o qual ia mascando lentamente. Aos poucos, o charuto ia desaparecendo para reaparecer algumas horas mais tarde como uma massa achatada e oleosa, extraída que fora a sua essência, que se misturava agora com os sucos digestivos do juiz. Certa vez perguntei ao Atticus como é que Mrs. Taylor aguentava beijá-lo, mas o meu pai respondeu que não tinham muito o hábito de se beijarem.

O banco das testemunhas ficava à direita do juiz e, quando chegámos aos nossos lugares, já lá se encontrava Mr. Heck Tate.

17

— Jem — perguntei —, aqueles sentados ali são os Ewells?

— Chiu — retorquiu ele. — Mr. Heck Tate está a testemunhar.

Mr. Tate tinha-se vestido a rigor. Trajava um fato completo normal que o fazia parecer igual a todos os outros homens: nada de botas altas, de casaco de lenhador ou de cartucheira à cintura. A partir desse instante, deixou de me aterrorizar. Sentado no banco das testemunhas, o corpo

inclinado para a frente, as mãos entrelaçadas entre os joelhos, ouvia atentamente o procurador da comarca.

O procurador era um Mr. Gilmer, que não conhecíamos bem. Vinha de Abbotsville, e só o víamos quando havia uma audiência, e mesmo assim raramente, pois nem eu nem o Jem nos interessávamos especialmente pelas sessões do tribunal. Parcialmente calvo, de rosto escanhoado, tanto podia ter quarenta como sessenta anos. Embora estivesse de costas voltadas, sabíamos que era ligeiramente estrábico, uma caraterística que usava a seu favor: parecia estar a olhar para uma pessoa quando, de facto, não estava e, por isso, fazia os jurados e as testemunhas passarem um mau bocado. Os jurados, sentindo-se minuciosamente examinados, tomavam atenção; o mesmo acontecia com as testemunhas, exatamente pelo mesmo motivo.

— ...nas suas palavras, Mr. Tate — dizia Mr. Gilmer.

— Bem — começou, ajeitando os óculos e falando na direção dos joelhos —, eu fui chamado...

— Poderia falar para o júri, Mr. Tate? Muito obrigado. Quem é que o chamou?

Mr. Tate disse: — O Bob veio-me buscar, Mr. Bob Ewell, que está ali, uma noite...

— Em que noite, senhor?

Mr. Tate respondeu: — Foi na noite de vinte e um de novembro. Eu estava mesmo a sair, quando o B... Mr. Ewell entrou e disse para ir depressa a casa dele, que um preto qualquer lhe tinha violado a rapariga.

— E o senhor foi?

— Certamente. Meti-me no carro e fui o mais depressa que pude.

— E o que encontrou?

— Encontrei-a estendida no meio do chão do quarto da frente, um à direita de quem entra. Estava bastante maltratada, mas ajudei-a a levantar-se, e ela lavou a cara num balde que estava no canto e disse que estava bem. Perguntei-lhe quem é que lhe tinha feito mal, e ela disse que tinha sido o Tom Robinson...

O juiz Taylor, que tinha estado concentrado nas suas unhas, ergueu os olhos, como se esperasse uma objeção, mas o Atticus manteve-se em silêncio.

— ...perguntei se ele lhe tinha batido assim, e ela disse que sim. Perguntei se ele tinha abusado dela, e ela disse que sim. Então fui a casa do Robinson e trouxe-o. Ela identificou-o, portanto prendi-o. Foi o que se passou.

— Obrigado — agradeceu Mr. Gilmer.

O juiz Taylor inquiriu: — Perguntas, Atticus?

— Sim — respondeu o meu pai. Sentado à mesa do advogado de defesa, com a cadeira enviesada, tinha as pernas cruzadas, e um dos braços repousava nas costas da cadeira.

— Chamou o médico, xerife? Alguém chamou um médico? — perguntou.

— Não, senhor — declarou Mr. Tate.

— Não chamou um médico?

— Não, senhor — repetiu Mr. Tate.

— Por que motivo não o fez? — Sentiu-se tensão na voz do Atticus.

— Bom, posso dizer porque não o fiz. Não foi necessário, Mr. Finch. Ela estava muito maltratada. Alguma coisa devia ter acontecido, era óbvio.

— Mas não chamou o médico? Enquanto lá esteve, alguém mandou chamar um ou foi chamar um ou a levou ao médico?

— Não, senhor...

O juiz Taylor interrompeu. — Ele já respondeu três vezes, Atticus. Não chamou o médico.

O Atticus retorquiu: — Só queria ter a certeza, juiz. — O juiz sorriu.

O Jem apertou com força a mão que tinha pousada na balaustrada da galeria e, de repente, susteve a respiração. Olhando rapidamente para baixo, não vi qualquer reação condizente e interroguei-me se ele não estaria a dramatizar. O Dill assistia pacatamente, tal como o reverendo Sykes a seu lado. — O que foi? — murmurei e, em resposta, recebi um «Chiu!» curto e grosso.

— Xerife — dizia o Atticus —, diz que ela estava muito maltratada. De que forma?

— Bom...

— Descreva-nos os ferimentos, Heck.

— Bom, tinham-lhe batido na cabeça. Os braços já estavam a ficar com nódoas negras, e aquilo só tinha acontecido uma meia hora antes...

— Como é que sabe?

Mr. Tate fez um sorriso largo. — Desculpe, foi o que eles disseram. De qualquer maneira, ela estava bastante pisada quando lá cheguei, e o olho estava a ficar negro.

— Qual dos olhos?

Mr. Tate pestanejou e passou a mão pelo cabelo. — Deixe-me ver — disse baixinho, após o que olhou para o Atticus como se a pergunta fosse infantil.

— Não se lembra?

O xerife apontou para uma pessoa imaginária uns dez centímetros à sua frente e declarou: — O esquerdo.

— Um momento, xerife — insistiu o Atticus. — Era o olho esquerdo quando estava de frente para ela ou o esquerdo quando olhava na mesma direção que ela?

Mr. Tate reconheceu: — Ah, sim, então era o direito. Era o olho direito, Mr. Finch. Estou a lembrar-me agora, ela tinha muitos ferimentos nesse lado da cara...

Mr. Tate pestanejou outra vez, como se subitamente algo se tivesse tornado claro. Então virou-se para o Tom Robinson, que, como por instinto, levantou a cabeça.

Também para o Atticus algo tinha ficado claro, e levantou-se. — Xerife, por favor, repita o que acabou de dizer.

— Eu disse que era o olho direito.

— Não... — O Atticus dirigiu-se à secretária do escrivão e inclinou-se sobre a mão que continuava a escrever freneticamente. A mão parou, passou para a folha anterior do bloco de estenografia, e o escrivão leu: «Mr. Finch, estou a lembrar-me agora, ela tinha muitos ferimentos nesse lado da cara.»

O Atticus olhou para Mr. Tate. — Outra vez, Heck, de que lado?

— Do lado direito, Mr. Finch, mas ela tinha mais equimoses... quer qu’as descreva?

O Atticus parecia estar à beira de fazer uma outra pergunta, mas pensou melhor e afirmou: — Sim, que outros ferimentos eram esses? — Enquanto o xerife respondia, o Atticus virou-se e mirou o Tom Robinson como se aquilo fosse algo que não tivessem previsto.

— ...tinha equimoses nos braços e mostrou-me o pescoço, onde se

viam marcas de dedos na goela...

— Em volta de todo o pescoço? Na parte de trás?

— Eu diria que eram em toda a volta, Mr. Finch.

— Ah, sim?

— Sim, senhor, o pescoço era delgado, qualquer um conseguia apertar-lho...

— Limite-se a responder sim ou não, por favor, xerife — interrompeu o Atticus em tom seco, e Mr. Tate calou-se.

O Atticus sentou-se e fez um aceno ao procurador, que abanou a cabeça ao juiz, que assentiu a Mr. Tate, que se apressou a erguer-se e a descer do banco das testemunhas.

Em baixo, na plateia, houve pessoas a virar a cabeça, a remexer os pés, bebés a ser mudados de posição, e algumas crianças a sair a correr da sala. Os negros atrás de nós murmuraram entre si. O Dill perguntou ao reverendo Sykes o que se passava, mas o outro respondeu-lhe que não sabia. Até ao momento, tudo parecia terrivelmente aborrecido: ninguém havia vociferado, os advogados litigantes não tinham esgrimido argumentos, não houvera nada de dramático; segundo parecia, tratava-se de uma tremenda desilusão para todos os presentes. O Atticus agia com cortesia, como se estivesse a tratar de um litígio sobre direito de propriedade. Com a sua capacidade infinita de acalmar os mares mais turbulentos, conseguia fazer um caso de violação tão árido quanto um sermão. Longe iam os meus temores do cheiro a uísque nauseabundo e a currais, de homens taciturnos de olhar ensonado, de uma voz suave e rouca a perguntar na noite: «Mr. Finch? Já se foram?» O nosso pesadelo desaparecera com a luz do dia, ia tudo acabar em bem.

Todos os assistentes se sentiam tão descontraídos quanto o juiz Taylor, com exceção do Jem. De lábios enviesados num meio sorriso resoluto e olhar vivo, comentou algo sobre indícios de prova concordante, o que me deu a certeza de que estava a vangloriar-se.

— ...Robert E. Lee Ewell!

Em resposta à voz retumbante do escrivão, ergueu-se um homem pequeno, que, qual garnisé, se pavoneou até ao lugar das testemunhas, a nuca avermelhada ao chamamento do seu nome. Quando se virou para prestar juramento, vimos que tinha o rosto igualmente vermelho. Confirmámos também que não tinha quaisquer parecenças com o seu

homónimo. Exibia um tufo de cabelo acabado de lavar espetado a partir da testa, o nariz afilado e pontiagudo brilhava, e não possuía queixo propriamente dito — parecia fazer parte integrante do pescoço enrugado.

— …juro por Deus — grasnou.

Em todas as povoações da dimensão de Maycomb existiam famílias como os Ewells. Não havia flutuações de economia que lhes alterassem o estatuto — pessoas como os Ewells subsistiam às custas do condado, quer em períodos de prosperidade quer nas profundezas de uma depressão. Não havia assistente do serviço social que conseguisse manter a sua numerosa prole na escola; não havia pessoal dos serviços de saúde que conseguisse livrá-los de defeitos congénitos, dos diversos parasitas ou das doenças típicas da imundice que os rodeava.

Os Ewells de Maycomb habitavam por trás da lixeira da cidade no que fora outrora um casebre de negros. As paredes feitas de tábuas tinham sido reforçadas com chapa ondulada e o telhado recoberto com latas espalmadas a martelo, de tal maneira que só a forma geral sugeria o desenho primitivo: quadrado, com quatro quartos mínimos que davam para um corredor que atravessava a construção da porta da frente à das traseiras, o casebre assentava precariamente em quatro pedras irregulares de calcário. As janelas não passavam de meros espaços abertos nas paredes e, no verão, eram cobertas de tiras de morim gordurento para afastar os parasitas que se banqueteavam das sobras de Maycomb.

Os tempos corriam difíceis para os vermes, pois todos os dias os Ewells revistavam a lixeira a pente fino, e os frutos do seu trabalho aplicado (aquilo que não era ingerido) faziam o terreno em volta do casebre parecer o recreio de uma criança louca: o que passava por vedação eram pedaços de troncos de árvore, de vassouras e de hastes de ferramentas, rematados por cabeças de martelo, de gadanhos com os dentes partidos, de pás, de machados, de enxadas e de sachos, tudo ferrugento, tudo preso por arame farpado. Cercado por esta barreira via-se um pátio imundo com os restos de um *Ford Modelo T* (em cima de calces), de uma cadeira de dentista, de um frigorífico antigo e outros artigos menores: sapatos velhos, rádios de mesa avariados, molduras e frascos para compota, sob os quais algumas galinhas esqueléticas

debicavam na esperança de alimento.

Havia um canto do pátio, porém, que deixava os habitantes de Maycomb perplexos. Encostados à vedação, alinhavam-se seis bacios de esmalte lascado com sardinheiras de um vermelho-vivo, tratadas com tanto carinho como se pertencessem a Miss Maudie Atkinson, tivesse ela permitido sardinheiras no seu jardim. Eram pertença de Mayella Ewell, dizia-se.

Ninguém sabia ao certo quantas crianças lá viviam. Uns diziam que eram seis, outros nove; havia sempre diversos rostos sujos às janelas, quando alguém passava. Ninguém passava por lá, exceto no Natal, quando as igrejas distribuíam cestos e quando o presidente da câmara nos pedia para nos desfazermos da árvore e do lixo e, assim, ajudarmos o homem do lixo.

O Atticus levara-nos com ele no Natal anterior, quando foi satisfazer o pedido da câmara. Um caminho em terra corria desde a estrada, passando pela lixeira, até uma comunidade de negros, uns quinhentos metros depois da casa dos Ewells; ou se voltava de marcha-atrás até à estrada, ou era necessário percorrer o resto do caminho; a maioria optava por fazer a inversão de marcha junto aos casebres dos negros. No crepúsculo glacial de dezembro, as cabanas tinham uma aparência limpa e aconchegada com o fumo pálido a subir das chaminés e os reflexos cor de âmbar das lareiras a irradiar das molduras das portas. Os odores do final da tarde eram deliciosos: galinha, toucinho fumado a fritar, bem torrado. Eu e o Jem identificámos o aroma de guisado de esquilo, mas só um velho homem do campo como o Atticus é que conseguiu detetar o de *possum* e de coelho, odores que se sumiram quando passámos pela residência dos Ewells.

O que podia distinguir o homenzinho no banco das testemunhas dos seus vizinhos mais próximos era que, sendo bem esfregado com sabão de soda em água bem quente, tinha a pele branca.

— Mr. Robert Ewell? — inquiriu Mr. Gilmer.

— É isso me'mo, patrão — retorquiu a testemunha.

As costas de Mr. Gilmer retesaram-se ligeiramente, e tive pena dele. Talvez seja o momento de explicar uma coisa. Ouvi dizer que os filhos dos advogados, ao verem o pai em tribunal no calor da argumentação, ficam com a ideia errada: acham que a parte contrária é inimiga pessoal

do seu pai, ficam angustiados e depois surpresos por o ver sair de braço dado com os seus algozes à primeira suspensão da sessão. Isto não acontecia comigo e com o Jem, não ficávamos traumatizados por ver o nosso pai ganhar ou perder. Lamento, mas, no que toca a isso, não posso acrescentar qualquer dramatismo. Se o fizesse, não seria verdadeiro. Contudo, sabíamos distinguir quando o debate se tornava mais azedo que profissional, mas isso devia-se sobretudo a observar outros advogados que não o nosso pai. Nunca ouvi o Atticus levantar a voz, exceto a uma mulher surda. Mr. Gilmer fazia o seu trabalho, tal como o Atticus estava a fazer o seu. Além do mais, Mr. Ewell era testemunha de Mr. Gilmer e, precisamente por isso, o homem não tinha nada de ser grosseiro com ele.

— É pai de Mayella Ewell? — foi a segunda pergunta.

— Bom, se nã for, nã há nada qu'ê possa fazer, qu'a mãe dela já morreu — foi a resposta.

O juiz Taylor remexeu-se. Girou lentamente a cadeira e mirou benevolamente a testemunha. — É pai de Mayella Ewell? — inquiriu de uma forma que fez parar de imediato os risos da assistência abaixo de nós.

— Sim, senhor — disse Mr. Ewell, submisso.

O juiz continuou num tom de boa vontade: — É a primeira vez que vem ao tribunal? Não me recordo de o ver aqui. — Com o aceno afirmativo da testemunha, continuou: — Nesse caso, vamos esclarecer o seguinte. Neste tribunal, não há lugar a mais especulações obscenas audíveis sobre que assunto seja enquanto eu aqui estiver sentado. Compreende?

Mr. Ewell acenou com a cabeça, mas não me pareceu ter percebido. O juiz suspirou e disse: — Muito bem. Mr. Gilmer?

— Obrigado, meritíssimo. Mr. Ewell, quer dizer-nos, por palavras suas, o que sucedeu na noite de vinte e um de novembro, por favor?

O Jem fez um grande sorriso e puxou o cabelo para trás. A expressão «por palavras suas» constituía a marca registada de Mr. Gilmer. Às vezes, interrogávamo-nos sobre de quem seriam as palavras que ele temia que as suas testemunhas empregassem.

— Bom, na noite de vinte e um de novembro, eu 'tava a vir do mato c'um carrego de lenha e, mal cheguei à vedação, ouvi a Mayella a

guinchar que nem uma bácora dentro de casa...

Naquele momento, o juiz Taylor deitou um olhar áspero à testemunha, mas deve ter achado que a expressão não fora mal-intencionada, pois aquietou-se, sonolento.

— Que horas eram, Mr. Ewell?

— Me'mo à noitinha. Bem, como 'tava a dizer a Mayella gritava que nem uma bácora... — Um outro olhar do magistrado silenciou-o.

— Sim? Ela estava a gritar? — inquiriu Mr. Gilmer.

Mr. Ewell olhou, confuso, para o juiz. — Bom, a Mayella 'tava a fazer um chinfrim desgraçado, portanto deixei a lenha no chão e fui a correr o mais que podia, mas embati na vedação, mas quando me livrei, corri até à janela e vi... — O rosto tornou-se vermelho. Levantou-se e apontou para o Tom Robinson. — E vi aquele escarumba a cobrir a m'nha Mayella!

As audiências com o juiz Taylor eram tão serenas, que eram poucas as ocasiões em que tinha a oportunidade de usar o martelo; naquele momento, porém, bateu com o martelo durante cinco minutos. O Atticus estava em pé, junto à mesa do juiz, a dizer-lhe qualquer coisa, e Mr. Heck Tate, a maior autoridade do condado, postava-se a meio da coxia central, a acalmar a sala de audiências apinhada de gente. Atrás de nós, ouviam-se os queixumes irados e abafados das pessoas de cor.

O Reverendo Sykes debruçou-se à minha frente e à frente do Dill e deu um toque no cotovelo do Jem. — Mr. Jem — disse —, é melhor levar Miss Jean Louise para casa. Mr. Jem, está a ouvir-me?

O Jem virou a cabeça. — Scout, vai pra casa. Dill, tu e a Scout vão pra casa.

— Vais ter de m'obrigar primeiro — retorqui, recordando-me da máxima do Atticus.

O Jem lançou-me um olhar furioso de cenho franzido e depois disse ao reverendo: — Acho que não faz mal, reverendo, ela não percebe.

Fiquei ofendida de morte. — Claro que percebo, eu percebo tão bem como tu.

— Cala-te. Ela não percebe, reverendo, ainda nem tem nove anos.

Os olhos negros do reverendo Sykes exsudavam preocupação. — Mr. Finch sabe qu'os minino estão todos aqui? Isto não é próprio para Miss Jean Louise nem para os minino.

O Jem abanou a cabeça. — Ele não consegue ver-nos de tão longe. Não há problema, reverendo.

Eu sabia que o Jem havia de ganhar, pois não havia nada que o fizesse sair naquele momento. Eu e o Dill estávamos safos por um bocado: do sítio donde estava, o Atticus ver-nos-ia se olhasse.

Enquanto o juiz Taylor continuava às marteladas, Mr. Ewell permanecia sentado na cadeira das testemunhas, ufano, a examinar a sua obra. Com uma expressão apenas, havia transformado um grupo alegre numa multidão tensa e mal-humorada em burburinho, que, lentamente hipnotizada pelas pancadas do martelo, ia decrescendo de intensidade até poder ouvir-se um lápis a bater na mesa.

De novo em controlo do seu tribunal, o juiz Taylor recostou-se na cadeira. De súbito, pareceu exausto, aparentando a sua idade, e pensei no que o Atticus tinha dito — que ele e Mrs. Taylor não se beijavam muitas vezes —, devia ter quase setenta anos.

— Foi solicitado — anunciou — que a sala de audiências seja evacuada de assistentes ou, pelo menos, das mulheres e crianças, um pedido que não será aceite por agora. Em geral, as pessoas veem o que procuram ver e ouvem o que procuram escutar, e têm o direito a submeter os filhos a isso mesmo, mas posso assegurar-vos uma coisa: vão ver e ouvir em silêncio ou deixarão esta sala de tribunal, mas não antes de todos, sem exceção, terem vindo perante mim e sido multados por desobediência ao tribunal. Mr. Ewell, vai continuar o seu depoimento dentro dos limites do uso cristão da língua inglesa, se for possível. Prossiga, Mr. Gilmer.

Mr. Ewell fez-me lembrar um surdo-mudo. Tenho a certeza de que nunca ouvira palavras como as que o juiz Taylor lhe tinha dirigido — a boca lutava em surdina por compreendê-las —, mas a sua importância inscrevia-se-lhe no rosto. A jactância sumiu-se, substituída por uma seriedade obstinada que não enganou o juiz nem por um instante: enquanto Mr. Ewell continuou a prestar depoimento, nunca tirou os olhos dele, como que a desafiá-lo a dar um passo em falso.

Mr. Gilmer e o Atticus trocaram um olhar. O Atticus sentou-se de novo, de queixo pousado no punho, e não conseguíamos ver-lhe o rosto. Mr. Gilmer parecia bastante desesperado. Uma pergunta feita pelo juiz Taylor pareceu descontraí-lo: — Mr. Ewell, viu o acusado a manter

relações sexuais com a sua filha?

— Vi, sim, s'nhor.

A assistência manteve-se em silêncio, mas o réu disse algo. O Atticus murmurou-lhe qualquer coisa, e o Tom Robinson calou-se.

— O senhor diz que foi à janela? — inquiriu Mr. Gilmer.

— Sim, senhor.

— A que distância fica do chão?

— Menos de um metro.

— Conseguiu ver bem o quarto?

— Sim, senhor.

— Como estava o quarto?

— Bem, 'tava todo de pantanas, como s'houvesse uma luta.

— O que fez o senhor quando viu o réu?

— Bom, corri em volta da casa pra entrar, mas ele saiu pela porta à frente de mim. Vi quem era, ai isso vi. 'Tava em cuidados com a Mayella pra correr atrás dele. Entrei em casa, e ela 'tava no chão a chorar...

— E a seguir, o que é que fez?

— Ora, fui a correr chamar o Tate. Sabia quem tinha sido, ai isso sabia, vive lá em baixo naquele ninho de pretos, passa lá à porta todos os dias. Juiz, há quinze anos que peço ao condado pra limpar aquele ninho lá em baixo, é p'rigoso viver ao pé deles, além do resto tiram-me o valor à propriedade...

— Muito obrigado, Mr. Ewell — apressou-se a dizer Mr. Gilmer.

A testemunha desceu rapidamente e deu de frente com o Atticus, que se tinha erguido para o interrogar. O juiz Taylor permitiu ao tribunal que se risse.

— Só um momento — proferiu o Atticus com afabilidade. — Posso-lhe fazer-lhe uma ou duas perguntas?

Mr. Ewell retrocedeu para o banco das testemunhas, instalou-se e observou o Atticus com uma desconfiança altaneira, uma expressão usual nas testemunhas do condado de Maycomb quando confrontadas com o advogado da parte contrária.

— Mr. Ewell — começou o Atticus —, fartou-se de correr nessa noite. Vamos lá a ver, o senhor diz que foi a correr para casa, foi a correr para a janela, entrou a correr em casa, foi a correr até à Mayella, foi a correr chamar Mr. Tate. Será que, em toda essa correria, correu a chamar um

médico?

— Nã era preciso. Eu vi o que aconteceu.

— Mas há uma coisa que não percebo — insistiu. — Não estava preocupado com o estado em que a Mayella estava?

— ‘Tava, sim s’nhor, claro — retorquiu Mr. Ewell. — Eu vi quem fez aquilo.

— Não, o que quero dizer é o seu estado físico. Não pensou que a natureza dos seus ferimentos exigia que fosse imediatamente vista por um médico?

— Quê?

— Não pensou que ela devia ter tido um médico, logo?

A testemunha afirmou que tal não lhe ocorrera, nunca tinha chamado um médico na sua vida para ninguém da família, e, a tê-lo feito, ter-lhe-ia custado cinco dólares. — Já ‘tá?

— Ainda não — retorquiu o Atticus num tom casual. — Mr. Ewell, ouviu o testemunho do xerife, não ouviu?

— Com’é qui é?

— Estava na sala do tribunal quando Mr. Heck Tate esteve aí no banco, não estava? Ouviu tudo o que ele disse, não ouviu?

Mr. Ewell pesou a pergunta com cuidado e pareceu decidir que era uma questão inofensiva.

— Sim.

— Concorda com a descrição que ele fez dos ferimentos da Mayella?

— Com’é qui é?

O Atticus virou-se, olhou para Mr. Gilmer e sorriu. A testemunha parecia determinada em não facilitar a vida à defesa.

— Mr. Tate declarou que ela tinha o olho direito negro, que tinha sido espancada em volta da...

— Ah, sim — interrompeu a testemunha. — Concordo com tudo o qu’o Tate disse.

— Concorda? — perguntou o Atticus com brandura. — Só quero ter a certeza. — Dirigiu-se ao escrivão, disse-lhe algo, e o homem entreteve-nos a ler as declarações de Mr. Tate como se fossem as cotações da bolsa: «...o esquerdo quando olhava na mesma direção que ela ah, sim, então era o direito era o olho direito, Mr. Finch estou a lembrar-me agora ela tinha muitos ferimentos.» — Virou a página. — «Nesse lado da cara

xerife por favor repita o que acabou de dizer foi o olho direito eu disse...»

— Muito obrigado, Bert — proferiu o Atticus. — Ouviu de novo, Mr. Ewell. Tem alguma coisa a acrescentar? Concorda com o xerife?

— Eu concordo com o Tate, pois. Tinha o olho negro e ‘tava toda espancada.

O homenzinho parecia esquecido da humilhação que havia sofrido anteriormente do juiz. Tornava-se evidente que considerava o Atticus um adversário fácil. Pareceu corar de novo, o peito encheu-se e, uma vez mais, parecia um galarote vermelho. Ocorreu-me que a camisa lhe iria rebentar à próxima pergunta do Atticus.

— Mr. Ewell, sabe ler e escrever?

Mr. Gilmer interrompeu. — Objeção — declarou. — Não se percebe o que a literacia da testemunha tem a ver com o caso, irrelevante.

O juiz Taylor ia responder, mas o Atticus interveio: — Juiz, se me permitir esta pergunta e mais uma outra, em breve verá a sua relevância.

— Está bem, vamos lá ver — retorquiu o juiz —, mas certifique-se disso, Atticus. Objeção rejeitada.

Mr. Gilmer parecia tão curioso como todos nós na assistência sobre a relação entre o estado de instrução de Mr. Ewell e o caso.

— Repito a pergunta — continuou o Atticus. — Sabe ler e escrever?

— Sei, categoricamente.

— É capaz de nos mostrar e escrever o seu nome?

— Claro que sim. É pra já. Como é que pensa que assino os recibos da segurança social?

Mr. Ewell estava a granjear a simpatia dos seus conterrâneos. Os sussurros e os risinhos em baixo diziam-nos provavelmente o que as pessoas estavam a pensar: «Mas que pândego ele é.»

Comecei a ficar nervosa. O Atticus parecia dominar a situação — contudo, parecia-me ter ido à caça de rãs sem lanterna. Num contrainterrogatório, nunca, nunca, mas nunca, fazer uma pergunta a uma testemunha de cuja resposta não se está certo era um dogma que eu aprendera desde os tempos de bebé. Fazê-lo equivale, muitas vezes, a receber uma resposta que não se deseja, uma resposta que pode dar cabo do caso.

O Atticus estava a tirar um papel do bolso interior do casaco. Retirou um sobrescrito, em seguida foi ao bolso do colete e pegou na caneta de

tinta permanente. Movia-se com lentidão e tinha-se voltado para o júri poder ver toda a cena. Desenroscou a tampa da caneta e pousou-a suavemente na sua mesa. Sacudiu um pouco a caneta e depois entregou-a à testemunha juntamente com o envelope. — Quer escrever o seu nome? — inquiriu. — De forma a que o júri consiga vê-lo.

Mr. Ewell escreveu nas costas do sobrescrito e ergueu o olhar: o juiz Taylor mirava-o, complacente, como se uma gardénia perfumada florescesse no banco das testemunhas; Mr. Gilmer, por seu lado, soerguia-se no seu lugar. O júri observava-o, um dos jurados inclinado para a frente com as mãos na balaustrada.

— O que foi? — quis saber.

— O senhor é canhoto, Mr. Ewell — explicou o juiz Taylor.

Mr. Ewell virou-se para o juiz e disse que não estava a ver o que é que ser canhoto tinha a ver com o assunto, que era um cristão temente a Deus e que o Atticus Finch estava a aproveitar-se dele. Os advogados manhosos como o Atticus Finch estavam sempre a aproveitar-se dele com os seus truques. Já lhes tinha dito o que tinha acontecido e dizia-lhes tantas vezes quantas fossem precisas — o que fez. Nada do que o Atticus lhe perguntou depois o fez mudar de história, que tinha olhado pela janela, depois tinha perseguido o preto e depois tinha chamado o xerife. Por fim, o Atticus deu o interrogatório por terminado.

Mr. Gilmer fez-lhe mais uma pergunta. — Sobre escrever com a mão esquerda, Mr. Ewell, o senhor é ambidextro?

— Categoricamente não, eu tanto uso uma mão como a outra. Uma mão tão bem como a outra — acrescentou, os olhos chispando para a mesa da defesa.

O Jem parecia estar a ter um ataque dissimulado. Batia na balaustrada suavemente e, a certa altura, murmurou: — Já o apanhámos.

A mim, não me parecia; o Atticus estava, achava eu, a tentar demonstrar que Mr. Ewell podia ter espancado a Mayella. Isso conseguia perceber. Se ela tinha o olho direito negro, e a maioria dos ferimentos era no lado direito da face, isso tenderia a demonstrar que o culpado fora alguém esquerdino. Tanto o Sherlock Holmes como o Jem Finch estariam de acordo. O Tom Robinson, porém, poderia também ser canhoto. Tal como Mr. Heck Tate, eu imaginei alguém de frente para

mim, fiz um exercício rápido de mímica mental e cheguei à conclusão de que ele poderia tê-la agarrado com a mão direita e socado com a esquerda. Baixei os olhos até ao homem. Estava de costas, mas vi os ombros largos e um pescoço de touro. Nesse instante, achei que o Jem estava a deitar foguetes antes da festa.

18

De novo, porém, uma voz bradou em tom sonoro.

— Mayella Violet Ewell!

Uma rapariga dirigiu-se ao banco das testemunhas. Quando ergueu a mão e jurou que o seu testemunho seria a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade em nome de Deus, parecia um tanto frágil, mas quando se sentou virada para nós transformou-se naquilo que era: uma rapariga entroncada, acostumada a trabalhos pesados.

No condado de Maycomb era fácil saber quando alguém tomava banho com regularidade, em contraste com lavagens anuais. Mr. Ewell parecia ter sido escaldado; como se um banho de imersão prolongado o tivesse privado de camadas de sujidade protetoras, a pele apresentava-se sensível aos elementos. A Mayella tinha o aspeto de quem tentava manter-se limpa, e recordei-me da fileira de sardinheiras vermelhas no quintal dos Ewells.

Mr. Gilmer pediu-lhe que contasse ao júri, pelas suas próprias palavras, o que acontecera na noite de vinte e um de novembro do ano anterior, mas mesmo nas suas próprias palavras, por favor.

Mayella permaneceu sentada em silêncio.

— Onde estava ao entardecer desse dia? — começou Mr. Gilmer pacientemente.

— No alpendre.

— Qual deles?

— Só temos um, o da frente.

— E que estava a fazer no alpendre?

— Nada.

O juiz Taylor interveio: — Conte-nos o que aconteceu. Consegue, não é verdade?

Mayella mirou-o e rebentou em lágrimas. Cobriu a boca com as mãos

e soluçou. O juiz deixou-a chorar durante um bocado e depois afirmou: — Agora já chega. Não tenha medo de ninguém que aqui está, desde que diga a verdade. Tudo isto lhe é desconhecido, bem sei, mas não tem nada de que se envergonhar e nada a recear. De que é que tem medo?

Mayella disse qualquer coisa por detrás das mãos. — Que é que disse? — perguntou o juiz.

— Dele — soluçou ela, apontando para o Atticus.

— De Mr. Finch?

Ela assentiu vigorosamente e disse: — Não quero qu'ele me faça o me'mo que fez ao mê pai, a tentar pra ele fazer de canhoto…

O juiz coçou a farta cabeleira branca. Era claro que nunca fora confrontado com um problema daquele género. — Que idade tem? — perguntou.

— Dezanove e meio — disse ela.

O juiz clareou a garganta e tentou sem sucesso falar num tom brando. — Não passa pela cabeça de Mr. Finch assustá-la — resmoneou —, e se o fizer, estou aqui para o impedir. É para coisas dessas que estou aqui sentado. Bom, é uma rapariga crescida, portanto, sente-se direita e conte ao… conte-nos o que lhe aconteceu. Consegue fazer isso, não é verdade?

Murmurei ao Jem: — Ela tem o juízo todo?

O meu irmão mirava atentamente o banco das testemunhas. — Ainda não sei — respondeu. — Teve juízo suficiente para fazer com qu'o juiz tivesse pena dela, mas talvez seja só… oh, não sei.

Pacificada, Mayella lançou ao Atticus um derradeiro olhar assustado e disse para Mr. Gilmer: — Bem, s'nhor, eu 'tava no alpendre e… e ele apareceu e, 'tá a ver, havia um velho guarda-fato no quintal que o mê pai trouxera pra ser desmanchado prà lenha. O mê pai dissera-me pra fazer isso inquanto andava por fora no mato, mas eu não 'tava a sentir força suficiente, e ele apareceu…

— Quem é «ele»?

Mayella apontou para o Tom Robinson. — Tenho de lhe pedir que seja mais específica, por favor — disse Mr. Gilmer. — O escrivão não pode transcrever os gestos lá muito bem.

— Aquele acolá — disse ela. — O Robinson.

— E depois o que é que aconteceu?

— Eu disse: «Vem cá, ó preto, e desmancha aqui este guarda-fato, tenho aqui cinco cêntimos pra ti. A ele não custava nada, me'mo nada. Portanto, ele entrou no quintal, e eu fui a casa buscar o dinheiro e virei-me e, assim de repente, ele 'tava em cima de mim. Chegou-se a mim a correr, mai' nada. Agarrou o mê pescoço, a dizer porcarias e palavrões. Eu lutei e berrei, mas ele segurava o mê pescoço. Bateu em mim uma data de vezes…

Mr. Gilmer esperou que a Mayella se recompusesse. Torcera o lenço numa espécie de corda toda suada e, ao abri-lo para limpar a cara, estava todo amarrotado do calor das mãos. Esperou que Mr. Gilmer lhe fizesse outra pergunta, mas como ele não o fez, ela prosseguiu: — Ele prantou-me no chão e esganou-me e aproveitou-se de mim.

— E a menina gritou? — perguntou Mr. Gilmer. — Gritou e debateu-se?

— Acho que sim, berrei a plenos pulmões, e esperneei e berrei o mais alto que pude.

— E depois o que é que aconteceu?

— Não m'alembro lá muito bem, mas logo a seguir o mê pai 'tava já em casa, dobrado em cima de mim e a berrar: «Quem é que fez isto? Quem é que fez isto?» Depois acho que desmaiei, e logo a seguir Mr. Tate 'tava a puxar-me do chão e a levar-me até ao balde da água.

Aparentemente, a narração da Mayella dera-lhe confiança, mas era diferente da confiança descarada do pai; a dela tinha algo de furtivo, como um gato de olhos fixos a remexer a cauda.

— Disse que lutou contra ele com todas as forças? Lutou com unhas e dentes? — insistiu Mr. Gilmer.

— Sim, categoricamente — afirmou Mayella, a imitar o pai.

— É categórica em como ele se aproveitou de si até ao fim?

O rosto dela contorceu-se, e receei que se pusesse a chorar outra vez, mas ao invés, disse: — Ele fez o que vinha à procura.

Mr. Gilmer chamou a atenção para o dia quente, limpando a cabeça com a mão. — Por agora, é tudo — declarou num tom agradável —, mas a menina fique aí. Calculo que o mauzão do Mr. Finch tenha algumas perguntas para si.

— A acusação não pode colocar a testemunha contra o advogado de defesa — murmurou o juiz Taylor formalmente —, pelo menos nesta

altura.

O Atticus levantou-se a sorrir, mas em vez de se dirigir ao banco das testemunhas, abriu o casaco, enfiou os polegares no colete e depois atravessou lentamente a sala até às janelas. Olhou para fora, mas não pareceu especialmente interessado no que viu; depois virou-se e dirigiu-se ao banco das testemunhas. Com base em longos anos de experiência, percebi que estava a tentar chegar a uma decisão sobre qualquer coisa.

— Miss Mayella — disse ele a sorrir —, não vou tentar assustá-la durante um bocado, ainda não. Vamos só conhecer-nos. Que idade tem?

— Já disse que tenho dezanove anos, disse ali pra ele. — Mayella fez um gesto de cabeça ressentido na direção do juiz.

— Pois foi, pois foi, m'nha senhora. Tem de ter paciência comigo, Miss Mayella, estou a ficar entradote e já não me lembro lá muito bem das coisas. Pode ser que lhe pergunte coisas a que já tenha respondido, mas vai responder-me na mesma, não vai? Ótimo.

Eu não via nada na expressão da Mayella que justificasse a presunção do Atticus em como conseguira a sincera cooperação dela. Ela mirava-o, furiosa.

— Nã respondo a nada do que você diz inquanto continuar a mofar de mim — declarou ela.

— M'nha senhora? — interrogou o Atticus, espantado.

— Inquanto continuar a mofar de mim.

O juiz Taylor interveio: — Mr. Finch não está a mofar consigo. Que se passa?

A Mayella mirou o Atticus por baixo das pálpebras, mas disse para o juiz: — Inquanto ele continuar a chamar-me m'nha senhora e a dizer Miss Mayella, não tenho que engolir o descaro dele. Não tenho me'mo nada.

O Atticus voltou a caminhar até às janelas e deixou o juiz Taylor resolver aquilo. O juiz não era o tipo de pessoa que causasse pena, mas, mesmo assim, senti uma certa angústia ao vê-lo tentar explicar. — É só a forma de falar de Mr. Finch — explicou à Mayella. — Há anos e anos que tratamos de assuntos neste tribunal, e Mr. Finch é sempre cortês com toda a gente. Ele não está a tentar fazer troça de si, está só a tentar ser educado. Ele é assim mesmo.

O juiz recostou-se. — Atticus, vamos lá despachar este caso e que a ata registe que a testemunha não foi tratada com insolência, embora pensasse o contrário.

Perguntei a mim própria se alguém já a teria tratado por «minha senhora» ou por «Miss Mayella». Provavelmente não, uma vez que se ofendeu com uma delicadeza normal. Caramba, como seria a sua vida? Em breve fiquei a saber.

— Disse que tinha dezanove anos — prosseguiu o Atticus. — Quantos irmãos e irmãs tem? — Deixou as janelas e regressou ao banco das testemunhas.

— Sete — disse ela, e eu pensei se seriam todos como o espécimen que vi no dia em que comecei a escola.

— É a primogénita? A mais velha?

— Sim.

— Há quanto tempo é que a sua mãe morreu?

— Não sei… há um ror de tempo.

— Alguma vez foi à escola?

— Sei ler e escrever tão bem com'o mê pai ali.

A Mayella parecia o Mr. Jingle[27] num livro que eu andava a ler.

— Quanto tempo andou na escola?

— Dois anos… três anos… nã sei.

Lenta mas seguramente, comecei a perceber o padrão das perguntas do Atticus: a partir de perguntas que Mr. Gilmer não considerou suficientemente irrelevantes ou imateriais para protestar, o Atticus ia tranquilamente construindo perante o júri uma imagem da vida doméstica dos Ewells. O júri ficou a saber o seguinte: o cheque da segurança social estava muito longe de alimentar a família, e havia fortes suspeitas de que, de qualquer forma, o pai o gastava em bebida; por vezes desaparecia nos pântanos durante dias e voltava doente para casa; era raro o tempo estar suficientemente frio para se usarem sapatos, mas quando assim era, podia-se fazer uns de boa qualidade com pneus velhos; a família carregava a água em baldes de uma nascente que corria numa das extremidades da lixeira — eles mantinham a área em redor sem lixo — e, quanto a manterem-se limpos, era cada um por si: se se quisessem lavar, iam acartar a sua própria

água; as crianças mais pequenas estavam sempre constipadas e sofriam de amarelão crónico; havia uma senhora que passava por lá às vezes e perguntava à Mayella por que motivo não ficava na escola, anotando a resposta. Com dois membros da família a saber ler e escrever, não havia necessidade de os restantes aprenderem, o pai precisava deles em casa.

— Miss Mayella — disse o Atticus a contragosto —, uma rapariga de dezanove anos deve ter amigos. Quem são os seus amigos?

A testemunha franziu a testa, confusa.

— Amigos?

— Sim, não conhece ninguém com cerca da sua idade, talvez mais velhos ou mais novos? Rapazes e raparigas? Apenas amigos normais?

A hostilidade da Mayella, que se reduzira a uma neutralidade ressentida, chamejou de novo. — ‘Tá outra vez a mofar comigo, Mr. Finch?

O Atticus deixou que a resposta dela respondesse à pergunta.

— Ama o seu pai, Miss Mayella? — foi a próxima pergunta.

— Amar, que quer isso dizer?

— Quero dizer, ele é bom para si, é fácil dar-se com ele?

— Auguenta-se, fora quando…

— Fora quando?

A Mayella olhou para o pai, que estava sentado com a cadeira inclinada contra a balaustrada. O homem endireitou-se e esperou pela resposta dela.

— Fora quando nada — emendou a Mayella. — Eu disse que s’auguenta.

Mr. Ewell voltou a inclinar a cadeira.

— Fora quando bebe? — perguntou o Atticus tão de mansinho que ela fez que sim com a cabeça.

— E costuma ir atrás de si?

— Que quer dizer?

— Quando está… tocado, costuma bater-lhe?

A Mayella olhou em volta da sala, mirou o escrivão do tribunal e ergueu o olhar para o juiz. — Responda à pergunta, Miss Mayella — pediu o juiz Taylor.

— O mê pai nunca tocou num cabelo da minha cabeça em toda a

m’nha vida — declarou com firmeza. — Nunca tocou em mim.

Os óculos do Atticus tinham escorregado um pouco, e ele empurrou-os para cima. — Já conversámos um bocado, Miss Mayella, agora acho melhor irmos direitos ao caso. Disse que pediu ao Tom Robinson para ir desmanchar um… como é que se chamava?

— Um guarda-fato, um daqueles com uma data de gavetas dum lado.

— E conhecia bem o Tom Robinson?

— Que quer dizer?

— Quero dizer se sabia quem era, onde vivia?

A Mayella assentiu com um gesto de cabeça. — Sabia quem era pois, passava lá p’la casa todos os dias.

— Foi a primeira vez que lhe pediu para entrar no quintal?

A Mayella teve um sobressalto, assustada com a pergunta. O Atticus fazia a sua lenta peregrinação até às janelas, como de costume: punha uma questão e olhava para a rua, à espera da resposta. Não viu o salto involuntário, mas pareceu-me a mim que sabia que ela se mexera. Virou-se e ergueu as sobrancelhas. — Foi… — recomeçou ele.

— Sim, foi.

— Nunca lhe tinha pedido para entrar?

Já preparada, ela retorquiu: — Nunca, certamente que nunca.

— Um nunca não chega — comentou o Atticus com serenidade. — Nunca lhe tinha pedido que fizesse uns trabalhinhos para si?

— Talvez — concedeu a Mayella. — Havia sempre uns pretos por ali.

— Lembra-se de uma outra ocasião?

— Não.

— Muito bem, vamos lá ao que aconteceu. Disse que o Tom Robinson estava mesmo atrás de si no quarto quando se voltou, não foi?

— Sim.

— Disse que ele a agarrou pelo pescoço e lhe disse palavrões, correto?

— Correto.

A memória do Atticus ficara subitamente exata. — A menina disse que: «Ele prantou-me no chão e esganou-me e aproveitou-se de mim.» Foi assim?

— Foi isso qu’eu disse.

— Lembra-se de ele lhe ter batido na cara?

A testemunha hesitou.

— Parece bastante certa que ele a sufocou. Durante todo o tempo em que se debateu, lembra-se? A menina disse: «Esperneei e berrei o mais alto que pude.» Lembra-se de ele lhe ter batido na cara?

A Mayella ficou em silêncio, parecendo estar a tentar esclarecer algo consigo própria. Por um momento, pensei que estava a usar o mesmo truque que Mr. Tate e eu usámos de fingir que havia uma pessoa na nossa frente. Olhou de relance para Mr. Gilmer.

— A pergunta é fácil, Miss Mayella, portanto vou repetir: lembra-se de ele lhe ter batido na cara? — A voz do Atticus perdera a amabilidade, e falava agora no seu tom árido e profissional. — Lembra-se de ele lhe ter batido na cara?

— Não, não m'alembro s'ele me bateu. Não, alembro sim, bateu.

— A sua resposta é a sua última frase?

— Quê? Sim, bateu, só que não m'alembro, não m'alembro nada… aconteceu tudo tão depressa.

O juiz Taylor olhou para a Mayella com um ar severo. — Nada de chorar, menina — começou, mas o Atticus disse: — Deixe-a chorar se ela quiser, juiz. Temos todo o tempo do mundo.

Ela soluçou cheia de raiva e olhou para o meu pai. — Eu cá respondo às perguntas todas de vossemecê. A pôr-me aqui e a mofar comigo, né? Eu cá respondo às perguntas todas de vossemecê.

— Ainda bem — respondeu o Atticus. — Já só faltam algumas. Miss Mayella, e para não ser enfadonho, a menina testemunhou que o réu lhe bateu, a agarrou pelo pescoço, a sufocou e se aproveitou de si. Quero que tenha a certeza de que este é o homem certo. Importa-se de identificar o homem que a violou?

— Sim, é aquele acolá.

O Atticus virou-se para o réu. — Tom, levanta-te. Deixa que Miss Mayella te veja bem. É este homem, Miss Mayella?

Os ombros fortes do Tom Robinson retesavam-se debaixo da camisa de pano fino. Ergueu-se e ficou de pé com a mão direita nas costas da cadeira. Parecia estranhamente desequilibrado, mas isso não se devia à forma como se postava. O braço esquerdo era bem uns trinta centímetros mais curto que o direito e pendia, morto, a seu lado. Na ponta, a mão mostrava-se murcha e, mesmo à distância da galeria, vi

bem que não lhe servia para nada.

— Scout! — murmurou o Jem. — Scout, olha! Reverendo, ele é aleijado!

O reverendo Sykes inclinou-se à minha frente e sussurrou ao Jem: — A mão ficou presa num descaroçador de algodão, no de Mr. Dolphus Raymond quando era rapaz. Sangrou quase até à morte… arrancou-lhe os músculos todos dos ossos.

— É este o homem que a violou?

— É categoricamente.

A pergunta seguinte foi constituída por apenas uma palavra. — Como?

A Mayella estava furiosa. — Não sei com'é qu'ele fez, mas ele fez, eu disse que foi tudo muito depressa…

— Consideremos isto com calma — começou o Atticus, mas Mr. Gilmer interrompeu com uma objeção. Não era irrelevante nem imaterial, mas o Atticus estava a intimidar a testemunha.

O juiz respondeu com uma gargalhada: — Ó Horace, sente-se lá, não está nada. Quando muito, é a testemunha que está a intimidar o Atticus.

O juiz Taylor foi a única pessoa da sala que se riu. Até mesmo os bebés estavam calados, e pensei de súbito se teriam sido asfixiados ao seio das mães.

— Muito bem — disse o Atticus —, Miss Mayella, a menina testemunhou que o réu a sufocou e lhe bateu. Não disse que ele se aproximou sorrateiramente por trás de si e a fez desmaiar, mas sim que se virou e ali estava ele… — O Atticus encontrava-se de novo por trás da sua mesa e enfatizou as palavras, batendo com os nós dos dedos na madeira — … deseja reconsiderar alguma parte do seu testemunho?

— Quer qu'eu diga uma coisa que não aconteceu?

— Não, m'nha senhora, quero que diga o que aconteceu. Por favor, conte-nos de novo o que aconteceu.

— Já contei isso.

— Afirmou que se virou e ali estava ele. Foi então que a sufocou?

— Sim.

— E depois largou-lhe a garganta e bateu-lhe?

— Foi isso qu'eu disse.

— Deixou-lhe o olho esquerdo negro com o punho direito?

— Eu baixei-me e… e resvalou, assim é que foi. Eu baixei-me e resvalou. — A Mayella vira finalmente a luz.

— De súbito, está a ser muito clara sobre este ponto. Há um bocado, não se conseguia lembrar muito bem, pois não?

— Eu disse qu'ele me bateu.

— Muito bem. Ele sufocou-a, bateu-lhe, e depois violou-a, certo?

— Categoricamente.

— A menina é uma rapariga forte, que fez durante esse tempo todo, ficou ali parada?

— Eu disse que berrei e dei pontapés e lutei…

O Atticus estendeu a mão, tirou os óculos e virou o olho direito, o bom, para a testemunha; em seguida bombardeou-a com perguntas. O juiz Taylor interveio: — Uma pergunta de cada vez, Atticus. Dê à testemunha a hipótese de responder.

— Muito bem, por que razão não fugiu?

— Tentei…

— Tentou? E não conseguiu porquê?

— Eu… ele botou-me ao chão. Foi isso me'mo, botou-me ao chão e prantou-se em cima de mim.

— E durante todo esse tempo a menina gritou?

— Categoricamente.

— Então, por que motivo as outras crianças não a ouviram? Onde estavam? Na lixeira?

Nada de resposta.

— Onde estavam? Por que razão os seus gritos não fizeram com que viessem a correr? A lixeira é mais perto que os bosques, não é?

Nada de resposta.

— Ou será que só gritou quando viu o seu pai à janela? Não se lembrou de gritar até essa altura, pois não?

Nada de resposta.

— Terá gritado primeiro por causa do seu pai ou do Tom Robinson? Foi isso?

Nada de resposta.

— Quem é que lhe bateu? O Tom Robinson ou o seu pai?

Nada de resposta.

— O que é que o seu pai viu pela janela, um crime de violação ou a

melhor desculpa para ele? Por que razão não diz a verdade, menina? Não foi o Bob Ewell quem lhe bateu?

Quando o Atticus se desviou da Mayella, parecia que lhe doía o estômago, mas o rosto dela era um misto de terror e fúria. O meu pai sentou-se com um ar cansado e limpou as lentes com o lenço de assoar.

De súbito, a Mayella voltou a ser capaz de falar. — Tenho uma coisa pra dizer — declarou.

O Atticus ergueu a cabeça. — Quer contar-nos o que aconteceu?

Ela, porém, não ouviu a compaixão no seu pedido. — Tenho uma coisa pra dizer e ó despois nã vou dizer mais nada. Aquele preto acolá abusou de mim, e se vossemecês, uns senhores todos finórios, não querem fazer nada, intão são todos uns cobardolas nojentos, todos. Os vossos ares finórios não valem nada, essa coisa de me chamar «m'senhora» e «Miss Mayella» não vale nada, Mr. Finch.

Foi então que rebentou a chorar desamparadamente, os ombros sacudidos por soluços intensos. E cumpriu a palavra, não respondeu a mais perguntas, nem mesmo quando Mr. Gilmer tentou que voltasse a testemunhar. Acho que, se ela não fosse tão pobre e tão ignorante, o juiz Taylor a teria mandado prender pelo desrespeito com que tratara todos no tribunal. Parecia que o Atticus a atingira duramente, de uma forma que não me era muito clara, mas ele não tirou disso qualquer prazer. Ficou sentado com a cabeça descaída, e nunca vi ninguém lançar a outro um olhar tão cheio de ódio como o que a Mayella mostrou ao descer do banco e ao passar pela mesa do meu pai.

Quando Mr. Gilmer disse ao juiz Taylor que a acusação prescindia do interrogatório, o juiz Taylor declarou: — É altura de todos descansarmos. Dez minutos de intervalo.

O Atticus e Mr. Gilmore juntaram-se em frente da mesa do juiz, murmuraram entre si e depois abandonaram a sala de audiências por uma porta atrás do banco das testemunhas, que era um sinal para que todos fôssemos esticar as pernas. Descobri que tinha estado sentada na beirinha do comprido banco e que estava um bocado dormente. O Jem levantou-se e bocejou, o Dill imitou-o, e o reverendo Sykes limpou o rosto ao chapéu. Deviam estar aí uns trinta e tal graus, segundo ele.

Mr. Baxton Underwood, que estivera calmamente sentado numa cadeira reservada à imprensa, absorvendo os testemunhos com a

esponja que era o seu cérebro, permitiu-se passar os olhos pela galeria da gente de cor. Entreolhámo-nos. Ele bufou e desviou o olhar.

— Jem — disse eu —, Mr. Underwood viu-nos.

— Não faz mal. Não vai contar ao Atticus, vai só falar disso nas notícias sociais do *Tribune.* — O Jem virou-se para o Dill a explicar, suponho, os aspetos mais subtis do julgamento, e eu fiquei a pensar em quais seriam. Não houvera nenhum argumento demorado entre o Atticus e Mr. Gilmer sobre qualquer dos aspetos, e até parecia que este conduzia a acusação com relutância; as testemunhas tinham sido levadas a responder como era desejado, com poucas objeções. Porém, o Atticus dissera-nos uma vez que, no tribunal do juiz Taylor, quem interpretasse as provas de uma forma rígida, acabava normalmente por ser alvo de instruções severas por parte do juiz. Explicou-me isto pormenorizadamente para me dizer que o juiz Taylor podia parecer preguiçoso e sonolento, mas era raro mudar de posição, e os atos provavam isso mesmo. O Atticus disse que ele era um bom juiz.

O juiz regressou e subiu para a sua cadeira giratória. Tirou um charuto do bolso do colete e examinou-o atentamente. Dei uma cotovelada ao Dill. Após passar a inspeção, o charuto foi alvo de uma dentada feroz. — Às vezes vimos aqui só para assistir a isto — expliquei. — Vai durar-lhe o resto da tarde, já vais ver. — Ignorando ser objeto de escrutínio público da galeria, o juiz livrou-se da ponta cortada, fazendo-a saltar destramente para os lábios e soltando um «*pfloc*». Acertou tão em cheio no escarrador que até ouvimos o chape do líquido. — Aposto que ele era o máximo a lançar bolinhas de papel com cuspo — murmurou o Dill.

Normalmente, um intervalo implicava um êxodo geral, mas neste dia as pessoas nem se moveram. Até mesmo os Ociosos, que não tinham conseguido com que a gente mais nova se envergonhasse e lhes facultasse os lugares, tinham permanecido de pé ao longo das paredes. Imagino que Mr. Heck Tate tivesse reservado a casa de banho pública para os funcionários do tribunal.

O Atticus e Mr. Gilmer regressaram, e o juiz Taylor olhou para o relógio. — Já vai indo para as quatro — disse ele, o que era estranho, pois, nesse caso, o relógio do tribunal devia ter batido as horas duas vezes. Eu, no entanto, não o ouvira nem sentira as vibrações.

— Vamos tentar terminar esta tarde? — perguntou o juiz. — Que lhe

parece, Atticus?

— Acho que é possível — respondeu o meu pai.

— Quantas testemunhas tem?

— Uma.

— Então, pode chamá-la.

19

O Thomas Robinson estendeu a mão direita, correu os dedos por baixo do braço esquerdo e içou-o. Guiou o braço até à bíblia, e a mão com a aparência de borracha procurou apoio no livro encadernado a negro. Ao erguer a mão direita, a mão sem préstimo escorregou da bíblia e bateu na secretária do escrivão. Tentava mais uma vez, quando o juiz Taylor resmungou: — Está bem assim, Tom. — Prestou juramento e subiu para o banco das testemunhas. De imediato, o Atticus levou-o a prestar declarações:

O Tom tinha vinte e cinco anos, era casado e tinha três filhos; já tinha tido problemas legais: uma vez recebera trinta dias por conduta desordeira.

— Deve ter sido um comportamento impróprio — comentou o Atticus. — De que é que se tratou?

— Tive uma rixa c'um homem, e ele quis cortar-me.

— E conseguiu?

— Sim, s'nhor, um pouco, não chegou pra magoar. 'Tá a ver, eu... — O Tom mexeu o ombro esquerdo.

— Sim — assentiu o Atticus. — Foram os dois condenados?

— Sim, s'nhor, eu tive d'ir pra prisão porque não pude pagar a multa. O outro pagou.

O Dill debruçou-se à minha frente e perguntou ao Jem o que estava o Atticus a fazer. O Jem retorquiu que estava a demonstrar que o Tom não tinha nada a esconder.

— Conhecias a Mayella Violet Ewell? — continuou.

— Sim, s'nhor, tenho de passar p'la casa todos os dia quando vou e quando venho do campo.

— O campo de quem?

— Eu apanho prò Mr. Link Deas.

— Andavas a apanhar algodão em novembro?

— Não, s'nhor, no outono e no inverno faço trabalhos lá na casa. Trabalho quase sempre pra ele todo o ano, tem muitas nogueiras-pecãs.

— Disseste que tens de passar pela casa dos Ewells quando vais e quando vens do trabalho. Existe outro caminho?

— Não, s'nhor, qu'eu saiba, não.

— Tom, alguma vez ela falou contigo?

— Ah, sim, s'nhor, eu tirav'ó chapéu quando passava, e um dia ela pediu-me pra eu entrar no pátio e desmanchar um guarda-fato.

— Quando é que ela te pediu para desmanchar o... guarda-fato?

— Mr. Finch, isso foi mais qu'o ano passado na primavera. Eu sei porque foi na altura da monda e eu tinha o meu sacho. Disse que não tinha nada pra cortar madeira, mas ela disse que tinha um machado. Deu-me o machado, e eu dei cabo do guarda-fato. Ela disse: «Acho que vou ter de dar um níquel, não é?», e eu disse: «Não, s'nhora, não deve nada.» E depois fui pra casa. Mr. Finch, isso foi há muito tempo na primavera, muito mais dum ano.

— Mais alguma vez entraste lá?

— Sim, s'nhor.

— Quando?

— Bem, muitas vezes.

Instintivamente, o juiz Taylor esboçou o gesto de pegar no martelo, mas deixou pousar a mão. O murmúrio lá em baixo sumiu-se por si, sem a sua ajuda.

— Em que circunstâncias?

— Senhor?

— Por que razão é que foste muitas vezes lá dentro?

A testa do Tom Robinson distendeu-se. — Ela chamava, s'nhor. Cada vez que passava, parecia que tinha uma coisa pra eu fazer: cortar, acender o lume, acartar água. Ela regava aquelas flores encarnadas todos os dias...

— E pagava-te o serviço?

— Não, s'nhor, não depois de m'oferecer um níquel da primeira vez. Eu não m'importava, o Mr. Ewell parecia que não fazia nada, nem as criança, e eu sabia qu'ela não podia gastar dinheiro.

— Onde estavam as crianças?

— ‘Tavam sempre por ali, por tod’o lado. Uns viam-me trabalhar, os outros ‘tavam à janela.

— E Miss Mayella falava contigo?

— Sim, s’nhor, falava.

Enquanto o Tom Robinson estava a prestar o seu depoimento, ocorreu-me que a Mayella Ewell devia ser a pessoa mais solitária do mundo. Ainda mais sozinha que o Boo Radley, que não saía de casa havia vinte e cinco anos. Quando o Atticus lhe perguntara se tinha amigos, pareceu não saber o que isso significava e depois pensou que ele estava a fazer pouco dela. Pensei que ela era tão triste como aqueles a quem o Jem chamava mestiços: os brancos não queriam nada com ela porque vivia numa pocilga; os negros não queriam nada com ela porque era branca. Não podia viver como Mr. Dolphus Raymond, que preferia a companhia dos negros, porque não possuía uma propriedade à beira-rio nem pertencia a uma família antiga de pessoas de bem. Sobre os Ewells ninguém dizia: «O que se há de fazer, eles são assim.» Maycomb dava-lhes cestos pelo Natal, ajuda monetária da segurança social e depois punha-os à margem. O Tom Robinson teria sido provavelmente a única pessoa que alguma vez fora decente com ela. Contudo, a Mayella afirmou que ele tinha abusado dela e, ao erguer-se, olhara-o como se ele não passasse da terra que ela pisava.

— Alguma vez — a voz do Atticus interrompeu-me os pensamentos —, em algum momento, foste à propriedade dos Ewells, entraste na propriedade dos Ewells sem o convite expresso de qualquer deles?

— Não, s’nhor, Mr. Finch, nunca. Eu nunca fiz isso, s’nhor.

O Atticus dizia às vezes que uma forma de saber se uma testemunha está a mentir ou a dizer a verdade é escutá-la em vez de olhá-la. Fiz o teste: o Tom negou três vezes, de um só fôlego, mas baixo, sem um laivo sequer de lamúria na voz, e acreditei nele, apesar de ter negado em demasia. Pareceu-me um negro respeitável, e um negro respeitável nunca entraria num pátio de outra pessoa por sua iniciativa.

— Tom, o que te aconteceu na noite de vinte e um de novembro do ano passado?

A assistência na plateia respirou em uníssono e inclinou-se para a frente. Os negros atrás de nós fizeram o mesmo.

O Tom era um daqueles negros de pele aveludada e não lustrosa,

mas sim de um veludo negro e macio. O branco dos olhos brilhava-lhe no rosto e, quando falava, entrevia-se o fulgor dos dentes. Não estivesse ele aleijado e seria um belo espécimen de homem.

— Mr. Finch — começou —, eu ia pra casa, como costume, à noitinha e, quando passei p'la casa dos Ewell, a Miss Mayella 'tava no alpendre, com'ela disse que 'tava. Tudo mu'to sossegado, e eu não sabia porquê. Estava a matutar nisso, me'mo a passar, quand'ela disse pra entrar e ajudar ela num instante. Eu entrei p'la vedação e olhei à procura dalguma lenha pra cortar, mas não vi nenhuma, e ela disse: «Nã, é uma coisa pra fazeres dentro de casa. As juntas da porta 'tão saídas, e ela cai s'a gente fecha muito depressa.» E eu disse: «Tem uma chave de parafusos, Miss Mayella?», e ela disse que devia ter. Então eu subi os degraus, e ela disse pra entrar, e eu fui à porta da frente e olhei pra porta. Eu disse: «Miss Mayella, a porta parece boa.» Abri e fechei, e as junta 'tavam bem. Depois, ela fechou-me a porta na cara. Mr. Finch, eu 'tava a pensar porqu'é que 'tava tudo tão sossegado e alembrei-me que não havia criança na casa, nem uma, e eu disse: «Miss Mayella, donde 'tão as criança?»

A pele aveludada do Tom tinha começado a brilhar, e ele passou a mão pela cara.

— Eu disse donde 'tão as criança — continuou —, e ela disse, meio a rir, ela disse que 'tavam na cidade a comprar gelados. Ela disse: «Levei um ano inteiro pra 'rranjar sete níqueis, mas 'tá feito. 'Tão todos na cidade.»

O desconforto evidenciado pelo Tom não advinha da humidade. — O que lhe disseste então, Tom? — inquiriu o Atticus.

— Eu disse assim, ó Miss Mayella, que fina qu'é a tratar as criança. E ela disse: «Achas que sim?» E eu acho qu'ela não percebeu, o qu'eu 'tava a pensar é qu'era esperta a poupar e boa a tratar deles.

— Eu percebi, Tom. Continua — proferiu o Atticus.

— E eu disse qu'era melhor ir andando, que não tinha nada pra fazer, e ela disse: «Oh, tens sim», e eu preguntei o quê, e ela disse pra mim subir a uma cadeira ali e tirar uma caixa de cima do guarda-fato.

— Não o mesmo guarda-fato que tinhas desmanchado? — perguntou o Atticus.

A testemunha sorriu. — Não, s'nhor, outro. Quase tão alto com'o teto.

E fiz o que ela disse, e ‘tava quase a pegar na caixa, quando... ela agarrou nas minhas perna, Mr. Finch, agarrou nas minha perna. Apanhei um susto tão grande que dei um salto pra baixo e virei a cadeira... foi só isso, só mobília deitada ao chão, Mr. Finch, quando eu saí. Juro por Deus.

— O que aconteceu depois de teres virado a cadeira?

Tom Robinson emudecera por completo. Olhou para o Atticus, em seguida para o júri e finalmente para Mr. Underwood, sentado do outro lado da sala.

— Tom, juraste dizer toda a verdade. Vais dizer toda a verdade?

O Tom passou a mão pela boca nervosamente.

— O que sucedeu em seguida?

— Responde à pergunta — ordenou o juiz. Um terço do charuto já desaparecera.

— Mr. Finch, eu saltei da cadeira pra baixo e virei-me, e ela saltou pra cima de mim.

— Atacou-te? Com violência?

— Não, s'nhor, ela... abraçou eu. Agarrou a mim p'la cintura.

Daquela vez, o martelo do juiz Taylor desceu com estrondo, e, ao bater, acenderam-se as luzes da sala do tribunal. A escuridão ainda não tinha descido, mas o sol vespertino desaparecera das janelas. O juiz repôs a ordem com brevidade.

— E depois o que fez ela?

A testemunha engoliu em seco. — Deu um beijo de lado, na minha cara. Disse que nunca tinha dado um beijo num homem feito e bem que podia ser num preto. Disse qu'aqueles qu'o pai dava não contam. Ela disse: «Dá-me um beijo, preto», e eu disse: «Miss Mayella, deixem'ir embora» e quis ir, mas ela pôs-se encostada à porta, e tive de empurrar ela. Eu não queria fazer mal, Mr. Finch, e disse «deixe eu ir embora», mas foi aí qu'o Mr. Ewell gritou da janela.

— O que é que ele disse?

O Tom Robinson engoliu de novo, e abriram-se-lhe os olhos. — Não se pode dizer, não é pròs ouvidos das criança desta gente aqui...

— O que é que ele disse, Tom? Tens de contar ao júri o que ele disse.

O Tom Robinson fechou os olhos com força. — Ele disse: «Sua filha da puta maldita, eu mato-te.»

— E depois o que se passou?

— Mr. Finch, eu corri tanto que não sei.

— Tom, violaste Mayella Ewell?

— Não s'nhor.

— Magoaste-a de alguma maneira?

— Não, não s'nhor.

— Resististe às suas investidas?

— Mr. Finch, eu tentei. Eu tentei sem ser mau pra ela. Não queria empurrar nem nada disso.

Ocorreu-me que, à sua maneira, os modos do Tom Robinson eram tão bons como os do Atticus. Até o meu pai me explicar mais tarde, não entendi a subtileza do dilema que o Tom enfrentara: não ousaria, em alguma circunstância, bater numa mulher branca e ter esperança de escapar com vida, portanto aproveitou a primeira oportunidade para fugir — um sinal infalível de culpa.

— Tom, regressemos de novo a Mr. Ewell — continuou o Atticus. — Ele disse-te alguma coisa?

— Não, s'nhor, nada. Pode ter dito, mas eu já não 'tava...

— Já chega — interrompeu o Atticus bruscamente. — O que é que ouviste? Com quem estava ele a falar?

— Mr. Finch, ele 'tava a falar e a olhar prà Miss Mayella.

— E tu fugiste.

— Ai fugi, sim.

— Por que motivo é que fugiste?

— 'Tava assustado, s'nhor.

— Porque é que estavas assustado?

— Mr. Finch, s'o s'nhor fosse preto com'eu, também ficava.

O Atticus sentou-se. Mr. Gilmer estava a dirigir-se ao banco das testemunhas, quando Mr. Link Deas se ergueu entre a assistência e anunciou:

— Eu só quero que toda a gente aqui fique a saber duma coisa. Esse rapaz trabalhou para mim durante oito anos, e nunca tive sarilhos com ele. Nem a mais pequena queixa.

— *Cale-me essa boca, senhor!* — O juiz Taylor estava bem acordado e rugia, o seu discurso miraculosamente inalterado pelo charuto. — Link Deas — gritou —, se tem alguma coisa a dizer, pode fazê-lo sob juramento e na altura própria, mas, até esse momento, saia desta sala, ouviu? Saia desta sala, senhor, ouviu? Maldito seja eu, se tiver de julgar este caso outra vez!

O juiz fulminou o Atticus com o olhar, como que a desafiá-lo a falar, mas ele tinha curvado a cabeça e ria-se para baixo. Lembrei-me de algo que ele dissera sobre o facto de o juiz por vezes se exceder nas suas

observações *ex catedra*, mas poucos eram os advogados que reagiam. Olhei para o Jem, mas ele abanou a cabeça. — Não é como se um jurado se levantasse e começasse a falar — afirmou. — Nesse caso seria diferente. Mr. Link apenas perturbou a ordem ou coisa assim.

O juiz Taylor disse ao escrivão que apagasse o que tivesse escrito depois de «Mr. Finch, s'o senhor fosse preto com'eu, também ficava» e ordenou ao júri que ignorasse a interrupção. Olhou, desconfiado, para a coxia central e esperou que se concretizasse a saída efetiva de Mr. Link Deas, após o que declarou: — Pode continuar, Mr. Gilmer.

— Tiveste trinta dias por conduta desordeira, Robinson? — inquiriu Mr. Gilmer.

— Sim, s'nhor.

— Em que condições é que ficou o preto depois de lhe teres batido?

— Foi ele que bateu a mim, Mr. Gilmer.

— Sim, mas tu foste condenado, não foste?

O Atticus ergueu a cabeça. — Foi um delito menor e consta dos autos, juiz. — Pareceu-me cansado.

— De qualquer modo, a testemunha vai responder — retorquiu o juiz Taylor, igualmente cansado.

— Sim, s'nhor, apanhei trinta dias.

Eu sabia que Mr. Gilmer iria dizer ao júri com sinceridade que quem fora condenado por conduta desordeira podia muito bem ter-se aproveitado de Mayella Ewell, essa era o único motivo pelo qual aquilo era importante. Motivos daqueles ajudavam.

— Robinson, és bastante bom a rebentar com guarda-fatos e a partir lenha com uma mão, não és?

— Sim, acho que sim, s'nhor.

— Com força suficiente para esganar uma mulher e atirá-la ao chão?

— Nunca fiz isso, s'nhor.

— Mas tens força para isso?

— Acho que sim, s'nhor.

— Já andavas com ela debaixo de olho há muito tempo, não andavas, rapaz?

— Não, s'nhor, nunca olhei pra ela.

— Mas que generosidade a tua, a rachar e a acartar para ela, não é?

— 'Tava só a tentar ajudar ela, s'nhor.

— Eras mesmo generoso, tinhas coisas para fazer em casa depois do trabalho, não tinhas?

— Sim, s'nhor.

— Porque é que não fazias o teu trabalho em vez de andares a fazer o serviço de Miss Mayella?

— Fazia os dois, s'nhor.

— Deves ter andado muito ocupado. Porquê?

— Porquê o quê, s'nhor?

— Por que motivo é que tinhas tanta vontade de fazer serviços a essa mulher?

O Tom Robinson hesitou, em busca de uma resposta. — Parecia que não tinha ninguém prá ajudar, com'eu disse...

— Com Mr. Ewell e sete crianças lá em casa, rapaz?

— Eu disse que parecia que ninguém ajudava nada...

— Então cortavas lenha e fazias os trabalhos por pura generosidade, rapaz?

— Pra ajudar, já disse.

Mr. Gilmer dirigiu um sorriso aberto ao júri. — És muito bom tipo, segundo parece; tudo sem receber um tostão?

— Sim, s'nhor. Eu cá tinha pena dela, fazia mais qu'os outros todos...

— Tinhas pena *dela*, tinhas pena *dela*? — Mr. Gilmer parecia prestes a ascender ao teto.

A testemunha apercebeu-se do seu erro e remexeu-se, inquieta, na cadeira. Porém, o mal estava feito. Lá em baixo, ninguém gostou da resposta do Tom Robinson, e Mr. Gilmer fez uma longa pausa para deixar a plateia assimilar a informação.

— Então tu passaste pela casa como era costume no passado dia vinte e um de novembro — continuou —, e ela pediu-te que entrasses e desses cabo de um guarda-fato?

— Não, s'nhor.

— Negas ter passado pela casa?

— Não, s'nhor, ela disse que tinha uma coisa pra eu fazer dentro da casa...

— Ela disse que te pediu para desmanchares um guarda-fato, não foi?

— Não, s'nhor, não foi assim.

— Então, estás a dizer que ela mentiu, rapaz?

O Atticus ergueu-se, mas o Tom Robinson não necessitou da sua intervenção. — Eu não disse qu'ela 'tá a mentir, Mr. Gilmer, eu disse qu'ela 'tá confundida.

Nas dez perguntas que se seguiram, Mr. Gilmer passou em revista a versão dos factos da Mayella, e a resposta da testemunha foi invariavelmente a mesma, que ela estava confundida.

— Mr. Ewell não te correu da casa, rapaz?

— Não, s'nhor, acho que não.

— Achas que não, o que é que queres dizer?

— Que não fiquei lá tempo que chegasse pra ele correr comigo.

— Estás a ser muito franco sobre tudo isto, por que razão é que fugiste a correr?

— 'Tava com medo, s'nhor.

— Se estavas de consciência tranquila, porque é que estavas com medo?

— Com'eu disse, é p'rigoso um preto 'tar num... num aperto assim.

— Mas não estavas num aperto, tu testemunhaste que estavas a resistir a Miss Ewell. Estavas com tanto medo que ela te fizesse mal que fugiste, um garanhão como tu?

— Não, s'nhor, eu 'tava com medo de vir ao tribunal, como 'tou agora.

— Medo de ser preso, medo de teres de enfrentar o que tinhas feito?

— Não s'nhor, medo d'enfrentar o que não tinha feito.

— Estás a ser insolente comigo, rapaz?

— Não s'nhor, não foi isso qu'eu quis.

Foi apenas isto que consegui ouvir do contrainterrogatório de Mr. Gilmer, pois o Jem obrigou-me a levar o Dill para fora. Por qualquer razão, o Dill começara a chorar e não conseguia parar; primeiro, baixinho, mas depois os soluços começaram a fazer-se ouvir na galeria. O Jem disse que, se eu não fosse com ele, ele me obrigava, e o reverendo Sykes disse que era melhor eu ir, e então fui. O Dill parecera estar bem nesse dia, nada de errado com ele, mas achei que ainda não devia ter recuperado de ter fugido.

— Não 'tás a sentir-te bem? — inquiri, quando chegámos ao fundo das escadas.

O Dill tentou controlar-se enquanto corríamos pelos degraus da saída

sul. Mr. Link Deas, postado no topo das escadas, era uma figura solitária. — Está a acontecer alguma coisa, Scout? — perguntou quando passámos por ele. — Não, senhor — respondi por cima do ombro. — Aqui o Dill não está bem-disposto.

— Vamos para a sombra das árvores — sugeri. — Deve ser do calor, fez-te mal. — Escolhemos a sombra mais frondosa e sentámo-nos.

— Foi só por causa dele, não consegui aguentar — confessou o Dill.

— De quem, do Tom?

— Daquele velho do Mr. Gilmer a tratá-lo assim, a falar com tanto ódio...

— Dill, é o trabalho dele. Olha que, se não tivéssemos advogados de acusação, então também não podíamos ter de defesa, acho eu.

Dill expeliu o ar, resignado. — Eu sei isso tudo, Scout. Foi a maneira como ele falava que me pôs doente, mesmo doente.

— Ele tem de ser assim, Dill, ele ‘tava a fazer o contra...

— Ele não falou assim quando...

— Dill, essas testemunhas eram dele.

— Mas Mr. Finch não fez assim com a Mayella nem com o velho Mr. Ewell, quando lhes fez o contrainterrogatório. A maneira como aquele homem estava sempre a tratá-lo por «rapaz» e a zombar dele e a virar-se para o júri sempre qu’ele respondia...

— Olha, Dill, no fundo, ele é só um negro.

— Não m’interessa nem um bocadinho. Não ‘tá certo, ele não tem o direito d’os tratar assim. Ninguém tem o direito de falar daquela maneira, põe-me doente.

— É só a maneira dele, Dill. Mr. Gilmer trata-os todos assim. E ainda não o viste a dar forte e feio. É que, quando... hoje até me pareceu qu’ele não ‘tava a esforçar-se muito. Todos eles fazem assim, quer dizer, a maior parte dos advogados.

— Mr. Finch, não.

— Ele não é exemplo, Dill, ele é... — Esforcei-me por me lembrar duma daquelas frases boas de Miss Maudie Atkinson, e lá me veio à memória: — Ele é igual dentro de casa e cá fora, na rua.

— Não foi isso qu’eu quis dizer — retorquiu o Dill.

— Eu sei o que queres dizer, rapaz — proferiu uma voz atrás de nós. Pensámos ambos que a voz vinha do tronco da árvore, mas pertencia a

Mr. Dolphus Raymond, que espreitou em volta do tronco. — Não é uma questão de seres sensível ou não, é só uma coisa que te põe doente, não é?

20

— Anda cá, filho, tenho uma coisa que te acalma o estômago.

Como Mr. Dolphus Raymond era um homem mau, aceitei o convite com relutância, mas segui o Dill. Não sei porquê, mas achava que o Atticus não ia gostar se nos tornássemos amigos de Mr. Raymond, e tenho a certeza de que à tia Alexandra não agradaria mesmo nada.

— Toma — disse ele, estendendo ao Dill o saco de papel com as palhinhas. — Dá um bom gole, vai acalmar-te.

O Dill sugou pelas palhinhas, sorriu e sugou de novo durante mais tempo.

— He, he — fez Mr. Raymond, obviamente deleitado com o facto de estar a corromper uma criança.

— Dill, toma lá cuidado — avisei-o.

O Dill largou as palhinhas e sorriu. — Scout, é só *Coca-Cola*.

Mr. Raymond sentou-se encostado ao tronco da árvore; anteriormente estivera estendido na relva. — Os meninos não vão denunciar-me, pois não? Se o fizessem, eu ficava com a reputação arruinada.

— Quer dizer que desse saco só bebe *Coca-Cola*? Sem mais nada?

— Sim, m'nha senhora — assentiu ele. Gostei do cheiro dele, a cabedal, cavalos e sementes de algodão. Usava as únicas botas de montar inglesas que eu já vira. — Não bebo mais nada na maioria das vezes.

— Então, só finge que está meio…? Desculpe, senhor — pedi, calando-me. — Não queria ser…

Mr. Raymond soltou um riso abafado e não se mostrou nada ofendido. Tentei pôr a questão de forma discreta: — Por que razão age como age?

— Por… oh, sim, queres dizer por que razão finjo? Bem, é muito simples — prosseguiu. — Há gente que não gosta da forma como vivo. Eu podia mandá-los à fava, quero lá saber que não gostem. Certo é que eu digo isso, mas não os mando à fava, estão a ver?

Eu e o Dill respondemos: — Não, senhor.

— Tento dar-lhes um motivo, percebem? As pessoas sentem-se melhor se tiverem um motivo a que se agarrar. Quando vou à cidade, o que faço raramente, se cambalear um bocado e beber deste saco, as pessoas podem dizer que o Dolphus Raymond está agarrado ao uísque e que é por isso que não muda de hábitos. É mais forte que ele, é por isso que vive como vive.

— Isso não é honesto, Mr. Raymond, fazer-se mais mau do que é…

— Não é honesto, mas lá que ajuda as pessoas, ajuda. Aqui para nós, Miss Finch, não sou lá grande bebedor, mas, sabe, elas nunca haviam de compreender que vivo como vivo porque é assim que quero viver.

Tive a sensação de que não devia estar ali a ouvir aquele pecador que tinha filhos mestiços e não lhe importava quem soubesse, mas ele era deslumbrante. Nunca conhecera um ser humano que praticasse deliberadamente uma fraude contra si próprio. Por que razão, porém, estaria ele a confiar-nos os seus maiores segredos? E perguntei-lhe.

— Porque vocês são crianças e conseguem compreender — disse ele —, e porque ouvi este…

Indicou o Dill com a cabeça. — O instinto dele ainda não foi contaminado pelas coisas. Quando for um pouco mais velho, já não fica enjoado nem chora. Talvez ache as coisas… não exatamente corretas, digamos, mas já não vai chorar, não quando tiver mais uns anitos.

— Chorar por causa de quê, Mr. Raymond? — A masculinidade do Dill começava a afirmar-se.

— Por causa do inferno puro e simples que as pessoas dão a outras pessoas, sem sequer pensarem nisso. Por causa do inferno que os brancos dão à gente de cor, sem sequer pararem para pensar que eles também são gente.

— O Atticus diz que intrujar um homem de cor é dez vezes pior que enganar um branco — murmurei. — Diz que é a pior coisa que se pode fazer.

Mr. Raymond respondeu: — Acho que não é… Miss Jean Louise, a menina não percebe que o seu pai não é um homem comum, vai precisar de uns anos para se aperceber disso, ainda não conhece suficientemente o mundo. Ainda nem sequer conhece esta cidade, mas basta-lhe voltar a entrar no tribunal.

Isso recordou-me que estávamos a perder quase todo o

contrainterrogatório de Mr. Gilmer. Olhei para o Sol e vi que descia rapidamente por trás dos telhados das lojas no lado oeste da praça. Entre dois fogos, não conseguia decidir qual dos dois preferia: se Mr. Raymond, se a Quinta Vara do Tribunal da Comarca. — Anda daí, Dill — acabei por dizer. — Já ‘tás bem?

— Já. Gostei de o conhecer, Mr. Raymond, e obrigado pela bebida, fez-me mesmo bem.

Corremos de volta à sala de audiências, galgámos os degraus, subimos dois lances de escadas e avançámos devagar ao longo da balaustrada. O reverendo Sykes guardara-nos os lugares.

A sala estava em silêncio, e pensei mais uma vez onde estariam os bebés. O charuto do juiz Taylor era uma pinta castanha a meio da sua boca; Mr. Gilmer escrevia num dos blocos amarelos que tinha sobre a mesa, a tentar ser mais rápido que o escrivão, cuja mão tremia da rapidez. — Bolas — resmunguei —, não ouvimos.

O Atticus ia a meio das alegações finais ao júri. Era claro que tirara uns papéis da pasta que se encontrava junto à cadeira, pois vi-os em cima da mesa. O Tom Robinson estava a mexer-lhes.

— …a ausência de quaisquer provas corroborativas, este homem foi acusado de um crime capital e está agora a ser julgado com risco da sua vida.

Dei uma cotovelada ao Jem. — Há quanto tempo está a falar?

— Acabou de rever as provas — sussurrou ele —, e vamos ganhar, Scout. Não vejo como não. Está a falar há cerca de cinco minutos. Tornou tudo tão simples e tão fácil como… bom, como eu te teria explicado. Até tu terias compreendido.

— E Mr. Gilmer…?

— Chiu. Nada de novo, só o costume. Agora cala-te.

Olhámos de novo lá para baixo. O Atticus falava com à-vontade, com o tipo de distanciamento que usava quando ditava uma carta. Deslocava-se devagar em frente do júri, o qual parecia estar a prestar atenção: tinham as cabeças erguidas e seguiam-lhe os movimentos com o que parecia ser agrado. Acho que era porque o meu pai não era homem de falar muito alto.

O Atticus interrompeu-se e depois fez uma coisa que não lhe era habitual: desprendeu o relógio e a corrente e pousou-os na mesa,

dizendo: — Com a permissão do tribunal…

O juiz assentiu, e então o Atticus fez algo que nunca o vira fazer anteriormente nem desde então, em público ou em privado: desabotoou o colete e o colarinho, alargou o nó da gravata e despiu o casaco. O meu pai nunca folgava uma única peça de roupa até se despir para se deitar e, para mim e para o Jem, aquilo equivalia a estar ali perante nós completamente nu. Trocámos uns olhares horrorizados.

O nosso pai enfiou as mãos nos bolsos e, ao voltar-se de novo para o júri, vi o botão em ouro do colarinho e as pontas da caneta e do lápis a cintilar à luz.

— Meus senhores — principiou. Eu e o Jem entreolhámo-nos de novo. Ele podia ter dito «Scout», pois a sua voz perdera a aridez, a indiferença, e falava agora para o júri como se fossem pessoas paradas na esquina dos correios.

— Meus senhores — dizia —, serei breve, mas gostaria de usar o tempo que me resta da vossa atenção para vos recordar de que este caso não é difícil, não exige uma análise minuciosa de factos complicados, mas exige que tenham a certeza absoluta, para além de qualquer dúvida razoável, sobre a culpa do réu. Para começar, este caso nunca devia ter vindo a julgamento. Este caso é tão simples como o preto e o branco.

»A acusação não apresentou a mínima prova médica que demonstre que o crime de que o Tom Robinson é acusado tenha ocorrido. Ao invés, confiou no testemunho de duas testemunhas, cujas declarações foram não só postas seriamente em dúvida no contrainterrogatório, bem como redondamente desmentidas pelo réu. O réu não é culpado, mas alguém nesta sala o é.

»No fundo do meu coração, sinto apenas comiseração para com a principal testemunha da acusação, mas essa comiseração não se estende tanto que abranja o facto de ela pôr em jogo a vida de um homem, o que fez num esforço para se livrar da sua própria culpa.

»Digo culpa, meus senhores, pois foi a culpa que a motivou. Ela não cometeu um crime, limitou-se a quebrar um código da nossa sociedade, rígido e consagrado pelo tempo, um código tão severo que quem quer que o quebre é expulso do nosso meio por a sua convivência ser considerada imprópria. Ela é vítima de pobreza e de ignorância cruéis,

mas não sinto pena dela: é branca. Sabia muito bem a atrocidade da ofensa que cometia, mas porque os seus desejos eram mais fortes que o código que assim quebrava, persistiu em quebrá-lo. Persistiu, e a sua reação subsequente é algo com que todos nós nos deparámos numa ou noutra ocasião. Ela fez algo que todas as crianças fazem: tentou afastar de si a prova do seu crime. Neste caso, porém, não se tratava de uma criança a esconder contrabando roubado. Atacou a sua vítima — por necessidade, tinha de o afastar de si própria, tinha de ser retirado da sua presença, até deste mundo. Tinha de destruir as provas do seu crime.

»E qual era a prova desse crime? O Tom Robinson, um ser humano. Tinha de afastar de si o Tom Robinson, que lhe recordava todos os dias o que fizera. E que fizera ela? Tentara seduzir um negro.

»Era branca e tentou seduzir um negro. Fez algo que na nossa sociedade é inaceitável: beijou um homem negro. Não um tio velho, mas um negro jovem e forte. Antes de o quebrar, o código não lhe interessava, mas depois caiu-lhe em cima.

»O pai viu, e o réu testemunhou a natureza dos seus comentários. E que fez o pai? Não sabemos, mas há provas circunstanciais de que Mayella Ewell foi espancada selvaticamente por alguém que usa quase em exclusivo a mão esquerda. Sabemos em parte o que Mr. Ewell fez: o que qualquer homem branco respeitável, obstinado e temente a Deus faria naquelas circunstâncias. Fez uma queixa sob juramento, assinando-a sem dúvida com a sua mão esquerda, e o Tom Robinson está agora sentado defronte de vós, tendo feito um juramento com a única mão boa que lhe resta: a mão direita.

»E, assim, um negro sossegado, respeitável e humilde que teve a perfeita temeridade de «sentir pena» de uma mulher branca tem de contrapor a sua palavra à de dois brancos: Não preciso de vos recordar a aparência e a conduta desses brancos no banco das testemunhas, viram-nas pessoalmente. As testemunhas da acusação, com a exceção do xerife do condado de Maycomb, apresentaram-se perante vós, meus senhores, e perante este tribunal, com a confiança cínica de como o seu testemunho não seria posto em dúvida, certos de que os senhores concordariam com eles devido ao pressuposto — ao pressuposto errado — de que *todos* os negros mentem, de que *todos* os negros são basicamente seres imorais, de que não se pode confiar em *todos* os

homens negros na presença das nossas mulheres, um pressuposto que se associa às mentes de um tal calibre.

»O que, meus senhores, sabemos ser, só por si, uma mentira tão negra como a pele do Tom Robinson, uma mentira que não preciso de realçar. Vós conheceis a verdade, e a verdade é esta: alguns negros mentem, alguns negros são imorais, não podemos confiar em alguns negros junto das mulheres, quer brancas quer negras. Mas esta é uma verdade que se aplica à raça humana e não a qualquer raça de homens em particular. Não há uma única pessoa nesta sala que nunca tenha mentido, que nunca tenha feito algo de imoral, e não há um único homem vivo que nunca tenha olhado com desejo para uma mulher.

O Atticus interrompeu-se e puxou do lenço. Depois tirou os óculos e limpou-os, e assistimos a outra estreia: nunca o víramos suar. Era um daqueles homens cujo rosto nunca transpira, mas agora brilhava de suor.

— Mais uma coisa, meus senhores, antes de terminar. Thomas Jefferson disse em tempos que todos os homens são criados iguais, uma frase que todos os ianques e o lado feminino do poder executivo em Washington gostam de nos arremessar. Há uma tendência neste ano da graça de 1935 da parte de certas pessoas em usar esta frase fora de contexto para que satisfaça todas as condições. O exemplo mais ridículo de que me consigo lembrar é o facto de as pessoas que dirigem a educação pública promoverem os estúpidos e os preguiçosos juntamente com os aplicados. Porque todos os homens são criados iguais, os educadores dizem-nos com toda a gravidade que as crianças deixadas para trás sofrem de terríveis sentimentos de inferioridade. Sabemos que nem todos os homens são criados iguais no sentido em que alguns gostariam que acreditássemos — alguns são mais inteligentes que outros, algumas pessoas dispõem de mais oportunidades porque nasceram com elas, alguns homens fazem mais dinheiro que outros, algumas senhoras fazem melhores bolos que outras — algumas pessoas nascem com dotes que ultrapassam o âmbito normal da maioria dos homens.

»Mas há algo neste país em que todos os homens são criados iguais: há uma instituição humana para a qual um indigente é igual a um Rockefeller, um homem estúpido é igual a um Einstein e um homem

ignorante é igual a um presidente de uma universidade. Essa instituição, meus senhores, é o tribunal. Pode ser o Supremo Tribunal dos Estados Unidos ou o mais humilde dos Julgados de Paz do nosso país, ou este honrado tribunal a quem servis. Os nossos tribunais têm as suas faltas, como qualquer instituição humana, mas neste país os tribunais são os grandes niveladores, e neles todos os homens são criados iguais.

»Não sou idealista ao ponto de acreditar firmemente na integridade dos nossos tribunais e no sistema de jurados — não é para mim o ideal, mas sim uma realidade efetiva e funcional. Meus senhores, um tribunal não é melhor que cada um de vós que aí vos sentais perante mim neste júri. Um tribunal é apenas tão íntegro como o seu júri, e um júri é apenas tão íntegro como os homens que o compõem. Confio que os senhores irão analisar sem paixão as provas que ouviram, chegar a uma conclusão e devolver este réu à sua família. Em nome de Deus, cumpri o vosso dever.

A voz do Atticus baixara e, ao afastar-se do júri, disse qualquer coisa que não apanhei. Falou mais para si próprio que para o tribunal. Dei uma cotovelada ao Jem. — O qu'é qu'ele disse?

— Em nome de Deus, acreditai nele. Acho que foi isso.

De súbito, o Dill inclinou-se à minha frente e puxou a manga do Jem. — Olha prá'colá!

Seguimos o seu dedo com um peso no coração. A Calpurnia avançava pela coxia central, direitinha ao Atticus.

21

Parou timidamente junto à balaustrada e esperou que o juiz Taylor desse pela sua presença. Envergava um avental lavado e trazia um sobrescrito na mão.

O juiz viu-a e inquiriu: — És a Calpurnia, não és?

— Sim, senhor — retorquiu. — Por favor, posso entregar esta nota a Mr. Finch? Não tem nada a ver com... com o julgamento.

O juiz Taylor assentiu, e o Atticus recebeu o envelope, abriu-o, leu o conteúdo da mensagem e disse: — Juiz, eu... é da minha irmã. Diz que os meus filhos estão desaparecidos, não aparecem desde o meio-dia... eu... o senhor poderia...

— Eu sei onde eles estão, Atticus — interrompeu Mr. Underwood. — Estão lá em cima na galeria dos pretos; estão lá desde a uma e dezoito minutos, precisamente.

O nosso pai virou-se e olhou para cima. — Jem, desce daí — ordenou ele, após o que disse algo ao juiz que não ouvimos. Passámos pelo reverendo Sykes e dirigimo-nos para as escadas.

O Atticus e a Calpurnia estavam à nossa espera lá em baixo. Ela parecia enervada, ele exausto.

O Jem pulava de excitação. — Ganhámos, não ganhámos?

— Não faço ideia — retorquiu o Atticus, lacónico. — Vocês têm estado aqui toda a tarde? Agora vão para casa com a Calpurnia e vão cear... e fiquem em casa.

— Ó Atticus, deixe-nos voltar — pediu o Jem. — Por favor, deixe-nos ouvir o veredito, *por favor*, pai.

— O júri pode sair e entrar logo de seguida, não sabemos... — argumentou ele. Contudo, percebemos que estava a ceder. — Bom, já que ouviram tudo, também podem ouvir o resto. Vamos fazer o seguinte, podem vir depois de ter ceado, mas comam devagar, que não vão perder nada de importante. E se o júri ainda estiver reunido, podem ficar à espera, mas olhem que acho que já deve ter terminado antes de voltarem.

— Acha que eles o vão dar como inocente assim tão depressa? — quis o Jem saber.

O Atticus abriu a boca para responder, mas fechou-a de imediato e afastou-se.

Eu comecei a rezar para que o reverendo Sykes nos guardasse os lugares, mas parei assim que me lembrei de que as pessoas se levantavam e saíam aos magotes quando o júri estava a deliberar: naquela noite, iam com certeza invadir o O.K. Café e o hotel, a não ser que também tivessem trazido a ceia de casa.

A Calpurnia fez-nos marchar direitos a casa: — ...esfolava-vos vivos, só de pensar, crianças a ouvirem coisas daquelas! Mister Jem, não sabia que não devia levar a sua irmã mais nova pra um julgamento daqueles? Miss Alexandra vai ter um ataque quando descobrir! Não são coisas pràs crianças ouvirem...

A iluminação das ruas já estava acesa, e, ao passarmos pelos

candeeiros, vislumbrávamos o perfil indignado da Calpurnia. — Mister Jem, eu pensava qu'o menino tinha a cabeça mais assente nos ombros... que ideia, é a sua irmã mais nova! Que ideia, menino! Devia ter vergonha nessa cara, não tem juízo nenhum!

Eu estava nas nuvens. Tinham acontecido tantas coisas em tão pouco tempo que ia levar-me anos a deslindá-las, e agora a Calpurnia estava a dar uma bela descasca ao seu querido Jem — que outras surpresas traria aquela noite?

O Jem estava na galhofa. — Não queres saber o que aconteceu, Cal?

— Cale-me essa boca, menino! Devia 'tar envergonhado e vai aí a rir-se... — continuou a Calpurnia, ressuscitando uma ladainha de ameaças que não usava havia muito e que não teve grande efeito no meu irmão, acabando com a sua tirada clássica no topo dos degraus da frente: — Se Mr. Finch não lhe der uma tareia, dou-lha eu. Agora já pra casa, menino!

O Jem entrou todo risonho, e a Calpurnia acedeu a dar ceia ao Dill num aceno de cabeça tácito. — Agora vá lá telefonar a Miss Rachel pra lhe dizer onde é que 'tá .. — ordenou ao Dill. — Ela anda toda apoquentada à sua procura; não tenha tento não, qu'ela ainda o despacha pra Meridian amanhã de manhã.

A tia Alexandra quase desmaiou quando a Calpurnia lhe contou onde estávamos. Acho que ficou magoada por o Atticus ter dito que podíamos voltar depois da ceia, pois não disse uma única palavra durante toda a refeição. Ficou a remexer a comida do prato com o talher, contemplando-a com tristeza, enquanto a Calpurnia nos servia, enraivecida: deitou leite nos copos, serviu salada de batata com presunto, sempre a resmungar: «deviam ter vergonha» em diferentes graus de intensidade. — Agora, comam devagar — ordenou por fim.

O reverendo Sykes tinha-nos guardado os lugares. Ficámos admirados por termos estado ausentes quase uma hora e termos encontrado a sala de audiências exatamente como a tínhamos deixado, com exceção de algumas pequenas diferenças: o banco dos jurados estava vazio, e o juiz Taylor desaparecera, mas regressou no momento em que nos sentávamos.

— Quase ninguém saiu — comentou o Jem.

— Andaram por aí um bocado quando o júri saiu — explicou o

reverendo. — Os homens lá de baixo foram levar as mulheres a cear, e elas deram de comer aos bebés.

— Há quanto tempo é que o júri saiu? — quis saber o Jem.

— Há uns trinta minutos. Mr. Finch e Mr. Gilmer ainda falaram mais um bocado, e o juiz Taylor deu instruções ao júri.

— Como é qu'ele foi? — perguntou o meu irmão.

— O qu'ele disse? Ah, falou bem. Não me queixo de nada, foi muito justo. Disse, tipo, se acreditam nisto assim e assim, então têm de chegar a um veredito, mas se acreditarem naquilo assim e assim, têm de chegar a outro. Eu até achei que ele 'tava a inclinar-se um bocadinho pró nosso lado... — concluiu o reverendo e coçou a cabeça.

O Jem sorriu. — Ele não pode fazer isso, reverendo, mas não s'apoquente que nós ganhamos — disse com um ar sensato. — Não vejo com'é que qualquer júri pode condenar o Tom Robinson com aquilo que ouvimos...

— Não fique assim tão confiante, Mr. Jem, qu'eu nunca vi um júri a decidir a favor d'um homem de cor contra um branco... — Porém, o Jem contestou o reverendo, e tivemos de ouvir o meu irmão a passar em revista todas as provas apresentadas, bem como as suas ideias sobre as leis sobre violação: não se tratava de violação se a mulher consentisse, mas ela tinha de já ter dezoito anos — segundo a lei do Alabama, claro está —, e a Mayella tinha dezanove. Aparentemente, a mulher tinha de gritar e de dar pontapés, tinha de ser dominada e espezinhada e, de preferência, ficar inconsciente. Se a mulher tivesse menos de dezoito, não tinha de passar por tudo aquilo.

— Mr. Jem — contrapôs o reverendo —, isto não é conversa que se tenha ao pé das minina…

— Oh, ela não percebe de qu'é que 'tamos a falar — retorquiu ele. — Ó Scout, não 'tás a perceber nada, pois não? Inda não tens idade pra perceber, pois não?

— Claro que estou, conheço todas as palavras que 'tás a dizer. — Devo ter sido tão convincente que o Jem se calou e nunca mais tocou no assunto.

— Que horas são, reverendo? — inquiriu ele.

— São quase oito.

Olhei para baixo e vi o Atticus, de mãos nos bolsos, a andar de um

lado para o outro: dava a volta pelas janelas, caminhava ao longo da balaustrada até ao banco dos jurados; dava-lhe uma vista de olhos, inspecionava o juiz Taylor no seu trono e regressava ao ponto onde havia começado. Chamei a sua atenção, dizendo-lhe adeus. Ele viu a minha saudação e respondeu com um aceno de cabeça, após o que retomou a sua volta.

Mr. Gilmer, junto às janelas, conversava com Mr. Underwood. Bert, o escrivão, fumava cigarro atrás de cigarro, recostado na cadeira, com os pés em cima da mesa.

Contudo, os funcionários de justiça presentes — o Atticus, Mr. Gilmer, o juiz Taylor, que dormia a bom dormir, e o Bert — eram os únicos com um comportamento normal. Eu nunca tinha visto uma sala de tribunal apinhada de gente tão silenciosa e imóvel. De vez em quando, ouvia-se o choro inquieto de um bebé, ou uma criança saía a correr, mas os adultos estavam sentados como se estivessem na igreja. Na galeria, os negros, uns de pé, outros sentados, aguardavam com uma paciência de Job.

Como sempre, o velho relógio do tribunal estremeceu de esforço antes de dar as horas, oito badaladas ensurdecedoras que nos abalaram até ao âmago.

Quando deu as onze, já eu não sentia nada: cansada de lutar contra o sono, deixara-me dormir e fiz uma soneca encostada ao braço e ao ombro do reverendo Sykes. Acordei num estremeção e fiz um esforço sério para continuar acordada, olhando para baixo e concentrando-me nas cabeças da plateia: dezasseis carecas, catorze homens que podiam passar por ruivos, quarenta com gradações que iam do castanho ao negro... Lembrei-me de repente de algo que o Jem me explicara uma vez, quando passara por um breve período de pesquisa sobre coisas psíquicas: contou-me que se um número suficiente de pessoas — um estádio cheio, talvez — se concentrasse numa mesma coisa, tal como atear fogo a uma árvore de uma floresta, essa árvore se incendiaria de moto próprio. Entretive-me com a ideia de pedir a toda a gente da assistência lá de baixo que se concentrasse em libertar o Tom Robinson, mas ocorreu-me que, estando eles tão cansados como eu, não ia resultar.

O Dill dormia a sono solto, a cabeça pousada no ombro do Jem, que

permanecia em silêncio.

— Não ‘tá a levar muito tempo? — perguntei-lhe.

— Ai isso ‘tá — retorquiu, satisfeito.

— Da maneira como falaste, parecia que ia só levar cinco minutos.

O Jem ergueu as sobrancelhas. — Há coisas que não percebes — comentou, e eu calei-me, demasiado cansada para discutir.

Mas devia estar relativamente acordada ou não me teria apercebido da sensação que ia crescendo dentro de mim. Era semelhante à que tivera no inverno anterior, e tiritei, apesar de a noite estar quente. A sensação foi crescendo até o ambiente dentro da sala de audiências ser exatamente igual ao de uma manhã fria de fevereiro, em que as cotovias não cantavam e os carpinteiros tinham parado de martelar na casa nova de Miss Maudie; em que as portas da vizinhança estavam todas tão fechadas como as do Casal do Radley. Uma rua expectante e deserta, e uma sala de audiências apinhada de gente. Uma noite quente de verão não era diferente de uma manhã de inverno. Mr. Heck Tate, que tinha entrado na sala e estava a falar com o Atticus, bem poderia trazer botas altas e o casaco de lenhador. O Atticus tinha interrompido a sua caminhada sossegada e pousara um pé na trave de uma cadeira; enquanto escutava Mr. Tate, fazia correr uma mão lentamente sobre a anca, para cima e para baixo. Eu esperava que Mr. Tate dissesse a qualquer momento: «Pode levá-lo, Mr. Finch...»

Ao invés, Mr. Tate anunciou num tom de autoridade: — A sessão vai ser retomada. — E as cabeças lá em baixo sobressaltaram-se. O xerife saiu da sala, regressando com o Tom Robinson. Conduziu-o ao lugar ao lado do Atticus e lá permaneceu, em pé. O juiz Taylor, que se forçara a regressar a um estado de vigia, endireitou-se na cadeira e mirava o banco vazio do júri.

O que aconteceu em seguida assumiu uma qualidade onírica: num sonho, vi os jurados entrar, movendo-se lentamente como nadadores debaixo de água, e a voz do juiz Taylor pareceu muito distante, ao longe. Vi algo que se espera só o filho de um advogado ser capaz de ver e de antecipar: era como observar o Atticus a andar pela rua, a erguer uma espingarda ao ombro e a premir o gatilho, só que eu sabia que a arma não tinha balas.

O júri nunca olha para um réu que acabou de condenar, e, quando os

jurados entraram, nem um olhou para o Tom Robinson. O representante do júri entregou um papel a Mr. Tate, que o deu ao escrivão, que, por sua vez, o entregou ao juiz...

Eu fechei os olhos. O juiz Taylor estava a questionar os jurados, um a um: «Culpado... culpado... culpado... culpado...» Dei uma olhadela ao Jem: as mãos estavam brancas de agarrar a balaustrada, e os ombros estremeciam-lhe a cada «culpado», como se fossem punhaladas.

O juiz Taylor estava a dizer qualquer coisa, de martelo na mão, mas sem o usar. Vi vagamente o Atticus reunir papéis de cima da mesa e guardá-los na pasta. Fechou-a com um clique, dirigiu-se ao escrivão do tribunal e disse-lhe algo, fez um leve aceno de cabeça a Mr. Gilmer e, em seguida, foi junto ao Tom Robinson e sussurrou-lhe. Retirou o casaco das costas da cadeira e pô-lo ao ombro. Depois deixou a sala de audiências, mas não pela saída habitual. Devia querer ir para casa pelo caminho mais curto, pois foi pela coxia central em direção à saída sul do tribunal. Segui-lhe a cabeça com o olhar, enquanto ele caminhava para a porta, sem nunca olhar para cima.

Alguém me deu uma cotovelada, mas eu não tirava os olhos das pessoas lá em baixo e da imagem da caminhada solitária do Atticus pela coxia.

— Miss Jean Louise?

Olhei em volta. Estavam todos de pé. À nossa volta e na galeria do outro lado, os negros erguiam-se. A voz do reverendo Sykes pareceu-me tão distante quanto a do juiz Taylor:

— Miss Jean Louise, levante-se. Vai o seu pai a passar.

22

Foi a vez de o Jem chorar. Lágrimas de raiva desciam-lhe pelas faces enquanto abríamos caminho por entre a multidão vitoriosa. — Não ‘tá certo — foi a murmurar todo o caminho até à esquina da praça onde encontrámos o Atticus, que nos aguardava. O nosso pai postava-se à luz do candeeiro, como se nada se tivesse passado: de colete apertado, o colarinho abotoado e a gravata no seu lugar, a corrente do relógio a brilhar, parecia o mesmo de sempre.

— Não ‘tá certo, Atticus — repetiu o Jem.

— Não, filho, não está certo.

Fomos para casa.

A tia Alexandra estava à nossa espera, de robe, e eu quase jurava que usava por baixo o corpete. — Lamento, meu irmão — disse num murmúrio.

Como nunca a tinha ouvido tratar o Atticus por «meu irmão», olhei de relance para o Jem, mas ele não estava a prestar atenção: olhava para cima, para o Atticus, e depois para o chão, e perguntei a mim mesma se ele não achava que o nosso pai era de algum modo responsável pela condenação do Tom Robinson.

— Ele está bem? — perguntou a tia, indicando o Jem.

— Já vai ficar — retorquiu o Atticus. — Foi um bocadinho demais para ele. — Suspirou. — Vou para a cama — anunciou. — Amanhã, se não acordar à hora do costume, não me chamem.

— Eu nunca achei bem tê-los deixado...

— Minha irmã, esta é a casa deles — interveio o Atticus. — Foi assim que a criámos para eles, portanto vão ter de aprender a lidar com o assunto.

— Mas não têm de ir ao tribunal e de chafurdar no que lá se passa...

— Isso também faz parte do condado de Maycomb, tanto quanto os chás de caridade.

— Atticus... — O olhar da tia Alexandra exprimia preocupação. — Nunca esperei isso de ti, que te tornasses amargo.

— Não estou amargo, apenas cansado. Vou para a cama.

— Atticus... — disse o Jem desalentado.

O nosso pai virou-se à saída. — O que é, filho?

— Como é que é possível, como é que puderam fazer isto?

— Não sei, mas fizeram-no. Já o fizeram antes e fizeram-no hoje e fá-lo-ão de novo; e quando o fazem, parece que só as crianças é que choram. Boa noite.

Mas as coisas melhoram sempre de manhã. O Atticus levantou-se de madrugada como de costume, e estava na sala por trás do *Mobile Register*, quando nós entrámos, ainda sonolentos. A expressão interrogativa do Jem fez a pergunta que os lábios ainda entorpecidos do sono se esforçavam por articular.

— Ainda não é altura de nos preocuparmos — descansou-o o Atticus,

e entrámos na casa de jantar. — Ainda não acabámos. Vai haver recurso, podes ter a certeza. Santíssimo Deus, Cal, o que é isto tudo? — E olhava, pasmado, o prato do pequeno-almoço.

A Calpurnia explicou: — O pai do Tom Robinson mandou-lhe esta galinha hoje de manhã, e eu cozinhei-a.

— Diz-lhe que fico muito honrado, aposto que na Casa Branca não comem galinha ao pequeno-almoço. E o que é isto?

— Pãezinhos frescos — disse ela. — Foi a Estelle lá do hotel que mandou.

O Atticus mirou-a, espantado, e ela adiantou: — É melhor o senhor ir ali à cozinha ver o que lá ‘tá.

Seguimo-lo. A mesa da cozinha estava carregada de comida suficiente para enterrar uma família: nacos de toucinho, tomates, feijões e até uvas. O Atticus sorriu ao deparar-se com um frasco de pickles de pezinhos de porco. —Acham que a tia mos deixa comer na casa de jantar?

A Calpurnia explicou: — Isto ‘tava tudo junto dos degraus de trás quand’aqui cheguei de manhã. Eles... eles agradecem o qu’o senhor fez, Mr. Finch. Não ‘tão a exagerar, pois não?

Os olhos do nosso pai encheram-se de lágrimas, e não conseguiu falar durante um bocado. — Diz-lhes que estou muito grato — pediu. — Diz-lhes que não devem voltar a fazer uma coisa destas. Os tempos estão demasiado difíceis...

Saiu da cozinha, foi à casa de jantar, desculpou-se perante a tia Alexandra, pôs o chapéu e foi para a cidade.

Ouvimos os passos do Dill na entrada e, por isso, a Calpurnia deixou o pequeno-almoço do Atticus, intacto, na mesa. Por entre dentadinhas de coelho, o Dill contou-nos a reação de Miss Rachel aos acontecimentos da noite anterior, que foi a seguinte: se um homem como o Atticus Finch quer dar murros em ponta de faca, é lá com ele.

— Eu cá qu’ria contar-lhe tudo — resmungou o Dill, roendo uma coxa de galinha —, mas hoje de manhã ela não ‘tava pr’aí virada. Disse que ‘teve a pé metade da noite a pensar ond’eu ‘taria, e disse que teria posto o xerife atrás de mim, só qu’ele ‘tava na audiência.

— Dill, tens de parar de desaparecer sem lhe dizeres nada — lembrou o Jem. — Só consegues irritá-la.

O Dill suspirou, paciente. — Eu disse-lhe aonde é qu'ia até ficar consumido, mas ela anda é a imaginar coisas. Aposto qu'a mulher bebe uma cervejinha ao pequeno-almoço todas as manhãs, até sei que bebe dois copos cheios, já vi.

— Não fales assim, Dill — admoestou-o a tia Alexandra. — Não fica bem a uma criança, é... cinismo.

— Não sou cínico, Miss Alexandra. Dizer a verdade não é cinismo, pois não?

— Da forma como falas, é.

O Jem piscou os olhos para a tia, mas disse ao Dill: — Vamos lá. Podes trazer essa perna contigo.

Quando chegámos ao alpendre, Miss Stephanie Crawford estava toda entretida a contar tudo a Miss Maudie Atkinson e a Mr. Avery. Olharam para nós de soslaio e continuaram a conversa. O Jem roncou, e eu desejei ter uma arma.

— Detesto que os crescidos olhem assim pra nós — comentou o Dill. — Até parece que fizemos alguma coisa.

Miss Maudie gritou ao Jem que fosse até junto deles. Ele resmungou e levantou-se da cadeira de baloiço. — Nós vamos contigo — ofereceu-se o Dill.

O nariz de Miss Stephanie tremia de curiosidade. Queria saber quem nos dera autorização para ir ao tribunal. Ela não nos vira, mas hoje não se falava de outra coisa na cidade a não ser que nós estivéramos na galeria da gente de cor. Tinha sido o Atticus a mandar-nos para lá como uma espécie de...? Não estava muito abafado lá em cima com toda aquela...? A Scout tinha compreendido toda a...? Não ficámos furiosos por ver o nosso pai ser vencido?

— Cala-te, Stephanie. — O tom de voz de Miss Maudie era mortal. — Não tenho a manhã toda para passar no alpendre. Jem Finch, chamei-te para saber se tu e os teus amigos querem bolo. Levantei-me às cinco da manhã para o fazer, portanto é melhor dizerem que sim. Desculpa-nos, Stephanie. Bom dia, Mr. Avery.

Na mesa da cozinha de Miss Maudie via-se um bolo grande e dois pequeninos. Devia haver três pequeninos, Miss Maudie não costumava esquecer-se do Dill, e a nossa cara deve ter mostrado isso mesmo. Contudo, compreendemos quando ela cortou uma fatia do bolo grande e

a deu ao Jem.

Enquanto comíamos, sentimos que era a forma dela de nos dizer que, quanto a si, nada mudara. Sentou-se calmamente numa cadeira a observar-nos.

De súbito, falou: — Não te apoquentes, Jem. As coisas nunca são tão más como parecem.

Dentro de casa, quando Miss Maudie queria dizer alguma coisa demorada, abria os dedos sobre os joelhos e ajeitava a dentadura. Assim fez agora, e nós esperámos.

— Só vos queria dizer que há alguns homens neste mundo que nasceram para executar as tarefas que nos são desagradáveis. O vosso pai é um deles.

— Ah! — exclamou o Jem. — Bom.

— Não me venhas com isso, menino — retorquiu Miss Maudie, percebendo a expressão fatalista do Jem —, ainda não tens idade para perceber o que eu disse.

O Jem mirava a sua fatia de bolo meio comida. — É como ser uma lagarta dentro de um casulo, é isso — disse ele. — Como uma coisa adormecida e bem embrulhada num sítio quente. Sempre pensei que a gente de Maycomb era da melhor do mundo, pelo menos era o que parecia.

— Somos os mais seguros — contrapôs Miss Maudie. — É tão raro sermos chamados a mostrar que somos cristãos, mas quando isso acontece, temos homens como o Atticus para falar por nós.

O Jem sorriu, pesaroso. — Quem me dera que o resto do condado pensasse assim.

— Ficarias surpreendido por saber que muitos pensam.

— Quem? — O meu irmão ergueu a voz. — Quem é que nesta cidade levantou um dedo para ajudar o Tom Robinson?

— Por um lado, os seus amigos de cor, e depois pessoas como nós. Pessoas como o juiz Taylor. Pessoas como Mr. Heck Tate. Para de comer e começa a pensar, Jem. Alguma vez te passou pela cabeça que o facto de o juiz Taylor ter nomeado o Atticus para defender aquele rapaz não foi por acidente? Que o juiz pode ter tido as suas razões para o escolher?

Era uma ideia. As defesas decididas pelo tribunal eram normalmente

entregues a Maxwell Green, a última aquisição de Maycomb no tocante a advogados, pois precisava da experiência. Maxwell Green devia ter ficado com o caso do Tom Robinson.

— Pensa nisso — dizia Miss Maudie. — Não foi por acaso. Eu estava ali sentada no alpendre ontem à noite, à espera. Fartei-me de esperar para vos ver todos a descer o passeio e, enquanto esperava, pensei que o Atticus Finch não ia ganhar, não podia ganhar, mas é o único homem destas bandas que consegue fazer com que um júri esteja tanto tempo reunido num caso deste tipo. E pensei para com os meus botões, bem, estamos a dar um passo, é só um passinho de criança, mas é um passo.

— Fica-lhe muito bem falar assim. Não pode haver juízes e advogados cristãos que compensem a barbaridade dos júris? — resmungou o Jem. — Assim qu'eu crescer...

— Isso é uma coisa que terás de discutir com o teu pai — respondeu Miss Maudie.

Descemos os degraus novinhos da casa de Miss Maudie à procura do sol e demos com Miss Stephanie Crawford e Mr. Avery ainda a conversar. Tinham descido um pouco o passeio e estavam agora em frente da casa de Miss Stephanie. Miss Rachel dirigia-se para junto deles.

— Acho que, quando crescer, vou ser palhaço — declarou o Dill.

Eu e o Jem parámos de repente.

— Exatamente, palhaço — repetiu. — A única coisa que posso fazer em relação às pessoas é rir, por isso vou juntar-me a um circo e rir a bandeiras despregadas.

— 'Tás a ver as coisas ao contrário, Dill — disse o Jem. — Os palhaços são tristes, as pessoas é que se riem deles.

— Pronto, vou ser um tipo diferente de palhaço. Vou ficar no meio da pista a rir-me das pessoas. Olhem lá pr'ali — disse, apontando. — Deviam 'tar todos montados em vassouras. A tia Rachel já 'tá.

Miss Stephanie e Miss Rachel gesticulavam febrilmente na nossa direção, de uma forma que não desmentia o cometário do Dill.

— Oh, caramba — sussurrou o Jem. — Acho que seria mal-educado fingir que não as vemos.

Passava-se alguma coisa. Mr. Avery tinha o rosto todo vermelho por causa de um ataque de espirros e quase nos atirou do passeio quando

nos aproximámos. Miss Stephanie tremia de excitação, e Miss Rachel agarrou o ombro do Dill. — Vai para o quintal das traseiras e não saias de lá — ordenou ela. — O perigo anda à espreita.

— Que se passa? — perguntei.

Nesse momento, a tia Alexandra apareceu à porta e chamou-nos, mas era demasiado tarde. Miss Stephanie teve todo o prazer em contar-nos: de manhã, Mr. Bob Ewell deteve o Atticus na esquina do posto dos correios, cuspiu-lhe na cara e disse-lhe que havia de o apanhar nem que levasse o resto da vida.

23

— Quem me dera que o Bob Ewell não mascasse tabaco — foi o único comentário que o Atticus emitiu sobre o assunto.

Segundo Miss Stephanie Crawford, porém, o Atticus estava a sair do posto dos correios quando Mr. Ewell se aproximara dele, lhe lançara uma praga, lhe cuspira e o ameaçara de morte. Miss Stephanie — que, depois de contar a história pela segunda vez, tinha assistido a tudo, ao regressar do Jitney Jungle —, Miss Stephanie disse que o Atticus nem sequer tinha pestanejado, limitando-se a tirar o lenço e a limpar o rosto, e ali ficara a ouvir Mr. Ewell a chamar-lhe nomes que ela nunca seria capaz de repetir por nada deste mundo. Mr. Ewell era veterano de uma guerra desconhecida; esse facto acrescido da reação pacífica do Atticus tê-lo-á levado a perguntar: «Orgulhoso demais prà lutar, meu sacana amiguinho dos pretos?» Miss Stephanie contou que o Atticus tinha respondido: «Não, apenas demasiado velho», que tinha posto as mãos nos bolsos e se tinha afastado. E Miss Stephanie acrescentou que tinha de reconhecer, às vezes, o Atticus Finch sabia ser mesmo seco.

Eu e o Jem não achámos aquilo divertido.

— Ao fim e ao cabo — recordei eu —, sempre foi o melhor atirador do condado. Podia...

— Sabes que não anda armado, Scout. Nem sequer tem uma arma... — retorquiu o Jem. — Sabes bem que, nem naquela noite ao pé da cadeia, tinha uma. Ele disse-me que ter uma arma é convidar os outros a dar-te um tiro.

— Isto é diferente — insisti eu. — Podíamos pedir-lhe pra pedir uma

emprestada.

E pedimos, e ele disse: — Que disparate.

O Dill era de opinião que um apelo ao melhor que a sua natureza tinha era capaz de resultar: no fim de contas, morreríamos à fome se Mr. Ewell o matasse, para além de sermos criados unicamente pela tia Alexandra, e todos sabíamos que a primeira coisa que a tia faria, ainda o corpo do Atticus não tivesse arrefecido, seria despedir a Calpurnia. O Jem achou que talvez desse resultado se eu tivesse um ataque de choro e fizesse uma birra, sendo eu pequena e rapariga. Também não deu em nada.

Porém, quando reparou que nos arrastávamos pelo bairro, sem comer como deve ser, desinteressados das nossas atividades habituais, percebeu quão assustados estávamos. Uma noite, aliciou o Jem com uma revista de futebol nova; quando o viu passar as páginas e pô-la de lado, inquiriu: — O que é que te apoquenta, filho?

O Jem foi direito ao assunto: — Mr. Ewell.

— O que é que aconteceu?

— Nada, mas estamos assustados por sua causa e achamos que devia fazer qualquer coisa.

O Atticus esboçou um sorriso seco. — Fazer o quê? Obrigá-lo a um compromisso de bom comportamento?

— Quando um homem diz que vai atrás doutro, parece que ‘tá a falar a sério.

— Ele estava a falar a sério quando o disse — explicou o Atticus. — Jem, põe-te no lugar dele. Naquele tribunal, eu destruí-lhe o último pingo de dignidade, se é que ainda tinha alguma. O homem tinha de ter alguma reação, homens daqueles têm sempre. Portanto, se cuspir-me na cara e ameaçar-me salvou a Mayella de mais uma tareia, fico contente com isso. Ele tinha de descarregar em alguém, e ainda bem que foi em mim e não na mão-cheia de filhos que tem naquela casa. Percebeste?

O Jem assentiu.

A tia Alexandra entrou na sala quando o Atticus estava a dizer: — Não temos nada a temer do Bob Ewell, ele já se esqueceu de tudo depois daquela manhã.

— Eu não estaria tão segura disso, Atticus — disse ela. — Gente

daquela faz o que quer que seja para se vingar. Sabes como essa gente é.

— E que é que o Ewell poderia fazer-me, minha irmã?

— Algo sub-reptício, às escondidas — retorquiu a tia. — Podes contar com isso.

— Em Maycomb, ninguém tem muita oportunidade de fazer coisas às escondidas — contrapôs o Atticus.

Depois dessa conversa, deixámos de ter medo. O verão esgotava-se, e decidimos aproveitar. O Atticus garantiu-nos que nada aconteceria ao Tom Robinson até o recurso ser apreciado pela instância superior e que ele tinha boas hipóteses de ser libertado ou, pelo menos, de ser julgado de novo. Estava na Colónia Penal Agrícola de Enfield, no condado de Chester, a mais de cem quilómetros. Perguntei ao Atticus se a mulher e os filhos podiam visitá-lo, mas ele disse-me que não.

— Se perder o recurso — perguntei eu uma noite —, o qu'é que lhe acontece?

— É a cadeira — retorquiu o Atticus —, a não ser que o governador lhe comute a pena. Ainda não é altura de nos preocuparmos com isso, Scout. Temos uma boa hipótese.

O Jem, que lia a *Popular Mechanics* refastelado no sofá, ergueu os olhos. — Não 'tá certo. Ele não matou ninguém, mesmo que fosse culpado. Não tirou a vida a ninguém.

— Sabes que, no Alabama, a violação é um delito punido com a pena de morte — recordou o Atticus.

— Sim, s'nhor, mas o júri não tinha nada d'o condenar à morte, podiam ter dado a ele vinte anos.

— Ter-lhe dado — corrigiu o Atticus. — O Tom Robinson é um homem de cor, Jem. Não existe um júri nesta região que diga: «Achamos que és culpado, mas não muito» com uma acusação daquelas. Ou era absolvição plena ou nada.

O Jem abanava a cabeça. — Eu sei que não 'tá certo, mas não consigo dizer o que está mal... talvez uma violação não devesse ser punida com pena de morte...

O Atticus deixou cair o jornal ao lado da cadeira. Disse que não discordava do estatuto da violação, mas que tinha sérias dúvidas quando o estado pedia e o júri dava a pena capital baseado apenas em provas

circunstanciais. Olhou de relance para mim, viu que eu estava a prestar atenção e fez uma paráfrase: —... o que quero dizer é que, para um homem ser condenado à morte, devia haver uma ou duas testemunhas oculares. Devia haver alguém que pudesse dizer: «Sim, eu estava lá e vi-o puxar o gatilho.»

— Mas uma data de gente tem sido enforcada só com provas circunstanciais — argumentou o Jem.

— Eu sei, e o mais provável é que muitos o merecessem; mas, na ausência de testemunhas, fica sempre uma dúvida, por mais pequena que ela seja. A lei fala em «dúvida razoável», mas penso que um arguido deve ter direito a «uma sombra de dúvida». Existe sempre a possibilidade, por mais improvável, de que seja inocente.

— Então, é tudo por causa dos júris. Devíamos ver-nos livres deles — retorquiu o Jem, categórico.

O Atticus fez um sério esforço para não sorrir, mas em vão. — Estás a ser muito duro connosco, filho. Acho que há uma maneira melhor. Mudar a lei. Mudá-la de tal forma que apenas os juízes tenham o poder de fixar a pena dos casos de delitos puníveis com a pena capital.

— Então vá a Montgomery e mude a lei.

— Não fazes ideia de como isso seria difícil. A lei não será mudada no meu tempo de vida e, se for no teu, há de ser quando fores velho.

Aquilo não era suficiente para o Jem. — Não, senhor, os júris deviam era desaparecer. O Tom não era culpado, e eles disseram que sim.

— Se fosses tu e mais onze rapazes a estarem naquele júri, o Tom seria um homem livre — proferiu o Atticus. — Até agora, não houve nada na vossa vida que afetasse o vosso processo de raciocínio. Aqueles homens do júri do Tom são, na vida do dia a dia, gente sensata, mas viste que algo se interpôs entre eles e o seu bom senso. Viste a mesma coisa naquela noite em frente à cadeia. Quando aquele grupo se foi embora, não foi por serem sensatos, foi porque nós lá estávamos. Há coisas neste mundo que fazem os homens perder a cabeça, aqueles nem conseguiam ser justos se tentassem sê-lo. Nos nossos tribunais, quando é a palavra de um homem branco contra a de um negro, o homem branco ganha sempre. Não é bonita, mas é a realidade da vida.

— O que não quer dizer que ‘teja certo — afirmou o Jem, imperturbável. Bateu com o punho no joelho. — Não se pode condenar

um homem com provas daquelas, não se pode.

— *Tu* não poderias, mas *eles*, sim, e fizeram-no. Quanto mais velho fores, mais coisas destas hás de ver. O lugar por excelência em que um homem devia ser tratado com equidade é a sala de um tribunal, seja ele de que cor for, mas as pessoas levam os seus ressentimentos para o banco dos jurados. Quando cresceres, hás de ver brancos a enganarem negros todos os dias, mas deixa-me dizer-te uma coisa e nunca te esqueças dela: sempre que um branco faz isso a um negro, não importa quem ele é, se é rico ou não, a que família pertence, esse homem é lixo.

O Atticus falava tão baixo que a última palavra se destacou, isolada. Ergui os olhos e vi a veemência estampada no seu rosto. — Não há nada mais repugnante que um branco de terceira categoria a aproveitar-se da ignorância de um negro. E não se iludam: tudo somado, um destes dias, havemos de pagar por isto. Só espero que não seja no vosso tempo.

O Jem coçava a cabeça. De súbito, esbugalhou os olhos. — Atticus — quis saber —, por que razão é que pessoas normais como nós ou Miss Maudie nunca estão nos júris? Nunca se vê ninguém de Maycomb num júri, vêm todos de fora, lá da parvónia.

O nosso pai recostou-se na cadeira de baloiço, parecendo muito satisfeito com o Jem, vá lá saber-se porquê. — Estava a pensar quando é que te lembravas disso — disse. — Há imensos motivos. Para já, Miss Maudie, sendo mulher, não pode integrar um júri.

— Quer dizer que as mulheres do Alabama não podem...? — intervim, indignada.

— É verdade. Suponho que seja para proteger as delicadas senhoras de casos sórdidos como o do Tom. Além do mais — continuou o Atticus com um sorriso largo —, duvido que conseguíssemos completar um processo de julgamento, as senhoras iam interromper e fazer imensas perguntas.

Eu e o Jem rimo-nos. Miss Maudie como jurada seria impressionante. Ocorreu-me a imagem da velha Mrs. Dubose na sua cadeira de rodas a gritar: «Acabe lá com a conversa, John Taylor, que eu quero fazer uma pergunta a este homem.» Talvez os nossos antepassados tivessem razão.

O Atticus dizia: — Em relação às pessoas como nós, é a cota-parte

que temos de pagar. Geralmente temos os júris que merecemos. Em primeiro lugar, o orgulhoso cidadão de Maycomb não está interessado. Por outro lado, tem medo. Depois, está...

— Medo de quê? — interrompeu o Jem.

— Imagina, por exemplo, que Mr. Link Deas tinha de decidir a compensação a atribuir a Miss Maudie pelos danos causados por Miss Stephanie quando a atropelou? O Link não ia querer perder nenhuma das duas como cliente, pois não? Então, dizia ao juiz Taylor que não podia integrar o júri porque não tinha ninguém para lhe tomar conta da loja. E o juiz dispensa-o. Às vezes, dispensa-o de muito má vontade.

— O qu'é que o faz pensar que alguma delas podia deixar de fazer compras lá na loja? — perguntei eu.

Foi o Jem quem respondeu: — Miss Rachel deixava de certeza, Miss Maudie, não. Mas, Atticus, o voto dos jurados é secreto.

O nosso pai deu uma risada. — Ainda tens muito que aprender, filho. O voto dos jurados deve ser segreto, sim. Pertencer a um júri obriga uma pessoa a tomar uma decisão e a declarar o que decidiu. E as pessoas não gostam de fazer isso, às vezes é desagradável.

— O júri do Tom decidiu bem depressa — resmungou o Jem.

Os dedos do Atticus procuraram o relógio. — Não, não decidiu — murmurou, mais para si do que para nós. — Esse foi o único facto que me fez pensar que... bom, que talvez fosse um indício de algo de novo. Aquele júri levou algumas horas, um veredito inevitável, talvez, mas normalmente leva-lhes alguns minutos apenas. Desta vez... — interrompeu-se e olhou para nós. — Talvez gostem de saber que houve uma pessoa que foi muito difícil de convencer, que ao início queria uma absolvição imediata.

— Quem? — quis saber o Jem, espantado.

Os olhos do Atticus brilharam. — Não me compete dizê-lo, mas posso dizer-vos o seguinte. Foi um dos vossos amigos de Old Sarum...

— Um dos Cunninghams? — exclamou o Jem num grito. — Um dos... eu não reconheci nenhum deles... o pai está a brincar. — Olhou para o Atticus de soslaio.

— Alguém das suas relações. Foi por palpite que não o excluí do júri. Só por palpite. Podia tê-lo riscado, mas não o fiz.

— Ena, pá — exclamou o Jem com reverência. — Primeiro querem

matá-lo e logo a seguir querem libertá-lo... Nunca vou entender esta gente, por mais que eu viva.

O Atticus explicou que era preciso conhecê-los. Os Cunninghams nunca tinham tirado ou roubado nada a ninguém desde que tinham imigrado para a América. Havia ainda uma outra coisa: uma vez que alguém tivesse ganho o seu respeito, defendiam-no com unhas e dentes. Acrescentou que tinha a sensação, nada mais que uma suspeita, de que, naquela noite na cadeia, se tinham ido embora por respeito aos Finches. Além do mais, seria preciso um terramoto para os fazer mudar de opinião. — Se tivéssemos tido dois Cunninghams no júri, não tinha havido acordo e teria de haver um novo julgamento.

O Jem disse lentamente: — Quer dizer que o pai pôs no júri um homem que queria matá-lo na noite antes? Como é que pôde correr esse risco, Atticus, como?

— Se analisares bem, não foi um grande risco. Não há grande diferença entre um homem que vai condenar o réu e um outro que também o vai condenar, pois não? E há uma diferença ténue entre um homem que vai condenar e um outro que tenha uma ligeira dúvida, não há? Ele era a única incerteza de toda a lista.

— Que parentesco é que ele tinha com Mr. Walter Cunningham? — perguntei eu.

O Atticus ergueu-se, espreguiçou-se e bocejou. Ainda não era hora de irmos para a cama, mas eu e o Jem sabíamos que ele queria ler o jornal. Pegou nele, dobrou-o e deu-me com ele na cabeça. — Ora deixa-me ver — proferiu para si mesmo num tom monótono. — Já sei. São primos duplos em primeiro grau.

— Como é que pode ser?

— Duas irmãs casam-se com dois irmãos. E mais não digo, descobre tu.

Matei a cabeça e cheguei à conclusão de que, se eu me casasse com o Jem e se o Dill tivesse uma irmã com quem se casasse, os nossos filhos seria primos duplos em primeiro grau. — Jesus Maria, Jem — exclamei quando o Atticus já tinha saído da sala. — Aquilo é mesmo gente esquisita. Ouviu aquilo, tia?

A tia Alexandra estava a bordar um tapete, sem olhar para nós, mas escutava-nos. Sentava-se na sua cadeira habitual, com o cesto de

costura ao seu lado e o tapete no colo. Por que razão as senhoras faziam tapetes em lã em noites quentíssimas foi coisa que nunca entendi.

— Ouvi — respondeu ela.

Recordei aquela ocasião desgraçada, já distante, em que corri em defesa do Walter Cunningham. Estava contente de o ter feito. — Quando a escola começar, convido o Walter pra jantar — anunciei, esquecida da decisão que tinha tomado secretamente de lhe dar uma tareia assim que o visse. — Ele também pode ficar cá de noite às vezes. O Atticus pode levá-lo de carro pra Old Sarum. E uma vez podia passar cá o serão, não é, Jem?

— Veremos — afirmou a tia Alexandra, uma declaração que nela era sempre uma ameaça e nunca uma promessa.

Surpreendida, voltei-me para ela. — Porque não, tia? É gente boa.

Ela olhou-me por cima dos óculos de ver ao perto. — Jean Louise, não tenho qualquer dúvida de que são boa gente. Mas não são gente como nós.

O Jem interveio: — A tia quer dizer que são esganiçados, Scout.

— O que é isso?

— Ah, pirosos. Gostam de tocar rabeca e coisas dessas.

— Ora, eu também...

— Não sejas tola, Jean Louise — disse a tia. — O problema é que podes dar uma barrela no Walter Cunningham e pô-lo a brilhar, podes vestir-lhe um fato e calçar-lhe uns sapatos que ele nunca será como o Jem. Além do mais, aquela família tem tendência para a bebida. Uma Finch não se interessa por aquele tipo de gente.

— Tia — lembrou o Jem —, ela ‘inda não tem nove anos.

— Já está na altura de aprender.

A tia Alexandra tinha proferido a sua sentença final. Fez-me lembrar a última vez em que ela tinha dado um murro em cima da mesa. Eu nunca entendi porquê. Foi quando eu andava a planear fazer uma visita a casa da Calpurnia — estava curiosa, queria ser sua «convidada», ver como vivia, saber quem eram os seus amigos. Mais valia ter querido ir ao outro lado da Lua. Desta vez, a tática era diferente, mas o objetivo da tia era o mesmo. Talvez fosse por isso que tinha vindo viver connosco, para nos ajudar a escolher os amigos. Decidi resistir-lhe o mais tempo que

pudesse e disse: — Mas s'eles são boas pessoas porqu'é que não posso ser simpática com o Walter?

— Eu não disse que não podias ser simpática. Deves ser amigável e bem-educada com ele, deves ser cortês com toda a gente, querida. Mas não tens de o convidar cá para casa.

— E se ele fosse da família, tia?

— O facto é que não é, mas, se fosse, a minha resposta seria a mesma.

— Tia — interveio o Jem —, o Atticus diz que podemos escolher os amigos, mas que a família não podemos e que continuam a ser da família quer a gente os reconheça ou não como tal, e que é um grande disparate quando não os reconhecemos.

— Ideias típicas do teu pai — comentou ela. — E eu continuo a dizer que a Jean Louise não convida o Walter Cunningham para esta casa. Mesmo que fosse primo duplo em primeiro grau, continuaria a não ser recebido nesta casa, a não ser que viesse tratar de assuntos profissionais com o Atticus. E assim é que é.

Tinha pronunciado o seu «certamente que não», mas desta vez teria de dar as suas explicações. — Mas eu quero brincar com o Walter, tia, por qu'é que não posso?

Tirou os óculos e olhou-me fixamente. — Eu digo-te porquê — começou. — Porque é... de gente... da ralé, é por isso que não podes brincar com ele. Não vou permitir que te dês com ele, a apanhar os seus hábitos e a aprender sabe-se lá o quê. Já basta seres um problema para o teu pai.

Não sei o que teria feito, mas o Jem impediu-me. Agarrou-me, pôs-me um braço por cima dos ombros e levou-me para o quarto dele a soluçar de raiva. O Atticus ouviu-nos e espreitou pela porta. — Está tudo bem, pai — disse o meu irmão numa voz rouca —, não é nada. — O Atticus desapareceu.

— Toma lá, Scout. — Meteu a mão no fundo do bolso e tirou um caramelo. Levou-me alguns minutos a manobrar o caramelo na boca até se tornar uma bucha satisfatória.

O Jem estava a rearranjar os objetos em cima da cómoda. O cabelo espetava e caía-lhe à frente sobre a testa, e perguntei a mim própria se alguma vez ia parecer como o de um homem — talvez se o rapasse e

deixasse crescer de novo, o cabelo lhe cresceria como devia ser, no lugar próprio. As sobrancelhas estavam a tornar-se mais grossas, e reparei que parecia mais magro. Estava a ficar mais alto.

Quando se virou e olhou para mim, deve ter pensado que ia começar a chorar outra vez, pois disse: — Mostro-te uma coisa se não disseres a ninguém. — Eu perguntei «O quê?», e ele desapertou a camisa a sorrir, acanhado.

— Sim, o que é?

— Então, não vês?

— Não.

— Então, são pelos.

— Onde?

— Aqui. Aqui mesmo.

Tinha sido tão carinhoso comigo que eu disse que parecia muito bem, mas não consegui ver nada. — É bonito a valer, Jem.

— E debaixo dos braços também — acrescentou. — Vou para o futebol para o ano. Scout, não deixes a tia irritar-te.

Parecia que ainda no dia antes ele me dizia para eu não irritar a tia.

— Sabes como ela não está habituada a raparigas — continuou —, muito menos a raparigas como tu. Está a tentar fazer uma senhora de ti. Não podes começar a costurar ou uma coisa assim?

— Não, c'os diabos, não. Ela não gosta de mim, é só isso, e eu não me ralo. Foi aquela coisa de chamar ralé ao Walter Cunningham que me irritou, Jem, não foi por ela dizer que eu era um problema prò Atticus. Isso já conversámos nós uma vez, perguntei-lhe se eu era um problema, e ele disse que nem por isso, no máximo era um problema qu'ele era capaz de resolver sempre e que nunca me preocupasse com aborrecê-lo. Não, foi o Walter, aquele rapaz não é ralé, Jem. Não é como os Ewells.

O meu irmão atirou com os sapatos e pôs os pés em cima da cama. Pôs uma almofada atrás das costas e acendeu o candeeiro da mesinha de cabeceira. — Sabes uma coisa, Scout? Eu já percebi tudo. Tenho andado a pensar no assunto e já sei. Há quatro tipos de pessoas no mundo. Há as pessoas normais como nós e os vizinhos, há aquelas do tipo dos Cunninghams da parvónia, há as do tipo dos Ewells lá da lixeira e há os pretos.

— Então e os chineses e os cajuns do condado de Baldwin?

— Eu estou a falar do condado de Maycomb. As pessoas como nós não gostam dos Cunninghams, os Cunninghams não gostam dos Ewells, e os Ewells odeiam e desprezam as pessoas de cor.

Eu disse ao Jem que, a ser assim, então por que motivo é que o júri do Tom, todos eles pessoas como os Cunninghams, não tinham dito que o Tom era inocente para fazer pirraça aos Ewells?

Com um gesto de mão, o Jem descartou a minha ideia como infantil.

— Sabes — disse ele —, eu já vi o Atticus marcar o ritmo com o pé no chão, quando dão rabeca no rádio, e ele também adora o seu caldo do cozido...

— Isso faz com que a gente seja como os Cunninghams — argumentei. — Não sei porqu'é qu'a tia...

— Não, deixa-me acabar... sim, faz, mas somos diferentes deles, apesar de tudo. Um dia o Atticus disse que a tia dá tanta importância ao nome da família, porque a única coisa qu'a gente tem é o nome e os nossos antecedentes, porque de resto não temos cheta.

— Olha, Jem, não sei... Uma vez o Atticus disse-me que isto de ser uma família antiga é um grande disparate porque as famílias são todas da mesma altura. E eu perguntei s'isso incluía os negros, e ele disse que sim.

— Ter antecedentes não é a mesma coisa que ser duma família antiga — argumentou o Jem. — Acho que tem a ver com desde quando é qu'uma família sabe ler e escrever. Scout, tenho andado a pensar no assunto, e é a única razão de que me lembro. Algures quando os Finches viviam no Egito, um deles deve ter aprendido um ou dois hieróglifos e ensinou ao filho. — O Jem soltou uma gargalhada. — Imagina só, a tia toda orgulhosa por causa do bisavô saber ler e escrever... As mulheres arranjam cada coisa esquisita para se orgulharem.

— Ainda bem qu'ensinou ou quem é que havia de ter ensinado o Atticus e os outros? E s'o Atticus não soubesse ler, eu e tu estávamos metidos num sarilho. Eu acho que ter antecedentes não é isso, Jem.

— Se não é, então como é qu'explicas que os Cunninghams sejam diferentes? Mr. Walter mal consegue assinar, eu já vi. Nós lemos e escrevemos há mais tempo do que eles.

— Não, toda a gente tem d’aprender, ninguém nasce ensinado. O Walter é tão esperto como os outros, só que fica pra trás porque tem d’ajudar o pai. Não há nada d’errado com ele. Não, Jem, eu acho que há só um tipo de pessoas. Somos todos gente.

O Jem virou-se e deu um soco na almofada. Quando se recostou de novo, tinha o rosto toldado. Ia entrar numa das suas neuras, e fiquei receosa. As sobrancelhas franziram-se-lhe, a boca fechou-se numa linha. Quedou-se em silêncio por momentos.

— Isso também eu pensava — disse por fim —, quando tinha a tua idade. Se há só um tipo de pessoas, então porqu’é que não se dão bem? Se são todos parecidos, porqu’é que se desprezam uns aos outros? Acho que ‘tou a começar a perceber uma coisa, Scout. Acho que ‘tou a começar a entender porqu’é que o Boo Radley tem estado fechado em casa este tempo todo... é porqu’ele *quer* ficar lá dentro.

24

A Calpurnia envergava o seu avental mais bem engomado e transportava uma bandeja com uma charlote. Aproximou-se de costas das portas de vaivém e empurrou ao de leve. Eu admirava o à-vontade e a graça com que manejava cargas pesadas de coisas delicadas. O mesmo se podia dizer da tia Alexandra, pois deixara a Calpurnia servir naquele dia.

O mês de agosto estava quase a dar lugar ao de setembro, e o Dill partia para Meridian no dia seguinte. Naquela tarde fora até Barker’s Eddy com o Jem, pois o meu irmão descobrira com espanto e fúria que ninguém se dera jamais ao trabalho de ensinar o Dill a nadar, uma prática que ele considerava tão necessária como saber andar. Tinham passado duas tardes no ribeiro, dizendo que tomavam banho nus e que, portanto, eu não podia ir. Assim, dividi as horas de solidão entre a Calpurnia e Miss Maudie.

Naquela tarde, a tia Alexandra e as suas amigas empenhavam-se na sua nobre batalha por toda a casa. Da cozinha, ouvia Mrs. Grace Merriweather alargar-se no seu relatório sobre as vidas esquálidas dos Mrunas, ou assim me pareceu. Eles punham as mulheres em cabanas afastadas quando chegava o tempo delas, fosse lá isso o que fosse; não

tinham sentido de família — sabia como isso deixaria a tia infeliz — e sujeitavam as crianças a provações terríveis quando faziam treze anos. Viviam infestados de vermes, mastigavam e depois cuspiam a casca de uma árvore para uma bacia comunitária e depois embebedavam-se com o líquido daí resultante.

Imediatamente a seguir, as senhoras interrompiam a sessão para lanchar.

Eu não sabia se havia de entrar na sala ou ficar cá fora. A tia Alexandra dissera-me para lhes fazer companhia à hora do lanche; não era necessário que estivesse presente durante a parte em que tratavam dos seus assuntos, pois seria um aborrecimento. Vestira o meu vestido cor-de-rosa dos domingos e o saiote e calçara sapatos e pensei que, se entornasse alguma coisa, a Calpurnia teria de o lavar outra vez para amanhã. Como fora um dia muito ocupado para ela, decidi ficar cá fora.

— Posso ajudar-te, Cal? — perguntei, com vontade de ser prestável.

Ela parou à porta. — Fique aí quietinha nesse canto — respondeu —, e pode ajudar-me a encher as bandejas quando eu voltar.

O murmúrio suave das vozes femininas aumentou quando ela abriu a porta. — Bem, Alexandra, nunca vi uma charlote assim… maravilhosa… nunca consigo que a minha cobertura fique assim, nunca… quem haveria de pensar em tarteletes de framboesa… foi a Calpurnia? Quem teria imaginado… toda a gente diz que a mulher do pároco… nã-ão, bem, é, e aquele que ainda nem anda…

Calaram-se e percebi que tinham sido servidas. A Calpurnia voltou e pousou a pesada cafeteira de prata da minha mãe num tabuleiro. — Este bule de café é uma raridade — murmurou —, hoje em dia já não se fabricam.

— Posso levá-lo?

— Se tiver cuidado e não o deixar cair. Pouse ele ao fundo da mesa, junto a Miss Alexandra. Lá ao pé das chávenas. Ela é que vai servir.

Tentei encostar o rabo contra a porta como a Calpurnia fizera, mas a porta nem se mexeu. A sorrir, ela abriu-ma. — Agora cuidado, é pesado. Não olhe pra ele, que já não entorna.

A minha viagem foi um êxito: a tia Alexandra fez um sorriso de alegria. — Fica connosco, Jean Louise — disse ela. Aquilo fazia parte da sua campanha para me ensinar a ser uma senhora.

Era costume a anfitriã de cada encontro convidar as vizinhas para o lanche, fossem elas batistas ou presbiterianas, o que explicava a presença de Miss Rachel (sóbria que nem um juiz), de Miss Maudie e de Miss Stephanie Crawford. Bastante nervosa, sentei-me ao lado de Miss Maudie e perguntei-me por que motivo as senhoras punham chapéu só para atravessar a rua. Montes de senhoras deixavam-me sempre com uma leve apreensão e um grande desejo de me encontrar noutro sítio qualquer, mas esta sensação era o que a tia Alexandra chamava ser «mimada».

As senhoras mantinham-se frescas nos seus trajes em leves tons pastel; a maioria aplicara camadas de pó de arroz, mas não tinha *rouge*; o único batom na sala era *Tangee Natural*, e um *Cutex Natural* brilhava-lhes nas unhas, mas algumas das mais novas usavam *Rose*. Emanavam um aroma celestial. Fiquei sentada em sossego, as mãos controladas, segurando com toda a força os braços da cadeira, enquanto esperava que alguém me dirigisse a palavra.

O ouro da dentadura de Miss Maudie cintilou. — Está muito bem-vestida, Miss Jean Louise — elogiou. — Onde estão os teus calções?

— Debaixo do vestido.

Não fora minha intenção dizer uma piada, mas as senhoras riram-se. Fiquei com as bochechas a arder ao aperceber-me do erro, mas Miss Maudie olhou-me com gravidade. Nunca se ria de mim a não ser que eu quisesse ter graça.

No súbito silêncio que se seguiu, Miss Stephanie disse do outro lado da sala: — O que é que vais ser quando fores grande, Jean Louise? Advogada?

— Ná, nem pensei nisso… — retorqui, grata por ela ter a bondade de mudar de assunto. Comecei rapidamente a escolher a minha vocação. Enfermeira? Aviadora? — Bem…

— Ora bolas, pensei que querias ser advogada, até já começaste a ir ao tribunal.

As senhoras riram-se de novo. — A Stephanie é uma pândega — disse alguém, e ela sentiu-se encorajada a insistir no assunto. — Não queres ser advogada quando cresceres?

A mão de Miss Maudie tocou na minha, e eu respondi com brandura: — Nã, só uma senhora.

Miss Stephanie mirou-me desconfiada, decidiu que eu não estava a ser impertinente e satisfez-se com a minha resposta. — Bem, não vais muito longe a não ser que comeces a usar vestidos mais vezes.

A mão de Miss Maudie fechou-se com força sobre a minha, e eu não disse nada, o calor dela chegava.

Mrs. Grace Merriweather sentava-se ao meu lado esquerdo, e achei que seria educado falar com ela. Mr. Merriweather, um metodista fiel por obrigação, aparentemente não via nada de pessoal no facto de cantar «Sublime graça! Quão doce o som, Que salvou um miserável como eu...». Todavia, a opinião geral na cidade era de que Mrs. Merriweather fizera dele um homem sóbrio, transformando-o num cidadão razoavelmente útil. É que a esposa era a senhora mais devota de Maycomb. Procurei um tópico de conversa que a interessasse. — Que é que estudaram durante a tarde? — perguntei.

— Oh, minha filha, aqueles pobres Mrunas — lamentou-se e largou a falar. Não seriam precisas muitas mais perguntas.

Os seus grandes olhos castanhos enchiam-se sempre de lágrimas quando pensava nos oprimidos. — A viverem naquela selva sem mais ninguém a não ser o J. Grimes Everett — disse. — Nem um branco se aproxima deles a não ser aquele santinho do J. Grimes Everett.

Mrs. Merriweather usava a voz como se de um órgão se tratasse; todas as palavras eram objeto da escala completa: — A pobreza… a escuridão… a imoralidade, ninguém faz ideia para além do J. Grimes Everett. Sabes, quando a igreja me ofereceu aquela viagem para o acampamento, o J. Grimes Everett disse-me…

— Ele estava lá, minha s’nhora? Pensei que…

— Estava cá de licença. O J. Grimes Everett disse-me, disse assim: «Mrs. Merriweather, não faz ideia, ideia nenhuma daquilo com que lutamos lá.» Foi isso que ele me disse.

— Sim, m’nha senhora.

— E eu disse-lhe: «Mr. Everett», disse eu, «as senhoras da Igreja Metodista Episcopal Sul de Maycomb, Alabama, apoiam-no a cem por cento.» Foi isso que eu lhe disse. E sabes, ali mesmo, fiz uma jura do fundo do coração. Disse para mim mesma, quando voltar para casa vou dar um curso sobre os Mrunas e trazer a mensagem do J. Grimes Everett a Maycomb, e é isso mesmo que estou a fazer.

— Sim, s’nhora.

Quando ela abanou a cabeça, os caracóis negros estremeceram. — Jean Louise — prosseguiu —, és uma menina afortunada. Vives num lar cristão, com uma família cristã, numa cidade cristã. Lá longe, na terra do J. Grimes Everett, nada mais há para além de pecado e sordidez.

— Sim, s’nhora.

— Pecado e sordidez… o que é que disseste, Gertrude? — Mrs. Merriweather virou os seus guizos para a senhora sentada a seu lado. — Oh, isso. Bem, eu digo sempre perdoai e esquecei, perdoai e esquecei. O que a igreja devia fazer era ajudá-la a ter uma vida cristã, a ela e àquelas crianças, daqui para a frente. Alguns dos homens deviam lá ir e dizer ao pastor para a encorajar.

— Desculpe, Mrs. Merriweather — interrompi —, está a falar da Mayella Ewell?

— Da May… Não, filha. Da mulher do preto, da mulher do Tom, do Tom…

— Robinson, minha s’nhora.

Mrs. Merriweather voltou-se de novo para a vizinha. — Há uma coisa em que eu acredito mesmo, Gertrude — prosseguiu —, mas algumas pessoas não veem as coisas como eu. Se lhes dissermos que os perdoamos, que já esquecemos, então isto tudo esfuma-se.

— Ah… Mrs. Merriweather — interrompi de novo —, o qu’é que se esfuma?

Ela virou-se outra vez para mim. Era um daqueles adultos sem filhos que acham necessário usar um tom de voz diferente ao falarem com crianças.

— Nada, Jean Louise — disse ela num tom musical lento —, as cozinheiras e os trabalhadores do campo estão descontentes, mas já se estão a acalmar. No dia a seguir ao julgamento fartaram-se de resmungar.

Mrs. Merriweather encarou Mrs. Farrow. — Gertrude, digo-te que não há nada mais irritante que um preto amuado. As bocas deles ficam todas descaídas. Ter uma assim na cozinha dá-nos cabo do dia. Sabes o que disse à minha Sophy, Gertrude? Disse: «Sophy», disse eu, «hoje não estás a ser nada cristã. Jesus Cristo nunca andou por lá a resmungar e a queixar-se.» E sabes uma coisa, fez-lhe bem. Levantou os olhos do chão

e disse: «Pois não, Miz Merriweather, Jesus nunca andou por lá a resmungar.» Também te digo, Gertrude, nunca devemos deixar passar uma oportunidade de louvar o Senhor.

Recordei-me do pequeno órgão antigo da capela da Plantação. Quando eu era muito pequena, e se me tivesse portado muito bem durante o dia, o Atticus deixava-me dar aos foles enquanto ele tocava uma melodia com um dedo. A última nota perdurava enquanto houvesse ar para a suster. Mrs. Merriweather ficara sem ar, calculei, e estava a reabastecer-se enquanto Mrs. Farrow se aprontava para falar.

Era uma mulher com um porte esplêndido, de olhos claros e pés pequenos. Ostentava uma permanente recente, e o cabelo era uma massa de canudos cinzentos apertados. Era a segunda senhora mais devota de Maycomb e tinha o hábito curioso de começar tudo o que dizia com um leve som sibilante.

— S-s-s Grace — disse —, é tal qual como eu estava a dizer ao irmão Hutson. «S-s-s irmão Hutson», disse eu, «parece que estamos a travar uma batalha perdida, uma batalha perdida», disse eu. «S-s-s a eles não interessa absolutamente nada. Podemos instruí-los até à náusea, podemos tentar fazer deles cristãos até cairmos para o lado, mas hoje em dia nenhuma senhora está segura na sua cama à noite.» E ele disse-me: «Mrs. Farrow, não sei a que é que vamos chegar por estas bandas.» S-s-s eu disse-lhe que isso era a verdade verdadinha.

Mrs. Merriweather assentiu sabiamente. A sua voz elevou-se acima do tinir das chávenas de café e do leve som ruminante das senhoras a mastigar os bolinhos. — Gertrude — disse ela —, sempre te digo que nesta cidade há gente boa mas mal orientada. Boa, mas mal orientada. Refiro-me a gente que pensa que está a agir bem. Longe de mim dizer quem é, mas há gente nesta cidade que há uns tempos pensou estar a agir bem, mas só conseguiu incitá-los. Não conseguiu mais nada. Na altura, talvez parecesse que era o correto, de certeza que não sei, não sou instruída nesse campo, mas andam amuados… desagradados… digo-vos, se a minha Sophy tivesse continuado assim mais um dia, mandava-a embora. Nunca meteu naquela carapinha que a única razão por que fico com ela é por causa desta depressão e de ela precisar do seu dólar e um quarto que recebe todas as semanas.

— Mas não se engasga com a comidinha dele, pois não?

Foi Miss Maudie quem falou. Dois vincos fortes tinham-se formado no canto da sua boca. Estivera sentada a meu lado em silêncio, a chávena de café equilibrada sobre o joelho. Há muito que eu já perdera o fio à conversa, quando elas tinham deixado de falar da mulher do Tom Robinson, e entretivera-me a pensar na Plantação dos Finches e no rio. A tia Alexandra percebera tudo ao contrário: a parte da reunião dedicada aos trabalhos era de fazer gelar o sangue, a parte social era uma maçada.

— Maudie, não faço ideia nenhuma do que quer dizer — declarou Mrs. Merriweather.

— Tenho a certeza de que faz — retorquiu Miss Maudie secamente.

E nada mais disse. Quando se zangava, era lacónica e fria. Algo a deixara profundamente irritada, e os seus olhos cinzentos mostravam-se tão frios como a sua voz. Mrs. Merriweather corou, olhou-me de relance e desviou o olhar. Não consegui ver o rosto de Mrs. Farrow.

A tia Alexandra levantou-se da mesa e ofereceu rapidamente mais chá e café, entabulando, rápida e eficiente, uma conversa com Mrs. Merriweather e Mrs. Gates. Assim que ambas se embrenharam num diálogo vivo com Mrs. Perkins, retirou-se. Lançou a Miss Maudie um olhar de profunda gratidão, e eu espantei-me com o mundo das mulheres. Miss Maudie e a tia Alexandra nunca haviam sido particularmente íntimas, e aqui estava a tia a agradecer-lhe algo em silêncio. O quê… não percebi. Fiquei satisfeita por saber que a tia podia ser tocada a ponto de se sentir grata por ter sido ajudada. Não tinha qualquer dúvida, eu teria de entrar em breve naquele mundo, onde, na aparência, senhoras perfumadas se balançavam ao de leve, abanando suavemente os leques, e bebiam água fresca.

Sentia-me, porém, mais à vontade no mundo do meu pai. Pessoas como Mr. Heck Tate não nos encurralavam com perguntas inocentes para troçarem de nós. Até mesmo o Jem não se mostrava especialmente crítico a não ser que disséssemos algo de estúpido. As senhoras pareciam viver sob um vago pavor dos homens e pouco dispostas a aceitá-los sinceramente. Mas eu gostava deles. Tinham qualquer coisa, por mais que praguejassem, bebessem, jogassem e mascassem tabaco. Por mais desagradáveis que fossem, tinham qualquer coisa de que eu gostava instintivamente… não eram…

— Hipócritas, Mrs. Perkins, uns hipócritas natos — dizia Mrs. Merriweather. — Pelo menos aqui no Sul, esse pecado não nos pesa sobre os ombros. Lá para cima, as pessoas libertam-nos, mas não os vemos a sentarem-se à mesa com eles. Pelo menos, não somos tão falsos que lhes digamos sim, vocês são tão bons como nós, mas mantenham-se afastados. Aqui no Sul, dizemos apenas vocês vivem à vossa maneira e nós vivemos à nossa. Acho que aquela mulher, a tal Mrs. Roosevelt, perdeu o juízo, perdeu completamente o juízo ao vir a Birmingham e tentar sentar-se à mesa com eles. Se eu fosse o presidente da Câmara da cidade, teria…

Bem, nenhuma de nós era o presidente da Câmara de Birmingham, mas eu gostava de ser governadora do Alabama por um dia: libertava o Tom Robinson tão depressa que as senhoras dos chás de caridade nem teriam tempo de recuperar o fôlego. No outro dia, a Calpurnia estava a contar à cozinheira de Miss Rachel como o Tom estava a aceitar mal as coisas, e não parou de falar quando eu entrei na cozinha. Disse que não havia nada que o Atticus pudesse fazer que melhorasse o facto de estar preso, que a última coisa que ele disse ao Atticus antes de o levarem para a colónia prisional foi: «Adeus, Mr. Finch, agora não há nada que pode fazer, portanto nem vale a pena tentar.» A Calpurnia disse que o Atticus lhe contara que no dia em que levaram o Tom para a prisão, ele deixou de ter esperança. Disse que o Atticus lhe tentou explicar as coisas e que ele se devia esforçar por não perder a esperança, porque ele, Atticus, estava a dar o seu melhor para o libertar. A cozinheira de Miss Rachel perguntou à Calpurnia por que razão o Atticus não dizia apenas sim, vais ser libertado e deixava as coisas assim, parecia que isso havia de ser um grande conforto para o Tom. A Calpurnia respondeu: «Porque tu não conheces a lei. A primeira coisa que aprendes quando trabalhas numa família de homens da lei é que não há respostas definitivas para nada. Mr. Finch não podia dizer que uma coisa era assim, quando não sabe se assim é.»

A porta da frente bateu, e ouvi os passos do Atticus na entrada. Perguntei-me logo que horas seriam, ainda não era bem altura de ele chegar a casa, e nos dias dos chás de caridade ele costumava ficar na cidade até ser bem escuro.

Parou à porta, de chapéu na mão e o rosto pálido.

— Desculpai-me, minhas senhoras — pediu ele. — Continuem a vossa reunião, não deixem que vos perturbe. Alexandra, podes vir à cozinha um minuto? Preciso de pedir a Calpurnia emprestada por um bocado.

Não atravessou a sala de jantar, seguindo pelo corredor das traseiras e entrando na cozinha pela porta de trás. Eu e a tia Alexandra fomos ao seu encontro. A porta da sala de jantar abriu-se de novo, e Miss Maudie juntou-se a nós. A Calpurnia estava meio levantada da cadeira.

— Cal — disse o Atticus —, quero que venhas comigo a casa da Helen Robinson…

— Que se passa? — perguntou a tia, alarmada com a expressão do meu pai.

— O Tom morreu.

A tia Alexandra levou as mãos à boca.

— Deram-lhe um tiro — continuou ele. — Ia a fugir, foi durante o período de exercício. Dizem que ele desatou numa corrida cega e desvairada em direção à vedação e que começou a trepar por ali acima. Ali mesmo na frente deles…

— E não tentaram detê-lo? Não o avisaram? — A voz da tia Alexandra tremia.

— Oh, sim, os guardas gritaram-lhe que parasse. Primeiro deram uns quantos tiros para o ar, mas depois atiraram a matar e acertaram-lhe mesmo quando ia a ultrapassar a vedação. Dizem que se ele tivesse duas mãos boas teria conseguido, tão depressa corria. Dezassete buracos de bala no corpo. Não precisavam de disparar tantas vezes. Cal, quero que venhas comigo e me ajudes a contar à Helen.

— Sim, s’nhor — murmurou ela, atrapalhando-se a desatar o avental. Miss Maudie foi ter com ela e desatou-o.

— Isto é a última gota, Atticus — disse a tia Alexandra.

— Depende de como se vir a coisa — respondeu ele. — O que era um negro a mais ou a menos entre duzentos? Para eles, não era o Tom, era um prisioneiro em fuga.

O Atticus encostou-se ao frigorífico, empurrou os óculos para cima e esfregou os olhos. — Tínhamos uma oportunidade tão boa — lamentou-se. — Eu disse-lhe o que pensava, mas, em boa verdade, não lhe podia dizer que era mais que isso. Acho que o Tom estava farto das

oportunidades dos brancos e preferiu arriscar a sua. Pronta, Cal?

— Sim, s'nhor, Mr. Finch.

— Então, vamos.

A tia Alexandra sentou-se na cadeira da Calpurnia e enterrou o rosto nas mãos. Ficou imóvel, tão quieta que pensei se iria desmaiar. Ouvi a respiração de Miss Maudie como se ela tivesse acabado de subir as escadas. Na sala de jantar as senhoras palravam alegremente.

Pensei que a tia estava a chorar, mas quando afastou as mãos da cara, não estava. Tinha um ar cansado e falou numa voz sem expressão.

— Não posso dizer que aprovo tudo o que ele faz, Maudie, mas é meu irmão, e só quero saber quando é que isto tudo vai acabar. — Ergueu a voz: — Fica desfeito. Não o mostra muito, mas isto deixa-o desfeito. Vi-o quando… que mais é que querem dele, Maudie, que mais?

— Quem é que quer o quê, Alexandra? — perguntou Miss Maudie.

— Refiro-me a esta cidade. Estão perfeitamente dispostos a deixá-lo fazer o que têm demasiado medo de fazer por si próprios, podem cair-lhes os parentes na lama. Estão perfeitamente dispostos a deixá-lo dar cabo da saúde a fazer o que eles receiam, estão…

— Cala-te, elas vão ouvir-te — avisou Miss Maudie. — Já pensaste nisto de outra forma, Alexandra? Quer Maycomb saiba quer não, estamos a pagar o mais alto tributo que se pode pagar a um homem. Confiamos nele para agir bem. É tão simples quanto isso.

— Quem? — A tia Alexandra nunca soube que fazia eco da pergunta do seu sobrinho de doze anos.

— A mão-cheia de pessoas desta cidade que diz que o jogo limpo não está assinalado «Só para brancos»; a mão-cheia de pessoas que diz que um julgamento justo é para todos, não apenas para nós. A mão-cheia de pessoas com a humildade suficiente para pensar, quando olham para um negro, que só são brancos pela bondade do Senhor. — A sua velha aspereza voltara. — A mão-cheia de pessoas desta cidade com antecedentes de família, eis quem são.

Se tivesse prestado mais atenção, teria algo mais a acrescentar à definição de história familiar do Jem, mas dei comigo a tremer sem conseguir parar. Já vira a colónia penal de Enfield, e o Atticus apontara-me o pátio onde os presos se exercitavam. Era do tamanho de um

campo de futebol.

— Para de tremer — ordenou Miss Maudie, e eu parei. — Levanta-te, Alexandra, já as deixámos sozinhas o tempo suficiente.

A tia assim fez e alisou as várias pregas de barbas de baleia em redor das ancas. Tirou o lenço de assoar do cinto e limpou o nariz. Afofou o cabelo e perguntou: — Nota-se?

— Absolutamente nada — sossegou-a Miss Maudie. — Já te recompuseste, Jean Louise?

— Sim, s'nhora.

— Então, vamos ter com as senhoras — disse em tom sombrio.

As vozes delas aumentaram de intensidade quando Miss Maudie abriu a porta da sala de jantar. A tia Alexandra seguia à minha frente, e vi como ergueu a cabeça ao transpor a porta.

— Oh, Mrs. Perkins — disse —, a senhora está a precisar de mais café. Deixe-me ir buscá-lo.

— A Calpurnia foi fazer um recado por um momento, Grace — explicou Miss Maudie. — Deixe-me passar-lhe mais algumas destas tarteletes de framboesa. Ouviu dizer o que fez o meu primo no outro dia, aquele que gosta de ir à pesca…?

E assim continuaram, uma enfiada de mulheres bem-dispostas, em redor da casa de jantar, a encher chávenas de café e a servir os pratos de doces, como se o único pesar fosse o desastre doméstico temporário de terem perdido a Calpurnia.

Recomeçou o zumbido suave das suas vozes: — Sim, senhora, Mrs. Perkins, aquele J. Grimes Everett é um mártir, um santo, ele… precisavam de se casar e, por isso, corriam… ao salão de cabeleireira todos os sábados à tarde… assim que o sol se puser. Ele deita-se com as… galinhas, um caixote cheio de galinhas doentes, o Fred diz que foi assim que tudo começou, o Fred diz…

A tia Alexandra olhou para mim do outro lado da sala e sorriu. Depois olhou para um tabuleiro de bolachas sobre a mesa e fez-me sinal. Peguei cuidadosamente na bandeja e observei-me a aproximar-me de Mrs. Merriweather. Com os meus melhores modos de sociedade, perguntei-lhe se queria uma. Afinal, se a tia conseguia ser uma senhora numa altura destas, eu também havia de conseguir.

25

— Não faças isso, Scout. Põe-no nos degraus.

— Ó Jem, ‘tás doido?

— Põe-no nos degraus de trás, já disse.

Com um suspiro, peguei no bichinho, coloquei-o no degrau de baixo e voltei para a cama. O mês de setembro havia chegado sem vestígios de tempo mais fresco, e nós continuávamos a dormir nas camas desdobráveis debaixo da rede do alpendre das traseiras. Ainda se viam pirilampos, e os insetos rastejantes e voadores que embatiam na rede durante todo o verão ainda não tinham regressado ao sítio para onde iam no outono.

Um bicho-de-conta conseguira entrar dentro de casa: devia ter rastejado pelos degraus e entrado por baixo da porta. Eu estava a pousar o meu livro no chão ao lado da cama quando o vi. Têm três centímetros de comprimento e, quando lhes tocamos, enrolam-se numa bolinha cinzenta bem firme.

Pus-me de barriga para baixo e toquei-lhe. Enrolou-se. Depois, deve ter-se sentido a salvo, pois desenrolou-se lentamente. Deu uma caminhada de alguns centímetros nas suas cem patas, e toquei-lhe outra vez. Enrolou-se. Ensonada, decidi terminar a brincadeira. A minha mão já avançava sobre ele, quando ouvi o Jem.

O Jem estava sempre a resmungar. O mais provável era aquilo fazer parte da fase que estava a atravessar, e eu ansiava por que se despachasse e acabasse com ela. Não que alguma vez tivesse sido cruel para com os animais, mas a sua caridade nunca se estendera ao mundo dos insetos.

— Porqu’é que não posso matá-lo? — perguntei.

— Porque não te incomoda — respondeu na escuridão. Já tinha apagado a sua luz de ler.

— Acho que deves ‘tar numa fase em que não matas moscas nem mosquitos — afirmei. — Avisa quando mudares de ideias. Mas ficas já a saber que não vou ficar sentada sem coçar um bicho do algodão.

— Ó pá, cala-te — retorquiu, sonolento.

Era o Jem quem estava a tornar-se cada dia mais sensível, não eu. Fiquei de barriga para o ar, muito confortável, à espera do sono, e

enquanto não vinha, pensei no Dill. Tinha-nos deixado no primeiro dia do mês com a promessa solene de que regressaria assim que a escola terminasse. Achava que os pais tinham a noção de que gostava de passar o verão em Maycomb. Miss Rachel levara-nos com eles no táxi até ao entroncamento de Maycomb, e o Dill acenara-nos da janela do comboio até desaparecer da nossa vista. Contudo, não estava longe do coração: eu tinha saudades. Nos últimos dois dias connosco, o Jem tinha-o ensinado a nadar...

Ensinou-o a nadar. Completamente desperta, recordei o que o Dill me tinha contado.

Barker's Eddy ficava na extremidade de um caminho de terra que entroncava na estrada de Meridian a pouco mais de um quilómetro e meio da cidade. Era fácil apanhar boleia de uma carroça de algodão ou de um automóvel em trânsito, e a caminhada até à ribeira era fácil. Contudo, a perspetiva do estirão do regresso, à noitinha, quando o tráfego é reduzido, é cansativa, e os nadadores têm o cuidado de não ficar até demasiado tarde.

Segundo o Dill, o Jem e ele tinham acabado de chegar à estrada, quando viram o automóvel do Atticus aproximar-se. Pareceu-lhes que ele não os tinha visto, e acenaram ambos. O Atticus acabou por abrandar, e quando chegaram junto do carro, disse-lhes: «O melhor é apanharem uma boleia para casa. Eu ainda demoro um bocado.» A Calpurnia estava sentada no banco de trás.

O Jem tanto protestou e pediu que o nosso pai acabou por aceder: «Está bem, podem vir, se ficarem no carro.»

No caminho para casa do Tom Robinson, contou-lhes o que sucedera.

Saíram da estrada, passaram pela lixeira e pela habitação dos Ewells devagar e seguiram pela vereda estreita para as cabanas dos negros. O Dill contou-me que havia um bando de crianças negras a jogar ao berlinde no quintal da frente do Tom. O Atticus estacionou e saiu, seguido pela Calpurnia, e entraram ambos no portão.

O Dill ouviu o Atticus perguntar a uma das crianças: «Onde está a tua mãe, Sam?» e o rapazito responder: «'Tá lá em casa da Sis Stevens, Mr. Finch. Quer que vá chamar ela?»

O Dill disse que o Atticus pareceu indeciso, mas depois disse que sim, e o Sam disparou a correr. «Continuem com o vosso jogo», disse às

crianças.

Uma menina saiu da cabana e ficou a olhar para o Atticus. O Dill disse que o cabelo dela era uma floresta de tranças pequeninas, cada uma delas terminando num laço colorido. Com um sorriso de orelha a orelha, começou a andar em direção ao nosso pai, mas era pequena demais para conseguir equilibrar-se. O Dill disse que o Atticus foi ter com ela, tirou o chapéu e ofereceu-lhe um dedo. Ela agarrou-lho, e ele ajudou-a a descer os degraus. Depois entregou-a à Calpurnia.

O Sam vinha a trotar atrás da mãe, quando ambos apareceram. O Dill contou-me que a Helen disse: «Bo'noite, Mr. Finch, não se quer sentar?» Mas nada mais disse. Nem o Atticus.

«Scout», disse-me o Dill, «ela caiu redonda no chão. Caiu na terra como se o pé de um gigante a tivesse pisado. Assim...» E o pé sapudo do Dill bateu no chão. «Como a gente pisa uma formiga.»

Ele contou-me ainda que a Calpurnia e o Atticus tinham levantado a Helen e a tinham levado para a cabana, meio a andar, meio de rastos. Tinham ficado lá dentro muito tempo, e depois o Atticus tinha saído sozinho. Quando o automóvel passou pela lixeira, alguns Ewells tinham gritado coisas, mas o Dill não apanhou o que diziam.

A cidade interessou-se pela notícia da morte do Tom talvez durante uns dois dias, o suficiente para a informação se espalhar pelo condado. «Já ouviste?... Não? Bom, dizem que ele corria ligeiro, como um raio...» Para Maycomb, a morte do Tom era típica. Era mesmo típico de um negro pôr-se a fugir. Era mesmo típico da mentalidade de um negro não fazer planos, não pensar no futuro, apenas pôr-se a correr que nem um doido à primeira oportunidade que lhe aparecia. O mais engraçado é que o Atticus Finch podia livrá-lo, mas esperar...? Nem pensar. Sabes como eles são. Água o deu, água o levou. Só para vermos, o Robinson era casado com papel passado, diziam que era asseado, ia à igreja e tudo isso, mas, quando chega a hora da verdade, o verniz estala logo. E a negrura vem toda ao de cima.

Acrescentavam-se mais alguns pormenores que permitiam ao ouvinte por sua vez repetir a história, e nada mais se disse até o *Maycomb Tribune* aparecer na quinta-feira seguinte. Trazia um pequeno obituário na secção sobre as pessoas de cor e ainda um editorial.

Mr. B. B. Underwood escrevia no seu estilo mais implacável: que

alguém cancelasse a publicidade ou a assinatura era o que menos lhe importava. (Não era assim, porém, que Maycomb reagia: Mr. Underwood podia berrar até mais não e escrever o que lhe desse na gana, que continuaria a ter a sua publicidade e as suas assinaturas; se queria fazer figura de tolo, isso era lá com ele.) Mr. Underwood não discorria sobre erros judiciais, escrevia de uma maneira tão simples que até uma criança o entendia. Limitava-se a constatar que era pecado matar aleijados, estivessem eles em pé, sentados ou a fugir. Comparava a morte do Tom ao extermínio insensato de aves canoras por caçadores e crianças, e a cidade pensou que estava a tentar escrever um editorial de tal forma poético que lhe valesse ser publicado no *Montgomery Advertiser*.

Como é que podia ser, interroguei-me ao ler o editorial de Mr. Underwood. Matança insensata? O Tom tivera direito a todos os procedimentos legais até ao dia da sua morte; fora julgado em público e condenado por doze homens bons e genuínos; o meu pai havia lutado por ele durante todo o processo. De súbito, percebi o que Mr. Underwood queria dizer: o Atticus tinha utilizado todas as ferramentas ao dispor dos homens livres para salvar o Tom Robinson, mas, no tribunal secreto dos corações dos homens, o Atticus nunca podia ganhar. O Tom era um homem morto desde o instante em que a Mayella Ewell abrira a boca para gritar.

O nome Ewell provocou em mim uma sensação de enjoo. Maycomb não tinha perdido tempo a passar a versão de Mr. Ewell sobre a morte do Tom através da rainha da coscuvilhice, Miss Stephanie Crawford. Foi ela mesmo que, na presença do Jem — «Ora, ele já tem idade para ouvir» —, contou à tia Alexandra que Mr. Ewell tinha dito que um já estava e agora só faltavam mais dois. O Jem disse-me para eu não ter medo, aquilo eram bazófias de Mr. Ewell. O meu irmão também me disse que, se eu contasse uma palavra sequer ao Atticus, se o nosso pai descobrisse de alguma maneira que eu sabia, ele pessoalmente nunca mais me falava.

26

A escola começou, o mesmo sucedendo às nossas passagens diárias

pelo Casal do Radley. O Jem frequentava o sétimo ano na escola secundária, que ficava para lá do edifício da primária. Eu estava agora na terceira classe, e as nossas rotinas eram tão diferentes que apenas ia com ele de manhã e o via à hora das refeições. Ele andava no futebol, mas ainda era demasiado esguio e novo para fazer outra coisa que não fosse levar baldes de água à equipa, o que fazia com entusiasmo. Na maior parte dos dias era raro chegar a casa antes de escurecer.

O Casal do Radley deixara de me aterrorizar, mas continuava sombrio e frígido sob os ramos dos grandes carvalhos, igualmente pouco convidativo. Mr. Nathan Radley era ainda visto nos dias limpos a ir e a vir da cidade, e sabíamos que o Boo continuava lá pela mesma velha razão: ninguém o vira a ser levado dali. Ao passar pela velha casa, sentia por vezes uma pontada de remorso por ter tomado parte no que deve ter sido uma autêntica tortura para o Arthur Radley. Afinal, qual é o recluso que deseja ter crianças a espreitar-lhe pelas janelas, a entregar cartas na ponta de uma cana de pesca ou a deambular-lhe pelo couval à noite?

Todavia, não me tinha esquecido. As duas moedas de um péni Cabeça-de-Índio, a pastilha elástica, os bonecos de sabão, uma medalha ferrugenta, um relógio avariado e a respetiva corrente. O Jem devia tê-los guardado algures. Uma tarde, parei e fui examinar a árvore: o tronco crescia em volta do bocado de cimento, que estava a ficar amarelado.

Quase o víramos um par de vezes, um recorde aceitável fosse para quem fosse.

Sempre que ali passava, porém, continuava a procurá-lo com o olhar. Talvez um dia o víssemos, e eu imaginava como seria. Nesse momento, ele havia de estar sentado na cadeira de baloiço quando eu passasse. «Como ‘tá, Mr. Arthur?», diria eu, como se o tivesse dito todas as tardes da minha vida. — «B’a tarde, Jean Louise», diria ele, como se o tivesse dito todas as tardes da minha vida, «o tempo ‘tá uma maravilha, não é verdade?» «Sim, s’nhor, pois ‘tá», diria eu e continuava o meu caminho.

Era apenas uma fantasia. Nunca o veríamos. Era provável que saísse quando a Lua já ia baixa e fosse espreitar Miss Stephanie Crawford. Eu cá teria escolhido outra pessoa para espreitar, mas isso era lá com ele. A nós nunca nos viria espreitar.

— Não vão começar com isso outra vez, pois não? — perguntou o

Atticus uma noite, quando eu exprimi um interesse casual em dar uma boa olhadela ao Boo Radley antes de morrer. — É que se forem, digo-vos já: desistam. Estou demasiado velho para vos ir resgatar na propriedade dos Radleys. Além disso, é perigoso, podem levar um tiro. Sabem que Mr. Nathan atira sobre todas as sombras que vê, incluindo as que deixam pegadas descalças número trinta e cinco. Tiveram sorte em não terem morrido.

Calei-me imediatamente, mas ao mesmo tempo fiquei espantada com a tirada do Atticus. Era a primeira vez que nos dava a entender que sabia muito mais sobre aquele assunto do que nós pensávamos. E já acontecera havia anos. Não, fora apenas no verão passado… não, no verão anterior a esse, quando… o tempo estava a pregar-me uma partida. Tinha de me lembrar de perguntar ao Jem.

Haviam-nos acontecido tantas coisas que o Boo Radley era o menor dos nossos receios. O meu pai disse que não via como algo mais havia de acontecer, que as coisas tinham uma forma própria de acalmar e que, depois de decorrido algum tempo, as pessoas iam esquecer-se de que a existência do Tom Robinson fora em tempos objeto da sua atenção.

Talvez o Atticus tivesse razão, mas os acontecimentos do verão pairavam sobre nós como fumo numa sala fechada. Em Maycomb, os adultos nunca discutiam o caso comigo e com o Jem, mas aparentemente discutiam-no com os seus filhos. A sua atitude devia ser que nenhum de nós podia evitar ter o Atticus como nosso pai e que, portanto, eles deviam ser simpáticos para connosco, apesar de tudo. As crianças nunca teriam pensado naquilo por si sós; se os nossos colegas tivessem sido deixados à vontade, eu e o Jem teríamos tido várias brigas rápidas e gratificantes cada um, e o assunto teria ficado despachado para sempre. Pelo contrário, éramos obrigados a andar de cabeça levantada e a portarmo-nos respetivamente como um cavalheiro e uma senhora. De certa forma, era como a época de Mrs. Henry Lafayette Dubose, sem os gritos. Houve, porém, uma coisa estranha que nunca compreendi: apesar dos defeitos do Atticus como pai, nesse ano as pessoas não se importaram de o reeleger para a assembleia legislativa do estado, como habitualmente sem oposição. Cheguei à conclusão de que as pessoas eram simplesmente esquisitas. Deixei de me preocupar e de pensar nelas até ser forçada a fazê-lo.

O que aconteceu precisamente um dia na escola. Uma vez por semana tínhamos uma aula de Atualidades. Cada aluno tinha de recortar uma notícia de um jornal, decorar o conteúdo e partilhá-lo com a turma. Era suposto esta atividade superar uma série de males: ficar de pé defronte dos colegas encorajava uma boa postura e conferia aprumo ao aluno; proferir uma pequena palestra tornava-o consciente do uso das palavras; decorar a sua notícia fortalecia a memória, e ser tratado como um indivíduo aguçava-lhe o desejo de regressar ao seio do grupo.

A ideia era profunda, mas, como habitualmente em Maycomb, estas coisas não funcionavam lá muito bem. Em primeiro lugar, poucas crianças do campo tinham acesso a jornais e, assim, o fardo das Atualidades recaía sobre os alunos da cidade, o que reforçava ainda mais a ideia de quem vinha de autocarro de que os da cidade é que recebiam todas as atenções. Os alunos do campo que o conseguiam traziam normalmente recortes daquilo a que chamavam o *Grit Paper*, uma publicação de má qualidade aos olhos de Miss Gates, a nossa professora. Nunca fiquei a saber por que motivo franzia o sobrolho sempre que uma criança lia um recorte do *Grit Paper*, mas isso estava de certa forma associado ao gosto por tocar rabeca, comer bolachas de melaço ao almoço, ser fanático religioso e pronunciar mal as palavras, tudo características que o estado pagava aos professores para desencorajarem.

Mesmo assim, não havia muitas crianças que soubessem o que era uma Atualidade. O pequeno Chuck *Little*, com um conhecimento vastíssimo sobre vacas e seus hábitos, ia a meio de uma história do desenho humorístico do Tio Natchell quando Miss Gates o interrompeu:
— Charles, isso não é uma atualidade. É um anúncio.

Todavia, o Cecil Jacobs sabia muito bem. Quando chegou a sua vez, dirigiu-se ao topo da sala e começou: — O tal do velho Hitler…

— Adolf Hitler, Cecil — corrigiu Miss Gates. — Nunca se começa por o velho tal ou tal.

— Sim, s’nhora — disse ele. — O tal do velho Adolf Hitler anda a prosseguir os…

— A perseguir, Cecil…

— Ná, Miss Gates, diz aqui… bom, não int’ressa, o tal do velho Adolf Hitler anda atrás dos judeus e mete-os numas prisões e saca todos os

bens deles e não deixa nenhum deles sair do país e anda a lavar todos os pobres de espírito…

— A lavar os pobres de espírito?

— Sim, s'nhora, Miss Gates, eu cá penso qu'eles não têm tino que chegue pra se lavarem, acho qu'um idiota não sabe como é limpar-se. Bom, não int'ressa, o Hitler começou um programa pra encurralar tam'ém os meio judeus e quer registar eles não vão eles dar-lhe problemas e acho qu'isto é mau e é esta a minha atualidade.

— Muito bem, Cecil — disse Miss Gates. Todo inchado, o Cecil voltou para o seu lugar.

Ao fundo da sala ergueu-se uma mão. — Com'é qu'ele pode fazer isso?

— Como é que quem pode fazer o quê? — perguntou Miss Gates cheia de paciência.

— Quero dizer, com'é que o Hitler pode pôr assim uma data de gente numa prisão dessas, o gove'no tinha era de o parar — disse o dono da mão.

— O Hitler é o governo — explicou Miss Gates e, aproveitando a oportunidade de tornar a educação mais dinâmica, foi ao quadro, onde escreveu DEMOCRACIA em maiúsculas. — Democracia — leu. — Alguém sabe uma definição?

— Nós — respondeu alguém.

Eu ergui a mão, lembrando-me de um velho *slogan* de campanha de que o Atticus me falara em tempos.

— O que achas que significa, Jean Louise?

— Direitos iguais para todos, privilégios especiais para ninguém! — citei.

— Muito bem, Jean Louise. — Miss Gates sorriu. Antes de DEMOCRACIA escreveu NÓS SOMOS UMA. — Agora, turma, digam todos juntos: — Nós somos uma democracia.

Assim fizemos, e depois Miss Gates explicou: — É essa a diferença entre a América e a Alemanha. Nós somos uma democracia, e a Alemanha é uma ditadura. Di-ta-du-ra — soletrou. — Aqui não acreditamos na perseguição de pessoas. A perseguição é própria de quem tem preconceitos. Pre-con-cei-tos — enunciou cuidadosamente. — Não há povo melhor no mundo que os judeus, e a razão pela qual o

Hitler não pensa assim é um mistério para mim.

— Porqu'é que acha que'eles não gostam dos judeus? — perguntou uma alminha curiosa no meio da sala.

— Não sei, Henry. Eles contribuem para todas as sociedades em que vivem e, acima de tudo, são um povo profundamente religioso. O Hitler está a tentar acabar com a religião, portanto talvez não goste deles por essa razão.

O Cecil falou. — Bom, eu não sei lá muito bem — disse —, parece qu'eles trocam dinheiro ou coisa assim, mas isso não é razão pròs perseguir. São brancos, não são?

Miss Gates respondeu: — Quando chegares à escola secundária, Cecil, vais aprender que os judeus são perseguidos desde o começo da História, e até foram expulsos do seu próprio país. É uma das histórias mais terríveis da História. É altura da Aritmética, meninos.

Como eu nunca gostara de Aritmética, passei essa hora a olhar pela janela. A única vez em que vi o Atticus fazer má cara era quando o Elmer Davis dava as últimas notícias sobre o Hitler. Desligava bruscamente o rádio e dizia: «Pfff!» Uma vez perguntei-lhe por que razão se mostrava tão impaciente em relação a ele, e o meu pai respondeu: «Porque é louco.»

Havia ali qualquer coisa que não estava bem, matutei, enquanto a turma se dedicava às somas. Um louco e milhões de alemães. A mim parecia-me que eles o haviam de trancar numa prisão em vez de deixarem que fosse ele a trancá-los. E ainda havia outra coisa errada. Havia de perguntar ao meu pai.

Assim fiz, e ele disse que não podia responder à minha pergunta porque não sabia a resposta.

— Mas não faz mal odiar o Hitler?

— Claro que faz — disse ele. — Não se deve odiar ninguém.

— Atticus — disse eu —, há uma coisa que não compreendo. Miss Gates disse que era horrível o que o Hitler anda a fazer, até ficou toda corada…

— Calculo que sim.

— Mas…

— Sim?

— Nada, pai. — Fui-me embora, sem ter a certeza de que era capaz

de lhe explicar o que me ia na cabeça, sem ter a certeza de que conseguia esclarecer o que não passava de uma sensação. Talvez o Jem me pudesse dar uma resposta. O meu irmão compreendia as coisas da escola melhor que o Atticus.

O Jem estava exausto de passar o dia todo a acartar água. Junto à sua cama viam-se no chão pelo menos doze cascas de banana, em volta de uma garrafa de leite vazia. — ‘Tás a empanturrar-te pra quê?

— O treinador diz que, se eu engordar aí uns dez quilos até daqui a dois anos, posso jogar — explicou. — Esta é a forma mais rápida.

— Isso é se não vomitares tudo — disse eu. — Quero fazer-te uma pergunta.

— Dispara. — Largou o livro e esticou as pernas.

— Miss Gates é simpática, não é?

— Sim, claro — respondeu ele. — Gostava dela quando andei na sala dela.

— É qu’ela odeia muito o Hitler…

— E que mal tem isso?

— Bom, hoje ‘teve a falar de como era mau ele tratar os judeus assim. Jem, é errado perseguir as pessoas, não é? Quero dizer, até mesmo ter pensamentos maus sobre alguém, não é?

— Credo, Scout, não. O qu’é que te ‘tá a ralar?

— Bom, quando vínhamos a sair do tribunal naquela noite, Miss Gates… ela vinha a descer as escadas à nossa frente, não a deves ter visto, ia a conversar com Miss Stephanie Crawford. Ouvi-a dizer que já era altura de alguém lhes ensinar uma lição, andavam a sair da casca, e que a seguir já se iam pôr a pensar que podiam casar connosco. Jem, como é que se pode odiar tanto o Hitler e logo a seguir ser assim tão má para a gente da nossa terra?

O Jem ficou subitamente furioso. Saltou da cama, agarrou-me pela gola e sacudiu-me. — Nunca mais quero ouvir falar daquele tribunal, nunca, nunca mais, ‘tás a ouvir? ‘Tás a ouvir? Nunca mais digas nem uma palavra sobre isso, ‘tás a ouvir? Agora vai-te embora.

Fiquei demasiado surpreendida para chorar. Saí de mansinho do quarto do Jem e fechei a porta devagar, não fosse algum ruído irritá-lo outra vez. Sentindo-me subitamente cansada, desejei a companhia do Atticus. Ele estava na sala; fui ter com ele e tentei subir-lhe para o colo.

Ele sorriu. — Estás a ficar tão grande, já não consigo pegar-te toda ao colo. — Abraçou-me. — Scout — disse baixinho —, não deixes que o Jem te desanime. Ele anda a passar por um período difícil. Eu ouvi-vos há bocado.

O Atticus explicou que o Jem estava a esforçar-se muito por esquecer uma coisa, mas o que estava realmente a fazer era guardar tudo dentro dele até passar tempo suficiente. Então, havia de ser capaz de pensar no assunto e compreender. Quando isso acontecesse, o meu irmão voltaria a ser o mesmo de sempre.

27

As coisas acalmaram de certo modo, tal como o Atticus previra. Em meados de outubro, só sucederam dois casos menores, mas fora do normal, com dois cidadãos de Maycomb. Não, foram três, que não nos diziam diretamente respeito — a nós, os Finches —, mas que, de certa maneira, acabaram por dizer.

A primeira coisa foi que Mr. Bob Ewell arranjou e perdeu um emprego numa questão de alguns dias, tornando-se provavelmente ímpar nos anais dos anos trinta: tanto quanto ouvi dizer, terá sido o único homem a ser despedido da WPA por preguiça. Acho que o seu brevíssimo salto para a fama trouxe um ainda mais breve surto de dedicação, mas o emprego durou tanto quanto a sua notoriedade: tal como o Tom Robinson, Mr. Ewell foi rapidamente esquecido. E assim retomou as suas visitas semanais ao gabinete da segurança social a fim de levantar o seu cheque, que recebia entre resmungos incompreensíveis sobre os filhos da mãe que se julgavam donos da cidade e não permitiam a um homem honesto ganhar a vida. Ruth Jones, a senhora da segurança social, dizia que Mr. Ewell acusava abertamente o Atticus de lhe ter ficado com o emprego e sentiu-se tão incomodada que foi ao escritório do nosso pai para lho contar. O Atticus disse-lhe para não se apoquentar, que, se o Bob Ewell quisesse discutir o assunto com ele, sabia bem onde ele trabalhava.

O segundo acontecimento deu-se com o juiz Taylor. Ao contrário de Mrs. Taylor, ele não era homem de ir à igreja ao domingo. O juiz apreciava a sua hora de fim de tarde sozinho na casa enorme e, à hora

da missa, refugiava-se no seu escritório a ler os escritos de Bob Taylor (não era seu parente, mas o juiz sentir-se-ia orgulhoso de o poder reivindicar). Numa dessas ocasiões, estava ele mergulhado em metáforas saborosas de estilo floreado, quando um arranhar irritante o arrancou da leitura. — Quieta — ordenou à *Ann Taylor*, a sua cadela gorda de raça indefinida, após o que se apercebeu de que estava a falar para um escritório vazio; o ruído vinha da parte de trás da casa. O juiz Taylor ergueu-se e caminhou com dificuldade até ao alpendre das traseiras para deixar sair a *Ann* e encontrou a porta de rede aberta, a oscilar. Ainda avistou uma sombra na esquina e foi tudo o que enxergou do seu visitante. Quando Mrs. Taylor chegou da igreja, deu com o marido sentado na sua cadeira, imerso nos escritos de Bob Taylor, com uma caçadeira sobre os joelhos.

A terceira coisa aconteceu a Helen Robinson, a viúva do Tom. Se Mr. Ewell fora tão esquecido quanto o Tom Robinson, o Tom fora tão esquecido quanto o Boo Radley. Porém, Mr. Link Deas, o seu patrão, não se esquecera dele. Arranjou um emprego à Helen. Não era que precisasse mesmo dela, mas dizia que se sentia mal com o desfecho das coisas. Eu nunca soube quem lhe tratava dos filhos enquanto estava a trabalhar. A Calpurnia dizia que era complicado para a Helen, pois tinha de se desviar muito mais de um quilómetro para evitar os Ewells, que, segundo ela, lhe «atiraram coisas» da primeira vez em que tentou passar pela estrada pública. Mr. Link Deas acabou por aperceber-se de que a Helen vinha para o trabalho todas as manhãs de uma direção errada e conseguiu arrancar-lhe o motivo para tal facto. — Deixe ‘tar, Mr. Link, por favor, s’nhor — implorou a Helen. — C’os diabos, não deixo nada — retorquiu ele e disse-lhe para ela passar pela loja antes de sair nessa tarde. Ela assim o fez, e Mr. Link fechou a loja, pôs o chapéu com firmeza e acompanhou a Helen até casa. Levou-a pelo caminho mais curto, aquele que passava pela casa dos Ewells. Quando regressava, Mr. Link parou junto à vedação bizarra.

— Ewell? — chamou. — Ewell, estou-te a chamar!

As janelas, habitualmente cheias de crianças, estavam desertas.

— Eu sei que ‘tão todos aí escondidos! Ouve bem o qu’eu te digo, Bob Ewell: s’eu ouço mais uma palavra que seja da Helen sobre não poder passar por esta estrada, meto-te na prisão antes do dia acabar! —

Mr. Link cuspiu para o chão e caminhou para casa.

No dia seguinte de manhã, a Helen dirigiu-se para o trabalho pela estrada pública. Ninguém lhe arremessou coisas, mas alguns metros depois, quando já começava a afastar-se da casa, virou-se e viu Mr. Ewell a caminhar atrás dela. A Helen voltou-se e continuou a andar, e Mr. Ewell manteve a mesma distância até ela chegar a casa de Mr. Link Deas. Ela disse que, durante todo o caminho, lhe ouvia a voz baixa, a dizer palavrões. Aterrorizada, telefonou para a loja de Mr. Link Deas, que não era longe da casa. Ao sair da loja, Mr. Link viu Mr. Ewell encostado à vedação. O homem apressou-se a dizer: — Não olhe pra mim, Link Deas, como s'eu fosse leproso. Eu não entrei...

— A primeira coisa que vais fazer, Ewell, é tirar a tua carcaça malcheirosa da minha propriedade. 'Tás encostado a ela, e eu não tenho dinheiro para uma pintura nova. A segunda é afastares-te da minha cozinheira ou eu faço queixa de ti por agressão...

— Eu num toquei nela, Link Deas, e tam'ém num ia tocar em nenhuma preta!

— Não tens de tocar nela, só é preciso assustá-la, e se agressão não chegar pra passares uma temporada na prisão, apanho-te com a lei das mulheres[28], portanto sai-me da frente! E s'achas que não 'tou a falar a sério, só tens d'atazanar a rapariga outra vez!

Tornou-se evidente que Mr. Ewell levou a sério a ameaça, pois a Helen nunca mais teve problemas.

— Não gosto disto, Atticus, não gosto nada disto — comentou a tia Alexandra a propósito destes acontecimentos. — Parece que aquele homem tem um rancor permanente contra todos os envolvidos naquele caso. Bem sei como aquele tipo de gente é vingativo, mas não percebo qual é o ressentimento que esse homem tem. Não conseguiu o que queria em tribunal?

— Eu acho que o entendo — retorquiu o Atticus. — Pode ser porque, no íntimo, ele sabe que são muito poucos os que em Maycomb acreditam na sua história e na da Mayella. Pensou que iria tornar-se um herói, mas tudo o que conseguiu com os seus cuidados foi... foi, bom, nós condenamos o negro, mas tu voltas para a tua lixeira. Agora que se meteu com quase toda a gente, já deve estar satisfeito. Um destes dias,

quando o tempo mudar, vai acalmar-se.

— Mas por que motivo havia ele de tentar assaltar a casa do juiz Taylor? Obviamente não sabia que o John estava em casa ou não teria tentado. As únicas lâmpadas acesas naquela casa ao domingo à noite são as do alpendre da frente e no escritório, na parte de trás...

— Não sabemos se foi o Bob Ewell quem cortou a rede, não sabemos quem foi — argumentou o Atticus. — Mas consigo adivinhar porquê. Eu provei que não passa de um mentiroso, mas o John fê-lo fazer figura de parvo. Durante todo o tempo em que o Ewell esteve no banco, eu não consegui olhar para o John e manter-me sério. O John olhava para ele como se o homem fosse um fenómeno do circo. E depois não me digam que os juízes não tentam influenciar os júris. — O Atticus deu uma risada.

No final de outubro, as nossas vidas tinham retomado a rotina habitual: ir à escola, brincar e estudar. O Jem parecia ter afastado do pensamento o que quer que fosse que pretendia esquecer, e os nossos colegas felizmente deixaram-nos esquecer as excentricidades do nosso pai. Uma vez o Cecil Jacobs perguntou-me se o Atticus era um radical. Quando lhe fiz a pergunta, o nosso pai mostrou-se tão divertido que eu fiquei deveras aborrecida, mas ele explicou-me que não estava a rir-se de mim. Depois disse: — Diz ao Cecil que sou tão radical como o «Cotton Tom» Heflin[29].

A tia Alexandra ia de vento em popa. Miss Maudie devia ter silenciado todo o grupo dos chás de caridade de uma assentada só, pois a tia dominava de novo a capoeira. Os seus chás tornaram-se ainda mais deliciosos. Tive mais algumas lições sobre a vida social dos pobres Mrunas enquanto ouvia Mrs. Merriweather: era tão pouco o seu sentido de família que a tribo inteira constituía uma grande família. As crianças tinham tantos pais quanto o número de homens da comunidade e tantas mães quanto o número de mulheres. J. Grimes Everett fazia os maiores esforços para mudar este estado de coisas e necessitava desesperadamente das nossas preces.

Maycomb voltara a ser o que era. Precisamente igual ao ano anterior e ao ano antes desse, com duas pequenas exceções. A primeira era que as pessoas tinham tirado das montras das lojas e das janelas dos

automóveis os autocolantes que diziam: NRA — FAZEMOS A NOSSA PARTE. Eu perguntei ao Atticus porquê, e ele disse-me que a lei da Recuperação Nacional estava morta. Eu perguntei-lhe quem a tinha matado, e ele disse que tinham sido nove velhos.

A segunda mudança na cidade tinha um ano e não assumia qualquer relevância a nível nacional. Até então, o Dia das Bruxas fora uma festividade completamente desorganizada. Cada criança fazia o que bem lhe apetecia ajudada por outras crianças sempre que fosse necessário mudar algo de lugar, como, por exemplo, colocar uma carrocinha em cima da estrebaria. Os pais, porém, acharam que as coisas tinham ido longe demais no ano anterior, quando a existência pacífica de Miss Tutti e de Miss Frutti tinha sido destruída.

Misses Tutti e Frutti Barber eram duas irmãs solteironas, que habitavam a única residência de Maycomb que podia orgulhar-se de ter uma cave. Corriam rumores de que as Barbers eram republicanas que tinham vindo de Clanton, no Alabama, em 1911. Tinham hábitos estranhos, e a razão pela qual precisavam de uma cave ninguém sabia, mas queriam uma, mandaram escavá-la e passaram o resto da vida a expulsar crianças lá de dentro.

Misses Tutti e Frutti, cujos nomes eram Sarah e Frances, para além dos seus costumes ianques, eram ambas surdas. Miss Tutti negava-o terminantemente e vivia num mundo de silêncio, mas Miss Frutti, que não queria perder pitada, utilizava uma corneta acústica tão grande que o Jem afirmava ser um alto-falante *Victrola* de uma daquelas grafonolas do cão.

Com estes factos presentes no espírito e estando o Dia das Bruxas a chegar, algumas crianças malévolas esperaram até as Misses Barber estarem a dormir a sono solto, escapuliram-se para a sua sala de estar (ninguém trancava as portas exceto os Radleys) e, à socapa, fizeram desaparecer todas as peças de mobiliário, escondendo-as na cave. Eu nego ter tomado parte em semelhante coisa.

— Eu ouvi-os! — foi o grito que acordou os vizinhos das Misses Barber ao romper da manhã seguinte. — Ouvi um camião à nossa porta! Faziam imenso barulho com os pés. A esta hora, já devem estar em Nova Orleães!

Miss Tutti tinha a certeza de que os vendedores de peles que tinham

passado pela cidade uns dois dias antes haviam surripiado a sua mobília. — Eram escuros — proferiu. — Sírios, de certeza.

Mr. Heck Tate foi chamado. Inspecionou a área e declarou que devia ser um golpe de gente da terra. Miss Frutti contrapôs, afirmando que reconhecia uma voz de Maycomb onde quer que fosse e que na noite anterior na sua sala não havia qualquer voz da cidade — era gente que fazia rolar os erres, ouvira-os por todo o edifício. Para encontrar a mobília, o que era preciso eram cães pisteiros, insistiu Miss Tutti, o que obrigou Mr. Tate a andar uns vinte quilómetros a juntar os cães e a pô-los a seguir a pista.

Mr. Tate partiu com os cães dos degraus da frente das Misses Barber, mas tudo o que os animais fizeram foi correr em volta da casa para as traseiras e ladrar à porta da cave. Depois de a cena se repetir três vezes, o xerife finalmente adivinhou a verdade. Ao meio-dia não se via uma criança descalça em Maycomb, e ninguém se descalçou até os cães terem sido devolvidos.

Tendo em conta os acontecimentos, as senhoras de Maycomb decidiram que as coisas seriam diferentes naquele ano. O auditório da escola secundária seria aberto com um espetáculo para os crescidos; para as crianças, haveria divertimentos e jogos tradicionais, como apanhar maçãs dentro de água com os dentes. Haveria ainda um prémio de vinte e cinco cêntimos para quem construísse e usasse a melhor máscara do Dia das Bruxas.

Eu e o Jem resmungámos. Não que costumássemos celebrar, era o princípio da coisa. De qualquer forma, o Jem considerava-se muito grande para o Dia das Bruxas. Declarou que ninguém o apanhava perto da escola com uma máscara. *Oh, não faz mal*, pensei, *o Atticus leva-me*.

Contudo, em breve fui informada de que os meus serviços seriam requisitados no palco nessa noite. Mrs. Grace Merriweather tinha criado um espetáculo original, intitulado *O Condado de Maycomb: Ad Astra Per Aspera*[30], e eu teria o papel de presunto. Ela achava adorável que algumas das crianças tivessem máscaras a representar os produtos agrícolas do condado. O Cecil Jacobs iria vestido de vaca; a Agnes Boone daria um belo feijão-manteiga, uma outra criança seria um amendoim e assim por diante, até se esgotar a imaginação de Mrs.

Merriweather e o número de crianças disponíveis.

O nosso papel resumia-se, tanto quanto percebi dos nossos dois ensaios, a entrar pela esquerda enquanto Mrs. Merriweather (que não se limitava a ser a autora, mas também a narradora) nos identificava. Quando ela chamasse «Porco», era a minha deixa. Em seguida, toda a companhia entoaria «Condado de Maycomb, Condado de Maycomb, nós te seremos sempre fiéis», como apoteose final, e Mrs. Merriweather subiria ao palco com a bandeira do estado.

A minha máscara não constituiu grande problema. Mrs. Crenshaw, a costureira da cidade, era tão imaginativa como a autora. Pegou em rede metálica e deu-lhe a forma de um presunto. Depois cobriu a armação com tecido castanho e pintou-a de maneira a parecer-se com o original. Eu tinha de me baixar, e alguém me enfiava a geringonça pela cabeça abaixo. Dava-me quase pelos joelhos. Mrs. Crenshaw foi muito atenciosa e deixou dois orifícios para eu espreitar. Fez um belo trabalho: o Jem disse que eu parecia exatamente um presunto com pernas. Contudo, tinha algumas desvantagens: era quente e era apertado — se tivesse comichão no nariz, não podia coçar-me e, uma vez dentro dele, não conseguia sair sozinha.

Quando chegou o Dia das Bruxas, pressupus que toda a família estivesse presente a ver-me representar, mas tive uma grande desilusão. O Atticus informou delicadamente que, por muito que lhe custasse, achava que não ia conseguir aguentar uma noite de espetáculo, estava demasiado exausto. Tinha estado uma semana inteira em Montgomery e chegara já tarde nesse dia. Achava que o Jem poderia talvez acompanhar-me se eu lhe pedisse.

A tia Alexandra disse que tinha de ir para a cama cedo, que tinha estado a decorar o palco toda a tarde e estava esgotada — de súbito, interrompeu-se a meio da frase. Fechou a boca, depois abriu-a para dizer algo, mas não lhe saiu qualquer som.

— O que foi, tia? — inquiri.

— Oh, nada, nada — disse. — Tive um sobressalto. — Afastou o que a fizera estremecer de apreensão e sugeriu que eu oferecesse uma antestreia à família. Assim, o Jem enfiou-me a máscara, postou-se à porta da sala, chamou: «Porco» exatamente como Mrs. Merriweather teria feito, e eu entrei. O Atticus e a tia Alexandra ficaram deslumbrados.

Repeti o papel para a Calpurnia na cozinha, e ela disse que eu ia muito bem. Quis atravessar a rua para mostrar a Miss Maudie, mas o Jem disse que ela devia ir ao espetáculo.

Depois disso, já não me importava se eles fossem ou não. O Jem disse que me levava. Foi assim que começou a nossa mais longa jornada juntos.

28

O tempo estava invulgarmente quente para o último dia de outubro, e nem sequer precisámos de usar casaco. O vento ia ganhando força, e o Jem disse que talvez chovesse antes de chegarmos a casa. Não havia luar.

A luz do candeeiro da esquina lançava sombras agrestes sobre o Casal do Radley. Ouvi o Jem a rir-se. — Aposto que hoje à noite ninguém os vai chatear — comentou. Carregava desajeitadamente o meu fato em forma de presunto, pois era difícil de segurar. Achei que era cavalheiresco da sua parte.

— Mas é um sítio que mete medo, não é? — comentei. — O Boo não deseja mal a ninguém, mas fico muito contente por estares comigo.

— Sabes bem que o Atticus não te deixava ir até à escola sozinha — lembrou o Jem.

— Não vejo bem porquê, é já ali ao dobrar da esquina, do outro lado do pátio.

— Aquele pátio é comprido demais para as meninas o atravessarem à noite — disse o Jem, a gozar. — Não tens medo de almas penadas?

Rimo-nos. — Almas penadas, assombrações, sinais secretos e coisas assim — disse o Jem. — Arrenego-te, Satanás, credo, cruz, santo nome de Jesus.

— Cala-te lá com isso — pedi eu. Estávamos em frente do Casal do Radley.

— O Boo não deve estar em casa. Escuta — disse o Jem.

Na escuridão, acima das nossas cabeças, uma cotovia solitária extravasava o seu repertório, ignorando, ditosa, a origem da árvore onde pousara. Passava do *kee kee* agudo do pássaro-girassol ao *quack-quack* irascível do gaio e terminando no triste lamento do noitibó.

Virámos a esquina, e tropecei numa raiz que crescia na estrada. O Jem tentou ajudar-me, mas só conseguiu deixar cair o meu fato no pó. Todavia, não cheguei a cair, e em breve retomávamos o caminho.

Saímos da estrada e entrámos no pátio da escola. Estava escuro como breu.

— Com'é que sabes onde estamos, Jem? — perguntei, passados alguns passos.

— Sei que 'tamos debaixo do carvalho grande porque 'tamos a passar por uma zona mais fria. Tem cuidado e não caias outra vez.

Abrandáramos para um passo lento e apalpávamos o caminho à nossa frente para não irmos de encontro às árvores. O carvalho, já muito antigo, erguia-se solitário, e duas crianças não conseguiam abarcar-lhe o tronco e tocar nas mãos uma da outra. Ficava distante dos professores, dos seus bufos e dos vizinhos bisbilhoteiros, mais próximo do terreno dos Radleys, mas estes não eram curiosos. Sob os seus ramos, havia uma área de terra calcada devido às inúmeras lutas que ali tinham decorrido, bem assim como os jogos de dados clandestinos.

Ao longe, no auditório da escola, as luzes brilhavam intensamente, mas só conseguiam cegar-nos. — Não olhes prà frente, Scout — aconselhou o Jem. — Olha para o chão que já não cais.

— Devias ter trazido a lanterna, Jem.

— Não fazia ideia que estava tão escuro. À noitinha não me pareceu que ia ficar assim. Está tudo enevoado, é por isso. Acho que vai durar um bocado.

De súbito, alguém saltou em cima de nós.

— Santíssimo Deus — gritou o Jem.

Um círculo de luz rebentou-nos em cheio na cara, por trás do qual o Cecil Jacobs saltava de alegria. — Ha, ha, apanhei-vos — guinchou. — Calculei que haviam de vir por aqui.

— O qu'é que 'tás a fazer por aqui sozinho, miúdo? Não tens medo do Boo Radley?

O Cecil chegara de carro ao auditório em segurança, na companhia dos pais, não nos vira e aventurara-se até tão longe porque sabia muito bem que nós devíamos ir a caminho. Pensava, porém, que Mr. Finch vinha connosco.

— Ora, é só dobrar a esquina — disse o Jem. — Quem é que tem

medo de dobrar uma esquina? — Mas tivemos de admitir que o Cecil fora mesmo bom. Pregara-nos um susto valente e podia ir contar à escola toda, estava no seu direito.

— Olha lá — lembrei-me —, tu hoje não és uma vaca? Ond'é que 'tá o teu fato?

— Atrás do palco — disse ele. — Mrs. Merriweather disse que ainda falta um bocado pró desfile. Podes guardar o teu lá atrás, ao pé do meu, Scout, e podemos ir ter com os outros.

Era uma ideia excelente, pensou o Jem. Também achou ótimo que eu e o Cecil ficássemos juntos. Assim, ficava livre para se juntar aos da sua idade.

Quando chegámos ao auditório, encontrava-se lá toda a cidade, à exceção do Atticus, das senhoras que se sentiam extenuadas por causa da decoração da escola, e dos marginais e ermitas do costume. Parecia mesmo que quase todo o condado comparecera: a entrada abarrotava de campónios todos bem aprumados. O edifício da escola tinha uma grande entrada, e as pessoas aglomeravam-se em volta das barraquinhas que tinham sido instaladas de ambos os lados.

— Oh, Jem, esqueci-me do meu dinheiro — suspirei assim que as vi.

— Mas o Atticus não — disse o Jem. — Aqui tens trinta cêntimos, podes gastá-los em seis coisas. Vemo-nos mais tarde.

— *OK* — disse eu, muito contente com os trinta cêntimos e a companhia do Cecil. Fui com ele até à parte da frente do auditório, passámos por uma porta lateral e chegámos aos bastidores. Livrei-me do meu fato de presunto e fugimos, apressados, pois Mrs. Merriweather encontrava-se defronte de uma mesa de leitura junto à primeira fila de cadeiras a fazer frenéticas alterações de última hora ao guião.

— Quanto dinheiro tens? — perguntei ao Cecil. Ele tinha igualmente trinta cêntimos, o que nos deixava quites. Esbanjámos os nossos primeiros níqueis na Casa dos Horrores, que não nos assustou nada. Entrámos na sala do sétimo ano, toda às escuras, e fomos conduzidos em volta pelo fantasma de serviço, que nos fez tocar em vários objetos, alegadamente órgãos pertencentes ao corpo humano. — Aqui estão os olhos — dizia-nos ao tocarmos em duas uvas sem pele dentro de um pires. — Eis o coração! — Parecia um pedaço de fígado cru. — E aqui estão as tripas — anunciou, enfiando-nos as mãos num monte de

esparguete frio.

Visitámos várias outras barraquinhas e comprámos um saco de suspiros feitos pela mulher do juiz. Eu queria ir apanhar maçãs com a boca, mas o Cecil disse que não era higiénico. A mãe dissera-lhe que podia apanhar uma coisa qualquer por causa de as cabeças de tanta gente terem estado mergulhadas na mesma tina. — Não há nada na cidade que se pegue — protestei, mas o Cecil insistiu que a mãe o avisara de que não era higiénico comer a seguir aos outros. Mais tarde perguntei à tia Alexandra o que achava daquilo, e ela disse que normalmente quem pensava assim eram os novos-ricos.

Íamos comprar um saco de caramelos quando apareceram os estafetas de Mrs. Merriweather a dizer para irmos para os bastidores, que eram horas de nos aprontarmos. O auditório enchia-se de gente, e a banda da Escola Secundária do condado de Maycomb agrupara-se à frente, por baixo do palco. Tinham-se acendido os holofotes, e a cortina de veludo vermelho ondulava e agitava-se devido à confusão que reinava por trás dela.

Nos bastidores, eu e o Cecil demos com a estreita passagem a abarrotar de gente: adultos com tricórnios de fabrico caseiro, bonés da Confederação, chapéus da Guerra Hispano-Americana e capacetes da Primeira Guerra Mundial. Crianças vestidas de diversos produtos agrícolas aglomeravam-se junto à única janela.

— Alguém espezinhou o meu fato — queixei-me, consternada. Mrs. Merriweather correu em meu socorro, endireitou o arame e enfiou-me lá dentro.

— ‘Tás bem, Scout? — perguntou o Cecil. — Pareces ‘tar a milhas, como se ‘tivesses do outro lado dum monte.

— E tu não pareces ‘tar mais perto — retorqui.

A banda tocou o hino nacional, e ouvimos o público a levantar-se. Em seguida, soou o tambor. Mrs. Merriweather, posicionada atrás da mesa de leitura, ao lado da banda, anunciou: — Condado de Maycomb: *Ad Astra Per Aspera*. — O bombo soou de novo. — Esta frase significa — disse Mrs. Merriweather, traduzindo para os mais rústicos — “até à glória por caminhos difíceis”. — E acrescentou, quanto a mim desnecessariamente: — Eis o desfile.

— Acho que não sabiam o que era s’ela não lhes dissesse —

sussurrou o Cecil, a quem mandaram calar de imediato.

— Toda a cidade sabe — respondi eu num murmúrio.

— Mas os camponeses tam'ém aqui 'tão — lembrou o Cecil.

— Estejam calados — ordenou uma voz de homem. Obedecemos.

O tambor ressoava a cada frase pronunciada por Mrs. Merriweather. Recitou em tom melancólico o facto de o condado de Maycomb ser mais antigo que o próprio estado, que fizera parte dos Territórios do Mississíppi e do Alabama, que o primeiro homem branco a pôr o pé nas florestas virgens fora um antepassado do juiz da comarca de há cinco gerações, e de quem mais nada se soubera. Seguira-se o destemido coronel Maycomb, que dera o nome ao condado.

O Andrew Jackson nomeara-o para um cargo de autoridade, mas a sua autoconfiança excessiva e o seu fraco sentido de orientação estiveram na base do desastre de que foram vítimas todos os que cavalgaram a seu lado na guerra contra os índios Creek. O coronel Maycomb perseverou nos seus esforços de tornar a região um território seguro para a democracia, mas a sua primeira campanha foi igualmente a última. As suas ordens, que lhe haviam sido transmitidas por um batedor índio de confiança, eram de rumar a sul. Após consultar uma árvore para se certificar, pela presença de musgo, para que lado ficava o sul, e sem atentar nos subordinados que se atreveram a corrigi-lo, o coronel Maycomb partiu numa jornada resoluta para derrotar o inimigo, mas embrenhou de tal forma as suas tropas no interior das antiquíssimas florestas a noroeste que acabaram por ser socorridos por pioneiros que avançavam para o interior.

Mrs. Merriweather proferiu uma descrição de trinta minutos sobre as façanhas do coronel Maycomb. Entretanto, descobri que, se dobrasse os joelhos, conseguia enfiá-los por baixo do fato e sentar-me com alguma dificuldade. Assim fiz, e fui escutando a lengalenga de Mrs. Merriweather e o ressoar do bombo até que adormeci profundamente.

Contaram-me mais tarde que a senhora, dando o seu melhor para a grande final, entoara «Po-orco» com a confiança resultante da entrada atempada dos pinheiros e do feijão-manteiga. Esperou uns segundos e chamou de novo: «Po-orco?» Como nada acontecesse, gritou então: «Porco!»

Devo tê-la ouvido no meio do meu sono, ou então foi a banda a tocar

Dixie que me acordou. Foi no momento em que Mrs. Merriweather subia triunfalmente ao palco, empunhando a bandeira do estado, que eu decidi fazer a minha entrada. Decidi não é a palavra correta: pensei que seria melhor juntar-me aos outros.

Contaram-me mais tarde que o juiz Taylor saiu para as traseiras do auditório e lá ficou a rir-se e a bater nos joelhos com tanta força que Mrs. Taylor lhe levou um copo de água e um dos seus comprimidos.

Mrs. Merriweather teve ao que parece um enorme êxito, a julgar pelos aplausos entusiásticos, mas mais tarde apanhou-me nos bastidores e disse-me que eu lhe estragara completamente o desfile. Fez-me sentir desastrada, mas, quando me veio buscar, o Jem mostrou-se compreensivo. Disse que, do lugar onde estava sentado, não conseguira ver bem o meu fato. Não faço ideia de como percebeu que me estava a sentir mal, mas insistiu que eu me saíra bem. Só tinha entrado um pouco atrasada, mais nada. O meu irmão estava a ficar quase tão bom como o Atticus a fazer-nos sentir bem quando as coisas corriam mal. Quase… nem mesmo ele me conseguiu convencer a atravessar a multidão e acabou por concordar em esperar comigo nos bastidores até o público ter saído.

— Queres tirar o fato, Scout? — perguntou.

— Não, vou ficar com ele — respondi. Assim, podia esconder a minha vergonha lá debaixo.

— Querem boleia para casa? — perguntou alguém.

— Não, obrigado — ouvi o Jem responder. — Não é longe.

— Tenham cuidado com as assombrações — disse a voz. — Ou melhor, digam às assombrações para terem cuidado com a Scout.

— Já não há quase ninguém — disse o Jem. — Vamos.

Atravessámos o auditório até à entrada e descemos os degraus. Continuava escuríssimo. Os carros que ainda restavam encontravam-se estacionados do outro lado do edifício, e a luz dos faróis pouco ajudava. — Se algum deles viesse na nossa direção, sempre víamos melhor — disse o Jem. — ‘Pera lá, Scout, deixa-me agarrar o teu pernil. Podes desequilibrar-te.

— Vejo muito bem.

— Pois, mas podes perder o equilíbrio. — Senti uma leve pressão na cabeça e calculei que o Jem agarrara o «pernil» do presunto. — Estás a

segurar-me?

— Hã-hã.

Começámos a atravessar o pátio da escola, negro como breu, esforçando-nos por vermos os próprios pés. — Jem — disse eu —, esqueci-me dos sapatos, ‘tão lá atrás do palco.

— Bom, vamos lá buscá-los. — Mas no preciso instante em que nos virámos, as luzes do auditório apagaram-se. — Podes trazê-los amanhã — alvitrou ele.

— Mas amanhã é domingo — protestei, enquanto ele me virava na direção de casa.

— Podes pedir ao porteiro pra te deixar entrar… Scout?

— Hum?

— Nada.

Havia muito que o Jem não fazia aquilo, e perguntei-me o que estaria a pensar. Havia de me dizer quando lhe apetecesse, provavelmente quando chegássemos a casa. Senti os dedos dele a pressionar o topo do fato com demasiada força, pareceu-me. — Jem, não precisas de…

— Cala-te um minuto, Scout — pediu, beliscando-me.

Prosseguimos em silêncio. — O minuto já passou — lembrei-lhe. — Em qu’é que ‘tás a pensar? — Virei-me para olhar para ele, mas mal lhe conseguia distinguir a figura.

— Pareceu-me ter ouvido qualquer coisa — disse ele. — Para aí.

Parámos.

— Ouviste alguma coisa? — perguntou ele.

— Não.

Ainda não tínhamos dado cinco passos quando me mandou parar outra vez.

— Jem, ‘tás a tentar assustar-me? Sabes bem que ‘tou demasiado crescida…

— Cala-te — repetiu, e percebi que não estava a brincar.

A noite estava calma, e eu ouvia a sua respiração regular a meu lado. De vez em quando, sentia uma brisa súbita a bater-me nas pernas, mas era apenas o que restava de uma noite que se anunciara ventosa. Era a calmaria antes da tempestade. Ficámos à escuta.

— Ouvi um cão qualquer agora mesmo — disse eu.

— Não é isso — respondeu ele. — Ouço aquilo quando estamos a

andar, mas quando paramos deixo de ouvir.

— É o roçar do meu fato. Ficaste mas é apanhado pelo Dia das Bruxas…

Disse aquilo mais para me convencer a mim que ao Jem, pois, quando recomeçámos a andar, ouvi sem sombra de dúvida o barulho que ele mencionara e não vinha do meu fato.

— É o idiota do Cecil — lembrou o Jem. — Mas não volta a apanhar-nos. Não vamos deixá-lo pensar que estamos a fugir dele.

Abrandámos. Perguntei-lhe como é que o Cecil conseguiria seguir-nos no escuro, a mim parecia-me que havia de vir contra nós.

— Eu consigo ver-te, Scout — disse ele.

— Como? Eu cá não consigo.

— Veem-se as riscas da gordura do porco. Mrs. Cranshaw pintou-as com uma daquelas tintas que brilham para se verem bem sob as luzes do palco. Vejo-te até muito bem e acho qu'o Cecil tam'ém te consegue ver o suficiente para manter a distância.

Resolvi mostrar ao Cecil que sabíamos que ele vinha atrás de nós e que estávamos prontos para ele. — O Cecil Jacobs é um ganda caguinchas! — gritei de repente, dando meia-volta.

Parámos. Não houve resposta para além do eco distante de «ca-guin-chas» na parede da escola.

— Eu já lhe digo! — proferiu o Jem. — E-ii!

«Ei Ei», respondeu de novo a parede da escola.

O Cecil não costumava aguentar-se tanto tempo; quando se lembrava de uma partida, repetia-a vezes sem conta. Já nos devia ter saltado em cima. O Jem fez-me sinal para pararmos outra vez.

Disse em voz baixa: — Scout, consegues tirar essa coisa?

— Acho que sim, mas não tenho lá grande coisa por baixo.

— Tenho aqui o teu vestido.

— Não consigo enfiá-lo no escuro.

— Pronto — disse ele —, não faz mal.

— Jem, 'tás com medo?

— Não. Acho que 'tamos quase a chegar à árvore. Mais uns metros e chegamos à estrada e já podemos ver as luzes dos candeeiros. — Falava num tom de voz lento e monótono. Pensei quanto tempo iria tentar fazer com que eu acreditasse na história do Cecil.

— Não achas qu'é melhor cantarmos?

— Não, não faças me'mo barulho nenhum agora, Scout.

Mantivemos o mesmo ritmo, pois o Jem sabia tão bem como eu que era difícil andar depressa sem magoar um pé, tropeçar em pedras e outros empecilhos. Afinal, eu ia descalça. Talvez fosse o som do vento nas folhas das árvores, só que não havia vento e nem sequer árvores, para além do carvalho grande.

A pessoa que nos seguia arrastava os pés como se calçasse sapatos pesados. Quem quer que fosse usava calças de algodão grosso, e o que eu pensara ser o barulho das folhas era o roçagar do algodão das pernas das calças a cada passo.

Senti a areia mais fria debaixo dos pés e percebi que estávamos perto do carvalho. O Jem carregou-me na cabeça. Parámos e ficámos à escuta.

Desta vez, o arrastar dos pés não se deteve. As calças continuavam o seu roçagar. Depois pararam. A pessoa corria agora, corria na nossa direção, mas os passos não eram de criança.

— Foge, Scout, foge! — gritou o Jem.

Dei um passo gigantesco e comecei a cambalear; no escuro, os braços inúteis, não consegui manter o equilíbrio.

— Jem, Jem, ajuda-me, Jem!

Algo esmagou o arame do fato. O metal rangeu contra o metal, e caí; rebolei para o mais longe possível, debatendo-me para me soltar da minha prisão de arame. Dali próximo chegavam-me ruídos de luta, o barulho de pontapés e de sapatos e carne a raspar na terra e nas raízes. Alguém rolou de encontro a mim, e senti que era o Jem. Levantou-se num ápice e puxou por mim, mas, embora eu tivesse conseguido libertar a cabeça e os ombros, continuava tão enredada que não fomos muito longe.

Estávamos quase a chegar à estrada quando senti a mão do Jem desprender-se e percebi que ele caíra para trás, no chão. Mais luta, seguida de um som surdo de algo a esmagar-se e de um grito do Jem.

Corri na direção do grito e caí sobre a barriga flácida de um homem que, com uma exclamação, tentou agarrar-me os braços. Estes estavam, porém, presos debaixo do fato. A barriga podia ser mole, mas os braços dele eram duros como o aço, e o homem foi-me apertando até me faltar

o fôlego. Não conseguia mexer-me. De súbito, ele foi puxado violentamente para trás e atirado ao chão, quase me arrastando com ele. Pensei que o Jem se levantara.

Por vezes, a nossa mente funciona muito devagar. Estonteada, fiquei ali estupidamente. O barulho da luta ia esmorecendo, alguém arquejou, e a noite caiu de novo em silêncio.

Em silêncio, à exceção da respiração pesada de um homem que cambaleava. Pareceu-me que foi até à árvore e se encostou a ela. Tossiu violentamente, uma tosse espasmódica que o sacudia até aos ossos.

— Jem?

Não obtive resposta, ouvia apenas a respiração pesada do homem.

— Jem?

O meu irmão não respondia.

O homem começou a andar às voltas, como se procurasse algo. Ouvi-o gemer e arrastar qualquer coisa pesada pelo chão. Apercebi-me a pouco e pouco de que havia agora quatro pessoas debaixo da árvore.

— Atticus?

A cambalear, o homem caminhava com passos pesados na direção da estrada.

Fui até ao sítio onde pensei que ele estivera e tateei o chão com os dedos dos pés num frenesim. Acabei por tocar em alguém.

— Jem?

Os meus dedos sentiram umas calças, depois a fivela de um cinto, botões, algo que não consegui identificar, um colarinho e um rosto. Uma barba áspera disse-me que não se tratava do Jem. Chegou-me o cheiro nauseabundo de uísque ordinário.

Comecei a caminhar na direção onde pensava que ficava a estrada. Não estava bem certa, pois dera uma série de voltas, mas encontrei-a e avistei a luz do candeeiro, sob a qual passava um homem. Caminhava com o passo sincopado de alguém que carrega um peso demasiado grande. Virava agora a esquina. Levava o Jem ao colo, e o braço do meu irmão balouçava de forma estranha à frente dele.

Quando cheguei à esquina já o homem atravessava o nosso pátio. A luz que jorrava da porta enquadrou momentaneamente o Atticus. Ele correu pelos degraus abaixo, e juntos levaram o Jem para dentro de

casa.

Eu chegara à porta quando eles passavam pelo corredor. A tia Alexandra corria ao meu encontro. — Telefona ao Dr. Reynolds — ouvi a voz ansiosa do Atticus, vinda do quarto do Jem. — Onde está a Scout?

— Está aqui — anunciou a tia, levando-me consigo até ao telefone, enquanto me ia abanando ao de leve. — Eu estou bem, tia — descansei-a —, é melhor telefonar.

Ela tirou o auscultador do descanso e disse: — Eula May, liga ao Dr. Reynolds, depressa!

— Agnes, o teu pai está em casa? Oh, meu Deus, onde está ele? Por favor, diz-lhe para vir aqui assim que chegar. Por favor, é urgente!

Não era necessário a tia Alexandra identificar-se, em Maycomb as pessoas conheciam as vozes umas das outras.

O Atticus saiu do quarto do Jem. Assim que a tia desligou, tirou-lhe o aparelho da mão. Bateu repetidamente no descanso e depois disse: — Eula May, liga-me ao xerife, por favor.

— Heck? Fala Atticus Finch. Alguém atacou os meus filhos, o Jem está ferido. Entre a nossa casa e a escola. Não posso deixá-lo. Corra até lá, por favor, e veja se o tipo ainda estará por lá. Duvido que o encontre, mas se assim for, gostava de o ver. Agora tenho de ir. Obrigado, Heck.

— Atticus, o Jem morreu?

— Não, Scout. Cuida dela, minha irmã — pediu ele e desapareceu pelo corredor.

Os dedos da tia Alexandra tremiam enquanto desenrolava o tecido amarrotado e o arame que me envolviam. — Estás bem, querida? — perguntou-me vezes sem conta enquanto me libertava.

Foi um alívio ver-me livre do fato. Os braços, cobertos de pequenas marcas hexagonais, já estavam a ficar dormentes. Esfreguei-os e senti-me melhor.

— Tia, o Jem morreu?

— Não… não, querida, está inconsciente. Só ficaremos a saber a gravidade dos ferimentos depois de o Dr. Reynolds chegar. Jean Louise, o que é que aconteceu?

— Não sei.

Ela não insistiu. Trouxe-me alguma coisa para vestir e, se me tivesse ocorrido, nunca a deixaria esquecer: apoquentada, a tia trouxe-me as

minhas jardineiras. — Veste isto, querida — disse ela, passando-me a peça de roupa que mais detestava.

Correu de novo ao quarto do Jem e depois veio ter comigo à entrada. Deu-me umas palmadinhas distraídas e regressou ao quarto.

Parou um carro em frente da casa. Eu conhecia os passos do Dr. Reynolds quase tão bem como os do meu pai. Fora ele quem nos trouxera ao mundo, a mim e ao meu irmão, e assistira-nos em todas as doenças infantis deste mundo, incluindo a altura em que o Jem caiu da casa da árvore. Nunca deixámos de ser amigos dele. Dizia que, se nós fôssemos atreitos a furúnculos, as coisas teriam sido diferentes, mas nós duvidávamos.

Atravessou a porta e exclamou: — Santo Deus! — Veio, então, direito a mim e comentou: — Ainda te aguentas de pé. — Mudou de rumo, conhecendo muito bem todos os cantos da casa. Também sabia que, se eu estava maltratada, o Jem também havia de estar.

Várias eternidades mais tarde, o Dr. Reynolds voltou. — O Jem morreu? — perguntei.

— Muito longe disso — descansou-me, agachando-se junto a mim. — Tem um galo na cabeça igualzinho ao teu e partiu o braço. Scout, olha para ali… não, não vires a cabeça, vira só os olhos. Agora olha para além. A fratura é mazinha, tanto quanto posso ajuizar de momento, é no cotovelo. É como se alguém tivesse tentado arrancar-lhe o braço… Agora olha para mim.

— Então, não morreu?

— Não! — O Dr. Reynolds pôs-se de pé. — Esta noite não podemos fazer muito — explicou —, para além de tentar dar-lhe todo o conforto possível. Temos de lhe tirar uma radiografia ao braço. Parece que vai andar com ele esticado um tempo. Mas não te preocupes, vai ficar como novo. Na idade dele, os rapazes recuperam depressa.

Enquanto falava, o médico observava-me atentamente. Apalpou ao de leve o galo que se formava na minha testa. — Não sentes nada partido, pois não?

Aquela piadinha fez-me sorrir. — Então não acha mesmo que ele tenha morrido?

Ele pôs o chapéu. — Bom, posso estar enganado, claro, mas acho que está bem vivo. Mostra todos os sintomas. Vai dar-lhe uma

espreitadela, e, quando eu voltar, decidimos juntos.

Os passos do Dr. Reynolds eram jovens e vigorosos, ao contrário dos de Mr. Tate. As suas botas pesadas massacraram o chão do alpendre, e abriu desajeitadamente a porta. Todavia disse o mesmo que o médico dissera ao chegar: — Estás bem, Scout?

— Sim, s'nhor. Vou lá dentro ver o Jem. O Atticus 'tá lá dentro com eles.

— Eu vou contigo — decidiu Mr. Tate.

A tia Alexandra tapara a luz da mesinha-de-cabeceira do Jem com uma toalha, e o quarto estava envolto em penumbra. O Jem jazia de costas. Via-se uma marca com mau aspeto de um dos lados da cara, e o braço estava afastado do corpo, o cotovelo ligeiramente dobrado, mas na direção errada. Tinha o sobrolho franzido.

— Jem…?

O Atticus falou. — Ele não te ouve, Scout. Está completamente apagado. Estava a recuperar os sentidos, mas o Dr. Reynolds pô-lo de novo inconsciente.

— Sim, s'nhor. — Recuei. O quarto do Jem era grande e quadrado. A tia Alexandra estava sentada numa cadeira de baloiço junto à lareira. A pessoa que trouxera o Jem encontrava-se a um canto, encostada à parede. Era um homem do campo qualquer que eu não conhecia. Estivera certamente na festa e achava-se nas redondezas quando aquilo acontecera. Deve ter ouvido os nossos gritos e viera a correr.

O Atticus estava de pé junto à cama do Jem.

Junto à porta postava-se Mr. Heck Tate, com o chapéu na mão. Trazia o fato de trabalho e, meio a sair do bolso das calças, via-se uma lanterna.

— Entre, Heck — disse o Atticus. — Encontrou alguma coisa? Não consigo conceber que exista alguém tão miserável que faça uma coisa destas, mas espero que o tenha encontrado.

Mr. Tate fungou. Olhou severamente para o homem do canto, cumprimentou-o com um aceno de cabeça e depois olhou em volta do quarto, mirando o Jem, a tia Alexandra e o Atticus.

— Sente-se, Mr. Finch — pediu num tom amável.

— Sentemo-nos todos — propôs o Atticus. — Fique com essa cadeira, eu vou buscar outra à sala.

Mr. Tate sentou-se na cadeira da secretária do Jem. Esperou que o Atticus voltasse para se acomodar. Perguntei-me por que motivo o meu pai não trouxera uma cadeira para o homem do canto, mas ele conhecia os hábitos das pessoas do campo muito melhor do que eu. Alguns dos seus clientes do campo paravam as mulas, com as suas grandes orelhas, debaixo dos cinamomos, no pátio de trás, e era comum o meu pai realizar as consultas nos degraus das traseiras. Era provável que aquele homem se sentisse mais confortável onde estava.

— Mr. Finch — principiou Mr. Tate —, vou-lhe contar o que descobri. Encontrei um vestido de menina que está no meu carro. Será o teu vestido, Scout?

— Sim, s'nhor, se for cor-de-rosa com folhos — disse eu. Mr. Tate comportava-se como se se encontrasse no banco das testemunhas. Gostava de contar as coisas ao seu jeito, sem os entraves dos advogados de acusação e de defesa, e levava por vezes o seu tempo.

— Encontrei uns pedaços esquisitos de um tecido cor de lama…

— São do meu fato do desfile, Mr. Tate.

O xerife passou as mãos pelas coxas. Massajou o braço esquerdo e observou atentamente a consola, parecendo depois interessar-se pela lareira. Levou os dedos ao nariz comprido.

— Que foi, Heck? — quis saber o Atticus.

Levou a mão ao pescoço e esfregou-o. — O Bob Ewell está deitado no chão debaixo daquela árvore acolá, com uma faca de cozinha espetada nas costelas. Está morto, Mr. Finch.

29

A tia Alexandra ergueu-se e estendeu o braço para a consola da lareira. Mr. Tate levantou-se de imediato, mas ela declinou a ajuda. Pela primeira vez na vida, o Atticus não reagiu com a cortesia instintiva que o caraterizava e ficou sentado onde estava.

Por alguma razão, não consegui pensar em mais nada exceto em Mr. Bob Ewell a dizer que havia de apanhar o Atticus nem que lhe levasse o resto da vida. Quase o apanhara, e essa foi a última coisa que fizera.

— Tem a certeza? — perguntou ele, sombrio.

— Está morto, sim — repetiu Mr. Tate. — Morto e bem morto. Nunca

mais faz mal a estas crianças.

— Não foi isso que quis dizer — afirmou o Atticus e mais parecia estar a falar durante o sono. Começava a dar sinais da sua idade, o que era sintoma da perturbação que o assaltava: a linha firme do queixo perdia o vigor, apercebíamo-nos dos indícios das rugas que se formavam debaixo dos olhos, notava-se não o cabelo negro-azeviche, mas sim as manchas grisalhas a alastrar nas têmporas.

— Não era melhor irmos para a sala? — disse a tia por fim.

— Se não se importa — retorquiu Mr. Tate —, preferia ficar aqui, se não for incómodo para o Jem. Quero dar uma olhadela nos seus ferimentos enquanto a Scout... nos conta o que aconteceu.

— Não se importam que me retire? — quis saber a tia. — Estou aqui a mais. Se precisares de mim, estarei no meu quarto, Atticus. — A tia Alexandra foi até à porta, mas parou e virou-se. — Tive um pressentimento esta noite... Eu... A culpa é minha — começou —, eu devia ter...

Mr. Tate ergueu a mão. — Vá, vá, Miss Alexandra, bem sei que foi um choque para a senhora. E não se apoquente com nada. Se andássemos sempre a seguir os nossos pressentimentos, parecíamos gatos a correr atrás da cauda. Agora, Miss Scout, vê se consegues contar-nos o que aconteceu enquanto está tudo fresco na memória. Achas que consegues? Viste-o a perseguir-vos?

Fui até ao Atticus e senti os seus braços em volta de mim. Enterrei a cabeça no seu colo. — Vínhamos para casa, e eu disse ao Jem: «Esqueci-me dos meus sapatos.» Mal voltámos pra trás pra ir buscá-los, apagaram-se as luzes. E o Jem disse que eu podia ir lá amanhã...

— Scout, levanta a cabeça para Mr. Tate conseguir ouvir-te — disse o Atticus, e eu sentei-me ao colo dele.

— Depois o Jem disse: «Cala-te um instante.» Eu pensei que devia ‘tar a pensar, ele quer sempre que me cale quando ‘tá a pensar. Depois ele disse que ‘tava a ouvir qualquer coisa, e nós achámos que era o Cecil.

— O Cecil?

— O Cecil Jacobs. Já nos tinha pregado um susto, e pensámos qu’era ele outra vez. Tinha um lençol por cima dele. Eles davam vinte e cinco cêntimos à melhor máscara, não sei quem é que ganhou...

— Onde é que os meninos estavam quando pensaram que era o Cecil?

— ‘Távamos logo a seguir à escola. Eu gritei-lhe...

— O que é que disseste?

— Acho que foi: «O Cecil é um ganda caguinchas.» Não ouvimos nada, e depois o Jem gritou: «Ei» ou uma coisa assim, muito alto...

— Só um momento, Scout — interrompeu Mr. Tate. — Mr. Finch, o senhor ouviu-os?

O Atticus disse que não, tinha o rádio ligado. A tia Alexandra tinha também o dela no quarto. Lembrava-se bem disso porque ela lhe pedira para baixar um pouco o som do seu para conseguir ouvir. O Atticus sorriu. — Eu ponho o rádio sempre muito alto.

— Será que os vizinhos ouviram? — interrogou-se Mr. Tate.

— Duvido, Heck. A maior parte deles ou ouve rádio ou vai para a cama com as galinhas. Talvez a Maudie Atkinson estivesse a pé, mas duvido.

— Continua, Scout — pediu Mr. Tate.

— Então, depois do Jem gritar, continuámos a andar. Mr. Tate, eu ‘tava metida dentro da máscara, mas depois também ouvi. Os passos, quer dizer. Andavam quando a gente andava e paravam quando a gente parava. O Jem disse que me conseguia ver porque Miss Crenshaw pôs uma tinta brilhante no meu fato. É que eu era um presunto.

— Um quê? — inquiriu Mr. Tate, espantado.

O Atticus descreveu o meu papel no espetáculo e ainda de que era feita a máscara. — Devia ter visto como estava quando ela chegou — explicou ele. — Estava completamente amachucada.

Mr. Tate esfregou o queixo. — Eu perguntei a mim próprio o que teria provocado aquelas marcas que ele tinha. As mangas apresentavam uns buraquinhos pequenos, e tinha nos braços uma ou duas marcas de picadas, que correspondiam perfeitamente aos buracos. Se o senhor não se importar, gostava de ver essa coisa.

O Atticus foi buscar os restos da minha máscara. Mr. Tate revirou-a e endireitou-a para ter uma ideia da sua forma inicial. — Esta coisa é capaz de lhe ter salvado a vida — declarou. — Olhe.

Apontou com o seu dedo comprido: um corte luzidio a direito destacava-se da rede baça. — O Bob Ewell não estava a brincar —

murmurou o xerife.

— Estava fora de si — comentou o Atticus.

— Sem querer contradizê-lo, Mr. Finch, mas não estava fora de si, ele era é mau como as cobras. Era um canalha infame que tinha bebido o suficiente para ter coragem para assassinar crianças. Nunca o teria enfrentado a si, cara a cara.

O Atticus abanou a cabeça. — Não consigo conceber um homem a...

— Mr. Finch, há homens que devemos abater ainda antes de lhes dar os bons-dias. E ainda assim não valem a bala que gastamos com eles. O Ewell era um deles.

O Atticus comentou: — Achei que tinha desabafado tudo naquele dia em que me ameaçou. E mesmo que não tivesse, pensei que viesse atrás de mim.

— Tinha desplante para apoquentar uma pobre mulher de cor e para importunar o juiz Taylor, pensando que a casa estava deserta, mas acha que ele o ia enfrentar a si em plena luz do dia? — Mr. Tate suspirou. — O melhor é continuarmos. Scout, ouviste-o atrás de ti...

— Sim, senhor. Chegámos à árvore...

— Como é que soubeste que tinham chegado à árvore? Estava escuro como breu.

— Eu ‘tava descalça, e o Jem diz sempre que, debaixo das árvores, o chão é mais frio.

— Temos de o nomear ajudante de xerife, continua.

— Depois, de repente, fui agarrada, e amachucaram-me a máscara... Acho que m’agachei... ouvi alguém a brigar debaixo da árvore, parecia que ‘tavam a bater no tronco. O Jem deu comigo e começou a puxar-me pra estrada. Alguém, quer dizer, deve ter sido Mr. Ewell, atirou-o ao chão. Andaram mais à luta e depois houve um barulho esquisito, e o Jem gritou... — Parei. Aquilo fora o braço do Jem, ocorreu-me.

— Bom, então o Jem gritou, e eu não ouvi mais nada, e a seguir, acho que Mr. Ewell ‘tava a tentar esganar-me... e depois alguém atirou Mr. Ewell ao chão. Acho que o Jem se devia ter levantado. É o que eu sei.

— E depois? — inquiriu Mr. Tate, mirando-me fixamente.

— ´Tava alguém a cambalear e a ofegar e... a tossir tanto que parecia que ‘tava a morrer. Primeiro pensei qu’era o Jem, mas depois não parecia ele, e então comecei à procura dele no chão. Pensei qu’o Atticus

tinha vindo ajudar a gente e lhe tinham batido...

— E quem era?

— Ó Mr. Tate, ele ‘tá ali, ele pode dizer quem é.

Ao dizer aquilo, quase apontei para o homem do canto, mas baixei o braço depressa antes que o Atticus se zangasse por estar a apontar. Apontar é feio.

O homem continuava encostado à parede. Já assim estava quando eu tinha entrado no quarto, com os braços cruzados sobre o peito. Quando apontei, descruzou os braços e encostou as palmas das mãos contra a parede. As mãos eram brancas, de um branco doentio de quem nunca vê o sol, tão brancas que, na luz difusa do quarto do Jem, contrastavam violentamente com o bege já baço da parede.

O meu olhar abandonou as mãos do homem, correu pelas calças de caqui cor de areia e subiu pela figura magra até à camisa rasgada. O rosto era tão pálido quanto as mãos, exceto a barba que lhe sombreava o queixo saliente. As maçãs do rosto eram cavadas e a boca larga. Nas têmporas viam-se entradas superficiais, quase delicadas, e os olhos cinzentos eram tão descoloridos que pensei que fosse cego. O cabelo era fino, sem vida, quase parecia penugem no alto da cabeça.

Quando apontei para ele, as palmas escorregaram ligeiramente, deixando marcas de suor gorduroso na parede, e ele enfiou os dedos no cinto. Estremeceu brevemente de uma forma estranha, como se tivesse ouvido unhas a arranhar lousa; contudo, perante o meu olhar de admiração, a tensão fugiu-lhe lentamente do rosto. Os lábios entreabriram-se num sorriso tímido, e, de súbito, a imagem do nosso vizinho ficou turvada pelas minhas lágrimas.

— Olá, Boo — disse eu.

30

— Mr. Arthur, querida — corrigiu-me o Atticus com brandura. — Jean Louise, este é Mr. Arthur Radley. Creio que ele já te conhece.

Se o meu pai conseguia apresentar-me com tanta meiguice ao Boo Radley numa altura destas, bem, isso era mesmo próprio dele.

O Boo viu-me correr instintivamente para a cama onde o Jem dormia, pois o mesmo sorriso tímido espalhou-se-lhe pelo rosto. Corada de

vergonha, tentei disfarçar, cobrindo o Jem.

— Não, não lhe toques — avisou-me o Atticus.

Mr. Heck Tate continuava sentado a olhar atentamente para o Boo através dos seus óculos de aros de tartaruga. Ia a falar quando o Dr. Reynolds atravessou o corredor.

— Todos lá para fora — ordenou ao surgir à porta. — B'noite, Arthur, não reparei em ti da primeira vez que aqui estive.

A voz do médico era tão leve como os seus passos, como se tivesse dito aquilo todas as noites da sua vida, uma declaração que me deixou ainda mais espantada do que estar no mesmo quarto que o Boo Radley. Claro… até o Boo adoecia por vezes, pensei. Mas, por outro lado, não estava lá muito certa.

O Dr. Reynolds trazia um grande embrulho envolto em papel de jornal. Pousou-o na secretária do Jem e despiu o casaco. — Já estás mesmo convencida de que ele está vivo? E sabes como é que eu soube? Quando tentei examiná-lo, deu-me um pontapé. Tive de o pôr mesmo a dormir para lhe poder tocar. Portanto, toca a andar — disse-me.

— Hã… — começou o Atticus com uma olhadela ao Boo. — Heck, vamos para o alpendre da frente. Há lá bastantes cadeiras, e o tempo ainda está suficientemente quente.

Perguntei-me por que razão o Atticus nos convidava para irmos para o alpendre em vez de para a sala, mas depois compreendi. As luzes da sala eram demasiado fortes.

Saímos em fila, começando por Mr. Tate; o Atticus esperava à porta para passar à frente, mas depois mudou de ideias e seguiu-o.

As pessoas têm o hábito de cumprir a rotina mesmo nas situações mais estranhas, e eu não era exceção. — Venha daí, Mr. Arthur — dei comigo a dizer —, não conhece a casa lá muito bem. Eu acompanho-o ao alpendre.

Ele mirou-me e concordou com um gesto de cabeça.

Seguimos pelo corredor e passámos a sala.

— Não se quer sentar, Mr. Arthur? Esta cadeira de baloiço é muito confortável.

A minha pequena fantasia sobre ele materializava-se: «O tempo 'tá uma maravilha, não é verdade, Mr. Arthur?»

Sim, o tempo estava uma maravilha. Com uma ligeira sensação de

irrealidade, levei-o até à cadeira mais afastada do Atticus e de Mr. Tate, envolta em sombras. O Boo sentir-se-ia mais à vontade no escuro.

O Atticus sentara-se na cadeira de baloiço, e Mr. Tate instalara-se numa outra a seu lado. A luz que jorrava das janelas da sala caía em cheio sobre eles. Eu sentei-me ao lado do Boo.

— Bem, Heck — dizia o meu pai —, acho que o que há a fazer é… santo Deus, estou a perder a memória… — Empurrou os óculos para cima e esfregou os olhos. — O Jem ainda não tem bem treze anos… não, já fez anos, não me consigo lembrar. Seja como for, o caso vai ao tribunal da comarca.

— Que caso, Mr. Finch? — Mr. Tate descruzou as pernas e inclinou-se para a frente.

— É claro que foi autodefesa, disso não há dúvida, mas tenho de ir ao escritório e procurar…

— Mr. Finch, pensa que foi o Jem quem matou o Bob Ewell? É isso que o senhor pensa?

— Ouviu o que disse a Scout, não há qualquer dúvida. Ela disse que o Jem se levantou e o arrancou de cima dela, é provável que tenha agarrado a faca do Ewell no escuro, não sei bem como… amanhã já vamos descobrir.

— Mr. Finch, aguente aí — disse Mr. Tate. — O Jem não esfaqueou nada o Bob Ewell.

Por momentos, o Atticus ficou em silêncio. Olhou para Mr. Tate como que a agradecer-lhe o que ele dissera, mas depois abanou a cabeça.

— Heck, é muito amável da sua parte, e sei que está a fazer isto do fundo do seu bom coração, mas não vá por aí.

Mr. Tate levantou-se e foi até à ponta do alpendre. Cuspiu para os arbustos, enfiou as mãos nos bolsos, virou-se e encarou o Atticus. — Não vou por onde? — perguntou.

— Desculpe se falei com brusquidão, Heck — disse o meu pai com toda a simplicidade —, mas ninguém vai abafar isto. Não é assim que eu funciono.

— Ninguém vai abafar nada, Mr. Finch.

Falou em voz calma, mas firmara as botas com tanta força nas tábuas do soalho que parecia que tinham brotado do chão. Uma estranha disputa, cuja natureza me ultrapassava, desenrolava-se entre o meu pai

e o xerife.

Foi a vez de o Atticus se levantar e de ir até à ponta do alpendre. Aclarou a garganta e cuspiu em seco para o pátio. Enfiou as mãos nos bolsos e encarou Mr. Tate.

— Heck, você não o disse, mas sei o que está a pensar. Agradeço-lhe. Jean Louise — disse, virando-se para mim —, disseste que o Jem arrancou Mr. Ewell de cima de ti, não foi?

— Sim, senhor, foi o que eu pensei… Eu…

— Está a ver, Heck? Agradeço-lhe do fundo do coração, mas não quero que o meu rapaz comece a sua vida com uma coisa destas a pesar-lhe sobre os ombros. A melhor forma de afastar qualquer suspeita é fazer tudo às claras. O condado que venha e que traga o piquenique. Não quero que ele cresça com a mínima suspeição sobre a sua conduta. Não quero que ninguém diga: «O Jem Finch… o pai dele pagou uma nota para o safar.» Quanto mais depressa resolvermos isto melhor.

— Mr. Finch — insistiu Mr. Tate em tom fleumático —, o Bob Ewell caiu em cima da faca. Matou-se.

O Atticus foi até à ponta do alpendre e estudou a glicínia. Penso que, de maneiras diferentes, eram os dois igualmente teimosos e interroguei-me quem iria ceder primeiro. A teimosia do Atticus era reservada, raramente se evidenciava, mas em certas coisas era tão obstinado como os Cunninghams. A de Mr. Tate era indisciplinada e pouco subtil mas rivalizava com a do meu pai.

— Heck. — O Atticus falou de costas voltadas. — Se esta coisa for abafada, representará a negação pura e simples da forma como o tentei educar. Por vezes penso que falhei totalmente como pai, mas eles só me têm a mim. Antes de olhar para outra pessoa, é para mim que o Jem olha, e tentei viver de forma a devolver-lhe esse olhar… Se eu for conivente com uma coisa destas, nunca mais vou conseguir olhá-lo de frente e, no dia em que não o puder fazer, sei que o perdi. Não o quero perder, a ele e à Scout, porque são tudo o que tenho.

— Mr. Finch. — Mr. Tate continuava pregado ao chão. — O Bob Ewell caiu sobre a sua própria faca. Posso prová-lo.

O Atticus deu uma meia-volta rápida, as mãos completamente enterradas nos bolsos. — Heck, não pode nem sequer tentar ver as coisas à minha maneira? Também tem filhos, mas eu sou mais velho.

Quando os meus crescerem, serei um velho, se ainda andar por cá, mas neste momento sou… se eles não confiarem em mim, não confiarão em ninguém. O Jem e a Scout sabem o que aconteceu. Se me ouvirem dizer na cidade que aconteceu uma coisa diferente, Heck, perco-os. Não posso viver de uma forma na cidade e de uma forma diferente em minha casa.

Mr. Tate oscilou sobre os calcanhares e disse pacientemente: — Ele tinha atirado com o Jem ao chão, tropeçou numa raiz debaixo da árvore e… olhe, posso mostrar-lhe.

O xerife enfiou a mão no bolso e tirou de lá uma comprida navalha de ponta e mola. Nesse preciso momento, o Dr. Reynolds chegou à porta. — O filho da… o defunto está debaixo da tal árvore, doutor, já dentro do pátio da escola. Tem uma lanterna? É melhor ficar com esta.

— Posso dar a volta e acender os faróis do meu carro — sugeriu o médico, mas pegou na lanterna do xerife. — O Jem está bem. Esta noite já não acorda, espero eu, portanto não se preocupem. É essa a navalha que o matou, Heck?

— Não, senhor, essa ainda está espetada no corpo. Pelo cabo parecia uma faca de cozinha. O Ken já lá deve estar com o carro funerário. B'noite.

Mr. Tate abriu a navalha. — Foi assim — principiou. Segurou na navalha e fingiu tropeçar. Ao inclinar-se para a frente, estendeu o braço esquerdo, como se procurasse um apoio. — Está a ver? Apunhalou-se a si mesmo naquela parte mole entre as costelas. Foi o peso dele que a fez enterrar-se.

Fechou a navalha e enfiou-a de novo no bolso. — A Scout tem oito anos — prosseguiu. — Estava demasiado assustada para saber exatamente o que se passou.

— Ficaria surpreendido — comentou o Atticus num tom sombrio.

— Não estou a dizer que ela tivesse inventado, estou a dizer que estava demasiado assustada para saber exatamente o que aconteceu ali. Estava escuro como breu. Era preciso alguém muito acostumado ao escuro para ser uma testemunha de fiar…

— Não aceito — insistiu o Atticus em voz baixa.

— *C'um caraças, não estou a pensar no Jem!*

A bota de Mr. Tate bateu com tanta força no chão que as luzes do

quarto de Miss Maudie se acenderam, o mesmo acontecendo com as de Miss Stephanie Crawford. O Atticus e Mr. Tate olharam para o outro lado da rua e em seguida um para o outro. Esperaram.

Quando o xerife voltou a falar, mal se ouvia a sua voz. — Mr. Finch, detesto ter de o contradizer quando está assim. Esta noite tem estado sob uma pressão que nenhum homem devia ter de suportar. Nem sei como é que ainda não caiu de cama com isto tudo, mas sei que, excecionalmente, não está a ser capaz de somar dois mais dois, e temos de arrumar isto hoje à noite, porque amanhã será tarde demais. O Bob Ewell tem uma faca espetada no bucho.

Acrescentou que o Atticus não ia ficar ali a insistir que um rapaz do tamanho do Jem, ainda por cima com o braço partido, ainda tinha força suficiente para derrubar e matar um homem crescido no meio de uma escuridão total.

— Heck — perguntou o meu pai de repente —, há pouco estava aí a brandir uma navalha de ponta e mola. Onde é que a arranjou?

— Tirei-a a um bêbedo — respondeu o outro friamente.

Eu tentava lembrar-me. Mr. Ewell agarrara-me… depois caíra… O Jem devia ter-se levantado. Pelo menos, pensei…

— Heck?

— Já lhe disse que a tirei esta noite a um bêbedo lá na cidade. O Ewell provavelmente encontrou a faca de cozinha na lixeira, num sítio qualquer. Afiou-a e ficou à espera, limitou-se a ficar à espera.

O Atticus dirigiu-se à cadeira de baloiço e sentou-se, as mãos frouxas penduradas entre os joelhos. Olhava para o chão. Movera-se com a mesma lentidão daquela noite em frente da cadeia, quando pensei que estava a levar uma eternidade para dobrar o jornal e atirá-lo para a cadeira.

Mr. Tate andava pelo alpendre devagar. — A decisão não é sua, Mr. Finch, é só minha. A decisão é minha e a responsabilidade também. Por uma vez, se não vir as coisas à minha maneira, não há nada que possa fazer. Se quiser tentar, chamo-lhe mentiroso na sua cara. O seu filho nunca esfaqueou o Bob Ewell — declarou lentamente —, nem esteve sequer perto disso, e agora já sabe. A única coisa que ele queria era chegar a casa são e salvo com a irmã.

O xerife deixou de andar de um lado para o outro. Parou em frente do

Atticus e ficou de costas voltadas para nós. — Não sou nenhum homem especial, senhor, mas sou o xerife de Maycomb. Vivi nesta cidade toda a vida e já vou fazer quarenta e três anos. Sei tudo o que aqui se passou desde antes do meu nascimento. Morreu um rapaz preto sem justificação nenhuma, e o homem responsável por essa morte também morreu. Deixe que desta vez sejam os mortos a enterrar os mortos, Mr. Finch. Os mortos que enterrem os mortos.

Mr. Tate foi até à cadeira de baloiço e pegou no chapéu, que estava ao lado do Atticus. Alisou o cabelo para trás e pôs o chapéu.

— Nunca ouvi dizer que é contra a lei um cidadão fazer os possíveis para evitar que um crime seja cometido, que é exatamente o que ele fez. Contudo, talvez o senhor afirme que é meu dever contar tudo à cidade, não abafar o assunto. Sabe o que é que ia acontecer nesse caso? Todas as senhoras de Maycomb, incluindo a minha mulher, iam bater-lhe à porta a levar-lhe pão de ló. Na minha maneira de pensar, Mr. Finch, pegar no homem que lhe prestou a si e a esta cidade um grande serviço e arrastá-lo, ele que é uma pessoa tímida, para as luzes da ribalta, para mim isso é um pecado. É pecado, e não vou tê-lo a pesar nos meus ombros. Se fosse outro homem qualquer, seria diferente, mas este homem não, Mr. Finch.

Parecia que o xerife queria abrir um buraco nas tábuas com a biqueira da bota. Puxou pelo nariz e esfregou o braço esquerdo. — Posso não ser grande coisa, Mr. Finch, mas ainda sou o xerife do condado de Maycomb, e o Bob Ewell caiu em cima da faca. Boa noite.

Mr. Tate desceu do alpendre com passos pesados e atravessou o pátio. A porta do carro bateu, e ele arrancou.

O Atticus ficou sentado a olhar para o chão durante muito tempo, até que por fim ergueu a cabeça. — Scout — disse —, Mr. Ewell caiu em cima da faca. Consegues compreender?

Parecia mesmo que precisava de ser animado. Corri para junto dele, abracei-o e beijei-o com toda a minha força. — Sim, pai, compreendo — sosseguei-o. — Mr. Tate tinha razão.

O meu pai soltou-se e olhou para mim. — Que queres tu dizer?

— Bem, seria como matar uma cotovia, não seria?

O Atticus enterrou a cabeça no meu cabelo e acariciou-o. Quando se levantou e atravessou o alpendre até à parte mais escura, recuperara o

seu passo jovial. Antes de entrar em casa, parou em frente do Boo Radley. — Obrigado pelos meus filhos, Arthur.

31

Quando o Boo Radley se pôs vagarosamente em pé, a testa brilhava-lhe à luz vinda das janelas da sala. Cada um dos seus movimentos era incerto, como se duvidasse que as mãos e os pés pudessem, na verdade, estabelecer contacto com o que tocavam. Tossiu horrivelmente, com a sua tosse funda, e ficou tão abalado que teve de se sentar de novo. Levou a mão ao bolso de trás e tirou um lenço. Tossiu para o lenço e limpou o suor da testa.

Não estando acostumada à sua presença, achei inacreditável que estivesse sentado ao meu lado todo aquele tempo. Não proferira um som sequer.

Mais uma vez se ergueu. Virou-se para mim e fez um aceno na direção da porta da frente.

— Quer despedir-se do Jem, não quer, Mr. Arthur? Entre lá.

Conduzi-o através da entrada. A tia Alexandra estava sentada à cabeceira do Jem. — Entre, Arthur — disse. — Ainda está a dormir, o doutor Reynolds deu-lhe um sedativo forte. Jean Louise, o teu pai está na sala?

— Sim, s'nhora, acho que sim.

— Vou só falar com ele num instante. O doutor Reynolds deixou um... — a voz perdeu-se enquanto se afastava.

O Boo tinha-se postado a um canto do quarto, de queixo levantado, de onde espiava o Jem. Peguei-lhe na mão, uma mão surpreendentemente quente apesar da sua palidez. Puxei-o um pouco, e ele deixou-se levar até à cabeceira do Jem.

O Dr. Reynolds tinha armado uma espécie de tenda por cima do braço para evitar o contacto com a coberta, e o Boo inclinou-se e olhou por cima. Tinha uma expressão de curiosidade tímida, como se nunca tivesse visto um rapaz na sua vida. De boca ligeiramente entreaberta, mirou o Jem dos pés à cabeça. A certa altura, levantou uma mão, mas deixou-a pender ao lado do corpo.

— Pode fazer-lhe uma festa, Mr. Arthur, ele 'tá a dormir. Se 'tivesse

acordado, não podia, qu'ele não deixava... — expliquei. — Vá, pode fazer.

A mão ficou a pairar sobre a cabeça do Jem.

— Vá, ele 'tá a dormir.

A mão pousou com leveza no cabelo do Jem.

Comecei a entender a sua linguagem corporal. A sua mão direita apertou a minha e indicou-me que queria sair.

Levei-o até ao alpendre da frente onde os passos incertos pararam. Continuava a agarrar-me a mão e não parecia querer largá-la.

— Leva-me a casa?

A pergunta foi feita quase num sussurro, no tom de voz de uma criança com medo do escuro.

Pus o pé no degrau de cima e parei. Não me importava de o conduzir através da nossa casa, mas nunca o levaria até casa dele.

— Mr. Arthur, dobre o braço, assim. Isso mesmo, s'nhor.

Enfiei a mão na curva do braço.

Ele teve de se curvar um pouco para eu poder dar-lhe o braço, mas se Miss Stephanie Crawford estivesse a ver da janela do primeiro andar, o que veria seria Arthur Radley a acompanhar-me pelo passeio como um cavalheiro.

Chegámos ao candeeiro da esquina, e perguntei a mim própria quantas vezes o Dill tinha estado ali, abraçado ao poste, a observar, aguardando, esperançado; quantas vezes eu e o Jem tínhamos feito aquele percurso, mas foi a segunda vez na vida que passei a vedação dos Radleys. Eu e o Boo subimos os degraus até ao alpendre. Levou os dedos à maçaneta da porta, largou-me suavemente a mão, abriu a porta, entrou e fechou a porta atrás de si. Nunca mais o vi.

Os vizinhos costumam levar comida quando se dá uma morte, flores numa doença e pequenas ninharias entre uma ocasião e a outra. O Boo era nosso vizinho. Ofereceu-nos dois bonequinhos esculpidos em sabão, um relógio avariado com uma corrente, um par de moedas da sorte e as nossas vidas. Mas os vizinhos costumam retribuir. Nós nunca tínhamos reposto na árvore o que havíamos tirado de lá: nunca lhe déramos o que quer que fosse, e isso entristecia-me.

Virei-me para regressar a casa. Os candeeiros da rua piscavam ao longo da estrada até à cidade. Nunca tinha visto o nosso bairro daquele

ângulo. Havia a casa de Miss Maudie, a casa de Miss Stephanie e havia a nossa casa. Via-se a cadeira de baloiço do alpendre e a casa de Miss Rachel, perfeitamente visível, a seguir à nossa. Até se conseguia ver a casa de Mrs. Dubose.

Olhei para trás de mim. À esquerda da porta castanha, havia uma janela comprida com portadas. Fui até lá e virei-me. À luz do dia, pensei, até se podia ver a esquina dos correios.

À luz do dia... No meu espírito, a noite desapareceu. Era de dia, e o bairro tinha movimento. Miss Stephanie Crawford atravessava a rua para contar as últimas novidades a Miss Rachel. Miss Maudie curvava-se sobre as suas azáleas. Era verão, e duas crianças corriam pelo passeio em direção a um homem que se aproximava à distância. O homem acenou, e os filhos correram, velozes, para ele.

Ainda era verão, e as crianças ficaram mais próximas. Um rapaz caminhava penosamente, arrastando uma cana de pesca atrás de si. Um homem aguardava, de mãos nas ancas. Continuava a ser verão, e os filhos do homem brincavam no pátio da frente com um amigo, representando uma pequena e estranha peça de sua autoria.

Era outono, e os filhos do homem brigavam no passeio em frente à casa de Mrs. Dubose. O rapaz ajudou a irmã a levantar-se, e foram os dois para casa. Continuava a ser outono, e os filhos iam e vinham, caminhando apressados pela esquina, com os desgostos e as vitórias de cada dia estampados no rosto. Paravam junto a um carvalho, encantados, perplexos, apreensivos.

Era inverno, e os filhos do homem tremiam de frio junto ao portão da frente, as silhuetas desenhadas contra o fogo que consumia a casa em frente. Continuava a ser inverno, e um homem caminhou pelo meio da estrada, deixou cair os óculos e abateu um cão a tiro.

Era verão, e ele viu os seus filhos de coração triste. Era de novo outono, e as crianças do Boo precisaram dele.

O Atticus tinha razão. Uma vez tinha dito que não se conhece um homem realmente até nos pormos na sua pele e a usarmos. Estar no alpendre dos Radleys foi o suficiente.

As luzes da rua estavam toldadas pela chuvinha miúda que caía. Enquanto voltava para casa, primeiro senti-me muito velha, mas, quando olhei para a ponta do nariz, consegui ver as pequeníssimas gotículas da

névoa, mas desisti pois entortar os olhos fez-me ficar tonta. Enquanto voltava para casa, ocorreu-me que aquilo seria uma boa coisa para contar ao Jem no dia seguinte. Ia ficar tão furioso de ter perdido aquilo, que iria passar dias sem me falar. Enquanto voltava para casa, pensei que eu e o Jem íamos ficar crescidos, mas que não nos restavam muitas coisas para aprender, exceto talvez álgebra.

Subi os degraus e entrei em casa a correr. A tia Alexandra tinha ido dormir, e o quarto do Atticus tinha a luz apagada. Decidi ir ver se o Jem tinha acordado. O nosso pai estava no quarto dele, sentado junto à cama, a ler.

— O Jem já acordou?

— A dormir que nem um anjo. Só acorda de manhã.

— Oh. Vai ficar aqui com ele?

— Só mais uma hora. Vai para a cama, Scout. Tiveste um dia muito longo.

— Bom, acho que fico um bocadinho consigo.

— Como quiseres — retorquiu o Atticus. Já devia passar da meia-noite, e fiquei admirada com a sua condescendência. Mas o nosso pai era mais esperto que eu, pois no momento em que me sentei comecei a ficar ensonada.

— O qu'é que 'tá a ler?

O Atticus virou o livro. — Uma coisa do Jem. Chama-se *The Grey Ghost*.

De súbito, fiquei completamente desperta. — Porqu'é que foi buscar esse?

— Não sei, querida. Peguei nele. Uma das poucas coisas que não li — disse enfaticamente.

— Leia alto, Atticus. É daqueles que assusta muito.

— Não — retorquiu ele —, já tiveste a tua dose de coisas que assustam. Isto é demasiado...

— Atticus, eu não fiquei assustada.

Ele arqueou as sobrancelhas, e eu protestei: — Pelo menos até começar a contar a Mr. Tate. O Jem não 'tava assustado. Eu perguntei, e ele disse que não. Fora os livros, não há nada que seja mesmo assustador.

O Atticus abriu a boca para dizer algo, mas fechou-a de novo. Tirou o

polegar do meio do livro e regressou à primeira página. Eu cheguei-me a ele e encostei a cabeça no seu joelho. — Hã — começou ele —, *The Grey Ghost*, por Seckatary Hawkins. Capítulo Um...

Eu queria ficar acordada, mas a chuva era tão suave, o quarto tão quente, a sua voz tão profunda e o joelho tão confortável que adormeci.

Uns instantes mais tarde, pareceu-me, senti o sapato do Atticus a tocar-me levemente as costelas. Levantou-me e levou-me para o meu quarto. — Ouvi tudo o que ‘tava a dizer — murmurei. — … não ‘tava a dormir, era um barco e o Fred *Três Dedos* e o Stoner’s Boy…

Desapertou-me as jardineiras, encostou-me a ele e despiu-as. Segurou-me com uma mão e, com a outra, alcançou o pijama.

— E eles pensavam todos que era ele qu’andava a estragar o clube e a atirar tinta por todo o lado e...

Conduziu-me à cama e sentou-me. Içou-me as pernas e pôs-me a coberta por cima.

— E eles andaram atrás dele e não conseguiam apanhá-lo porque não sabiam como é qu’ele era, e, Atticus, quando o viram, ele não tinha feito nada daquelas coisas... Atticus, ele era me’mo simpático...

As mãos debaixo do meu queixo puxavam a coberta para cima e ajeitavam-na à minha volta.

— A maioria das pessoas é, Scout, quando as conhecemos.

Apagou a luz e foi para o quarto do Jem. Ficou lá a noite toda e ainda lá estava quando o Jem acordou na manhã seguinte.

[0] Referência a um episódio do Velho Testamento, no qual Hananias e seus irmãos saem ilesos de uma fogueira, à qual tinham sido condenados por se recusarem a adorar um ídolo. (*NT*)

[1] Durante a Grande Depressão, usava-se massa de pão para dar lustro aos sapatos, pois a gordura amaciava e dava brilho ao verniz. (*NT*)

[2] Jardim no sopé do Monte das Oliveiras, onde Jesus terá rezado antes da crucificação. (*NT*)

[3] *Commentaries of the Laws of England,* tratado de direito escrito por Sir William Blackstone no século XVIII. (*NT*)

4 Eclesiastes 6:4. (*NT*)

5 Provérbios 15:13. (*NT*)

6 Advogado e político dos Estados Unidos. (*NT*)

7 Personagem do romance *The Pickwick Papers,* de Charles Dickens. (*NT*)

8 Referência à Ladies' Law, uma lei do Alabama que proibia o uso de «linguagem obscena, insultuosa ou abusiva» perto de mulheres. (*NT*)

9 Político originário do Alabama, defensor da supremacia branca, com ligações ao Ku Klux Klan. (*NT*)

0 Locução latina; em tradução livre, significa «até à glória por caminhos difíceis». (*NT*)